O LIVRO DA FAMÍLIA

OU

**Explicação dos deveres domésticos
Segundo as normas da razão
e do Cristianismo.**

Oferecido aos seus Diocesanos
por

D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA
Bispo do Pará

EDIÇÕES PAULINAS

S. Paulo — Rio — Porto Alegre — Fortaleza

Apresentando...

Desde alguns anos e com gerais encômios se vem dedicando a Pia Sociedade das Filhas de São Paulo ao seu apostolado especial, que é a difusão da boa leitura, mediante obras e periódicos impressos em suas oficinas próprias ou publicados por outras editoras dignas da melhor confiança.

Largamente divulgada e, pois, conhecida e apreciada em nosso Estado e fora dêle, a revista de cunho popular que traz o nome de **A FAMÍLIA CRISTÃ**, bem demonstra o zêlo com que estas Religiosas se consagram à sua peculiar missão.

Visando, porém, a sempre mais firmar nos lares cristãos a doutrina da santa Igreja, que não pode a sociedade doméstica postergar sem dano, resolveram e muito bem as mencionadas Religiosas reeditar o mimoso "Livro da Família", do preclaro Bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, vernaculista exímio e que Rui Barbosa tinha pelo "mais notável dos Prelados brasileiros" de seu tempo.

Sobremodo oportuna, a divulgação do utilíssimo "Livro da Família" será benefício imenso à Família brasileira ciosa de suas tradições católicas, principalmente agora, quando se trata de reestruturar a Nação e consolidar o País, aprestando o Brasil para a defesa do seu patrimônio de glória e para novas afirmações de vitalidade cristã.

Oferecido aos benfeitores e amigos da Pia Sociedade das Filhas de São Paulo, o "Livro da Família" terá por certo o mais benévolo acolhimento em nossos lares, aos quais trará, com a luz dos ensinamentos divinos, o suave encanto daquela Paz que Jesus trouxe à terra, como índice e penhor da Felicidade suma que reserva aos Seus na outra, verdadeira Vida.

S. Paulo, 28 de outubro de 1945, Festa de Cristo Rei

Monsenhor Paulo Rolim Loureiro

Chanceler do Arcebispado

Prefácio

Um Inédito precioso

Obra, subscrita pelo punho de um D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, bispo do Pará, posteriormente, Metropolitano do Brasil e Primaz das Américas, por si mesma se recomenda, e absurdo fôra, se em circunstâncias ordinárias, aparecesse, no pórtico de qualquer delas, ao lado de um tal nome, a assinar prefácio, o humilde e obscuro escrevedor destas linhas. A que hoje sai, porém, à luz da publicidade, buscando pela primeira vez o bom acolhimento da família brasileira, não é uma obra como as outras, mas reveste-se de um conjunto de condições tais que, não sòmente, justificam mas imperiosamente exigem de nossa parte uma prévia explicação. É que jazeu, pérola preciosa, oculta cinqüenta anos entre os vários documentos e papeis inéditos existentes no arquivo particular do grande Bispo. Às trevas dêsse sepulcro veio, pouco faz, arrancá-la, patenteando-a em tôda a sua beleza aos nossos olhos, a diligência curiosa que nos foi mister empreender para prosseguimento honesto dos estudos, já de há muito encetados, em tôrno dêsse magno episódio que em nossa história moderna tanto se desfigura: a **"questão religiosa"**. Figura central dela, de par com o insigne D. VITAL, fazia-se-nos ùltimamente ainda mais lembrado D. ANTÔNIO pelo avizinhar-se da efeméride comemorativa do seu primeiro centenário natalício. A êsse propósito, como nota final de um trabalho, aparecido a primeiro de Janeiro do ano próximo findo, deparou-se-nos ensêjo de escrever as palavras que se seguem:

O centenário de um grande Bispo

"Vão ser lidas estas linhas justamente no ano centenário do nascimento de ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, que viu a primeira luz em Maragogipe, na Baía, a 7 de Agosto de 1830 (1). Essa nobre figura tem passado, por assim dizer, meio fôsca nos resplendores da glória de D. VITAL, a quem pretenderam alguns, em certos casos, exaltar, aliás sem necessidade, à custa do amesquinhamento do seu denodado companheiro de lutas, por êle próprio aclamado, merecidamente um grande vulto, não só da Igreja brasileira, senão da mesma Igreja universal. O primeiro a soltar o corajoso brado contra o maçonismo, ocupa, naturalmente, pôsto central nesse drama o jovem bispo pernambucano, que foi tambem o primeiro a desaparecer dentre os vivos, deixando com a sua morte prematura e atormentada a triste suposição de haver sido vítima de um envenenamento, o que lhe empresta assim dupla auréola de confessor e mártir da fé.

"D. ANTÔNIO, cessada a luta, da qual nos legou preciosíssimo testemunho histórico, prosseguiu infatigável no seu apostolado, ao qual ajuntou, nos últimos anos a necessária, patriótica, elevadíssima tarefa de conciliar com as crenças religiosas o novo regime político inaugurado no país, árdua emprêsa a que deveria, mais tarde, devotar igualmente as suas fôrças o grande orador sacro Pe. JÚLIO MARIA.

"Na literatura nacional destaca-se também como um grande nome D. ANTÔNIO, se é que não devamos antes saudá-lo, consoante o juízo insuspeito de BASÍLIO DE MAGALHÃES, "uma das suas mais refulgentes glórias". (2).

---

(1) É a data verdadeira, que êle próprio reconhecia e se acha autenticada por assentamentos e cartas de seu pai. MANOEL DE ALVARENGA, no seu utilíssimo "*O Episcopado Brasileiro*"; *A. Campos, S. Paulo*, (pag. 108) — assinala o dia 5 de Julho, baseado, sem dúvida, em certidão que ora se reconhece errônea.

(2) "O GABINETE CAXIAS E A ANISTIA AOS BISPOS NA "QUESTÃO RELIGIOSA" — pg. 152 e 153. *F. Briguiet e Cia.*, editores. Rio de Janeiro, 1930.

O arquivo de D. Antonio

A verdade, no entanto, era que uma demonstração cabal de todo o asserto continuava na dependência de mais aturado e minucioso estudo da figura de D. ANTÔNIO sôbre novas peças documentais diretas, porventura existentes no pátrio berço de Maragogipe. À procura das mesmas, veio ao nosso encontro a bondosa mediação, que ora nos cumpre, de público, sinceramente agradecer, da Exa. Sra. D. Julieta de Morais digníssima espôsa do nosso querido amigo, o festejado poeta, honra das letras católicas, DR. DURVAL DE MORAES, como D. ANTÔNIO, natural de Maragogipe. À proposta da aquisição do arquivo de MACEDO COSTA, feita por quem, empenhado ansiosamente no estudo de sua personalidade, não se podia transportar à Baia, nem tão pouco pretender cópia ou remessa, em confiança, de um certamente vultoso acêrvo documental, respondeu, com fidalguia e nobreza mui próprias de tão grande nome, D. MARIA FRANCISCA DE MACEDO COSTA, sobrinha de D. ANTÔNIO, pondo ao nosso inteiro dispor todos os documentos existentes para serem utilizados e, em seguida, entregues ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de cujas ricas coleções ficarão fazendo parte, em conformidade, aliás, com os desejos expressos em vida pelo ilustre pai da doadora DR. FRANCISCO DE MACEDO COSTA, irmão mais moço, do Bispo do Pará, herdeiro dos seus papéis e incansável zelador e glorificador da sua memória.

A comemoração no centenário

Bastaria essa oferta para não passar sem relêvo a data centenária do virtuoso antístite paraense, arcebispo, mais tarde, da Baia, um dos Padres do Concílio do Vaticano, confessor intimorato da fé, pela qual não duvidou padecer o exílio e a prisão, glória genuina da literatura nacional onde ocupa indiscutivelmente um lugar de honra entre os que mais têm sabido versar até hoje com pureza e elegância o idioma vernáculo. Guarda vigilante, porém, das nossas mais vivas tradições de povo civilizado, solenizou-a ainda de modo mais completo o INSTITUTO HISTÓRICO, realizando, a 6 de Agosto do ano findo, em honra de D. ANTÔNIO, uma ses-

são especial comemorativa, na qual tudo quanto escasseou em brilho e louçania à palavra do orador escolhido foi compensado e de sobêjo pela imponência da assembléia, tão numerosa quanto realmente seleta pela distinção e pela cultura. **"Memorável sessão"**, qualificou-a com justiça em artigo de sua lavra, publicado sob essa epígrafe, em um dos nossos matutinos (3) o ilustre presidente do Instituto, CONDE DE AFONSO CELSO que teve ensêjo de prestar sôbre D. ANTÔNIO o seu valioso depoimento pessoal e de trazer a revelação interessante dos esforços tentados pelo VISCONDE DE OURO PRETO para a criação do cardinalato brasileiro por ocasião das projetadas solenidades comemorativas do jubileu do govêrno do Imperador, em Julho de 1890, devendo recair a escolha do primeiro purpurado, exatamente sôbre a pessoa do Bispo do Grão Pará. Ao impulso da velha corporação corresponderam logo com entusiasmo os grandes órgãos da imprensa na Capital da República, com páginas inteiras de texto e ilustrações dedicadas a D. ANTÔNIO, e com edições especiais algumas fôlhas da sua província natal. Na Academia de Letras, realçou-lhe nítidamente o vulto escultural a palavra sempre elegante de um ilustre conterrâneo seu, o SR. DR. AFRÂNIO PEIXOTO.

Além dos documentos acima referidos, de inestimável valor histórico, vieram à tona por ocasião do centenário, de par com a inteira coleção dos seus preciosos escritos já impressos, também doada ao Instituto, duas obras inéditas do "Crisóstomo Brasileiro". A primeira é um florilégio poético, entregue para a estampa, se não estamos enganados, aos Revmos. Padres Franciscanos da Baia. A segunda, o presente volume, sob o título

"O Livro da Família"

Para êle foi, dir-se-ia, especialmente composto o velho e tão profundamente verdadeiro mote latino: **habent sua fata libelli!** — tamanhas as vicissitudes e naufrágios por que

---

(3) Cfr. *Jornal do Brasil* — de 9 de Agôsto de 1930. "Memorável Sessão", artigo de fundo por Afonso Celso.

passou, desde as suas remotas origens, na Baia, há mais de meio século, até o dia de hoje, em que sai pela primeira vez, à luz da publicidade, na capital do país.

Já não possuímos, infelizmente, o autógrafo precioso de D. ANTÔNIO, senão a cópia autêntica, caligráfica, destinada à impressão, em cujo prefácio, aliás, assinado e datado de sua mão se podem ler as numerosas emendas e rasuras que fêz êle próprio ao texto.

Como provas documentais outras, relativas à obra, encontramos esparsas, aqui e acolá, em meio a um grande número de manuscritos, as seguintes peças, — cujo valor por si mesmo se patenteia:

a) **o rascunho de uma carta**, dirigida a 14 de Dezembro de 1896, pelo DR. FRANCISCO DE MACEDO COSTA, irmão de D. ANTÔNIO, (4) ao BARÃO DE SANTA NERY, grande amigo e admirador dêste último, na qual, depois de aludir ao malôgro de uma tentativa feita junto à Casa Garnier, no Rio de Janeiro, para uma edição das obras completas do erudito prelado, falecido havia quase seis anos, solicitava aos bons ofícios daquele ilustre brasileiro no sentido de encontrar em Paris um editor qualquer para as ditas obras.

Destaque especial merece nessa carta o seguinte trecho:

Tentativas de edição

"A Família" sabe que era a obra que mais desvêlo lhe merecia — e é uma jóia. Teve um comêço de impressão ilustrada, mas parece (sic) que meu irmão não gostou e interrompeu a publicação. Tenho em meu poder muitas provas".

Algumas dessas "provas", a que se refere o missivista, conseguimos nós encontrá-las na massa dos documentos, mas não são, propriamente, tais e, sim, um fascículo, ou melhor:

b) **um dezesseis**, já paginado e impresso, pronto, portanto, e acabado, da página **81** à página **96**, em oitavo francês, corpo 10, com três ilustrações.

---

(4) Era, como ficou dito, o mais moço dos filhos varões, nascido a 1.º de Setembro de 1838.

— 90 —

Juntos, amavam-se, chamavam-se *irmão* e *irmã*, e quando na idade de quinze annos deu a Bemaventurada Isabel sua mão ao joven duque, deu-lhe ao mesmo tempo tudo o seu coração.

Caro irmao, se nao é mau grado Deos, fica comigo.

« Unia ao ardente affecto por elle um grande respeito; obedecia promptamente á minima palavra, ao menor aceno d'elle; punha escrupuloso cuidado em que

Fac-simile de uma pagina da edição franceza em começo de impressão

Dêsse fascículo, impresso em Paris, escolhemos para exibir mais abaixo em **fac-simile,** reduzido do formato original, as páginas **90** e **91** como as mais próprias para elucidar-nos o caso dêsse desgôsto de D. ANTÔNIO, ao qual se refere em tom dubitativo e conjetural, FRANCISCO seu irmão. Era, infelizmente, tal enfado muito verdadeiro e mais do que justo, como, sem esfôrço poderá ver conosco o leitor, se quiser prestar um pouquinho de atenção à gravura que se lhe põe diante dos olhos, tal como aprouve desenhá-la ao artista.

Êsse bom campônio que aí vai, muito sossegado, sua estrada, foice ao ombro, chapéu largo, dando a mão ao filhinho, e a tristonha saloia que lhe segue ao lado, cabisbaixa, com mais outro pimpôlho ao colo e sobraçando a cesta das provisões, é porventura capaz de adivinhar quem são? Um casal de príncipes, na intenção do autor, como se verifica das linhas do contexto **(cfr. adiante a página do mesmo n.)**, e da legenda ao pé. Ela é, nada menos, ou houvera de ser, a gloriosa ISABEL, a Santa, filha de ANDRÉ II, rei da **Hungria**; êle o **Landgrav,** LUDOVICO, seu espôso que acaba de **tomar**

a cruz e lá se parte, bizarramente, rumo da Terra Santa a combater os infiéis. Quem os reconheceria?

Essa grosseira incompreensão do assunto não deve ter sido a única, a julgar por um bom prato de viçosas hortaliças que, fora de todo o propósito, a não ser talvez o apetite ocasional do desenhista, ficou servindo de vinheta ou remate à última página do mesmo capítulo. Bastaria, porém, a desgostar sèriamente um fino esteta como D. ANTÔNIO que havia ademais, segundo vamos ver, dado com o maior carinho e insistência minuciosas instruções acêrca das estampas do seu livro (Vide **Addendum, in fine**) e desembolsado mesmo antecipadamente, boa soma para as respectivas despesas com o gravador. Mas ainda não é tudo.

Dir-se-ia que a ê s s e **troca-tintas** pediam meças não só o compositor, absolutamente ignaro, com certeza, do nosso idioma, mas ainda o revisor, não dos menos distraídos, como nos deixa ver a mesma página **90** e as que se lhe seguem, inçadas tôdas elas de êrros mais ou menos graves, assinalados alguns **a pos-**

— 91 —

nenhuma de suas acções e palavras as mais insignificantes, podesse ferilo ou sequér impacientai-o. O caracter grave e puro de seu affecto revelava-se maiormente no sensibilisador costume, que sempre conservavam, de se appellidar em irmão e irmã, mesmo depois do casamento; como para perpetiiarem a lembrança de sua infancia passada juntamente, e para confundir sua vida inteira n'um só amor

« A ventura de estarem juntos era-lhes tão indispensavel; o casto attractivo que os levava um para o outro tão possante; a alliança de suas almas tão intima, que não podiam soffrer estarem separados, ainda por curtissimo intervallo; e assim, quando o duque fazia viagens que não eram mui longinquas, tomava sempre comsigo sua cara Isabel, e ella com jubilo o accompanhava, se bem tivesse muitas vezes de percorrer estradas àsperas e perigosas, de affrontar violentas borrascas. Mas nem geadas, nem neves, nem excessivos calores podiam detel-a; tanto a peito tinha não se affastar d'aquelle que não a affastava de Deos.

« Se succedia, no entanto, que fosse o duque obrigado a ausentar-se só, Isabel, como elle partia, se despojava de suas vestimentas de Princeza, e se vestia com o trajo das viuvas, velando a cabeça como ellas; e assim ficava durante toda a ausencia d'elle, aguardando-lhe a volta; em oração, vigilias e severissimas mortificações Mas, quando vinham annunciar-lhe a chegada do esposo, logo se ataviava com todo esmero e esplendor, segundo exigia sua alta condição.... e depois lhe sahia ao encontro com a alegria ingênua da criança, e tanto que juntos estavam, fazia tudo por agradar a seus olhos e coração. » [1]

« E todavia, têve de separar-se d'este esposo tão fielmente querido; o duque tomou a cruz, [2] às escon-

[1]) Montalembert — *Historia de santa Isabel de Hungria.*

[2]) Isto é, fez-se cruzado, alistou-se entre os guerreiros que iam libertar a Terra Santa.

Outra pagina da mesma edição mostrando alguns erros typographicos que a viciam

teriori, sem dúvida por D. ANTÔNIO, para a comprovação dos insanáveis vícios do trabalho.

Montam essas falhas de revisão, sòmente no referido "**caderno**" de 16 páginas, acêrca de uma centena, entre as quais se podem citar algumas dêste jaez: **dar-les, astransitorias** glórias, **marti** por **mártir, maioria** por **malícia, desumão,** por **desunião, desejavás** por **desejarás,** e assim por diante, contrastando, aliás, isso com o trabalho pròpriamente da impressão, que é excelente.

c) **um contrato firmado em Paris,** a 5 de Maio de 1882, com a casa **H. Girard,** pelo DR. JOBIM, procurador de D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, Bispo do Pará, para a execução de dezenove temas destinados à ilustração de um livro seu, intitulado DA FAMÍLIA, importando, tudo em **quatro mil e quinhentos francos,** pagáveis metade adiantado e o restante após a conclusão do trabalho.

Garantia a casa, como se lê, a boa execução do trabalho que já vimos, no entanto, pela amostra, como deve ter sido apresentado. É assim perfeitamente compreensível o seguinte:

d) **recibo por saldo de contas,** passado pela mesma casa **Girard** ao dito **Doutor Jobim,** da quantia de **dois mil e quinhentos e cinqüenta francos,** sôbre o primitivo total de **quatro mil e quinhentos.**

Dêstes dois últimos documentos se colige que mediu, realmente sacrifícios D. ANTÔNIO para exornar o mais possível a sua obra, dispendendo para isso uma soma que, mesmo hoje em dia, após tantos anos decorridos, e tôda a conseqüente desvalorização da moeda, seria ainda assim bastante considerável.

Do carinhoso cuidado, porém, que lhe mereceu essa parte do seu trabalho, só poderá fazer exatamente uma idéia quem se der ao trabalho de ler com atenção;

e) **um caderninho manuscrito,** de nove páginas, não numeradas, contendo as necessárias instruções ao gravador para as estampas que deveriam, copiosamente, ilustrar cada um dos capítulos da obra e que na íntegra inserimos mais adiante em **aditamento** ao **Prefácio,** já a título documental da autenticidade e integridade do presente volume, já para que se possa, em futuras edições, que não faltarão, sem dúvida, executar, senão **in totum,** tarefa nada fácil, ao menos com a menor imperfeição possível, o belo e sugestivo plano artístico do autor. (Vide **Addendum, in fine**).

Além destas cinco importantes peças documentais, supra-exaradas — e que outras seriam ainda necessárias? — **nada**

mais nos deparam os arquivos de D. ANTÔNIO acêrca do **"Livro da Família"**. Examinadas, como acabam de ser, vem a talho de foice acentuar diretamente agora o inestimável e ao mesmo tempo indiscutível valor de tôdas elas para a comprovação, como se disse, da autenticidade e integridade da obra. Assim é que dá na vista, desde logo, a perfeita correspondência do texto e até, por coincidência, da numeração da página: **91 no fac-simile**, e **91** no presente volume, o que atesta, em "composição" de mais ou menos idêntico formato, uma mesma quantidade de **matéria original**. Quanto ao **"Caderninho das instruções"**, reproduz êle, por sua vez, com as respectivas epígrafes, todos os capítulos devidamente numerados, e com minuciosa discriminação, quase todos os temas de cada um dêles.

Relativamente ao conjunto das obras de D. ANTÔNIO, entre as quais, portanto, também o "Livro da Família", o que ainda no seu arquivo se encontra é o rascunho de outra carta, endereçada, a 21 de Novembro de 1891, pelo mesmo missivista anterior, DR. FRANCISCO DE MACEDO COSTA, ao DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES, solicitando dêsse antigo diretor do **Jornal do Comércio**, os seus bons ofícios junto aos livreiros-editores do Rio de Janeiro, para a publicação das obras completas do virtuoso e erudito pastor da Amazônia. Surtiu semelhante proposta, com certeza, o mesmo efeito que as anteriores, debalde feitas, pouco antes, ao livreiro **Garnier**, no Rio, e ao BARÃO DE SANTA ANA NERY, em Paris. Escrito estava, realmente, que só decorrido meio século da elaboração da obra, devêra ela ser dada à luz da estampa, e no ano centenário do nascimento do autor. Mas, ainda assim, com a verdade não estaríamos se disséssemos ter sido melhor desta vez o acolhimento feito à mesma pelos nossos grandes editores, a nenhum dos quais sorriu a idéia, para êles arriscada não já de uma edição completa das obras de MACEDO COSTA, intelectualmente a mais notável figura do clero do seu tempo, no juízo, aliás, insuspeito, de NABUCO, (5) (pois fôra isso presumir talvez demasiado da nossa cultura), mas ainda o simples projeto de arrancar do olvido, para incorporá-la à nossa bibliografia, uma só dessas obras, e, justamente, a mais simples, a mais amena, a de mais fácil leitura e divulgação, a de maior oportunidade, a que, em suma, destinada parecia a ocupar na literatura pátria um lugar semelhante ao que na

---

(5) *Um Estadista do Império*, vol. III, pag. 373.

francesa tem o famoso — **Traité de l'education des filles"**, do Arcebispo de Cambrai.

Quatro vezes, portanto, refusada!...

E era, sem embargo, o seu autor aquele a quem chamou RUI BARBOSA em público parlamento, ao mais notável dos prelados brasileiros...

Houve assim de ser feita particularmente esta edição que não admira, pois, saía tão pobre e tão humilde, sem outra qualquer espécie de atavios a não ser a decência e a correção consentâneas a um tão grande nome. Trajando galas aparecerão de certo as suas irmãs mais novas, como merece a obra e o queria o autor, no dia em que o público católico, isto é, o público brasileiro houver formalmente confirmado o desmentido, que já aqui em seu nome estamos dando, a essa tão triste e desairosa imputação tácita do seu descaso e do seu indiferentismo para com os mais caros objetivos da crença e as mais altas figuras que em todo o tempo a têm sabido exaltar. Na sua elegante veste apropriada, será, então, esperemos, o **"Livro da Família"**, nos lares genuinamente católicos, tanto de ricos como de pobres, figura obrigatória, e de não menos préstimo, sem dúvida, em cada **corbeille** de noiva, do que o licoreiro burguês e a argola de guardanapo ou as finas porcelanas de Sévres e as rendas verdadeiras de Bruxelas.

Isso no que toca à apresentação material.

Quanto à substância mesma da obra, desnecessário é, quase dizer que a conservamos intacta, escrupulosamente fiéis ao texto, e, via de regra, às próprias singularidades, ortográficas e notações diacríticas do autor, cujas obras já têm sob êste aspecto, para os que bem a conhecem, fisionomia um tanto especial. Pelo hábito talvez de ler e escrever constantemente o francês, D. ANTÔNIO, purista, aliás quanto a linguagem, sem toques de estrangeirismo, empregava amiude a sinalefa com os pronomes átonos, e, mais achegado, nesse ponto à reta pronúncia, recusava nos verbos o ditongo ão a tôdas as formas rizotônicas, e às vêzes, mesmo às outras, escrevendo sistematicamente: **sam, dam ham**, etc. Nada disso é de estranhar para os que como nós aprenderam a ler por um livro seu, hoje quase banido das escolas, diante das frioleiras cívicas, a **História Bíblica**, naquela esplêndida edição **Einsideln**, cheia de gravuras e com os pontos de interrrogação e exclamação à moda castelhana, particularidade esta que ora nos pesa de não havermos, de certa altura em diante, conservado neste volume, como se achava no original.

O Autor

No que diz respeito agora ao valor literário do trabalho, não ficará pròpriamente à espera do nosso pobre encarecimento um nome como o de MACEDO COSTA, artista da palavra tanto escrita como oral, que encantava os seus ouvintes, um dos quais poeta, hoje, prosador, diplomata insigne,* e então ainda jovem, traduziu na música do verso a suave impressão que lhe infundira, do alto da tribuna sacra o eloqüentíssimo bispo do Grã Pará. Continuou êste, com efeito, a bela tradição eclesiástica do cultivo das letras e acendrado amor ao idioma — depois da religião, o mais forte vínculo da nacionalidade — tão brilhantemente entre nós encetada, digamos, por **Anchieta,** levada ao ápice por ANTÔNIO VIEIRA e com honra mantida daí por diante por DOM FREI CAETANO BRANDÃO, um D. SILVÉRIO, um PINTO DE CAMPOS — o quase inteiramente desconhecido autor da mais bem escrita biografia que há em nossa literatura histórica — um D. AQUINO CORRÊA, acolhido em nossos dias como o arcebispo de Mariana ao supremo cenáculo das letras. Dêsses vultos proeminentes só a Amazônia solitária absorveu os maiores literàriamente falando, nada menos de três, patenteando assim de maneira admirável a divina maternidade da Igreja que, dir-se-ia, escolher adrede para a educação dos mais deserdados dos seus filhos os seus gênios maiores.

D. Antonio e Vieira

Da vida de VIEIRA, que tantas analogias tem com a de MACEDO COSTA, a começar pelo mesmo teatro apostólico e não esquecendo os episódios do processo, do exílio e da prisão — da vida de VIEIRA não conhecemos passo em verdade mais belo e impressionante do que vê-lo. depois de deslumbrar com a magia do seu verbo os centros da culta Europa, atirado sem prazo aos sertões do Maranhão, a aprender, com o **"ouvido à bôca do bárbaro",** o fero idioma dos **nheengaibas.** A extrema cultura posta ao serviço da rudeza extrema! Quando tinha ao seu dispor bibliotecas e oficinas, — êle próprio sentiu a dôr dêsse contraste — enviaram-no à catequese; quando no teatro dela se viu, **sòzinho, desamparado de todo confôrto e comércio intelectual,** desejoso apenas de se atirar, como XAVIER, à conquista de tantas almas,

---

(*) MAGALHAES DE AZEREDO — *A Prédica* — poesia publicada no JORNAL DO COMÉRCIO, após a morte de *D. Antônio.*

ordens severas do Superior para cuidar quanto antes de imprimir os seus sermões a fim de se custearem com êles os gastos da missão. E foi ali, na triste solidão daquelas águas e florestas imensas, que o missionário abnegado, o religioso obediente acabou de engastar, com perfeição de artista, as mais fúlgidas jóias que faíscam no idioma; foi ali que, escravo voluntário do gentio bruto e para mostrar justamente a incomparável beleza da tarefa, esculpiu, no mármore do verbo, a maravilha eterna do seu "**Estatuário**". Ali foi que tracejou o audacioso plano da sua estupenda **Clavis Prophetarum**, começada em Roma e na qual trinta anos trabalhou afanosamente, até que lhe caíu das mãos trêmulas a pena tomada quase pelo regêlo da morte.

Trinta anos também passou naquele mesmo, pode-se dizer, vastíssimo teatro missionário, sufocado pelo clima aspérrimo. MACEDO COSTA, que vinte e nove contava apenas de idade quando no fronte juvenil, cingida havia pouco com as láureas acadêmicas na Cidade Eterna, lhe puseram a mitra e nas mãos o cajado com que devia reger sòzinho mísero rebanho que se tresmalhava tôdo pela vastidão, imensurável de uma diocese correspondente quase à terça parte da área total do Império, e com duzentos mil bugres para catequizar.

Ao afoitar-se agora, na sua primeira visita pastoral, até o alto Amazonas, lembrava-se indubitàvelmente de **Vieira** o bispo-seminarista, o ex-aluno de S. Sulpício e S. Apolinário, que ao deixar a sua Baía, rumo da terra estranha, receoso de lá esquecer o pátrio idioma, metera no seu alforge, ao lado de Jacinto Freire, a do Parnaso Lusitano, as **Cartas Selectas** do grande orador sacro. Semeador do Evangelho, deveria como êle jornadear incessante por ínvios e inhóspitos sertões de cujo fundo sombrio voltara quase sempre com os germes de alguma grande idéia ou arcabouço forte de um livro. Sigamo-lo um instante ao menos numa destas arrancadas da fé. Para visitar o **Purús**, consome, de uma feita, mais de dois meses, percorrendo, rio abaixo, só de canoa, cêrca de cento e trinta léguas. A seguir, lá se vai pelo **Madeira**, outros dois meses. Agora é o **Solimões**, desde Tabatinga até Manaus, isto é, cinco longos meses de navegação e canseiras apostólicas.

Que imensidade!...

Feitos os cálculos, só de 15 ou quando muito de 10 em 10 anos, poderia, na melhor hipótese, visitar o Bispo cada paróquia.

E nestas quão poucos os operários! Das noventa que

havia, achavam-se vagas, em certa ocasião, cêrca de quarenta. Aos ouvidos do bom Pastor ecoava, pois, com certeza, insistentemente, o brado angustioso de VIEIRA:

O Cristóforo

"Ah! Senhor, que se perdem infinitas almas remidas com o sangue de Cristo, por não haver quem as alumie com a luz da fé, havendo tantas regiões nesse reino e tantas letras ociosas! Acuda Sua Majestade, Senhor, e ainda Vossa Alteza, a êste desamparo por piedade e cristandade, e por escrúpulo de que também destas almas se há de pedir contas aos reis de Portugal, e a Vossa Alteza como Príncipe do Brasil".

Daí o suplicar à Santa Sé, anos mais tarde, lhe tirassem do peito aquela montanha que o esmagava, desmembrando do seu, o novo bispado do Amazonas.

Daí o lindo sonho do **Navio-Igreja**, ou **Catedral Flutuante** — o chamado **"Cristóforo"** que deveria conduzir, plàcidamente, entre as luzes do altar, as côres vivas dos paramentos, o bimbalhar alegre dos sinos e o perfume do incenso, JESUS CRISTO em pessoa através do imenso pélago amazônico.

Era o Espírito de Deus, levado sôbre as águas!...

E o sonho, faz-se para logo um projeto, com estudos e cálculos e comissões, e há de por certo realizar-se em breve:

"Ah! como os mesmos rios estremecerão de alegres e romperão em aplausos: **flumina plaudent manu** (Salmo 97); e como as vozes dos homens e da natureza cantarão com acôrdo sublime: Ó mares e rios, bendizei ao Senhor! **Benedicite maria et flumina Domino** (Daniel, III, 78) (6).

E o projeto, finalmente, dá em nada, diante do marasmo e indiferentismo do monarca, do govêrno, do congresso, das câmaras municipais, e dos homens de negócio, hipótese, aliás, tristíssima que resignadamente o Apóstolo havia encarado neste soberbo rasgo de eloqüência:

Vir desideriorum

"Se, porém, não me fôr dado chegar ao almejado têrmo, se Deus não permitir que eu sinta o supremo confôrto de acompanhar, uma vez ao menos,

---

(6) *A Amazonia*, por D. ANTONIO DE MACEDO COSTA, Bispo do Pará, pag. 40 — 3.ª edição *Leuzinger*, Rio.

nos meus velhos dias, o Santíssimo Sacramento levado pelo **Cristóforo** sôbre as águas do Amazonas a povos que me são tão caros; se minha sorte é aspirar veemente ao bem sem poder realizá-lo, ao menos, homem de desejos, **vir desideriorum** morrerei como Moisés, sôbre o meu Nebo, com os braços estendidos para a terra prometida". (7)

Pela educação do povo

Êste o letrado, êste o bispo escritor que porventura a muito se afigura um simples burilador de frase, amante egoísta da solidão, costumado ao remanso tranqüilo do seu gabinete de trabalho. Foi, no entanto, como êle próprio o declara, em meio de ocupações absorventes, viagens e cuidados do ofício pastoral, que pôde levar a presente obra a cabo de impressão. E assim as demais. É em Roma após os trabalhos do Concílio do Vaticano, que mete mãos ao resumo de **"História Bíblica"**, datado de **Steinerberg**, a 8 de setembro de 1870. No mesmo ano de 79 em que assinou em Belém, a 22 de Maio, festa da Ascensão, o prólogo do **"Livro da Família"**, subscrevera no dia 3 — festa da Santa Cruz — o seu **"Compêndio de Civilidade Cristã"**, que em nova edição ainda hoje tem leitores. O traço comum de tôdos êsses trabalhos é, como se vê, a sua alta finalidade educativa. A tôdos sobreleva, porém, pela vastidão de seu alcance, embora de menor vulto material, o pequeno **Catecismo do Pará**, composto em 1865, e pelo qual fizeram a sua educação religiosa algumas gerações de brasileiros.

Sob êsse aspecto educacional, D. ANTÔNIO, a quem coube, como professor, a honra de contar entre os seus discípulos RUI BARBOSA, no famoso **Colégio Abílio**, da Baia, tem direito, sobretudo agora, com o seu novo **"Livro da Família"**, a um lugar à parte em nossas letras. Escritor algum **de nota** se lembrou com efeito de firmar antes dêle com seu punho, salvo êrro ou omissão, uma obra qualquer destinada à formação ou ao aperfeiçoamento espiritual do povo.

D. Antônio e Cayrú

Alguém há todavia que constitui uma exceção e merece mencionado, sob certos respeitos, a par de D. ANTÔNIO, alguém possuído, como êle, da mesma nobilís-

(7) *Op. cit.*, pag. 54.

sima preocupação, compenetrado bem como êle da mesma idéia católica e da mesma conciência do valor social dela, — fruto da mesma formação monástica e humanística, admirador, como êle, entusiástico de VIEIRA, conhecedor como êle do grego e do latim, douto quase como êle nas sagradas letras, moralmente íntegro como êle, defensor impertérrito, também êle, da fé católica, em tôdos os terrenos, autor de algumas obras de idêntica natureza e, como êle afinal, originário do mesmo pátrio berço da Baia: JOSÉ DA SILVA LISBOA, Visconde de Cayrú, — nome admirável cuja magnitude só pode ser realmente medida pela extensão do desconhecimento, ingratidão e indiferentismo inexplicável que o circunda.

É LISBOA, sem contestação possível, a nossa mais alta mentalidade do Brasil-Colônia, e o mais fecundo dos polígrafos nacionais de todos os tempos. O economista arrojado da abertura dos portos, que foi também, pode-se dizer, a abertura das idéias, o criador do direito mercantil brasileiro, o jornalista e panfletário inegualável, o defensor acérrimo da emancipação nacional, o membro proeminente da Assembléia Constituinte, o Senador do Império, o historiador, o polemista, o hebraizante, o administrador elevado por Pedro I às culminâncias de "Diretor Geral dos Estados", o homem, em suma, que mais trabalhou neste país para a sua riqueza, comércio, indústria e prosperidade material, teve, no declinar da vida, como preocupação máxima a formação moral e religiosa da juventude brasileira.

> **"Constituição política,** escreveu CAYRÚ, e **Direitos do Homem têm sido desde a revolução da América objeto da mais porfiada e perigosa discussão no Velho e no Novo Mundo, mas não se tem com igual empenho examinado as verdadeiras bases da constituição moral e deveres do cidadão, cuja reta inteligência e exata observância não menos importa ao Bem Geral e ainda mais influem na felicidade dos Povos e duração dos Estados, em qualquer forma de govêrno".**

Meteu por isso ombros à tarefa de redigir a sua **"Constituição Moral e Deveres do Cidadão, com exposição da Moral Pública, conforme o espírito da Constituição do Império",** obra em vários volumes, mandada editar elegantemente, na Imprensa Nacional, pelo Imperador Pedro I.

O iniciador da educação moral e cívica

Nessa tarefa, essencialmente patriótica, reconheceu êle que a Moral Pública se acha no Evangelho:

> **"Sempre terei por guia a Revelação Evangélica que não veio abolir mas preencher a Religião natural, base da Moral Pública".**

Procurando formar, como dizia, "o cidadão probo", preocupava-se sobremaneira o grande vidente com a influência deletéria de certas doutrinas francesas que corriam "devassamente" em todo o Brasil — as **"drogas gálicas"**, mais mortíferas que os venenos de Chalcos. De tais doutrinas era o principal repositório a obra de **Volney: "Lei Natural ou Catecismo do Cidadão Francês"** — pela qual se fez, infelizmente, a educação política das primeiras gerações do Brasil independente.

Um defensor da Igreja

No seio da Constituinte, rechassando, num rasgo audacioso, de joelhos em pleno parlamento, o ateismo disfarçado dos liberais maçônicos que tinham como aliada a grei jansênica do clero, gravara já com mão firme no pórtico da lei magna o nome indelével da SSma. Trindade e preparara-se para combater daí por diante, sem tréguas, o laicalismo de Estado, cujos estragos tão funestos, já previstos no seu largo descortino de sociólogo, deveriam arruinar a pouco e pouco tôdo o nosso sistema de govêrno e no seu espírito contaminar mais tarde a nova constituição republicana. Na mesma ordem de idéias se levanta, defensor da ortodoxia, contra os desmandos de FEIJÓ e quando, dizem, o deputado FERREIRA FRANÇA chegou a propor na Câmara a eliminação da religião católica, apostólica, romana, como religião de Estado, "CAYRÚ levantou-se, foi para o meio da sala, ajoelhou-se, alçando as mãos, e pediu a Deus em altos brados que iluminasse o seu colega e amigo" (8).

Admirador de VIEIRA, como D. ANTÔNIO, organizou para as escolas uma seleta — quem folheou jamais êste livrinho — com trechos sôbre matéria econômica esflorados na obra do portentoso jesuita. A Sagrada Escritura ofereceu-lhe ainda com suas Máximas, tal como ao saudoso Bispo do Pará, assunto para mais um livro dedicado à juventude.

O primeiro catecismo nacional

MACEDO COSTA, porém, compôs ainda, como já se disse, um **Catecismo.** Era só o que faltava agora dizer-se em busca de afinidade, que o mesmo tenha feito

(8) Cfr. *O Apóstolo* de 19 de Set.° 1875.

CAYRÚ. Pois foi, exatamente, o que aconteceu. No alto posto de "Diretor Geral dos Estudos" entendeu, e solenemente o declarou, que não podia, ao têrmo de dilatada existência, prestar ao seu país maior serviço do que redigindo êle próprio, como fez, e mandando imprimir e adotar em tôdas as escolas o seu **"Catecismo da doutrina cristã"**, organizado de acôrdo com as constituições do Arcebispado da Baía. Foi Cayrú, em ordem cronológica e de merecimento, o primeiro publicista nacional, e êsse Catecismo, redigido por um leigo, por um estadista notável, foi também o primeiro que mereceu propriamente aquêle título, porquanto o anterior era traduzido do francês. E não diríamos a verdade inteira deixando de acrescentar que êste último, o de **"Montpellier"**, da autoria do jansenista **Pouget**, oratoriano, era um **catecismo condenado** pela Sagrada Congregação do Index, havia mais de vinte anos, desde 1721, e apesar de tudo — introduzido na mais importante das dioceses do país pelo respectivo Bispo D. FREI ANTÔNIO MARIA DO DESTÊRRO, afeiçoado ao govêrno de Pombal — que na metrópole o espalhara. Ainda aqui foi o ilustre discípulo dos Carmelitas da Baía um zeloso defensor dos princípios ortodoxos.

Estabelecida está, hoje, ou reformada — já o dissemos algures — a "Congregação da Doutrina Cristã". Se essa obra, religiosa, certamente, mas também social, devera ter entre nós algum patrono, não poderia ser outro senão o imortal Economista que a tantos títulos invejáveis que lhe adornam a fronte, mais êsse quis juntar de haver sido, por valiosíssimas obras que publicou, o iniciador do verdadeiro curso de educação moral e cívica em nosso país. E não foi certamente de tôdos o menor e o mais insignificante.

D. Antônio e a ditadura republicana

Se, fora do terreno intelectual e pedagógico, outro ponto de contacto quiséramos descobrir ainda entre essas duas grandes figuras nacionais, tê-lo-íamos certamente na mesma atitude assumida por MACEDO COSTA, em defesa dos direitos de Deus e da Igreja, ao desabar o regime monárquico, como Cayrú no seu advento. Quando se viu êle, príncipe da Igreja, em presença não já das hostes, aliás terríveis, do liberalismo maçônico e da cleresia jansênica, ou das investidas ridículas de um pobre doido para a proscrição da religião nacional, mas diante de um fato quase consumado pela revolução vitoriosa, menos como resultante, aliás, da nova mentalidade republicana do que como um legado fatal do próprio

regime decaído, D. ANTÔNIO não descansa e, já idoso, já mais de uma vez advertido pela morte, levanta-se corajoso e se não se prostra de joelhos no recinto de uma assembléia ou aos pés de um amigo, vai ao encontro de um antigo discípulo, agora influente e poderoso na nova ordem de cousas, e valendo-se do seu prestígio, do seu talento, dos seus laços de afeição, consegue ao menos atenuar o golpe que se ia descarregar em cheio sôbre a augusta face da Igreja. Não alcança, ai! dêle — restaurar na letra e no espírito da Constituição o nome de Deus, mas no Dec. de 7 de Janeiro de 1890, impede o confisco, a rapina, o exílio, a escravidão e o achincalhe, e em defesa dos direitos da Igreja, levanta uma grande voz, em nome de tôdo o Episcopado, a única aliás que se fez ouvir em reclamações intimoratas contra a ditadura.

Um confessor da fé

Com todo o seu talento e dotes excepcionais não chegou SILVA LISBOA — já houve quem o acentuasse — nem a ministro nem a Conselheiro de Estado. MACEDO COSTA que em defesa da ortodoxia lutou contra o maçonismo, arrostando as iras, não apenas de um Regente, mas do próprio poder imperial, não conseguiu assentar-se também êle numa das cadeiras do Parlamento para a qual havia sido indicado pelo sufrágio honroso dos seus conterrâneos, e, esquecido trinta anos a fio na mais remota e laboriosa das dioceses do Brasil sofreu perseguição pela justiça e não viu quiçá coroada a sua carreira com os virentes louros a que pelo seu talento e virtudes teria ainda o direito de aspirar...

Os problemas da família

Apresentado o livro, e bem conhecido como é o seu preclaro autor, folgaríamos de dizer de **meritis** sôbre a obra, se para tanto nos sobrasse autoridade. Lícito nos seja, ao menos advertir que não se deve procurar aqui numa obra sôbre a Família composta há pouco mais de meio século, o estudo e a solução dos intrincados problemas que presentemente a assoberbam e angustiam, (9) mas que não se tinham ainda, e por felicidade plantado em nosso meio na época em

---

(9) Podem ser estudados por exemplo, com proveito, nos seis volumes de Rev. PE. COULET — *"L'Église et le problème de la famille"*.

que foi composto o livro, cujo valor, porém, em nada se prejudica, porquanto, como muito bem observa, em seu prólogo, D. ANTONIO, constituição da família não é coisa arbitrária, é de direito natural e divino, positivo, estando as relações dos seus membros entre si já determinadas do modo mais precioso pelos ditames da lei natural e evangélica, autenticados no ensino da Igreja.

Acharão alguns, quem sabe, nesta época de acêso feminismo bem acanhadas as vistas do nosso autor relativamente ao âmbito que assinala à cultura literária e científica da mulher. Cumpre dar aqui também ao tempo o necessário desconto, considerando como eram outras, muito outras, as condições do nosso país, há cinqüenta anos, quando tão raros havia e mal aparelhados estabelecimentos de instrução destinados ao sexo feminino. Além de tudo, note-se, o objetivo precípuo do autor não foi considerar as condições gerais da mulher na sociedade ou as contingências a que pode ela estar sujeita de se valer da instrução profissional como um meio de ganhar a vida, mas, sim, apontar a missão que lhe compete na sua vocação natural de espôsa e de mãe. Com essa finalidade, o douto bispo que ressalvou aliás, as exceções, não restringe absolutamente senão que até dilata a esfera da cultura feminina, como nos deixa ver o Cap. XVII: história, religião, língua, direito, medicina, economia, tudo tem aí o seu lugar.

Não faltarão também outros que censurem, como pouco democrática e liberal, a opinião do autor quando não lhe parece conveniente que tôdos sejam doutores, porquanto **"mais avisados andam aqueles que procuram inspirar a seus filhos o amor da profissão em que labutam"**. É, todavia, a moderna tese de BOURGET que a desenvolve como se sabe em **"L'Etape"**, mostrando as desvantagens para o indivíduo como para a coletividade, resultante de uma **ascensão social** demasiado rápida que produz tão grande número de deslocados e **incompreendidos**, no seio das famílias, e de **improvisados dirigentes** no mecanismo da administração e do govêrno, onde imprescindíveis são certas qualidades **de finura psicológica**, fruto exclusivo da **raça** e de um **longo passado de família.**

Não revestindo pròpriamente **"O Livro da Família"** o aspecto de um tratado filosófico-científico de moral doméstica, e sim o de uma simples obra de doutrina popular, baseada na religião, verifica-se, todavia, que, composto há mais de meio século, não fica muito distanciado, quanto às matérias em aprêço de qualquer dos recentes trabalhos de divulgação sôbre

o mesmo assunto, como os de **Pierre Méline, Henry de Pully** e outros que tais. A mesma simplicidade e acaso, às vezes, ingenuidade da exemplificação, não deixa de mostrar, com o seu leve sabor arcaico, tratar-se aqui realmente de um livro que dormiu tranqüilo cinquenta anos e despertando agora nos mostra, em meio a tantas vicissitudes que buscam corrompê-la, a doutrina católica sôbre o casamento em todo o frescor da sua pureza antiga e da sua austeridade, sem a menor tentativa de condescendência culposa com a modernice dos tempos.

Uma família modêlo

Quanto ao que seria realmente o quadro de uma família modêlo, não precisaria D. ANTÔNIO, para o descrever, andar em busca de outro além do que lhe trazia à mente, em névoas de saudade, o velho Engenho Rosário da Copioba, a doce casa de seus pais JOSÉ JOAQUIM DE MACEDO COSTA e Joaquina Alexandrina de Queiroz biblicamente unidos em consórcio cinqüenta e um anos, com uma larga bênção de onze filhos, dos quais ANTÔNIO foi o sétimo.

De boa estirpe portuguesa, aquele senhor de engenho fizera na capital baiana seus estudos de humanidades, até retórica e filosofia, e depois, quando lhe davam folga as lidas da lavoura, lá folheava êle os seus clássicos latinos e metrificava os seus versos, sem abandonar nunca a leitura pausada das Sagradas páginas, fonte do seu entranhado amor por tudo quanto dizia respeito à Igreja de Jesus Cristo. Chegou mesmo a trasladar a vernáculo, sem as ter dado nunca à impressão, as quinze conferências do Padre **Lacordaire.** A vocação religiosa do filho, êle que como um sacerdote já presidia diàriamente à oração em comum sob o seu tecto, recebeu-a, segundo nos declara um escrito seu, como um despacho amoroso da Providência aos mais constantes e fervorosos rogos. Acompanhou-lhe depois carinhosamente a carreira ascensional dizendo-lhe não raro, padre ou bispo, palavras graves de conselho e seguiu embora de longe, os passos do seu martírio apostólico. Dos vínculos estreitos da prisão escapou-se com alvorôço D. ANTÔNIO para os braços trêmulos de seu pai, já, infelizmente, quase moribundo. Mas uma intimativa severa do então encarregado de negócios da Nunciatura MONSENHOR BRUSCHETTI, daí o arrancou, banhado em lágri-

mas, para o govêrno da sua diocese e, seis dias depois, o triste velho estava morto. (10).

A referência que faz o autor no prólogo desta obra àquela "**vida de casa tão boa, tão serena, tão sem sobressaltos e cheia de tão sublime e maviosa poesia**", é, pois uma cousa por êle profundamente sentida e vivida e não um mero lugar comum. Já nos últimos meses da vida, depois de tão grandes lutas, vem surpreendê-lo no Rio a nova de sua próxima escolha para o Arcebispado da Baía. Dá-se então pressa em comunicá-la a FRANCISCO, nestes termos:

> **"A minha maior consolação — humanamente falando — será estar perto de ti, aquecido pelo afeto fraternal com que me tens sempre de longe acompanhado. Muitas vezes, no meio dos trabalhos, quando não puder mais com o pêso das tribulações do dia, irei repousar alguns momentos no aconchêgo do teu querido lar da Graça".**

Menos de um ano após, longe, bem longe do querido lar da Graça, era o saudoso irmão que vinha, afogado em soluços, amparar em suas mãos a derribada fronte do Apóstolo, que cedendo ao pêso das tribulações de trinta anos de episcopado, descansara afinal, para tôdo o sempre, no viso alcantilado de uma serra de Minas. (11)

E. Vilhena de Moraes

Vila Nossa Senhora de Montenegro,
em Itaipava

---

(10) Cfr. D. ANTONIO, "*Questão Religiosa do Brasil perante a Santa Sé*", p. 273, Lisboa. 1886.

(11) Faleceu em Barbacena, no dia 21 de Março de 1891, sendo o seu cadáver transportado em seguida para a Baía.

Prefácio da terceira edição

"O Livro da Família", de autoria de D. Antônio Macedo Costa, é uma destas obras primas de literatura que, por conterem verdades e belezas eternas resistem incólumes à ação corrossiva do tempo valorisando-se com o decorrer dos anos.

Oculta durante meio século entre documentos vários e papeis deixados pelo autor o livro inédito passou por uma série de vicissitudes e naufrágios de que nos dá conta em seu magnífico prefácio, o primeiro editor da obra e devotado estudioso da nobre figura e da apostólica ação de D. Antônio, o ilustre historiador patrício Dr. E. Vilhena de Morais, Diretor do Arquivo Nacional, o qual plenamente côncio do inestimável valor da descoberta feita, ao lhe chegarem às mãos os originais do livro envidou todos os esforços para a sua publicação, tornado-se para isso o seu primeiro editor e incansável propagador.

Transcrevendo na íntegra o referido prefácio da 1ª edição, chamamos a atenção do leitor para o clarividente espírito com que foi analisada e o superior critério com que foi situada, entre suas congêneres, a obra onde se traduzem os inspirados acentos de uma voz autorizada e verdadeiramente profética, revelando aos seus contemporâneos os perigos crescentes de dissolução que ameaçavam a família brasileira, célula mater da nacionalidade, que assim ficava também exposta a uma catastrófica dissolução, mais prejudicial ainda do que a desintegração atômica realizada pela ciência.

Surge portanto agora a 3ª edição do precioso livro em momento histórico de culminante importância, quando a humanidade sofredora emergindo ainda meio asfixiada e entontecida, dos profundos abismos em que esteve se debatendo durante os terríveis anos desta última guerra, se dispõem a realizar tôda sorte de reformas, políticas, sociais e econômicas, que facilitem o desejado advento de uma Nova Era, de paz com justiça, sob a égide da Liberdade.

Esta é, realmente, a suprema aspiração das Nações Unidas, mas que só poderá ser conseguida se começarmos, cada um, por realizar nossa própria reforma de vida e costume e nos esforçamos pela reconstituição da estrutura familiar, profundamente abalada e subvertida onde se afastou das sólidas bases lançadas pelo Cristianismo, cuja essência se firma na santificação da família humana, em cujo seio se incarnou a própria Divindade.

E porque "O Livro da Família" preconiza os meios habeis e indôneos de alcançarmos tão felizes resultados, através dos maiores obstáculos, lutas e trabalhos que possam sobrevir, a sua leitura será sumamente proveitosa, mesmo para os que, não aceitando na íntegra as doutrinas da Igreja Católica, poderão se convencer de que, no tocante à família, esta será verdadeiramente o pórtico do Paraiso, se o belo ideal que transparece neste livro fôr realizado.

José Morais Filho

Razão da obra
ao leitor benévolo

Quando dei a lume, e oferecí a meus diocesanos, em 1875, um ligeiro esbôço dos deveres da família, tal foi a saida e aceitação que teve aquele, se bem muito imperféito opúsculo, que logo compreendí a necessidade de retratar o assunto em mais amplo quadro. A ânsia da leitura estava indicando claro a necessidade da doutrina; pelo que não tendo ânimo de mandar tirar em folhetos aquele meu trabalho (*) por assim dizer, embrionário, como, até de remotas províncias, se instava comigo, pus mão a êste outro de mais fôlego, que só agora, no meio de tantas ocupações absorventes, viagens e cuidados do meu ofício pastoral, pude levar a cabo de mandar imprimir.

---

*) Fê-lo, em boa hora, naquele mesmo ano, ANTONIO MANOEL DOS REIS, na tipografia de "O Apóstolo". Dêsse opúsculo, cujo manuscrito, ora se acha no Instituto Histórico, dá notícia, como inédito, SACRAMENTO BLAKE, dizendo haver-se-lhe extraviado, sem saber como, a cópia que entre mãos tinha. — Nota de V. de M.

Foi o meu intento oferecer, em um todo bem ordenado os princípios e regras que constituem a família cristã. A constituição da família não é cousa arbitrária; é de direito natural e divino positivo. O vínculo matrimonial de que ela se origina, as relações dos esposos entre si, dos pais para com os filhos, dos filhos para com os pais, dos amos para com os domésticos, e dêste para aquele: o complexo, em suma, dos deveres, obrigações e ofícios dos diversos membros dessa sociedade admirável que se chama família — fonte e modêlo de tôdas as outras, — tudo isso está estabelecido, fixado e determinado, do modo o mais preciso, pelos ditames da lei natural e evangélica, autenticados no ensino da Igreja.

Êsses ditames são, essas verdades sólidas, êsses princípios sagrados, de cujo exato conhecimento e fiel observância dependem a boa ordem, a harmonia e a felicidade das famílias, levei em mira incutir nas almas nestes tempos em que doutrinas perversas os atacam, os rejeitam, os vilipendiam como mofenta herança dos séculos de obscurantismo.

É bem deplorável fato, e cheio de funestíssimas consequências para o futuro, o esfôrço que se está fazendo para destruir as verdadeias tradições, o genuino caráter da família, o princípio mesmo de sua organização e estabilidade, pondo-a fora da ação da Igreja e do Cristianismo. Privada do influxo sobrenatural da Religião, a família tende a deperecer; afrouxam-se os laços que a enfeixam num todo harmônico.

Aquela casta, inviolável e perpétua união dos esposos: aquele cuidado estremecido da educação da prole; aquele corresponderem os filhos à ternura de seus progenitores rodeando-os de afetos extremosos, prestando-lhes os mais atentos serviços obedecendo-lhes com amorosa prontidão, e honrando-os, até a extrema velhice com um respeito religioso, que parece transformar-se em culto: aquela amável convivência dos irmãos a respirar encanto que embalsamam a melhor quadra da vida, e que nos lembramos ainda com tantas sau-

dades, quando já sózinhos, nos aproximamos do têrmo; aquela dedicação e singelos afetos de servos e domésticos; enfim aquele suavíssimo viver em família, aquela vida de casa tão boa, tão serena, sem sobressaltos, e cheia de tão sublime e maviosa poesia; onde estão? onde se encontram já? A torrente das idéias novas vai tudo levando de rôjo, envolvendo no sumidouro comum do sensualismo enervante, do brutal egoismo. Restam apenas, aquí e aí alguns nobres tipos da família cristã; como essas colunas, que se elevam ainda no meio da vasta solidão só para dar testemunho de um magnífico edifício arruinado.

A raiz corrompida, vasa no tronco e nos ramos da árvore o seu fatal veneno. Por igual modo, da família pervertida pelo espírito da impiedade moderna, estão dimanando os males que lamentamos em tôdas as esferas sociais. Se queremos que floresçam os bons costumes, se queremos que esta árvore da pátria dê frutos, não pêcos, mas sazonados, de paz, de ordem, de verdadeira liberdade, de sólidos progressos, de próspera, gloriosa e fecunda civilização, é acudir com o remédio à fonte do mal, é tratar já e já da raiz, que se embeba em bons sucos, achegando-se-lhe terra congruentemente adubada.

Tôdas as outras reformas são ilusórias, se não começamos pela família.

O esfôrço que está fazendo a Revolução para destruí-la está dando à medida do esfôrço que devemos fazer para restaurá-la. Arejemos o lar. Façamos entrar nele as puras emanações do Cristianismo.

Deus tem alí o seu lugar. Êle só pode fazer alí reinar as alegrias puras, a suave resignação, o casto pudor e tôdas as virtudes que enobrecem e encantam a vida.

Procuremos restaurar sôbre suas verdadeiras bases a

família cristã, como nô-lo recomenda com tão alta sabedoria o Vigário de Jesus Cristo, o glorioso Pontífice Leão XIII em suas primeiras Encíclicas, recebidas com veneração e aplauso por tôda a cristandade.

É tal o intento que levei em vista publicando êste livro da família. Quem o ler até o fim, ainda que de ânimo prevendo contra as doutrinas da Igreja, há de confessar que mui ditoso seria, se tivesse espôsa e filhos cumpridores de tôdas estas regras e preceitos; e que a família seria o pórtico do Paraiso se pudesse realizar-se cabalmente o belo ideal que resplandece nesta obrinha. Ah! se um só pai, se uma só mãe de família achar nestas pàginas uma luz, um incentivo para cumprir com mais fidelidade e gôsto os santos e sublimes deveres de seu cargo, já darei por mal logrado êste meu humilde trabalho.

Sai êle bem imperfeito, sem dúvida, desornado e pobre pelo que tem de meu, mas muita preciosidade encérra, que andei apurando nas ricas minas da palavra divina e da literatura católica.

Assim o regatozinho turvo rola muitas vezes palhetas de ouro, não de seu fundo, senão as que apanhou pelas fendas das alterosas rochas por onde filtrou suas águas.

Como a maior parte da gente dificilmente suporta o sêco e árido do estilo didático, entendí envolver com a doutrina, algumas descrições amenas, notícias de fatos e exemplos interessantes, tudo ilustrado de lindas gravuras, para que o útil viesse unido com o deleitoso, segundo o preceito do mestre Horácio.

Se acertei na têmpera, julgá-lo-á o leitor discreto.

Belém, 22 de Maio (Festa da Ascensão do Senhor) de 1879

ANTÔNIO, Bispo do Pará.

CAPÍTULO I

EM QUE SE DECLARA A GRANDEZA E DIGNIDADE DO SACRAMENTO DO MATRIMONIO FUNDAMENTO DA FAMÍLIA

I

UÍS Deus manifestar suas perfeições infinitas e criou o mundo. Neste mundo quís ser reconhecido, louvado, adorado. Os céus deviam narrar a sua glória, o firmamento manifestar a obra de suas mãos; o dia anunciar ao dia esta mesma verdade, e a noite revelar à noite a ciência misteriosa do Altíssimo. 1) Era preciso, porém, aquí no meio dêste universo visível, uma inteligência que interpretasse a muda homenagem das criaturas materiais, uma inteligência que servisse de

(1) Salm. 18.

órgão à adoração universal, uma inteligência que, elevando-se acima dos mundos, os curvasse, resumidos em si, perante o trono de Deus, no estremecimento íntimo da adoração e do amor. Essa inteligência era o homem.

Adão, ao sair das mãos do Criador, reconheceu tôda a importância de sua missão religiosa. Ao ver esta natureza tão perfeita, tão formosa, tão plena, tão harmônica, em tôdas as suas partes; a luz do sol alumiando durante o dia, a da lua mitigando a escuridade da noite; o exército inumerável das estrêlas, fixas e errantes, formado nos espaços sem limites; ao ver a terra ostentar seus primores na imensa variedade das plantas e dos animais, nos montes e nas cordilheiras altíssimas, nas fontes cristalinas, nos caudalosos rios, nos mares e Oceanos, arfando em cheias e vasantes regulares, povoados de mil peixes e mariscos, banhando por ondas, ora serenas, ora agastadas, as ilhas e os continentes, e mil outras cousas, pasmo da vista e enleio do entendimento, não pôde Adão deixar de reconhecer que êle era criado para dar glória ao Soberano Autor de tantas maravilhas.

O primeiro homem foi, pois, o primeiro adorador da Divindade.

Mas êle estava só. Passeava solitário e pensativo pelas frescas sombras dos arvoredos do Éden, sentindo que alguma cousa lhe faltava, que lhe faltava um complemento de sua vida.

Também não era ordem da Providência que êle ficasse só. Deus não queria neste mundo um adorador solitário; queria, pelo contrário, gerações e gerações de adoradores, uma multidão inumerável de criaturas inteligentes e livres, que perpetuassem sôbre a terra o seu culto, e glorificassem o seu Santo Nome, praticando obras de justiça e de santidade, para serem depois premiados com uma eterna bemaventurança nos Céus.

Por isso disse Deus: *Não é bom que o homem fique só. Façamos-lhe um adjutório semelhante a si. 1)*

E infundindo em Adão um sono profundo, ou antes arrebatando-o em misterioso êxtase, durante o qual, suspensas as operações dos sentidos, ia o entendimento conhecendo com lume profético o mistério que se dava, tirou-lhe Deus da ilharga uma costela, da qual formou a mulher; e ao receber esta, prorrompeu Adão no cântico admirável, o cântico das primeiras núpcias, que ressoou suavíssimo no meio dos encantos virgens daquela natureza primitiva: *Êste é o osso de meus ossos, a carne de minha carne. Por ela deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá à sua espôsa, e serão dois numa só carne.* 2) Palavra sublime, que fixa a lei eterna da família: *Um com uma, unidos perante Deus até à morte.*

---

1) Genes. II. 18.
2) Ibid. 23

E derramou Deus sôbre a casta união dos esposos a bênção fecunda que perpetua o gênero humano: *Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra 1)*.

Tal é o sagrado laço do Matrimônio. Como o homem e a mulher não são só corpos, mas almas imortais criadas à imagem e semelhança de Deus, esta união não é só material, mero resultado do instinto, como sucede entre os animais; mas é uma união moral, santificada pela Religião, vínculo espiritual e perpétuo que associa dois entes, um representando a fôrça e o poder, o outro a beleza e a graça; um apto pelo vigor do espírito e do corpo ao govêrno exterior e ao ativo labutar dos negócios, o outro destinado, pela suavidade e delicadeza de seus atrativos e virtudes, a amenizar e santificar o remanso íntimo do lar; que os associa, digo, com o fim de se completarem mutuamente, de se auxiliarem nos caminhos da vida, e procriarem novos entes que glorifiquem o Criador.

II

Jesus Cristo, Filho de Deus, que veiu salvar o que estava perdido, que veiu restaurar e regenerar tudo, elevando a humanidade a uma alta perfeição sobrenatural, quís que sua graça refluisse até à fonte mesma da vida, e fez do Matrimônio, que já era

---

1) Genes. I, 28.

um contrato sagrado, um Sacramento da Lei Nova. Desejou o Salvador deixar ao mundo um símbolo expressivo da inefável e indissolúvel união que Êle contraiu com a sua Igreja.

Que união é esta? São Paulo, arrebatado sôbre as asas da inspiração divina, no-la explica: *O Cristo, diz êle, amou a sua Igreja, e entregou-se por ela, afim de a santificar purificando-a no banho da água pela palavra da vida. 1)* A Igreja é, pois, a nova Eva, que sai no Calvário do lado ferido do novo Adão, tôda formosa, sem mácula, nem ruga, lavada na água de seu coração, e revestida na púrpura de seu sangue. O Homem-Deus a produz adormecido nos braços da Cruz. Recebe-a por espôsa; deixa, de alguma sorte, seu Pai e sua mãe, para unir-se a esta espôsa querida, a quem entregou seu corpo, seu sangue, sua divindade, casando-se com ela, na comunhão eucarística. Graças a esta nova aliança, a estas místicas bôdas do Cristo com a humanidade remida, nós nos tornamos seus membros, osso de seus ossos, carne de sua carne. Por isso é que Êle estabeleceu êste sacramento. *Porque somos membros de seu corpo; pois fazemos parte de sua carne e de seus ossos, por isso*, diz S. Paulo, (notai) *por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e unir-se-á à sua espôsa, e serão dois numa só carne.. Êste Sacramento é grande, eu o digo, no Cristo e na*

---

1) Efes. V, 25, 26.

Igreja 1). É dizer claramente que a união conjugal entre os fiéis tem como causa, como fim, como razão de ser, o representar, o simbolizar do modo mais expressivo, o invisível e sacratíssimo mistério da união de Cristo com a sua Igreja, e ao mesmo tempo, o realizar e perpetuar esta mesma união; pois fruto do matrimônio são os numerosos filhos que êle dá à sua Igreja para serem incorporados a Jesus Cristo.

Escolhida, pois, pelo adorável Salvador a união conjugal, de tôdas as uniões naturais a mais íntima, para sinal e símbolo de tão grande e sublime mistério, uniu êle a êste sinal o poder e a eficácia de produzir no homem e na mulher um aumento de graça santificante, com o direito às graças atuais necessárias para cumprirem os deveres que êste estado, elevado a tal altura, lhes imponha. Um sinal sensível e de instituição divina, representando ao vivo um mistério invisível e produzindo a graça; não é isto o que chamamos um Sacramento?

O Matrimônio é pois um verdadeiro e grande Sacramento, e tendo por têrmo o objeto de sua significação, Jesus Cristo e a Igreja *Sacramentum hoc magnum, est in Christo et in Ecclesia*.

É êste um dogma da fé católica solenemente definido pelo sacrossanto Concílio de Trento nas seguintes palavras: *Se alguém disser que o Matrimônio não é verdadeira e propriamente um dos sete Sacramen-*

1) Efes. V, 30 e seg.

tos de Lei evangélica, instituido por Nosso Senhor Jesus Cristo, mas introduzido na Igreja pelos homens, seja anátema 1).

Quem poderá dignamente exprimir o que deve a humanidade a Cristo, autor e consumador de nossa fé por esta restauração do Matrimônio? Era o Matrimônio na Lei antiga como uma vinha plantada pela mão de Deus, mas que, deixada sem cultura, se encheu de rebentões luxuriosos, espúrios e silvestres, de modo que já não dava senão uvas de fel, cachos amargosos. Veiu Cristo, celeste Agricultor, não arrancou a vinha, mas podou-a, isto é decepou-lhe aqueles rebentões inúteis da poligamia, do libelo de repúdio, expurgou-a, purificou-a, regou-a com o orvalho de sua graça, fecundou-a com o calor vivificante do seu Espírito; e "eis a venturosa vinha a produzir na Igreja sazonados frutos, de tantos ínclitos mártires, de tantos santos confessores, de tantas ilibadas virgens, de tantos coherdeiros dos Anjos". Formosa alegoría de um autor. De sorte que, pela elevação do Matrimônio à dignidade de um Sacramento, a família recebeu tôda a sua consistência, esplendor e perfeição. E como a sociedade é um composto de famílias, também ela se aperfeiçoou, se consolidou e se transfigurou de modo admirável, por esta sublime economia da graça de Cristo. O Matrimônio santificou a família, a família santificou a sociedade. A civilização cris-

1) Sess. XXIV, De Sacram. Matr. in Cap. I

tã, brotou dêste germe. Porque a civilização cristã, a verdadeira civilização, não é outra cousa mais que a irradiação, na grande esfera social, dessas doces relações, dêsses puros afetos, dêsses sacrifícios sublimes que o Matrimônio cristão, produziu na pequena esfera do lar. Daquí uma fonte inesgotável de amor, de paciência, de longanimidade, de paz; daquí a santa educação dos filhos, preparando para a Igreja verdadeiros fiéis, para a pátria cidadãos prestadios e virtuosos; daquí a dignidade da mulher elevando-se até à altura de uma gloriosa missão no meio dos povos, como as que exerceram as Clotildes nas Gálias entre os Francos, as Teodolindas na Itália entre os Lombardos, as Ingundes na Espanha entre os Visígodos, as Bertas, as Edilbergas na Inglaterra entre os Anglo-Saxões, as Olgas na Polônia, as Giselas na Hungria. Graças à unidade e indissolubilidade do Matrimônio, tiveram os filhos tôda a segurança de serem convenientemente educados, e deixou a mulher a condição miserável de escrava, de ludíbrio vil das paixões (que o marido abandonava aí, brutalmente, logo que dela ficava enjoado), para ser êsse ente cheio de prestígios e de virtudes, rodeado até à morte de uma auréola de estimação respeitosa, de castos afetos e de constante dedicação.

III

E notai, que o Sacramento não é uma entidade postiça, que Cristo Senhor nosso tenha sôbre-ajunta-

do ao contrato natural, de modo que o contrato se possa separar do Sacramento, ficando êste sob a jurisdição da Igreja, aquele sob a do Estado. Isto é doutrina errônea.

Não, entre Cristãos, o Sacramento não se separa do contrato natural, antes, é êsse mesmo contrato sobrenaturalizado, elevado e transformado pela instituição de Jesus Cristo, como o tem declarado a Santa Sé Apostólica, 1) transformação admirável simbolizada no milagre das bôdas de Caná, honradas pela presença do Filho de Deus e de sua Mãe santíssima: a água é o contrato natural, o vinho o Matrimônio-Sacramento. Ide agora separar a água do vinho, depois de realizada a miraculosa transformação!

Aquele infinito poder que transubstanciou a água em vinho, o pão em seu corpo, o vinho em seu sangue, transubstanciou também, digamos assim, o contrato natural do Matrimônio dos fiéis em verdadeiro Sacramento. A mudança prodigiosa é um fato, tenham paciência os legistas inimigos da Igreja.

O contrato e o Sacramento são uma só e mesma cousa, um todo indivisível, como a água do Batismo e as palavras do batizante, como os santos Óleos e as palavras do Bispo que confirma: "Querer, pois, que se regule separadamente o Sacramento e o contrato civil" (diz um teólogo contemporâneo) "não é cousa menos insensata, nem menos sacrílega, do que querer

---

1) Sillabus, ns. LXVI, LXXXIII.

por exemplo, no Batismo dar a um oficial do govêrno o cuidado de regular o que diz respeito à ablução da água e ao ministro da Igreja o de pronunciar a fórmula".

Basta que esta novidade de casamento civil, com que se sairam os modernos, sôbre ser ímpia é funestíssima, pelas conseqüências desastrosas que dela redundam à família e à sociedade. Rebaixar o contrato matrimonial à condição de um contrato civil, é renunciar à família transfigurada pela pureza do Evangelho, para restabelecer em seu lugar a família pagã, a família afogada no sensualismo. Tirai o Sacramento, tirai a graça, tirai Deus; baseai a família numa simples escritura de tabelião; entregai a vossa filha a um homem por um simples escrito de venda, como se faz com um lote de gado, ou com uma partida de fazendas; quem suavizará a esta pobre infeliz os diuturnos incômodos da gravidez, as dores cruciantes do parto, os contínuos desvêlos, trabalhos e consumições com a amamentação, educação, instrução e guarda de seus filhos?

Quem dará confôrto a êste pai, que curvará a fronte ao pêso de tantas e tão dolorosas apreensões no duro encargo de sustentar uma numerosa família? Quem guardará o leito conjugal de abomináveis profanações? Quem moderará a acre excitação de paixões tão impacientes de freio? Quem dará ao amor, tão impetuoso como o vento, tão inconstante como êle, essa forte e suave têmpera que o faz resistir, pu-

ro e fiel, a prolongadas ausências, a graves enfermidades, a desastres de fortuna, a abandonos cruéis? Se com a graça dos Sacramentos; se com juramentos sagrados, feitos em face dos altares; se com o temor de Deus vivo e atuando nas conciências, tantas misérias se deploram no recinto dos lares; quanto mais, sacudido o jugo de Jesus Cristo, e tornada a família uma simples associação natural, uma cousa tôda civil, sem base na Religião?

Quem porá um dique ao transbordamento dos divórcios? Um contrato como se faz assim se desfaz. Não haverá mais mãos a medir à imoralidade, e a família se dissolverá na infrene desordem das especulações mais tôrpes. 1)

Deus nos livre desta pestífera importação do

---

1) Onde cessou o Matrimônio-Sacramento, começou a licença do divórcio propriamente dito e a poligamia. Desde o século passado, queixas sérias se levantaram no parlamento Inglês contra a facilidade concedida aos divórcios, dando em resultado multiplicar os adultérios. Nos Estados Unidos viu-se a Confederação forçada a dissolver por ano obra de 5.000 casamentos, por uma população de 24.000.000 de habitantes; e por conseguinte 10.000 pessoas recebem alí do Estado o direito de viver em adultério legal. Há seitas, como os Mormons, praticando largamente a poligamia. Não falamos da Prussia, em que o número dos divórcios se eleva a proporções fabulosas. Em França, quando esteve mais sob a ação da Revolução, que introduziu o casamento civil chegou a desordem a excesso tão horroroso, que não se podia mais distinguir o casamento do concubinato e do incesto. De la Révolution, par Onclair, cap. II pag 306.

As modernas estatísticas, com meio século de intervalo não tem feito senão patentear de maneira assustadora a

casamento civil* que não é mais que imoral mancebia acobertada de uma capa de legalidade. O matrimônio, torno a repetir, é por sua natureza santo e divino na sua origem, pois foi o próprio Deus que o estabeleceu desde o princípio, e depois Jesus Cristo, Filho de Deus, revocou a sua primitiva pureza e fez dêle um sacramento santo e divino no seu fim, que é procriar entes imortais, feitos à imagem e semelhança do Criador; santo e divino, enfim, nos bens que produz, a saber, a boa educação da prole, a fidelidade conjugal, a união perpétua e o vínculo sacramental dos cônjuges. Por isso é êste estado *em tudo e por tudo digno de respeito e honra,* como diz São Paulo. 1)

Esta é a verdadeira doutrina. Em todos os séculos a Igreja Católica a manteve sempre inviolável. Em vão atacaram a santidade do Matrimônio uns chamados *ilustrados* ou Gnósticos, os Maniqueus, Simão Mago e outros hereges, na antiguidade; em vão, nos tempos modernos, Lutero, Calvino e os novadores Protestantes, negaram o Sacramento do Matrimônio, e sustentaram, o mesmo Lutero e alguns mais,

---

agravação dêsse mal denunciado pelo autor. Só em França, chegou a quarta Câmara Civil a pronunciar de uma feita, em sessão de quatro horas, pouco mais de um divórcio por minuto... — Nota de V. de M.

*) Escrevia o autor antes de haver sido decretado entre nós pelo Govêrno provisório o casamento civil. (D. de 24 de Janeiro de 1890). — Nota de V. de M.

1) Hebr. XIII. 4.

ser lícito ter ao mesmo tempo mais de uma mulher; 1) em vão a impiedade de nossos dias quer despojar o Matrimônio de todo o seu caráter sagrado, e rebaixá-lo ao nível de um simples contrato, como outro qualquer; a verdadeira Igreja de Jesus Cristo condenou e condena tais aberrações; sustentou e sustentará sempre, ainda contra pretensões de Reis poderosos, como o devasso e cruel Henrique VIII da Inglaterra, a santidade e indissolubilidade do laço conjugal.

IV

A dignidade e excelência do Matrimônio Cristão transparecem também admiravelmente nas cerimônias com que a mesma Santa Igreja previne e acompanha a celebração dêste ato importante da vida do homem.

O uso dos esponsais ou desposórios, tomado à antiguidade, tem por fundamento dar aos futuros esposos tempo de se conhecerem antes de se unirem. Esta promessa mútua de futuro Matrimônio, estipulada com seriedade perante a família, e algumas vezes rodeada de certas solenidades, de várias cerimônias e festas graciosas, segundo os diversos costumes dos povos, é como o pórtico por onde entram os nu-

---

1) Lutero e Melanchton chefes do Protestantismo, deram dispensa ao Landgrave de Hesse para casar-se com segunda mulher estando a primeira ainda viva. Caso virgem no Cristianismo, pondera gravemente Bossuet.

bentes no templo da vida conjugal. Moldados pelo tipo dos castos depósitos de Jacó e Raquel, na antiga Aliança, de Maria e José na nova, os esponsais cristãos, nada apresentam que não seja puro, elevado e digno.

Depois dos esponsais segue o pregão dos banhos, salutar medida que assegura à celebração do Matrimônio a necessária publicidade. O ato que funda uma família, deve ser, com efeito, bem conhecido da sociedade, não só para evitarem-se uniões clandestinas, mas ainda para que se possam descobrir os impedimentos canônicos que por ventura se dêm entre os contraentes. Enfim chega o dia aprazado para o solene recebimento dos noivos.

Depois de terem purificado sua conciência no banho sagrado da Penitência, depois de terem nutrido suas almas com o Maná dos Anjos, ei-los que entram cheios de mocidade, revestidos de encantadora modéstia, frementes de indizível emoção, no augusto santuário do Deus vivo. O jovem espôso compreende que vai fazer um ato sublime, constituindo-se chefe de uma família, a cujo bem deve dedicar-se até à morte. O ente gracioso e débil que para êle pendeu procurando apôio, ali, perante o altar, na presença de Deus, mais profundamente sente quanto precisa das celestes bênçãos para um enlace que decide de todo o seu porvir.

Em ambos a idéia do dever substitue a do prazer. O Sacerdote, Ministro do Altíssimo, revestido

com seus hábitos sagrados, une-lhes as dextras, e recobrindo-as com a alva estola, fá-los pronunciar a palavra solene que os liga um ao outro com vínculo que só a morte pode quebrar. Esta palavra irrevogável é ouvida por Deus, que alí está presente, pelos Anjos, que o rodeiam e o adoram, pela Igreja e pela sociedade inteira, alí representados no Sacerdote e nas testemunhas. O Matrimônio que acabam de contrair é ratificado e confirmado pela palavra sacerdotal em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo, e algumas gotas da água sagrada simbolizam a purificação das almas pela divina graça. Segue-se a cerimônia do anel, antigo uso mantido pela Igreja, sinal significativo ainda do laço indissolúvel que une dois corações puros. O Sacerdote, benze primeiro o anel, dirigindo a Deus a seguinte comovente súplica: *Dignai-vos, Senhor, abençoar êste anel que em vosso nome abençôo, para que aquela que o trouxer, guardando inteira fidelidade a seu espôso, permaneça na vossa paz e em vossa bondade, e viva para sempre em amor recíproco*. Depois do que, entregando ao espôso o anel consagrado, êste o passa ao dedo da espôsa, como uma recordação do sacrossanto empenho que acabam de contrair.

Mas o homem é débil caniço açoitado pelos ventos; é-lhe mister o apôio do alto, para não dobrar-se ao pêso de tão graves obrigações. Por isso o Sacerdote augusto ora, com os olhos levantados para o céu. Como são cheias de divina unção as palavras

que êle profere diante da majestade de Deus, sôbre os nubentes ajoelhados! Que poesia sublime nesta bênção, em que se sente passar como um sopro saudoso dos tempos patriarcais!

"Senhor" (diz o Ministro sagrado), "assistí propício às nossas súplicas e à instituição com que por disposição vossa se propaga o gênero humano, para que esta união que em vós tem seu princípio, por vossos auxílios se conserve. Nós vo-lo pedimos por Jesus Cristo, vosso Filho nosso Senhor".

"O' Deus que, por vosso poder soberano, tirastes tudo do nada, e, depois de ter criado o homem à vossa imagem, lhe unistes tão insepàravelmente a sua companheira, que o corpo de sua espôsa foi produzido da substância mesma do homem, para lhe ensinar que jamais lhe será lícito separar o que, segundo a vossa bondade e instituição, foi só um desde a origem; Deus, que consagrastes a união dos esposos por um mistério tão excelente, que a aliança nupcial representa a união sagrada de Jesus Cristo com a Igreja; Deus, por quem a mulher é unida ao homem; vós que destes à esta sociedade, que é a principal de tôdas, uma bênção de tal caráter, que nem a punição do pecado original, nem o castigo do gênero humano pelo dilúvio, puderam destruir; olhai com bondade para a vossa serva, aqui presente, que, no momento de ser unida ao seu espôso, convém ser fortificada com o socorro de vossa proteção. Que o jugo que ela recebe seja para ela um jugo de amor e de paz; fiel e casta

se case em Jesus Cristo, e seja imitadora das santas mulheres! Seja amável para seu marido, como Raquel; boa e prudente como Rebeca; goze de uma longa vida, e sempre fiel como Sara; que jamais haja em suas ações cousa alguma que venha do autor do pecado! Conserve-se sempre ligada fortemente à fé e aos mandamentos; unida inseparàvelmente a seu único espôso, prive-se de tudo o que é proibido; corrija sua fraqueza natural pela severidade da vida; seja digna de respeito pela sua doce gravidade, venerável pelo seu pudor; seja adornada de doutrinas celestes; obtenha de vós feliz fecundidade; seja sempre inocente e pura, afim de que possa chegar ao repouso dos bem-aventurados e ao reino dos Céus. E que ambos vejam um dia os filhos de seus filhos até à terceira e quarta geração, e cheguem assim a uma venturosa velhice. Nós vo-lo pedimos pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho".

"O Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó seja convosco, e Êle mesmo torne completa a sua bênção em vós, para que vejais os filhos de vossos filhos em dilatados anos, e depois logreis a vida eterna, sem fim; ajudando-vos nosso Senhor Jesus Cristo, que com o Padre e o Espírito Santo vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amém".

Que elevação e que beleza! Com razão observa Chateaubriand, que "nos antigos o himeneu era uma cerimônia de escândalos e folias, que não ensinava nenhum dos graves pensamentos suscitados pelo ca-

samento, e que só o Cristianismo lhe restabeleceu a dignidade". Sob a ação desta bênção do Altíssimo e da graça Sacramental, poderia ser impossível ou difícil a duas almas jovens unidas por mútuo amor, levantarem os olhares para o Céu e dizerem a Deus, num ímpeto de profundo afeto, como o jovem Tobias: *E agora, Senhor, vós sabeis que não é por impulso de vil paixão que me uno hoje em matrimônio, mas unicamente no desejo de procriar e educar filhos que bendigam vosso nome por tôda a eternidade!?* 1)

"Êstes sentimentos tão árduos, tão superiores à simples natureza" (diz o sábio Liberatori), "se elevam sem dificuldade em todo aquele que, ao casar-se é fortificado pela graça do Sacramento, e forma êste sagrado vínculo na casa do Senhor, entre as bênçãos sacerdotais, no meio das expiações e da oferenda de um Sacrifício em que o Filho de Deus se imola por nós, como vítima propiciatória, como o preço superabundante de preciosíssimas graças!

"Ide agora, separai o contrato matrimonial da idéia religiosa! Fazei que êle não passe de um ato natural, quando Deus, quando a Igreja o enobreceram dêste modo, quando o tornaram tão sublime, quasi divino! Que porá o Estado, a sociedade civil, em lugar dêstes auxílios tão eficazes? Ao Sacerdote substituirá um empregado público; à influência da graça, o

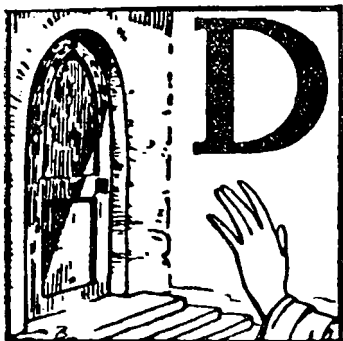
---

1) Tob. VII, 9

fraco prestígio da lei; às orações sagradas, ao augusto Sacrifício da Igreja, um opíparo banquete e alusões equívocas dos convivas. Em lugar do Deus dos Cristãos, tereis o Hímen dos Gentios, em lugar do Filho de Maria o filho de Venus!" Não, não; queremos o Matrimônio-Sacramento. Nele, como diz um grande escritor, e só nele os esposos cristãos vivem, e morrem juntos; juntos criam os frutos de seu consórcio; ao pó se volvem juntos, e juntos revivem além das raias do sepulcro.

CAPÍTULO II

EM QUE SE MOSTRA COM QUE DISPOSIÇÕES SE HÁ DE ABRAÇAR O ESTADO MATRIMONIAL

I

A dignidade sacramental do Matrimônio resulta a necessidade de certas preparações e disposições, sem as quais só se achará no mesmo Matrimônio amargos desgôstos. São as seguintes: — 1.° *Atitude e propensão para êste estado.*

Nem todos são aptos para tôdas as profissões. Há vocações diversas, a que se deve atender. O mesmo São Paulo, que proclama o Matrimônio *um grande Sacramento*, e declara ser esta *aliança em tudo digna de respeito*, e afirma *fazer bem o pai que casa sua filha donzela*, acrescenta logo, que *melhor ainda faz*

o pai que, bem estudada a propensão e vontade da filha, *não a casa.* 1) *Eu, a respeito das virgens,* diz o grande Apóstolo, *não tenho preceito do Senhor* (que as obrigue a ficar solteiras); *mas é um conselho que lhes dou, fundado na doutrina de Cristo a que sou fiel.* E mostra as vantagens da absoluta continência sôbre o Matrimônio:

1. Porque é conselho de Cristo. 2)

2. Porque as virgens estão isentas das contínuas sujeições, cuidados e trabalhos com que andam atribulados os casados. 3)

3. Porque a continência nos desapega dos bens terrenos e caducos, e deixa mais liberdade para o serviço de Deus. 4)

4. Porque a virgindade mantém o nosso corpo em maior lustre de pureza. 5) Do que tudo conclue o Apóstolo, ser o estado de continência muito mais perfeito. 6) Jesus viveu virgem, quís ter sua mãe virgem, amou com predileção a João, o Apóstolo virgem, e declarou que muitos renunciariam ao casamento pelo reino dos Céus. 7)

De fato vemos pela história do Cristianismo que

---

1) I Cor. VII. 38
2) Ibid. 25, 40.
3) Ibid.
4) I Cor. VII 29, 31.
5) Ibid. 34
6) Ibid. 38.
7) Mat. XIX, 12

milhares e milhares de criaturas humanas têm sido elevadas pela ação poderosa da graça do Salvador, acima das fragilidades dos sentidos, vivendo em corpos terrenos uma vida tôda celeste. Verdade é ser isso a exceção; mas a exceção existe. O sacerdócio e a vida religiosa abrem vasto campo às aspirações de muitas almas generosas, que, pelo mais sublime dos sacrifícios, renunciam aos gôzos legítimos da família, para viverem só para Deus e para a humanidade. É um fato que não se pode escurecer.

"Cada dia milhares de criaturas amadas saem dos castelos e das choupanas, dos palácios e das oficinas, para dedicar a Deus seu coração, sua alma, seu corpo virginal, sua ternura, sua vida... É a flor do gênero humano ainda ornada com a gota do orvalho que só refletiu o raio do sol nascente, e que nenhum pó terrestre ainda maculou.

"Em tôdas essas nobres noivas de Deus aparece o que quer que seja de intrépido que é acima de seu sexo. É o próprio da vida religiosa transfigurar assim a natureza humana, dando à alma o que lhe faltaria na vida ordinária; inspira ela a uma jovem virgem não sei que de viril que a rouba a tôdas as fraquezas da natureza... e faz dela, quando é necessário, uma heroína... mas uma heroína meiga, branda, surgindo dos abismos da humildade, da obediência e do amor, para atingir ao que há mais potente na humana coragem... O sacrifício que as crucifica é a

resposta do amor humano ao amor de um Deus que se crucificou por nós". 1)

Por tanto, no plano da Providência, nem todos têm de casar-se. É, pois, mister refletir e ponderar bem primeiro, diante de Deus, ver qual é o estado a que Êle nos chama, dispostos a seguir o aceno divino para onde quer que nos aponte.

"Examine cada qual, diz um sábio autor, os talentos, inclinações, compleição, fôrças e razões para um ou outro estado, e pondere bem tôdas as cousas segundo Deus. Tudo bem considerado, se lhe parece sentir uma certa aversão a algum estado, é de supor que não seja a êle chamado; sentindo-se inclinar para outro, com paz interior, com grande confiança em Deus, com alegria de conciência, pode escolher êste, sempre tendo em mira a maior glória de Deus e a sua própria salvação. Nem importa que não seja êste estado o mais perfeito, porque o estado mais perfeito não convém a todos. A muitos convém dizer com Lot, fugindo às chamas de Sodoma: *Eu não posso salvar-me no monte, aqui está uma cidadezinha, salvar-me-ei nela.*"

As chamas de Sodoma são as concupiscências do mundo, segundo São Gregório; o monte alto, claro, ameníssimo é a pureza da continência; a cidadezinha de abrigo é o casamento. Quem não pode subir àquelas alturas, fique-se com o comum dos homens, cá pe-

---

1) Montalembert. Les Moines d'occident.

la planície, dentro dos muros protetores daquela abençoada cidadezinha.

Êste exame é de máxima conseqüência, pois nada mais desgraçado do que atirar-se alguém cega e temeráriamente a um estado a que se não sente propenso. É então que o casamento se torna, como diz São Basílio, *uma oficina de dores.*

Grande crime cometem os pais que obrigam suas filhas e filhos a casar ou não a casar. Torcer e violentar uma vocação é matar uma alma. É atirá-la a um abismo de desgraças e comprometer sua eterna salvação.

II

II.º Boa escolha. Escolher com diligente cuidado a pessoa a quem se tem de unir. *Boa espôsa boa fortuna,* diz a Escritura: *Pars bona mulier bona.* 1) O acêrto em tal escolha é tanto mais importante, quanto se trata da salvação de tôda a família. Porque, como diz um sábio intérprete citado por Alapide, o entrar em casa mulher boa é sinal certo de *predestinação para marido e filhos, pelo que Deus a dá aos predestinados.* Convém, pois em assunto de tal monta, obrar com circunspeção, e regular-se pelos Conselhos da eterna Sabedoria.

1. Diz o Gênesis, que Deus deu a Adão mulher

---

1) Ecle. XXVI, 3.

semelhante a si *Adjutorium simili sibi*, 1) semelhante não só na natureza, senão também na condição, para que saibam os que querem casar-se que só devem escolher pessoa que lhes seja igual; sendo a disparidade das idades, condições, e fortunas manancial fecundo de desordens e desavenças nas famílias.

Velhice e mocidade fazem de ordinário bem triste união, para não dizer, lamentável contraste. Marido fidalgo dificilmente se dará com mulher plebéa; e não há quasi rica herdeira que não esmague, a cada passo, sob o pêso de sua superioridade metálica, o infeliz que caiu em esposá-la, ou antes em esposar a fortuna dela. Também muitos e gravíssimos danos costumam resultar de casamento feitos com disparidade de cultos. Em suma, mui difícil é que com qualidades e condições disparatadas se logre formar um venturoso consórcio. Ferro só se liga com ferro, e não com prata e ouro. E quando se tenta esta amálgama contra natureza aparecem logo divisões e fendas. Assim os casamentos desiguais são cheios de dissenções e discórdias, diz um sábio.

2. Depois, *não olhes só para a formosura, e não desejes para espôsa uma jovem só pela sua beleza. 1)* É outro oráculo da Escritura? O que é a beleza? Flor que desabrocha pela manhã e à tarde já está murcha.

Enganosa é a graça e vã a formosura, a mulher

---

1) Gen. 2. 18.
2) Ele. XXV, 28.

temente a Deus essa é que merece louvor, diz ainda a Escritura. 1) Comprareis um relógio só porque o vêdes de bonito lavor por fora? A primeira cousa é saber se regula. Da mesma forma, na pessoa com quem vos quereis unir para sempre, não haveis de considerar só o donaire e garbo exterior, senão, e muito principalmente, os dotes do espírito e do coração.

Que religião tem? que educação? que juizo? que gênio? que modéstia? que hábitos de retiro e de trabalho? Isto é o que se deve examinar maiormente e levar muito em conta, o mais é acessório. De que vos serve ter em casa uma Venus de Milo, mas tôda luxos, tôda dissipações, tôda vaidades, tôda caprichos, tôda nervos; espinhadas, insolente, rixosa, janeleira, ciumenta, inepta, preguiçosa, incapaz de governar casa e de educar filhos? De que serve, por caridade, uma mulher dêste jaez? Aquele frescor de mocidade e de beleza ir-se-á dentro em pouco: Doenças, partos, trabalhos (não falando do ultraje dos anos) conseguirá logo desbotar e demolir tudo aquilo. E o que é que vos ficará? Ficar-vos-á uma mulher má para atormentar-vos tôda a vossa vida. Ora, diz o Livro Sagrado, que é melhor ir ao deserto habitar com feras, do que ter em casa uma mulher rixosa e má. 2)

Tenhamos, pois, por muito bem assentada esta doutrina, que antes noiva menos gentil, mas cheia de

1) Prov. XXXI, 30.
2) Prov. XXI. 19.

virtudes, do que uma que seja um sol de formosura, mas de coração mal formado.

Compreendeu isso muitíssimo bem o Imperador Teófilo. Vendo-o sua mãe Eufrasia chegado a idade de tomar estado, chamou-o em particular, e, com porte de mãe e de Imperatriz, isto é, amoroso e ao mesmo tempo cheio de majestade lhe disse: — "Filho meu, chegado é o tempo de dar um sucessor ao Império e um herdeiro aos teus Estados. Tôdas as mais belas donzelas do Oriente mandei-as chamar a Constantinopla, e se reunirão num salão dêste paço. Recomenda-te a Deus para escolheres bem; e sabe que de maior pêso é esta eleição, que ter sôbre os ombros o Império todo."

O jovem Teófilo respondeu: — "Minha sempre respeitosa mãe, as senhoras se conhecem melhor entre si, do que as posso conhecer eu; e pois tão extremado desejo do meu bem reconheço em vós, rogo-vos me deis uma instrução sôbre assunto que me é de todo estranho."

— "Muito de boa mente o farei. Eis um papel com os nomes, sobrenomes, vida e costumes, de tôdas as jovens que se reunirão; quando o tiveres muito ponderado, aquí tens um pomo de ouro todo cravado de pedras preciosas, para dares àquela que for eleita por ti, em sinal do teu amor".

Leu e releu o jovem, e quasi aprendeu de cór, tôda aquela instrução, e vindo o dia aprazado para a feminil reunião, ao entrar e ao passear na sala, ao in-

. . . é uma união moral, santificada pela Religião. . .
pág. 9

terrogar ora uma, ora outra daquelas jovens, muitas lhe agradavam grandemente aos olhos, pela beleza, pela vivacidade, pelo trato, fazendo cada qual por pôr em mostra naquele mercado o formoso e bom que tinha.

Encontrou-se afinal Teófilo com Teodora. Esta jovem vinha na informação com a nota da mais sisuda, modesta e bem educada de tôdas. Combateram um pouco os olhos com o entendimento; o entendimento a queria por espôsa, mas os olhos iam-se para outra. Depois de longa luta entre o sentido e a razão, aproximando-se Teófilo de Teodora, disse-lhe:

— "Se se houvera de esposar o corpo só, perderíeis minhas núpcias em comparação com alguma outra; mas como o Matrimônio liga em santo nó também as almas, e a vossa sôbre tôdas as outras merece o diadema, Teodora, vós sereis minha e eu serei vosso". E isto dizendo apresentou-lhe o pomo de ouro.

O que diriam outras, principalmente as que esgotado haviam caixinhas de arrebiques, deixo-vos a pensar.

Foi esta depois uma das melhores imperatrizes que se assentaram no trono, e serviu ao espôso não só de mulher, senão também de conselheira e de mãe.

Se por estas regras se governou um sábio imperador; se estas regras são dadas pelo Espírito Santo, por elas se regulem todos os mancebos no casar-se; e todos os pais e mães as repitam a seus filhos e filhas

núbeis, para que dêles se possa dizer: *Mulieris bonae beatus vir.* 1)

3. Não escolhas para espôsa uma jovem que com demasiados mimos foi educada na família. Acostumada a ver fazerem-lhe tôdas as vontades e condescenderem com todos os seus caprichos, atordoar-te-á cada dia com suas queixas e lamentações, e, incapaz de qualquer sacrifício, te acabrunhará de exigências, contínuas e insuportáveis. Examina devagar, e estuda com cuidado o caráter e os costumes daquela com quem te queres unir; aprecia tudo com calma, sem paixão; consulta teus pais e outras pessoas pias e prudentes, consulta principalmente a Deus, Pai das luzes, de quem vem todo o dom perfeito, e assim conseguirás fazer excelente escolha.

4. Para abono e segurança de madura reflexão e prudente acêrto nesta escolha, é que se requer nos nubentes certa idade para contrair o Matrimônio. "Ao sair da adolescência, na primeira mocidade, (diz um sábio moralista) tem a parte sensível demasiado império. Ligam-se em afeto sob a influência do sexo e do instinto natural, pelas simpatias orgânicas e de imaginação, mais do que por aprêço exato das pessoas e das cousas. A vontade não é bastante alumiada, e as mais das vezes a sua adesão é resultado de cego impulso e quasi de surprêsa. Por isto os casamentos por êste teor formados são em geral pouco di-

---

1) Veja-se Lezioni sacre, vol. I pág. 57.

tosos. Começam a conhecer-se quando já não se podem separar, e o prestígio da paixão que descora com a posse e gasta-se pelo costume, deixa, caindo, a descoberto vícios, fraquezas, ridículos, velados até alí, ou mesmo transfigurados pela ilusão do coração".

Em verdade que madureza de pensar pode ter uma mocinha de treze anos, uma jovem de quatorze ou quinze, para tratar de negócio de tamanha gravidade, que lhes empenha todo o futuro? Consentir em casamentos precipitados, sob a alucinação passageira da paixão que mais deslumbra e arrasta, e em tão verdes anos, é promover a desgraça dos nubentes e juntamente a da prole que dêles tem de nascer. "Com efeito", como observa um fisiologista nosso, muito distinto, "os indivíduos que devem o ser a pais ainda não chegados ao completo desenvolvimento, são notáveis pela debilidade e languidez que forma o fundo de sua natureza íntima. Frutos arrancados prematuramente da árvore da vida, conservam na côr e no suco, o esverdeado e a acidez da imaturidade. Velhos de vinte anos, arrastam penosamente os curtos dias da existência, e sucumbem à primeira enfermidade, vítimas de uma predisposição mórbida hereditária. A prole ressente-se, assim, da precocidade no exercício de uma função que perturbou e inverteu tôda a marcha do desenvolvimento natural". 1)

5. Pela mesma razão do bem da prole, e por

---

1) Dr. Gama Rosa, Higiene do Casamento, pág. 20 e 21.

outras muitas tiradas da ordem moral e social, devem-se evitar os casamentos entre parentes. Uma constante experiência prova que os frutos dessas uniões consanguíneas, principalmente as dos graus mais próximos, saem alguns de constituição caquetica; outros afetados de surdês, cegueira ou idiotismo, o que se observa melhor naquelas famílias que de longa data conservam o costume de só se casarem entre parentes.

"Vemos, muitas vezes, diz um sábio prelado Francês, essas uniões serem castigadas por desoladora esterilidade, e se por acaso se multiplicam, se repetem a miúdo numa mesma família, têm por efeito ordinário, após várias gerações, o enfraquecimento da constituição física nos filhos, e algumas vezes uma alteração mais deplorável ainda da inteligência e das faculdades morais. É a lei natural que se apresenta aquí perfeitamente acorde com a proibição religiosa; e essa lei, notai-o bem, não é particular e privativa da espécie humana, porém, atinge a todos os seres vivos, em todos os gráus, e em todos os círculos da criação, até mesmo aqueles que possuem uma vida grosseira e vegetativa.

"Segundo as admiráveis disposições do Criador, o rio da vida não deve sempre banhar as mesmas terras; é mister que o seu curso seja a cada passo interrompido para recomeçar de contínuo em novos climas e sob latitudes diferentes. Só por êste modo os seres poderão conservar o seu natural vigor e primiti-

va fôrça: tal é o preceito universal estabelecido por Deus para perpetuação de sua obra.

"Se o mal que combatemos persistir a estender-se mais e mais, se sua ação funesta se exercer durante um longo período de tempo sôbre os mananciais em que a cada instante se renovam as existências, os séculos vindouros recolherão os tristes frutos dêste desvio da ordem, e só contarão em seu seio raças de homens física e moralmente degeneradas".

Tem, pois, a Igreja razão de proibir tais casamentos, e se ela, pela introdução do casamento civil nestes nossos tempos, e pelo relaxamento dos costumes e das mesmas leis civís em matéria de moralidade, se vê obrigada a mitigar o rigor de sua disciplina, e a conceder freqüentes dispensas, isto o faz gemendo, como mãe que se compadece de fraqueza dos filhos, mas sem deixar por isso de manter inviolável o salutar princípio sancionado em sua legislação.

Ela quer que não só a onda da vida se espraie, segundo a lei do Criador, mas que se espraiem as relações sociais, além dos limites estreitos e exclusivos das famílias, promovendo assim o verdadeiro bem dos homens e a prosperidade das nações. Sigam os pais os mesmos conselhos quando tiverem de dar maridos a suas filhas.

I I I

III Reta intenção. Cumpre entrar no estado matrimonial animado de puras e cristãs intenções.

Primeiro que tudo não se procure neste estado o que êle não pode dar. Alguns, com a imaginação seduzida por vago sentimentalismo, ou por sonhos dourados de romancistas e poetas, querem achar no Matrimônio só encantos e felicidades. Pensam que se casam para gozar de tôda a liberdade, e para passar vida deliciosa, neste novo paraiso terreal, em que não há nem trabalho, nem serpentes, nem tentações. Depois, quando se acham face a face com a realidade, tão diversa do que imaginavam, então são as decepções amargas, o queixar-se e o lamentar-se de contínuo; mas de quem a culpa? Quem os mandou acreditar em arroubos poéticos e fantasias românticas? A Igreja certo não os embalou em tais sonhos, e S. Paulo diz bem claro, que os que se casam sofrerão tribulações da carne, isto é, mil trabalhos e consumições que acompanham a vida da família.

O jovem e a jovem cheios de siso e bem aprendidos no Cristianismo, longe de encararem o consórcio como um remanso de sossêgo, de delícias e satisfações, olham-no pelo contrário, como um encargo tão honroso como pesado; como um remédio para moderar o excessivo ardor das paixões; como uma sociedade de mútuos socorros nas penalidades da vida; como um ginásio onde se exercitam deveres difíceis, virtudes não comuns; como um meio severo de aperfeiçoar caracteres, quebrar-lhes o ângulos, torná-los pacientes e amoráveis; como escada íngreme, porém bastante clara e segura por onde se pode su-

bir ao Céu; enfim como o manancial da vida, donde têm de sair novas criaturas, que depois de serem a honra da pátria, a glória da Igreja, irão lá em cima ocupar tronos na glória imortal do Criador.

Porém negociar o Matrimônio, fazer dêle uma tôrpe especulação comercial, um meio como outro qualquer, de grangear fazenda e cabedais; casar-se, ou fazer casar só em vista do dinheiro, e dominado da infrene cobiça, é querer mesmo atrair sôbre tão tristes alianças a maldição do Céu.

"Procuremos todos uma só cousa, diz S. João Crisóstomo, a virtude, um bom natural, afim de gozar da paz, de provar as delícias duma concórdia e afeição perpétuas. Esposar mulher rica, é tomar uma soberana em vez de uma mulher. Já de si têm as mulheres bastante vaidade, bastante pendor a brilhar; se lhes sobrevem o contrapeso de que falo, como poderiam aturá-las os maridos? Pelo contrário, quem recebe mulher de sua condição ou mais pobre que êle, toma uma auxiliar; e é verdadeiramente a felicidade que mete dentro de casa. O vexame que causa à esposa sua pobreza, inspira-lhe tôda sorte de cuidados e atenções para o marido, a obediência, uma submissão perfeita, e suprime tôdas as causas de disputas, de rixas, de extravagâncias, de rebelião, une os dois esposos na paz, na concórdia, na ternura, na harmonia. Não é portanto o dinheiro que havemos de procurar, senão a paz, se queremos achar felicidade. O casamento não é feito para encher vossa casa de

lutas e combates, mas para vos procurar um adjutório, para vos abrir um pôrto, um asilo, para vos consolar na aflição, para que acheis agrado nas conversações de vossa mulher; quantos ricos não se têm visto, opulentados ainda mais pelos dotes das mulheres, mas privados, de um só lance e para sempre, da paz e da ventura, por um casamento que lhes transtornava a mesa em arena, em teatros de contendas diárias! Quantos pobres, pelo contrário, não temos visto, unidos a mulheres ainda mais pobres, que gozam paz e são ditosos na vida; enquanto mais de um rico, no seio da fartura, almeja pela morte, para ver-se livre de sua mulher e só suspira por depor o fardo de tal vida! tanto é verdade que de nada serve o dinheiro, quando falta companhia virtuosa!...

"Consideremos bem tudo isto, e em vez de procurar a fortuna, procuremos a virtude, a honra, a modéstia. Mulher modesta, virtuosa e cheia de siso, ainda sem fortuna, tirará melhor partido da pobreza, do que outras da riqueza: pelo contrário, mulher educada com mimos, intemperante, enfadadiça, achasse embora em casa milhares de tesouros, logo os terá dissipado com a velocidade do vento, e arrojará o marido em inumeráveis males, além da ruina. Não é, portanto, opulência que devemos procurar, mas sim mulher que saiba bem empregar os recursos da família...

"O único motivo que vos deve levar ao Matrimônio, é a resolução de fugir ao pecado, de escapar

a tôda deshonestidade; todo o casamento deve tender a êste fim, ajudar-vos a ser puros. Ora, assim será, se esposardes mulheres capazes de inspirar-vos muita piedade, muito recato, muita sabedoria. Com efeito, a beleza do corpo, quando não tem a virtude por companheira, pode bem reter um marido vinte ou trinta dias; mas depois perde o seu império, deixa ver os vícios que a princípio ocultava; e desde então desvanece-se todo o encanto. Pelo contrário, aquelas em que reluz a beleza d'alma, nada tem que temer da fugida do tempo, que lhes ministra cada dia novas ocasiões de descobrir suas belas qualidades; o amor de seus esposos torna-se mais ardente, e os liames que os unem mais fortes. Neste estado de cousas, e diante do obstáculo dêste ardente e legítimo afeto, todo amor impúdico é repudiado para bem longe; nem siquer idéia de incontinência entrará no marido ligado à sua espôsa pelo amor; até o final persevera-lhe fiel, e assim pela castidade chama sôbre sua casa a benevolência e a proteção divina. Eis as uniões que formavam nossos justos dos antigos tempos, mais atentos à virtude que à fortuna". 1)

Citarei aquí o edificante exemplo de um pai de família, que, bem avisado, não se prestou a fazer do casamento da filha um ignóbil negócio. Era um velho sertanejo que a calamidade da seca fizera descer para o litoral; caráter franco, reto, cheio de fé cató-

1) Hom. sôbre o Matrimônio, vol. IV das obras completa.

lica e de nobre valentia, como o geral da nossa gente do centro. Estava ao desamparo, pobríssimo e carregado de numerosa família.

Desta fazia parte uma filha, já moça, dotada de beleza não comum. Passava o velho pai pela rua mais comercial de uma de nossas capitais, quando o chama certo negociante proprietário de uma loja de joias.

— "Chamei-o," disse, "para pedir-lhe me dê sua filha em casamento".

— Quer o Sr. zombar de meus cabelos brancos, e de minha pobreza? perguntou o velho indignado.

— Não é zombaria, é um projeto sério. Ví-a e desejo-a por espôsa. Sou estrangeiro, muito rico; não sou católico. Posso fazer a felicidade dela e de sua família".

— "Não duvidarei dar-lhe minha filha, mas, pois que diz que não é católico, então terá de aceitar as condições que lhe forem impostas, para que minha filha não sofra em sua fé".

— "Isso não", responde o negociante, "eu que lhe trago a fortuna, é que imporei as minhas condições. A primeira é, que ela não porá pé na Igreja".

— "Pois, Sr. meu, estas grandezas que estou vendo, êste mundo de ouro e de pedrarias que estão reluzindo a meus olhos, para mim são terra, um pouco brilhante, é verdade, mas não passam de terra. Calco tudo isto aos pés. Não negocío com meu sangue.

Não vendo a minha conciência de pai. Guarde sua fortuna; eu guardarei minha filha".

Oxalá que tão nobre procedimento seja imitado por todos os pais, e que, nos projetos de casamento, se bem se atenda a justas afeições e a interesses legítimos, tudo se faça com intuitos generosos e com as mais puras intenções!

IV

IV.º Vida bem regulada. — Preparação excelente para um bom casamento é uma vida pura e virtuosa. Uma boa mulher é tesouro tão precioso, que só a dá Deus aos que o temem, em recompensa de suas boas ações. É da Escritura. *Boa mulher, boa fortuna,* diz o Sábio. E logo ajunta: *Deus dá em quinhão aos que o temem, como prêmio e coroa da boa vida e regulares costumes do espôso.* A oração e as boas obras abrem caminho à felicidade.

Vem narrado no *Prado espiritual,* o caso de um cavalheiro, que logrou venturoso consórcio pela esperança que colocara em Deus, boa vida e esmolas dadas aos pobres. Eis como êle mesmo o conta: "Eu fui filho de um homem ilustríssimo na glória do mundo. E êste meu pai era muito inclinado a fazer esmolas, e com larga mão as distribuia aos pobres. Eis que um dia me chamou, e me disse.

— Meu filho, que vos será mais grato, e estima-

reis mais? que eu vos deixe todo êsse dinheiro, que como vêdes é muito; ou vos deixe a Cristo por vosso tutor?

Eu, como me contentavam muito as boas ações que meu pai fazia, respondí, que antes queria a Cristo do que todo o dinheiro que meu pai me queria deixar; porque estas riquezas passam, hoje são, e amanhã não são; mas Cristo eternamente é. O que meu pai ouvindo, foi dando então mais livremente, e com mais larga mão aos pobres de tal maneira que, quando morreu, pouco tinha que me deixar.

"Eu então, vendo-me pobre, procedia mais humilde, pondo minha esperança em Cristo, a quem êle me deixara por tutor.

"Havia na cidade outro cidadão muito rico, e da primeira nobreza, cuja mulher era fiel em Cristo e temente a Deus, e tinham uma filha única. A mulher cuidando na filha, disse ao marido:

— "Senhor, nós temos só esta filha, e Deus nos deu tantos bens, que ela para casar não há mister mais. Se a casarmos com algum homem dêstes mais nobres e ricos, que não seja de bons costumes, podem-na tratar mal; busquemos-lhe antes um homem humilde e temente a Deus, que a ame e viva com ela como Deus quer."

Disse então o marido:

— "Parece-me muito bem, Senhora, o que dissestes, ide logo à Igreja, e orai a Deus com todo o

afeto de vosso coração, e aí vos assentai um pouco, e o primeiro homem que entrar entendei que é o espôso que Deus manda para nossa filha.

"Fez a mulher pontualmente (continua o mancebo) o que o marido lhe disse; e orando ela e sentando-se, eu fui o primeiro que entrei. Foi a mulher para casa, e mandou logo um criado que me chamasse, e começou a perguntar donde era:

Eu lhe disse:

— "Sou desta cidade, filho de fulano". Disse-me ela então:

— "Daquele esmoler?" Eu lhe disse:

— "Assim é, dêsse esmoler sou filho". Então me disse:

— "Senhor, sois casado?" — "Respondí que não, e lhe contei o que meu pai me dissera. Ela então glorificando a Deus disse:

— "Advertí que o vosso bom Tutor vos há mandado mulher e riquezas para que de tudo useis com temor de Deus".

"E me deu sua filha e suas riquezas; e eu agora peço a Deus me conserve fiel até a morte, para que vá pelo caminho por onde meu pai foi".

Assim se dispusessem todos ao casamento como êste jovem! Ah! vós admirais, diz um orador sagrado, que sejam poucos os matrimônios felizes; e eu admiro e pasmo que não sejam ainda em menor nú-

mero! Que vida fazem os jovens, por amor de Deus? que vida como aparelho e preparação ao casamento?

E que vida fazem muitas donzelas antes de tomar estado? E vai enumerando em largas páginas: desobediências contínuas aos pais; desprêzo de seus conselhos; insolentes transgressões de suas ordens; agastamentos e queixas pelas mínimas repreensões; nenhum sentimento de piedade; galanteios indecorosos; profanação de Igrejas; escândalos nas ruas; rixas; rivalidades; tanta perda de tempo, de fazenda, de reputação; superstições e sortilégios; familiaridades indiscretas entre os noivos, durante largos anos, passados a esperar melhor emprêgo; finalmente, entre muitas outras dissoluções, algumas vezes a deshonra daquela mesma que vai ser recebida diante dos altares!... em suma, pecados e mais pecados, ofensas e mais ofensas de Deus, eis o que se manda ao Céu, antes do casamento, em vez de orações e boas obras. E é assim que êste jovem poderá merecer de Deus boa esposa, e esta donzela um excelente marido?

"Entendam bem as mães e as jovens esta importantíssima verdade", conclue o orador que citamos; "o meio de obter um espôso, de boas, de excelentes qualidades, não é a imodéstia, o estar todo dia à janela, nem os olhares livres na Igreja e fora da Igreja, nem o rir em face a qualquer, nem vestidos indecentemente decotados, nem galanteios indiscretos. Não se chega a tomar bem um Sacramento por meio

de escândalos e pecados. *O bom marido,* como a boa mulher, *Deus o dará pelas boas obras*".

Estas são, pois, uma disposição necessária para obter um feliz consórcio.

V

V. Enfim, estado de graça. — A razão é, porque o Matrimônio é Sacramento de *vivos,* isto é, um Sacramento instituído para aumentar a graça santificante; mas não para produzí-la de novo, depois de extinta na alma; portanto para recebê-lo com fruto, é mister ter já a mesma graça; sem o que se comete um horroroso sacrilégio.

É preciso, pois, aparelhar-se a êste ato solene por meio de uma boa confissão, e fervorosa comunhão; que nada é mais eficaz para atrair sôbre os nubentes as bênçãos e graças que hão mister.

Em resumo· *antes de casar-vos, examinai bem vossa vocação;* fazei uma boa escolha; *purificai bem vossa intenção;* preparai-vos com muitas orações e boas obras; e entrai, com a graça de Deus, no estado conjugal, que sereis certamente venturosos.

CAPÍTULO III

EM QUE SE COMEÇA A DECLARAR QUAIS OS DEVERES DOS CASADOS, E PRIMEIRAMENTE OS DO MARIDO PARA SUA ESPOSA.

I

UPONHAMOS um jovem par que a impulso dêstes motivos elevados, e animado destas boas disposições, contraiu uma aliança aprovada dos pais, e que enche de alegria e de esperanças tôda a sua família.

As festas do noivado passarão sem dissipações mundanas, sem dansas lúbricas, sem nenhum dêsses excessos que maculam as bôdas pagãs.

Resolveram os noivos ter ninho próprio e vivenda à parte, o que é em verdade o mais prudente alvitre.

Não diremos que seus dias serão tecidos de fios de ouro, e que uma felicidade completa bafejará sua nova existência. Os poetas e romancistas têm licença para lhes fazer estas promessas exageradas, que a realidade não se encarrega de cumprir. Mais modestos, porém mais seguros, serão nossos votos. Nós diremos, que, se êles tiverem o verdadeiro espírito cristão; que, se êles cumprirem religiosamente os deveres de seu novo estado, terão, sim, cuidados, e muitos cuidados, trabalhos, tribulações, e muitas tribulações, como diz S. Paulo e é condição inevitável desta vida mortal; mas também *terão aquelas alegrias e consolações que acompanham as conciências puras;* aquele ânimo e confôrto que dão as imortais esperanças; aquela suave resignação que dulcifica todos os sacrifícios.

Não há céu sem nuvens, não há rosas sem espinhos, não há mares tão bonançosos em que soprem sempre brisas galernas. A vida humana tem também seus vaivens e alternativas, o berço toca ao túmulo, e os risos estão bem perto das lágrimas. É inútil forgicar, para divertimento da imaginação, cópias contrafeitas da felicidade. A única possível, a única real, é aquela de que o cristianismo criou o tipo sublime, e que consiste na aceitação resignada e amorosa do sacrifício.

Os nossos dois consortes não são favorecidos dos bens da fortuna, e nem sentem grandes desejos de possuí-los, contentam-se de grangear o seu pão

com trabalho honrado, e acham que êsse pão, abençoado de Deus, tem mais sabor que exquisitas iguarias.

Vive o marido quasi todos os dias ausente de casa, no lidar de seus negócios; mas o sentido, mas o cuidado, mas a alma tôda lá lhe ficam naquele bendito remanso de seu lar. É a enseada quieta onde o baixel de sua vida está ao abrigo dos ventos e das tempestades. Para alí volta sempre como quem vai matar longas saudades. Acha os carinhos, acha os desvêlos da esposa, acha o interior doméstico em ordem perfeita, e o trabalho que ela adianta para ajudá-lo na sustentação da família.

Vivem em paz, porque se desculpam mutuamente. O marido corrige a mulher com autoridade temperada de amor; a mulher corrige o marido com aquele mimo e delicadeza que seu bom coração lhe inspira. Têm tristezas, mas a religião lhas dissipa. A oração, os Sacramentos, as boas leituras, são para êles o verdadeiro rei da dor, o bálsamo preparado e eficacíssimo para as feridas de coração mais dolorosas.

Com os filhos dobram os trabalhos, mas também cada um dêles estreita cada vez mais o laço que liga os pais. *São recebidos êstes anjinhos como presentes do céu;* e cada um que chega é sempre benvindo, pois sabem que a Providência, que estende seus cuidados até os filhos das avezinhas, não os deixará sem sustento. Não é nesta casa que se terá "o receio

indigno e às vezes infame, de ter muitos filhos". Em uma palavra, dados os devidos descontos de pequenas dissenções, de doenças, de perdas de entes queridos, e outros amargos acidentes que podem atravessar a vida, esta decorrer-se-á relativamente ditosa, sob aquele teto abençoado, graças à influência do espírito cristão.

Os que vivem e se casam sem Religião, fundam esperanças de viver sempre unidos e felizes só naquele amor imperfeito, apaixonado, sensual, caprichoso, inconstante, que se desbota logo, e perde o poético encanto na sociedade da posse e no realismo da vida; desflora-se e murcha depois da primeira quadra tôda risos; espécie de primavera que passa ligeira, e não volta mais, no giro túrbido das existências mundanas.

Pelo contrário, os que vivem e se casam com Religião, animados do verdadeiro espírito do Cristianismo, sabem muito bem que a bela concórdia e harmonia de dois corações, de duas almas imortais, se cimenta na virtude, no cumprimento exato do dever, na observância da eterna ordem que Deus mesmo estabeleceu na família, e que só assim cimentadas podem essa união e concórdia resistir aos embates do tempo, e às alternativas e mudanças das cousas e dos homens.

I I

É a família um concêrto; ora, num concêrto, o belo, o harmonioso, resulta de fazer cada qual bem a sua parte. É comparação graciosa de S. Agostinho. Notai, diz discretamente o santo Doutor, como num côro de músicos, diversíssimas sortes de instrumentos e vozes tocam e cantam, com variedade de sons agudos, graves, médios; e sem embargo fazem todos juntos maravilhosa consonância. Porque? porque cada um executa bem a parte que lhe toca. O baixo não sobe ao agudo, nem o agudo desce ao médio, e todos vão de concêrto. Execute cada qual em casa a sua parte; mande quem pode, obedeça quem deve; e logo, diz S. Agostinho, a casa está em harmonia; que não é esta outra cousa mais que *a ordenada concórdia* do mandar e do obedecer.

Por isso, é de suma importância para a paz e ventura doméstica, o saber cada um bem o seu papel, a sua posição, os seus direitos e deveres, no seio da família tomando por luz que guie seus passos, não as máximas falsas do mundo, mas os documentos e ditames da sabedoria de Deus nas Escrituras sagradas, maiormente em S. Paulo, que formulou de um modo admirável a *lei constituinte* da família.

Eis aquí, segundo o grande Apóstolo, o que deve ser o marido para com sua esposa:

O marido, diz êle, *é cabeça da mulher*, isto é, seu chefe, e seu superior, o princípio que a governa

e dirige com suave império, e a quem ela obedece com amorosa sujeição. Não é um chefe tirânico, um superior despótico, o senhor de uma escrava, não; seu domínio, sua superioridade sôbre a mulher, é como o da cabeça sôbre o corpo, brando, influindo vigor, cheio de benevolência; ou antes é como o domínio e a autoridade que tem Jesus Cristo sôbre a sua Igreja.

O marido é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça *da Igreja*, diz São Paulo. 1)

Esta palavra quebrou os ferros da escravidão em que gemia a mulher nos tempos do paganismo. Como já dissera o Apóstolo: Trate o marido a mulher, como Jesus tratou a sua Igreja; nesta altura vá tomar a norma e o exemplar de seu procedimento. Pois que! Foi Cristo um tirano? e maltratou jamais a Igreja?

Considerou-a como vil escrava? De nenhum modo. Como sua espôsa a tratou, e com tamanho extremado amor, e com tão generosa dedicação, que deu a vida por ela. Pois seja a autoridade do marido como a de Cristo; eficaz, firme, justa, mas temperada de amor, e a respirar benevolência.

Por isso acrescenta o Apóstolo: *Maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a sua Igreja, e se sacrificou por ela, para santificá-la, purificando-a no banho da água pelo verbo da vida; para*

---

1) Efes. V, 23.

assim apresentá-la diante de si tôda brilhante de glória, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, mas santa e imaculada. 1) Parece que tinha em vista o Apóstolo aqueles que das fraquezas e imperfeições das mulheres tiram motivo ou pretêsto para desculpar a dureza de deshumanidade com que as tratam. Ó maridos! contemplai, diz S. Paulo, em que estado se achava a Igreja quando Jesus Cristo a escolheu e desposou, e com que caridade, paciência, constância, não só a não desprezou pelas suas manchas, senão que as lavou com seu precioso sangue. Com quanto maior razão devem os maridos tolerar os senões, manchas e enfermidade de suas consortes, e, se puderem, também curá-las. 2)

III

Mas S. Paulo, ainda não satisfeito, usa de outra comparação, para dilucidar mais seu pensamento. Os maridos, diz êle, *devem amar suas mulheres como a seus próprios corpos.* "Vêde, observa egregiamente um orador, vêde com que suavidade, e, por assim dizer, com que política de amor, a alma se faz obedecer do corpo. Por exemplo, quer a alma que se vá à casa, e manda ao pé que se mova para aquela parte. Quer a alma saber alguma cousa, e

---

1) Efes. V. 27.
2) Vid. Tirini, comm. in hunc locum.

manda ao ouvido que escute, e ao ôlho que veja. Mas notai que não deixa ao pé, ao ouvido, ao olho tôda a fadiga da ação; também ela concorre com a cabeça a tôdas as operações, e vê com o ôlho, e ouve com o ouvido, e caminha com o pé. E se o ôlho de débil não pode ver, se o pé, de cansado não pode caminhar, nunca a ouvireis dizer: maldito ôlho, maldito pé... (e outras imprecações semelhantes), antes dêle se compadece, vigora-o, ajuda-o".

Tal há de ser o govêrno de amor a que os maridos sujeitarão suas mulheres. *Ninguém tem ódio a seu próprio corpo*, diz mais o Apóstolo. Portanto, como a alma não odeia o seu corpo, não se pode conceber como possa um marido odiar e maltratar sua mulher, que *é sua própria carne*, e outro êle. 1)

E assim como a alma, por ser princípio dirigente e ativo, *nutre e anima o corpo*, e cuida com sumo desvêlo e vigilância em provê-lo de alimentos, de vestuário, de morada, de todo o necessário; da mesma forma, desvele-se o marido com sumo empenho em satisfazer as justas exigências de sua espôsa; de modo que nada necessário lhe falte, suprindo a tudo nos limites de suas posses. Por isso, trabalhe com diligência para que sua mulher passe satisfeita; e vele pelo bem dela, como pelo seu próprio. O marido desleixado, preguiçoso, perdulário, ou avaro, torna infeliz a sua espôsa, e acarreta para

---

1) Vid. P. Cattaneo, Opere, Tom. I

casa mil desgôstos, desordens, escândalos e vergonhas.

Outra semelhança: a alma, uma vez unida por Deus ao corpo, não o abandona até à morte. "Juntos nascem, como diz Vieira, juntos crescem, juntos vivem, juntos caminham, juntos param, juntos trabalham, juntos descansam, de dia e de noite, dormindo e velando; em todo o tempo, em tôda idade, em tôda fortuna; sempre amigos, sempre companheiros, sempre abraçados, sempre unidos. "Esposou", digamos assim, a alma o seu corpo, e jamais emigrará para outro. Do mesmo modo, devem os maridos ficar fiéis às suas espôsas até à morte, guardando-lhes a fé, jurada em face dos altares. Lembrem-se que não as receberam das mãos de Deus, sob o véu do pudor, para abandoná-las depois por outras mulheres. Quaisquer que sejam as vicissitudes da vida, na saúde como na doença, nos dias das alegrias como no dia das lágrimas, na próspera como na adversa fortuna, um marido extremoso fará à sua cara consorte, ao *dimidium animae suae*, fiel e constante companheira. O amor dos esposos cristãos é capaz desta constância porque é puro. Não se mancha com excessos. Não transgride os limites marcados pelo recato e pela continência. Os esposos cristãos sabem que nem tudo lhes é permitido, e respeitam a santidade do tálamo e a honra do Sacramento. Ora bem; êsse amor assim casto, rijamente temperado na pureza e na mortificação cristãs, que

o impedem de degenerar em mole sensualismo, resiste a tudo, sobrevive a tudo, e é capaz dos mais heróicos sacrifícios.

É memorável um caso que referem as histórias. Domingos Cataluso, varão nobre e de alto emprêgo, amava sua mulher, e com tanto primor, e com tanta fineza, e com tais extremos, e tão cristãmente a amava, que sendo ela atacada de lepra, e parecendo mais um cadáver que um corpo vivo, êle, nem pelo horror que inspirava à vista a mísera esposa, nem pelo perigo do contágio, nem pelo nauseante odor que das pústulas exalava, lhe proibiu jamais a mesa e o leito. Porque o amor conjugal disfarçava tudo e achava até prazer em tratar com ela; considerando-a segundo a palavra de Deus, como sua própria carne.

O que não pode a fé conjugal, unida a um amor fundado na divina caridade! 1)

IV

Citemos ainda uma palavra de ouro de S. Paulo: *Maridos, amai as vossas mulheres, e não lhes sejais amargos.* 2) Amargos, com efeito, nas palavras e no trato são alguns maridos. Repreendem com aspereza; censuram acremente os defeitos das mulheres; lançam-lhe de contínuo em rosto as faltas;

1) Hortus pastorum, pág. 542.
2) Coloss. III, 19.

tocam até no melindre do nascimento, nos pais delas, no diminuto dote que trouxeram, em sua falta de beleza; o que tudo são bocados amargosos que êles lhes dão a devorar; donde redundam muitas perturbações na família.

Ó maridos! ouví S. Paulo: *Amai vossas mulheres, como Jesus Cristo amou a sua Igreja, e não sejais amargos para com elas!*

Entrai em vossas casas com vulto sempre sereno, e com um doce sorriso nos lábios.

S. Bernardo, ao entrar na Igreja, dizia: "Cuidados, ficai aquí que eu já volto..." Dizei o mesmo ao entrar no santuário de vosso lar: "Enfados, tristezas, trabalhos, embaraços de negócios, ficai-vos aquí fora, que eu logo volto". E aparecei à vossa esposa, à vossa família, como o sol, irradiando sôbre todos luz, alegria, confôrto.

Oh! não imiteis aqueles que são melífluos, cheios de afagos e agrados só com as pessoas de fora; que ainda diante das visitas, mostram ótimo semblante aos de casa; mas, logo que elas volvem as espaldas, fecham o rosto, e continuam enfadados, cheios de azedume, insuportáveis. Lembrai-vos que essa querida companheira, que êsses entes estremecidos vivem convosco, vivem da vossa mesma vida, dentro do estreito recinto da mesma casa; e que tudo o que êles podem gozar de paz, de contentamento, de serena felicidade, vem principalmente de vós, que sois o centro e a alma desta pequena tribu.

Vossa tristeza e aborrecimento estendem-se, como uma nuvem negra, sôbre todos; vossa afabilidade e alegria faz palpitar jubilosos aqueles corações.

Mostrai-vos, pois, com todos amável e afetuoso; são écos, são reflexos vossos, são porções de vossa alma. Espalhai a ventura em tôrno de vós; tereis em compensação olhares a vos afagarem, rostos amigos a vos sorrirem, mãos a se estenderem para vós; achar-vos-eis, enfim, rodeados dessa doce e calma atmosfera de afetos, "dêsse quer-que-seja de cordial, que não se extingue jamais, que se renova sempre".

V

Dai à vossa espôsa provas de maior confiança. Deixai-lhe todo o regime da casa, assim como a direção de certos serviços; e ponde à sua disposição os fundos necessários, para que faça ela mesma as despesas. Esta confiança muito a penhorará, e a interessará vivamente no bom andamento dos negócios da família.

Consultai-a nos casos mais graves.

A mulher cristã tem intuições sublimes, e certo tato instintivo que raras vezes a engana.

Trabalhai para assegurar e aumentar os recursos de vossa casa. O ócio seria o sorvedouro de vossa honra e de vossa dignidade. Vagar pelas ruas e pelos sítios, sem um emprêgo, sem uma ocupação

honesta, esperdiçar o tempo precioso, que é mais que dinheiro, que é valor inapreciável, pois com êle adquirimos os méritos e virtudes que asseguram os eternos destinos de nossas almas, é mais que um êrro, é um crime, maiormente para quem tem a grave responsabilidade de uma casa. Evitai, pois, a ociosidade, e evitareis o jôgo a crápula e os demais vícios que ela engendra. Trabalhai sempre corajosos e dignos. Pobres, mas cheios de honra.

O chefe de família que joga e se embriaga, abre um abismo profundo em que afoga na vergonha e nas lágrimas a felicidade da mulher, a felicidade dos filhos, e a sua própria felicidade.

Desgraçado! antes não tivesse êle nascido! antes houvesse do berço sido transladado ao túmulo, como diz Job, do que trair vergonhosamente sua missão sagrada, e arrojar êle próprio na lama dos opróbrios a brilhante coroa de sua realeza doméstica.

Vivei honrado e só para vossa família. Poucas familiaridades fora, intimidades nenhumas. Aprazei-vos no grêmio dela. Em outra parte tereis horas vertiginosas, febrís, cheias de sobressalto; aquí vossa vida se escoará plácida, quasi monótona, mas solidamente feliz. Não é a onda inútil que cai atormentada de rochedo em rochedo; é a veia fecunda e cristalina, que se desliza em meandros pelo prado.

"Para apreciar todo o encanto da existência", diz um elegante escritor, "não nos é mister, como aos

mundanos, uma sucessão perpétua de sensações mais ou menos fortes. Nós parecemo-nos com aqueles peregrinos da Arábia Feliz que caminham devagar e ao acaso, sem ver outra cousa que o mesmo céu, os mesmos astros, a mesma terra; sem sentir outras necessidades senão as da véspera; sem desejar outros prazeres mais que ir, olhar gozar da natureza e de si mesmos. Uma trovoada lhes faria mêdo...; um eclipse de sol lhes tornaria pouco seguro o andar; um fenômeno de luz ofusca-los-ia e faria perder o brilho. Gostam do que têm; com um nada se enfeitam; existem a pouquíssimo custo, porque existem. Vão assim mansamente até o têrmo da viagem: neste caso estamos nós.

"Que uniformidade em nossos dias! que paz em nossos corações! O que carecemos? Ver-nos. O que nos encanta? Nossas pequenas palestras, nossas risonhas simpatias, nossos projetos comuns; êste enlace de nossas almas, de nossos votos, de nossos pensamentos, êste viver contente, que o mundo não conhece mais, porque esquece de viver; esta satisfação de nós, que não é amor próprio e soberba, mas sim reconhecimento pelos benefícios de Deus, que nos fez bons, meigos, simples de coração, indiferentes a tudo o que não é a verdadeira felicidade. Eis todavia, como vamos passando o tempo, como nossos dias vão uns após outros, sem deixar mais rasto que as ondas após as ondas, as flores após as flores.

"E quando o Criador de tôdas as cousas nos dis-

ser: *"Vinde a mim,"* iremos a êle sem temor, sem desconfiança... continuaremos a beber na pura fonte do amor, encheremos a eternidade com a ventura que já começamos a saborear no tempo."

VI

Terminemos repousando o olhar num delicioso quadro, traçado por mão-de-mestre. Representa o interior doméstico de um insigne literato de nossos dias, que se converteu ao catolicismo.

"O interior doméstico do Sr. Droz oferecia o mais edificante e raro espetáculo. Uma mulher tal como as forma Deus para os eleitos, uma excelente filha, uns meninos e criancinhas feiticeiros de vigor, feiticeiros de caráter, formavam sua numerosa tribu; legião de anjos conduzidos por uma santa.

"Tudo o que alí passava diferia muito do que se vê no ordinário das casas.

Fazer o bem, aliviar os pobres, distribuir as horas do dia em louvores a Deus, em serviços aos homens: eis o que sonham os bons espíritos, eis o que realizam os bons corações.

"Ao entrar neste santuário da virtude, parecia respirar-se o ar do céu. Saía-se daí purificado, aperfeiçoado. Também a gente dizia consigo: voltarei. E voltava contente, mui contente de achar, entre seres tão privilegiados do alto, o repouso, esta saúde da al-

ma que se perde sempre no febril contacto do mundo.

"Depois de longos anos de uma dita que nada alterara, nem interrompera, quís Deus levar para si a casta companheira do meu amigo. Pintar a mágoa do espôso é o que eu não tentarei. Quanto ao Cristão, recebeu êle em cheio no coração êste fundo golpe, não sem gemer, mas sem murmúrio. Afinal a morte, a própria morte não teve poder de o separar do ente querido que o cobrira de felicidade tôda a sua vida. A câmara em que recebera os últimos adeuses dela, ficou tal qual a deixou a boa peregrina chamada para a verdadeira pátria. O leito com suas cortinas abertas, seu acolchoado de seda, sua pia com o raminho, sua palma benta, os simples móveis, a poltrona usada onde costumava sentar-se, tôda essa decoração do santuário conjugal servia de rememorar ao triste aquela que já não existia, mas cuja casta imagem via êle ainda vagar naquele estreito recinto, onde ia todos os dias chorar e orar.

"Oh! dizia-me êle, quanto ainda lhe devo! Quando por contrariedades vindas do exterior se aumenta minha natural tristeza; quando tenho que me queixar de outrem; quando injustiças pesam sôbre meu coração; quando a modo que o espírito de misantropia se vai de mim apoderando, que faço? Entro aquí, prostro-me diante desta estreita cama, cruzo as mãos, e de cabeça inclinada, oro; depois lembro-me das derradeiras palavras, daquela bôca tão pura, e as repito, e

:s de casar-vos, purificai bem vossa intenção.
7

2.

penetro-me das exortações, e encho-me dos maviosos sentimentos de piedade, de caridade e indulgência que então tanto me comoveram.

E quando êste orvalho divino desce ao fundo de minha alma, para fecundar alguns germes de bem e de belo que Deus se dignou aí depor, saio de todo em todo renovado, entro na vida, estendo a mão aos transeuntes; depois contente e aliviado, bendigo mil vezes a angélica criatura, que, até depois de morta, transpassando-me miraculosamente sua alma, me congraçou com o gênero humano."

CAPÍTULO IV

EM QUE SE DECLARAM OS DEVERES DA ESPOSA PARA COM O ESPOSO

I

EJAMOS agora qual a parte que tem de executar a espôsa no concêrto da família.

Fale ainda S. Paulo êsse *mar de sabedoria puríssimo e profundíssimo,* como o chama S. João Crisóstomo, S. Paulo, inspirado de Deus, que melhor nos pode êle só instruir que todos os sábios e filósofos juntos.

As mulheres, diz êle escrevendo aos Efésios, *sejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor.* 1) E aos Colossenses repete: *Mulheres, sede sujeitas aos vossos maridos, como é necessário, no Senhor.* 2)

1) Efês. V. 22.
2) Coloss. III, 18.

E outra vez aos Efésios: *Assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim as mulheres estejam sujeitas a seus maridos em tudo.* 1) E a Tito recomenda as exorte, *segundo a sã doutrina, para que sejam prudentes, castas, sóbrias, cuidadosas de suas casas, benignas, sujeitas a seus maridos, para que não se blasfeme a palavra de Deus.* 2)

Com tão redobradas intimativas impõe S. Paulo êste dever! É que sujeitar-se, é que obedecer, é que quebrar por si, e sempre, e em tudo, parece humilhante e é difícil. Não importa, diz S. Paulo, é necessário, *oportet;* é doutrina sã, *in sana doctrina;* é ordem do Senhor, *in Domino;* assim o exige a honra de sua Religião; *ne blasphemetur verbum Dei*: a mulher sujeita como a Igreja. Sempre o mesmo augusto mistério servindo de tipo ao casamento.

Há sujeição mais amorosa, há obediência mais rendida, há servidão mais gloriosa, que a da Igreja a Jesus Cristo, sua cabeça? Pois tal há de ser a da espôsa para o espôso seu chefe.

O marido representa para ela o Senhor; dedique-se pois ela ao marido com terno respeito, e afetuosa obediência em tudo. *Em tudo,* diz o Apóstolo, para excluir qualquer pretêsto, para cortar todo subterfúgio, para não deixar o mínimo aso a caprichos e rebeldias; em tudo, exceto no que for ofensa de Deus,

---

1) Efés. V. 24.
2) Tit. II, 5.

pois claro está que não tinha em mente S. Paulo subjugar a mulher até o ponto de fazer dela, nas mãos do marido, um vil instrumento de depravações; por isso diz: Sede sujeitas como ao Senhor e no Senhor. Tal é a doutrina de S. Paulo. Tal é o código divino da família regenerada pelo Cristianismo.

"Pelo Matrimônio Cristão sòmente, pondera um grave moralista, se reduz o dever especial da mulher a um só ponto: submissão a seu marido, e submissão a êle só, no que respeita aos deveres do casamento. Ela deu-se a êle, e, salvo o que deve a Deus, só para êle deve viver. Pôs-se em seu poder, deve obedecer-lhe; mas essa obediência não pode ser a de uma escrava, nem de uma criatura sem razão, e só exige que, no caso de dissentimento, siga a mulher o pensar do homem, conforme-se à maneira de ver dêle, e execute sua vontade; pois deve haver unidade na associação, e tôda casa dividida cairá.

"Por isso, não pode a mulher casada contratar civilmente, em quanto está em poder do marido. É menor perante a lei, porque êle é seu chefe natural, e êle é quem a representa no Estado. Assim, deve sempre a lei civil tender a apertar o laço conjugal, se bem respeitando o direito da espôsa; e o regime mais consentâneo à natureza e ao fim do Matrimônio é o da comunidade dos bens. Interesses de família e de fortuna, trazem as vezes condições diferentes; mas é sempre em prejuízo da união moral dos cônjuges. A mulher não é feita para a independência. Em geral,

não a suporta, e quando no estado conjugal ela reserva a sua fortuna e a administração separada de seus bens, é tentação para sacudir a obediência, recusar submissão; e por conseguinte, sair de seu lugar, e faltar aos seus deveres".

II

Trata-se, pois, aquí de uma submissão bem alheia de vergonhosa escravidão ou baixo servilismo. Trata-se de uma generosa renúncia de si, de um nobilíssimo sacrifício ou antes de uma cadeia de nobilíssimos sacrifícios, primor e distintivo dos ânimos mais elevados.

"Sacrificai-vos, espôsas cristãs, clamarei com um orador contemporâneo de alta autoridade; e sirvam-vos de consôlo vossos mesmos sacrifícios. Não disse Cristo Senhor nosso: *É melhor dar que receber?* Dar sem compensação é grande lei do amor; é pundonor e alegria dos sinceros e profundos afetos. Coração fidalgo não procura retôrno. Esquece-se, renuncia-se, prodigaliza-se, em proveito daqueles a quem ama, e seu único prêmio é amar ainda mais.

"Sacrificai, pois vossos gostos àqueles, de quem vos empenhastes com juramento a ser, não só adjutório e sustentáculo, senão também consôlo e alegria. Sacrificai-lhe vossos gôstos simples e modestos, se é mister ornar-vos para agradar-lhe; sacrificai-lhe (o que será mais difícil e meritório) vossos gôstos de

toucador e despesas, se êle julgar, como é seu direito e dever, que um pouco mais, ordem e, economia quadra bem à vossa casa, e um tanto menos luxo à vossa pessoa.

Sacrificai-lhe relações antigas e agradáveis, se não podem elas caber no plano de vossa vida de espôsa e de mãe; sacrificai ainda, em certo modo, salvos vossos sentimentos de filha e de irmã, até os gôzos da casa paterna, que deixastes para aceitar o nome de vosso marido, esposar-lhe os interesses e sustentar-lhe os legítimos direitos. Vossos gôstos, alegria, amizades, relações, prazeres de infância e da mocidade, tudo sacrificareis espôsas cristãs; tudo, exceto vossa conciência e vosso Deus. Ah! se o bárbaro vem dar com os pés no altar em que adorais ao Senhor, se quer entrar à força no íntimo de vossa alma, e banir dela a pureza, a fé, a esperança, o amor de Deus; se tenta aí abafar os sentimentos que vos consolam no meio de suas perseguições; armai-vos de vigor, tomai severo aspecto, resistí, pagai-lhe guerra com guerra... não, engano-me; ainda em tão cruel extremidade é mister amá-lo, e lho dizer". 1) Onde aquí a baixeza? Onde o servilismo? Na amorosa sujeição imposta por Deus à companheira do homem, não a degrada, eleva-a, não a desdoura, honra-a, não lhe tira o prestígio, endeusa-a. Quereis mulheres, o segrêdo de dominardes os corações de vos-

1) Mons. Besson, Les Sacrem. Conf. 28.

sos maridos? Quereis adquirir sôbre êles um império tão suave como irresistível? obedecei-lhes dócil e amorosamente em tudo. Diz-vos que renuncieis a êste passeio? Ficai em casa. Que vos contenteis com os vestidos que tendes? não faleis em comprar novos. Que não freqüenteis tais companhias? interrompei vossas relações. Não só obedecei às suas ordens mas adivinhai-lhes os pensamentos, preveni-lhes os desejos; cingí-vos à sua maneira de ver; nada de vontades próprias, nada de caprichos, nada de despiques, nada de teimas e emperramentos: pela mansidão, pelo carinho, pela amorável submissão ao seu querer, alcançareis sôbre êles tamanho domínio, que, afinal, êles, só vos ordenarão aquilo que vós quiserdes.

De maneira que, ainda prescindindo da ordem de Deus intimada nas sagradas páginas, devieis ser sempre muito obedientes, por cálculo bem combinado, e interesse fino da política, como nota um discreto autor.

De certa jovem que ia casar-se refere o douto Cornélio a Lápide, que perguntara a um ancião mui cotado e de grande siso, como ela devia portar-se. Respondeu o sábio velho: *Se queres mandar sôbre teu marido, obedece-lhe docilmente; que a boa mulher obedecendo domina a marido*. E foi assim que Lívia Augusta, mulher de César, chegou a ser senhora dêste senhor do mundo. A quem lhe perguntava como conseguia governar com tanto império aquele real coração, respondia: *Muita modéstia*

diante do Imperador, como se eu fôra sua serva; e ânimo pronto a fazer tôdas as suas vontades". 1)

Tal era a política daquela pagã astuta e má. Esta obediência interessada não é, porém, a que eu aconselho. Temos no Cristianismo exemplos mais dignos de imitação.

III

Pemití que vos cite aquí o da ínclita espôsa de Clodoveu, Rei de França, uma das mais suaves e radiosas figuras de espôsa cristã que a história nos tem conservado.

Clotilde, filha de Quilpérico, Príncipe de Borgonha, depois de assassinado por um seu tio o pai e a mãe, foi educada na casa do dito tio Ariano, em cabal retiro do mundo. Chegou, todavia, a fama desta Princesa aos ouvidos de Clodoveu Rei da França, que desejoso de tê-la por espôsa, mandou um seu íntimo valido chamado Aureliano, a Borgonha, a ver se os dotes de corpo e de alma de Clotilde correspondiam aos boatos que corriam.

Não pode jamais Aureliano, durante o muito tempo que se demorou em Borgonha, pôr os olhos em Clotilde, quanto mais falar-lhe; com que desenganado, cuidava já em tornar-se para França; quando lhe

---

1) Em. Cataneo, obr. cit.

dizem, que certo dia distribuiria a Princesa com suas mãos esmolas a alguns pobres.

Tomando um trajo de mendigo, pôs-se Aureliano em fila com os outros pobres no páteo interior do palácio, à espera da princesa que passasse para ir à Igreja. Ei-la que aparece. Que sol de formosura! que encantadora majestade, sem fáusto, sem pompa, sem artifícios que de ordinário são reparos, não ornatos, do rosto. Aureliano com os olhos cravados nela e a mão estendida, aguardava a esmola.

Clotilde ao notar-lhe o ar gentil e cheio de garbo, debaixo daqueles andrajos, cuidou que talvez fosse algum fidalgo caído em miséria, e deu-lhe mais liberal esmola que aos demais pobres, e Aureliano, ao receber a quantia, apertou-lhe a mão e lha beijou. Nisto, retraiu-se ela com majestade misturada de insenção, e perguntando-lhe -- de que país, de que condição fosse, teve em resposta, que era francês de nação, mercê de Deus; mas que, por um acidente em serviço de seu Rei, estava reduzido àquela mendicidade. Seguiram-se assim em pé outras interrogações e respostas, com tal sabedoria, decôro e modéstia de Clotilde, que Aureliano dando de tudo depois conta a El-Rei, dizia, que não acreditava houvesse em todo o mundo donzela que com Clotilde corresse parelhas em beleza e cortezia. Pelo que, superados quantos obstáculos se opunham àquele consórcio a quís Clodoveu por espôsa, e a obteve.

Fez-se o primeiro encontro de Clotilde com Clo-

doveu em Soissons. A Rainha espôsa, logo ao avistar seu marido, ajoelhou-se diante dêle; protestando, que entrava nos paços de França como serva humilde a tôdas as vontades dEl-Rei; conforme à qual promessa se houve sempre, de tal arte, que em tôda a côrte não havia donzela mais obediente.

Em certo caso particular, mandou-lhe um dia Clodoveu dizer, que fizesse como entendesse; ao que respondeu Clotilde por êste admirável recado: "Senhor, saberá Vossa Majestade que eu deixei tôda a minha vontade em Borgonha, no castelo de meu tio; em França não tenho outra senão a de Vossa Majestade".

Por estas e outras costumava Clodoveu dizer com muita graça: "Casei-me com uma mulher de ótima memória, agudíssimo entendimento, mas sem vontade!"

Pouco depois das núpcias, chegou a El-Rei ocasião de empreender uma perigosa guerra. Enquanto se faziam os aprestos militares, deu-se Clotilde com particular assiduidade à oração, a recomendar ao Altíssimo o bom sucesso das armas. Informado El-Rei das extraordinárias orações de sua consorte Clotilde, interrompia muitas vezes as consultas de guerra, e corria de mansinho no oratório da Rainha, onde a via de ordinário, ou humildemente ajoelhada, ou inteiramente prostrada no pavimento em ato reverentíssimo ao Deus das vitórias, e olhando-a com olhar amoroso e compadecido, volvia ao conselho, dizen-

do: "A minha Rainha já está em campanha, e combate deveras. Certo, se alcanço vitória, quero tomar uma resolução que lhe será de grande gôsto."

De fato, entrado em campanha, esteve em próximo risco de perder o exército, a fama das armas e a vida; mas por um milagre tendo coadunado as tropas, feito frente ao inimigo, e saido vitorioso, à Rainha, que, com o Bispo S. Remígio, lhe veiu ao encontro, para dar-lhe os emboras da inesperada vitória, disse El-Rei todo jubiloso: "Ora sús!! Clodoveu venceu a seus inimigos, e vós, Clotilde, vencestes a Clodoveu. Muito há que me pregais a lei cristã, e ma pregais mais de obras, de que de palavras. Dora em diante serei cristão. Prometí-vos renunciar ao paganismo; aquí estou para cumprir minha palavra."

Dito e feito. E daí proveiu aquele grande bem que depois se viu de tantas Igrejas ou edificadas ou restauradas; de tantos povos ou convertidos, ou reformados; de tantas provincias acrescentadas à Religião; de tantas virgens consagradas a Deus; de tantas almas introduzidas no Céu: tudo efeito e fruto de uma constante, humilde e prudente subordinação que mostrou a Rainha S. Clotilde a seu real espôso, bem que pagão. 1)

Assim apesar da plena e inteira igualdade que reina entre os esposos quanto aos direitos do matrimônio, a mulher é e deve ser subordinada ao marido.

Tal é a posição que lhe convém. Seu organis-

1) Obr. cit.

mo mais fraco, sua razão menos firme, estão indicando que a natureza, não a destinou para a direção suprema da família e dos negócios; e nisto precisamente se funda, segundo S. Pedro, o dever que tem o marido de protegê-la e respeitá-la: *Vós ó maridos, vivei prudentemente com as vossas mulheres, tratando-as com honra e discrição, como sexo mais fraco, e considerando, que elas são convosco herdeiras da graça que dá vida, para que vivendo na pureza e castidade conjugal, não se ache em vós impedimento algum para a oração e para os outros exercícios da Religião. 1)* Assim procedendo, chegam as mulheres a exercer na família um verdadeiro apostolado. Quantas, como Sta. Clotilde, têm reconduzido aos trilhos da Religião e da virtude os corações transviados de seus maridos! Por isso, exortava o mesmo São Pedro as mulheres Cristãs a ganharem para o Evangelho os maridos pagãos. E como? Ouví: *As mulheres sejam obedientes a seus maridos, para que aqueles que não crêm na Religião, só por êste procedimento, sem precisar prédica, sejam ganhados para Deus. 2)* Que prédica, em verdade, mais eloqüente, mais persuasiva e mais eficaz do que o espetáculo das virtudes de uma espôsa cristã, aplicada constantemente ao dever, só respirando amor e brandura, humilde, dedicada, caridosa, desentranhando-se em sacrifícios, e vivendo só para fazer a felicidade do espôso e da família?

---

1) I Petr. III, 7.
2) Ibid. 1.

CAPÍTULO V

DO AMOR CONJUGAL E DOS VÁRIOS MODOS PORQUE SE MANIFESTA

I

MOR verdadeiro, segundo Deus, amor paciente, casto, puro, continente, resguardado pelo pudor mais inviolável; amor dedicado até a morte, eis qual deve ser o daqueles que se uniram para suportarem juntos os encargos da família. Por êle se torna leve o pêso e suave o jugo do Matrimônio; por êle se adoçam os atritos da familiar convivência, como o óleo suaviza o movimento das rodas de um maquinismo, ou o volver da porta sôbre seus gonzos. Sem o amor, tudo range, tudo se desconjunta, tudo

se dissolve, tudo perece na família, de que é a mola real e o princípio motor.

Êste amor se manifesta por muitos modos diferentes que vamos agora declarar com mais individuação.

1. Quem ama evita tudo o que pode desagradar e ofender a pessoa amada, procura e põe por obra quanto sabe que lhe é grato. Trate-se, pois, cada um de remover o que houver, porventura, de repreensível no seu procedimento, de áspero no seu gênio, de desagradável em suas maneiras, de desalinhado no seu trajo. Êste último ponto merece particular ponderação. Há em muitas senhoras casadas certa tendência para o desasseio e desalinho, que lhes é muitíssimo funesta. Antes do casamento se ornavam convenientemente, davam o necessário cuidado aos cabelos; o que São Paulo acha lícito, pois a natureza os dá, à mulher, diz o Apóstolo, como um decoroso ornato e um véu de compostura: 1) mas depois do casamento, afetam para todo o seu arranjo exterior uma indiferença completa; tornam-se repugnantes à fôrça de se negligenciarem, e sob pretêsto de intimidade ou de serviço, nenhum esfôrço fazem para aparecerem sempre de um modo agradável, ornado e decente aos olhos de seus maridos.

Enfeitam-se para visitas, para o mundo; para

---

1) Cor. XI, 15.

os maridos, não só não se enfeitam, senão que parecem caprichar em lhes ser desagradáveis. Ajunte-se ao desalinho e pouca empêza, agastamentos freqüentes, modos secos, falta absoluta de carinho; e admirem-se depois, que o infeliz vá, em má hora, buscar a outra parte o que não encontra no seu recinto doméstico.

Transladarei aquí, como confirmação, o parecer de uma senhora respeitável: "Um trajar asseado e de bom gôsto, diz ela, é distintivo de mulher de boa criação, e a simplicidade dos vestidos não exclue nem o bom nem o belo. Se aconselho muito as mulheres que gostam demasiado do toucador a moderarem tal inclinação, exorto as que se desleixam a fazerem tudo por conservar um bom parecer. Grande falta comete a mulher cujo trajo e asseio não são irrepreensíveis. Extremada limpeza deve constantemente reinar em todos os seus ornatos e pessoa... Enfim a mulher educada procurará sempre causar boa impressão, mesmo ao primeiro aspecto, por seu decoroso porte, asseio, bom gôsto e boa ordem de seu vestuário. Em tôdas as idades, em tôdas as condições da vida, cumpre que ela possa de repente apresentar-se a estranhos sem ficar enleiada por sua negligência. Há nada mais ridículo do que uma mulher que deita fugir quando dá com uma visita? Obraria ela mal em capacitar-se, que é menos desagradável ao marido que aos de fora; se quer conservar a afeição

dêle, deve de contínuo preocupar-se de lhe agradar, e fazer de modo que nunca lhe cause vergonha". 1)

Em suma, procurem os casados em tudo se comprazerem, e cada um se esforce, quanto é possível, em tornar-se para com o outro amável, obsequioso; de maneira que o céu da família não se anuvie jamais, e vivam todos, quanto é possível, satisfeitos, na alegria, sem ofensa nem dissabor algum.

2. Quem ama nunca desabona o objeto amado, antes sempre dêle fala com honra, encobre-lhe cuidadosamente os defeitos, e procura que todos o tenham em grande estimação.

Não é prudente, nem conforme ao amor conjugal, andar a mulher a assoalhar por tôda a parte as baldas do marido, queixando-se de ser êle turbulento, suspeitoso, ciumento, ébrio, pródigo, etc. Tão pouco convém ao marido espalhar iguais boatos quanto a sua mulher. Ainda que assim fôra para que dizê-lo a quem nem remédio, nem conselho pode dar?

Muitas vezes, se comunicam estas cousas a pessoas que parecem ouví-las com compaixão; mas depois rompem em vitupérios, ou tecem com isso fábulas para excitar a zombaria. 2)

---

1) M. Millet — Robinet, Economie domest., pág.11 e 12.
2) Hortus Pastorum, Tract. VIII.

II

3. Por mais unidos que sejam dois corações, há sempre infinitos pontos por onde não se tocam. Por tanto, é preciso muita paciência, muita tolerância entre casados. Quem se põe em jornada no inverno ou verão, já conta com a lama ou com poeira; quem empreende arriscada travessia, expõe-se por isso mesmo ao balanço das ondas e a qualquer rajada de vento que possa sobrevir.

Assim, quem se casa já há de ir preparado a sofrer muitos trabalhos e contradições; e é esta uma excelente receita para conservar a paciência, porque, como diz um grande doutor da Igreja, *os golpes previstos ferem menos*, e o mal com que contamos já está meio vencido.

Um grave autor, escrevendo um livro sôbre o martírio diz que o casamento é um, pelas mil consumições que consigo acarreta, antes, diz êle, tenho por certo, de muitos mártires que veneramos sôbre os altares terem sofrido muito menos, do que sofrem muitos casados e casadas. *Terão tribulações,* diz São Paulo, *terão tribulações*. Quando aquele felicíssimo e castíssimo consórcio de Maria e de José as teve, e tamanhas, como foram crueis suspeitas e desconfianças, pensamentos de divórcio, mágoa da perda do menino Jesus, e tantas outras, quanto mais agora o casamento dos pecadores?

Portanto, quem se casa abrace-se logo, com a sua cruz, e quando vier qualquer sofrimento, vá dizendo: Eu já sabia. Para isto é que me casei.

E fique em sossêgo, paciente, resignado, possuindo sua alma na paz .

Evitem-se com todo o cuidado entre casados altercações vergonhosas, polémicas ásperas, palavras descorteses ou de desprêzo; antes tratem-se sempre com suma atenção, respeito, polidez e carinho. *Que todo azedume, cólera, indignação, rixa, maledicência, e tôda malícia seja banida dentre vós*, diz S. Paulo; e ainda: *Seja tôda palavra boa, útil, edificante, própria a dar a graça aos que a escutam. 1)*

Quanto a pancadas e maus tratos, são cousas tão repugnantes entre cristãos, que escusado achamos condená-las aquí. Quando a mulher estiver irada ou agastadiça, aplaque-a o marido com palavras mansas e bons modos; e a mulher melhor amaciará a cólera do marido com discreto silêncio e suave paciência, do que com empinados despeitos e grosserias.

Antes quebrar por si e ter a paz, do que sustentar vãos caprichos, que metem a desordem na família. O segrêdo de manterem-se os casados em santa concórdia e constante harmonia é suportarem um ao outro os seus defeitos, não apurando agravos, antes relevando muita cousa e, calando, quando a prudência manda calar.

---

1) Efés. IV, 31, 29.

A ira é, muitas vezes uma faisca; mas diz o sábio: *Se soprais a faisca, sairá dela um fogo ardente; se cuspís em cima, se apagará; e a bôca é que faz uma e outra cousa;* 1) assim a língua acende ou abafa as contendas. Se não lhes pondes côbro, a faisca torna-se logo brasa, a brasa labareda, a labareda incêndio. As palavras vão se precipitando, como levadas de engenho em se lhe abrindo a corrediça. Guardar, pois, silêncio é o melhor alvitre.

Os que acharam êste segrêdo vivem contentes e em paz no seu estado. Referem os autores, a êste propósito, o caso gracioso de uma coitada, que se foi queixar mui magoada ao seu Padre espiritual dos desabrimentos do marido. "Logo que me entra em casa, disse, é uma tormenta desfeita de impropérios e de injúrias; renovam-se todos os dias estas cenas violentas, com grandes clamores, que atordoam e escandalizam a vizinhança.

Ando consumida, já me é insuportável a vida; dizei-me, Padre, o que devo fazer em tão angustiosa situação?"

O Padre, depois de ouví-la com tôda paciência, foi buscar um frasco de água e lho entregou dizendo: "Esta água fará o milagre. Tôdas as vezes que teu marido entrar colérico, e começar a maltratar-te de palavras, toma um pouco desta água na bôca, e aí a

---

1) Ecl. XXXVIII, 14.

conservarás até que êle se tenha calado. Verás que a água que te dou tem singular virtude".

Fez a mulher exatamente como lhe dissera o Padre, e observou que depois que tomou a água na bôca, a ira do marido como que se amainou mais depressa. No dia seguinte, mesmo proceder, mesmo resultado. As cóleras do marido foram-se tornando cada vez menos duradouras e menos freqüentes, até que enfim cessaram de todo, e reinou a paz no pobre casal.

Foi a mulher ao Padre, tôda jubilosa, agradecer o portentoso efeito daquela água.

"A água, mulher, só teve uma virtude, e não pequena", respondeu o Padre: "foi a de fazer-te calar; pois em quanto a tinhas na bôca, não podias proferir palavra. A êste silêncio, e só a êle, deves o benefício da paz e concórdia que logras com teu marido." Se quando um se agastasse, o outro se calasse, nunca haveria dissenções nas famílias.

III

Mas não é só com o marido, ou com a mulher que se há de ter amorosa paciência. *Quem ama a Beltrão, ama o seu cão*, diz o nosso provérbio popular. Outras cruzes há, mui dolorosas, que se hão de aceitar, como prova de verdadeiro amor.

Entre aquí um orador Italiano que toca em to-

dos êstes pormenores práticos com muita graça e natural: "Nas vidas dos Pintores, escritas por Vasari, diz êle, lê-se êste curioso, acontecimento: Em certa casa fidalga, havia um lindo cão, amoroso, afagador, obediente a ponto que parecia dotado de razão. Sucede que aos mesmos donos mimoseiam com outro cão, de pêlo tão bem malhado que parecia um tigre, mas tigre, também êle, amoroso e manso como um cordeiro. O cão antigo da casa, ao vêr êste novo hóspede, que fazia mais avantajada figura que êle, começou a olhá-lo raivoso, e a ladrar-lhe; e não passou meia hora, que cairam um sôbre o outro a morderem-se. Tôda carícia que se fazia, todo bocado que se dava ao cão novo, era pomo de discórdia, porque de súbito se arrojavam um sôbre o outro como para se devorarem. Foi mister separá-los enviando um para o campo, e ficando o outro na cidade. O cão novo é que foi retido na cidade, e tanto caiu em graças aos donos, que o fizeram pintar ao entrar da porta, em ato de acometer quem se apresentava para entrar; pelo que o representaram de corpo empinado, o pescoço hirto, bôca aberta, em disposição de morder; e estava tão própria, que não só parecia estar a gente vendo-o mas ouvindo-o, ladrar. Terminada a pintura, alguns dias depois, não sei por que acidente, morreu o pobre animal. Os senhores, crendo que com a morte de um estava acabada a inimizade, mandaram vir do campo o antigo cão, o qual, logo ao entrar em casa, vendo o seu adversário pintado na porta, e jul-

gando-o vivo, arrojou-se com todo o ímpeto a mordê-lo, que deixou os dentes na parede, e tal foi o tombo que levou, que rompeu o cérebro, e expirou aos pés do rival.

"Esta não é só história, senão também pintura do que já vos direi. Uma jovem espôsa, conduzida à casa do marido, tem os seus primeiros encontros com a sogra: eis duas rivais. A sogra é antiga de casa, provecta na idade, senhora bem versada no govêrno da família, respeitada até alí dos filhos e domésticos."

"Vem uma jovem sem experiência de govêrno, sem prática de casa, recolhida quasi sempre num colégio debaixo dos olhos da mestra, ou da mãe, e apenas põe o pé em casa, já ela se olha como o sol nascente. Todos os afetos hão de ser para ela, para ela todos os obséquios. Começa sempre a ouvir-se o distintivo sempre odioso de velha e de moça. Todos êstes são encontros de sua natureza dolorosos, aptos a engendrar muitos trabalhos, quando uma e outra parte não procurem muito de pensado, por motivos altos e superiores, pôr-se de acôrdo.

"E primeiramente devem as noras ter as sogras em conta das mães, (como Rut considerava Noemi). O cardeal S. Pedro Damião, em uma carta escrita a Henrique, Duque de Áustria, ensina esta bela doutrina: "Marido e mulher" diz o Santo, "em razão civil e moral são considerados como uma só cousa; logo a mãe do marido *ipso facto*, torna-se mãe da mulher.

E as mesmas bênçãos prometidas de Deus a quem honra os pais, são conferidas às noras que honram suas sogras; porque estas são moralmente suas mães, e as maldições divinas fulminadas contra os filhos desobedientes, ameaçam igualmente as noras pouco respeitosas, para com as sogras. Esta verdade devem entendê-la bem as noras e ponderar: Tratava eu assim com minha mãe, contradizendo-a em tudo, obrando por despeito, tornando-a odiosa aos de casa, evitando-a, murmurando e levantando contendas? E se devo ter a sogra como mãe que despeito é o meu?"

"Recordem-se, depois disso, as sogras, que também elas foram espôsas e jovens; e por isso, tenham um pouco de compaixão para aquela idade, que elas passaram, sabe Deus com que obediência. Não sejam tão molestas, litigiosas, suspeitosas, tenazes em sua autoridade; não tenham tanto mêdo de serem postas para um canto, como se costuma dizer; mas às noras, máxime se são jovens de bom juizo, deixem uma parte do govêrno da casa, certa intendência nas cousas miúdas. Em suma, para não entrar num cerrado de espinhosos trabalhos, deve uma parte e outra desculpar-se, contemporizar e acomodar-se."

Procedendo por êste modo, mostra uma jovem espôsa o amor verdadeiro que tem a seu marido. A paciência é como a mirra, que embalsama e conserva o amor, e o manifesta pelo seu perfume. Lembrem-se os que vivem juntos, que a arte de conservar a paz, não é tanto procurar agradarem uns aos outros, quan-

to sofrerem-se mutuamente. "Porque", diz Bernardes, "o agradar eu ao próximo, depende também dêle, e o sofrê-lo depende só de mim; e não diz o provérbio: Quando um quer dois são amigos; senão: Quando um não quer dois não baralham. Por inculpável que seja o meu procedimento, posso não contentar ao meu próximo; mas, por intratável que seja meu próximo, bem posso eu sofrê-lo. Por isso, ensinando-nos o Apóstolo um excelente meio para cumprirmos a lei de Cristo, que é tôda caridade, tôda amor, não diz que uns fizessemos a vontade aos outros; senão: *que uns suportassem a carga dos outros*". *1)*

Não mostra os finos quilates do amor quem corresponde a obséquios e carícias; senão quem, sendo injuriado ou maltratado, se conserva de ânimo sofrido, quieto e suavemente resignado.

IV

4. Manifesta-se ainda o amor dos casados com se exortarem mutuamente à prática das boas obras e da virtude, segundo o seu estado.

Ao marido, como o mais autorizado, incumbe particularmente a obrigação de aconselhar sua mulher de advertí-la com todo o amor, de animá-la a

---

1) Gal. VIII. 2) Luz e calor pág. 218.

emendar-se, e a progredir nos caminhos do bem; e o mesmo deve fazer a mulher, com tôda a discrição e prudência, em relação ao marido.

Admoesta Jacó e ordena que todos os ídolos sejam lançados fora da família; Raquel obedece logo com reverência. Abigail teve por marido um homem estólido, áspero, dado a embriaguez, e que muito perturbava a paz da família; ela, porém, conservou-se sempre mansa, prudente, e em tempo oportuno o repreendia. E quando vinha Daví de espada em punho à frente de suas tropas, para vingar a afronta que do marido dela havia recebido, saiu-lhe Abigail ao encontro, e tanto fez que o obrigou a embainhar a espada, e a perdoar ao triste Nabal; do que muito a louva o Espírito Santo na Escritura. Não brilhou, porém, menos sua prudência, quando, voltando a casa, e achando o marido ébrio não lhe disse palavra sôbre o sucedido; mas, ao romper do dia, tendo já êle cozido o vinho, lhe mostrou tudo com palavras tão eficazes que o coração do infeliz lhe ficou como morto dentro do peito e êle entalado e confuso, sem poder proferir palavra. Exemplo da maneira branda e prudente com que devem as mulheres advertir e aconselhar os maridos; e da fôrça que Deus dá às palavras delas para convertê-los e melhorá-los.

5. Devem, finalmente, prestar-se mútuo auxílio, alívio e proteção, nos trabalhos e adversidades; medindo os extremos e finezas do amor pela grandeza dos infortúnios.

Pois se a simples amizade não está sujeita às alternativas do tempo nem às vicissitudes da fortuna, pois *ama em todo o tempo, quem é verdadeiro amigo,* como diz o Sábio, quanto mais o amor aprimorado e a santa dedicação que reina entre dois entes que Deus mesmo uniu? Esta união os torna participantes das penas e alegrias um do outro. São dois viajores que se associam para minorarem os incômodos da jornada. Juntos deixam o teto hospitaleiro, juntos atravessam os desertos, juntos pousam nos oásis, juntos suportam os importunos aguaceiros, os sóis ardentes, e a inclemência das estradas, e juntos chegam, depois de muitos descontos tristes, e de alegres surprêsas, depois de muitos trabalhos e consolações, ao suspirado têrmo da viagem.

Esta união dos casados descreveu-a Tertuliano com primoroso estilo: "Como, diz êle, pintarei eu a ventura de uma união contraida sob os auspícios da Igreja, confirmada pela oferenda do augusto Sacrifício, revestida da bênção do Sacerdote; de um casamento anunciado pelos Anjos e confirmado no Céu? Dois Cristãos ligaram-se sob um mesmo jugo; ambos têm as mesmas esperanças, os mesmos votos, os mesmos deveres. São um para o outro irmão e irmã, ajudando-se mutuamente na união do mesmo espírito e da mesma carne. São deveras dois numa só carne e num só espírito.

"Oram juntos, juntos prostram-se com a face

em terra, jejuam juntos, instruem-se, animam-se, confortam-se mutuamente.

"Estão juntos na casa de Deus, assistem um ao lado do outro ao banquete de Jesus Cristo, partilham em comum nas privações, como nos desassossêgos e nas alegrias. Nada têm oculto entre si; não se fogem, nem são pesados um ao outro. Visitam os enfêrmos em tôda a liberdade; socorrem aos pobres; dão esmola sem constrangimento; assistem ao Santo Sacrifício sem temor; entregam-se sem obstáculos aos exercícios diários da piedade, e sem se esconderem, fazem em suas frontes o sinal da Cruz."

Tal é a união dos casados, e assim se mantem ela e se avigora entre os embates e dificuldades da vida.

CAPÍTULO VI

EM QUE SE MOSTRAM ALGUNS EXEMPLOS DE ESPOSOS VIRTUOSOS

I

NÃO é mister mendigar nos anais impuros dos povos pagãos um ou outro exemplo extraordinário de dedicação e fidelidade conjugal, comemorado pelos historiadores e decantado pelos poetas. As Andrómacas, as Penélopes, as Eponinas, as Alcestes, ficam bem desbotadas quando as pomos em paralelo com as nossas heroínas bíblicas e cristãs. Todavia as leis bárbaras do paganismo conservaram a mulher em tal estado de envilecimento, em tal abatimento e opressão, considerando-a como uma escrava, uma cousa, uma propriedade de homem, de que

êle podia usar e abusar, que é assim mesmo um consôlo encontrarmos, nos séculos heróicos, nas idades de mais ásperos e, simples costumes, êsses exemplos enternecedores de união e afeto conjugal, como protestos levantados pela natureza contra os injustos caprichos dos homens.

Só onde brilhou a luz do cristianismo é que vemos a feliz harmonia da lei divina com as exigências do coração. Só aí as virtudes puras, singelas, heróicas que enfloram e embalsamam o recinto do lar, se tornaram fatos comezinhos, vulgares, e a condição normal da nova civilização.

Já desde a aurora dêste grande sol, desde os tempos dos Patriarcas, e da lei mosáica, apesar da dureza de coração do povo Hebreu, vemos destacarem-se admiráveis caracteres, modelos aprimorados de virtudes conjugais.

Sara, mulher do Patriarca Abraão, é um dêsses tipos da espôsa fiel e dedicada. Se é preciso deixar a pátria e os parentes, e seguir com o marido para longínqua terra de Canan, e desta para o Egito, ela não trepida. Hábil no govêrno de sua casa, aparelha o repasto dos hóspedes, e não lhes aparece por modéstia. Tempera com a caridade a severidade de que foi preciso usar com a escrava revel. Obediente, e realçando a formosura com nobre simplicidade, é apresentada por S. Pedro como o exemplar das espôsas, nas seguintes palavras:"*Não ponhais o vosso ornato em vos enfeitar exteriormente pela encrespadu-*

ra de vossos cabelos, pelos adornos de ouro e beleza dos vestidos; mas em adornar o homem invisível escondido no coração, pela pureza incorruptível de um espírito cheio de mansidão e de paz, o que é um rico e magnífico adôrno aos olhos de Deus. E na verdade desta maneira, em outro tempo, as santas mulheres que esperavam em Deus, se adornavam sendo sujeitas a seus maridos; como fazia Sara, que obedecia a Abraão chamando-o seu Senhor. 1) Com que lágrimas de saudade não pranteou o velho Patriarca a morte desta querida companheira! Comprou de propósito umas terras em Hebron, sepultou-a sob a lapa de um rochedo que nelas havia, e aí depois que morreu, quís também repousar junto dela. 2)

Pelos cuidado de Abraão obtem Isaac seu filho, uma espôsa digna e virtuosa *"Põe tua mão sôbre minha coxa"* diz Abraão a seu fiel servo Eliezer, *"e jura-me pelo Senhor Deus do céu e da terra, que não tomarás nenhuma filha dos cananeus para espôsa de meu filho, mas que irás ao país onde estão meus parentes, afim de aí tomar uma mulher para meu filho Isaac"*. E o velho servo, desempenhando religiosamente a comissão, trouxe da Mesopotâmia a formosa Rebeca, filha de Batuel, donzela engraçadíssima e cheia de pureza, que ao encontrar-se com Isaac, se cobre com um véu, para mostrar sua modéstia, sub-

---

1) I Petr. III, 3-6.
2) Ge. XXV. 10.

missão e profundo respeito; e diz a Escritura, que a afeição que Isaac por ela teve foi tamanha, que lhe mitigou a mágoa com que o ferira a morte da mãe. 1)

Que direi de Jacó, que ao cabo de quatorze anos de serviços ao sogro Labão, alcança enfim a mão de sua querida Raquel, que lhe paga êste sacrifício dedicando-se a êle até o último suspiro? Depois de sua morte, erigiu-lhe Jacó um mausoléu, que existia ainda no tempo de Moisés. 2) Há nestas antigas alianças um perfume de pureza e de simplicidade, que encanta. Nada em Homero se compara, em graça singela e primitiva, com o idílio de Rut e seus desposórios com Booz. A humilde Moabita, a noiva púdica e ingênua, ouve da bôca do varão venerando estas meigas palavras: *Abençôe-te o Senhor, filha minha; esta bondade que agora me testemunhas sobrepuja a primeira, pois, sendo jovem, como és, não quiseste procurar jovens, pobres ou ricos... Tôda a cidade sabe que és uma mulher de virtude.* 3) Dêste ditoso casal, nasceu Obed, avô de Daví, de cuja bendita estirpe brotou a flor de Jessé, nosso Senhor Jesus Cristo! Rut, que tinha dito a Noemi: *Vosso povo será meu povo, vosso Deus será meu Deus,* e a acompanhou com a mais sublime abnegação, recebe agora como

---

1) Gen. XXIV, 3 e seg.
2) Gen. XXXV, 20.
3) Rut. III, 10.

prêmio do amor filial, a coroa desta augusta maternidade.

O velho Tobias, cego, acha em Ana uma espôsa desvelada, que lhe remediava a pobreza com o trabalho de suas mãos. Um dia, além do salário que ela percebia como tecedeira, trouxe para casa um cabrito que lhe tinham dado em gratificação. O santo velho, ao ouvir o trêmulo balido do animal, entrou a cismar não o tivesse a mulher apanhado estando tresmalhado, e a advertiu dizendo: *Não vá ser furtado êste cabrito! restitue-o a quem pertence, que não nos é lícito comer, nem tocar o que foi furtado*. Em vez de admirar a probidade do espôso, e explicar-se com moderação, Ana agastada do trabalho e afrontada da suspeita, prorrompe em ásperas recriminações. Tobias sofre-lhe com paciência os despropósitos, e continua a votar-lhe a mesma terna afeição. E quando Ana se lastimava da demora de seu caro filho, dizia-lhe Tobias: *Não choreis, vosso filho há de chegar em boa saúde ao têrmo de sua viagem; voltar-nos -á cheio de vida, e tereis a ventura de o ver com os vossos olhos.* 1)

A heróica Judite conservou até o fim da vida o luto do marido. Dotada de uma deslumbrante beleza, aclamada por sua nação, vivia modestamente recolhida com suas servas em um sótão de sua casa, jejuando todos os dias, até que faleceu cheia de anos e

---

1) Tob. II.

virtudes, e foi enterrada junto do espôso em Betúlia. 1) Lembrar Susana é lembrar o tipo da espôsa extremosa, que antes quer sujeitar-se à morte, do que violar a fidelidade conjugal.

II

Mas os tempos se adiantam. Joaquim e Ana, Zacarias e Isabel, esposos modelos, nos aproximam do modêlo dos modelos, do tipo mais perfeito dos esposos cristãos, JOSÉ e MARIA, da qual nasceu Jesus.

O cristianismo arroja torrentes de luzes e renova a face da terra.

A família revocada à sua primitiva perfeição, torna-se a sementeira fecunda de tôdas as virtudes.

Na época dos mártires o amor conjugal se eleva a uma altura moral que excede tôdas as proporções da natureza humana. Vêm-se espôsas, como Natália, no esplendor da mocidade e formosura vestirem-se de galas, e irem contentes ao lugar do martírio exortar seus esposos, e dar-lhes os parabens por aqueles suplícios com que iam conquistar uma glória imortal. "Bem-aventurado és tu, meu Adriano, dizia, Natália ao galhardo mancebo, seu espôso, acorrentado numa masmorra, bem-aventurado és tu, que tão venturosamente achaste as riquezas, que não

---

1) Judite VIII a XVI.

são como as que te deixaram teus pais. Verdadeiramente tu na flor de teus anos foste dar com um tesouro que em tôda a tua vida não poderias ajuntar. Verdadeiramente todos teus bens irão contigo à presença de Cristo, para que dÊle recebas suas magníficas promessas, que nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem os corações desejaram cousa semelhante. Oh! que seguro podes ir! Oh! que alegre sem temor de mal algum e com esperança de todo bem! Rogo-te, afetuosamente, meu senhor, permaneças na vocação, com que do alto foste chamado; não te retarde a consideração de tua mocidade e gentileza, nem a memória de parentes, riquezas, e servos, nem de cousa alguma da terra; porque tudo isto fica podre e logo desaparece. Põe fixos os olhos de tua alma nas cousas eternas; não os voltes para as transitórias dêste século caduco.

Vigia, não te roubem o bom espírito falsas compaixões e fraudulentos conselhos de amigos e parentes! nem promessas do tirano, cuja benevolência te está pior que sua malícia... Não te atemorizem as rodas, às varas, os cutelos, as feras, as chamas, nem outro qualquer gênero de tormentos. Cristo que é tua confissão, seja a tua fortaleza, e será logo o teu prêmio".

Assim lhe falava ela ajoelhada a seus pés, beijando-lhe com lágrimas as cadeias.

E depois que êle sofreu um cruel martírio, di-

zia-lhe ela maviosamente, enxugando-lhe o sangue: "Ditoso és, dulcíssimo irmão meu, que te faz o Senhor digno de padeceres pelo seu nome; ditoso és, lume de meus olhos, que levas cruz por quem a levou por ti. Certo é que sendo participante das suas penas, o serás também da sua glória". Outra vez, debulhada em pranto e de joelhos lhe dizia: "Tenho uma mercê que te pedir, que para ti é fácil o concedê-la, para mim muito importante o alcançá-la. Bem vês como te ajudo e assisto no teu martirio. Agora quisera eu que, assim como vivemos juntos neste miserável mundo, nos ajuntassemos também na casa de Deus. Assim como chegares lá, pede logo ao Senhor, que me mande chamar, porque êle faz mercê aos santos que entram de novo no seu Reino. Eu temo que tenha muitos pretendentes tanto que me virem viuva, e não quero que seja maculado o tálamo de Adriano, Mártir de Cristo. Tu podes defendê-lo melhor, quando ausente no céu". Adriano pondo os debilitados e chorosos olhos em Natália, e depois levantando-os ao céu, prometeu de propôr êstes desejos pios ao acatamento do Reino da glória."

Que heroismo estupendo! As almas rasteiras e sensuais nem siquer o poderão compreender! Mas o Mártir o compreendia. "Oh! Natália, dizia-lhe êle: se em teu peito não morara o Espírito Santo, não ouvira eu da tua bôca mais que ignorâncias, parvulezas e carinhos próprios do teu sexo frágil, da tua

idade florida, e do teu estado de casada há só treze meses. Porém vive em ti e por ti fala o Senhor, que é a fortaleza, a discrição, a liberdade". 1)

III

Santa Mônica educada nos princípios da modéstia e da temperança, no seio de uma família fiel, foi casada com um conselheiro pagão chamado Patrício. Começou logo o conquistá-lo para Cristo, realçando o lustre da formosura com a pureza dos costumes e com a doçura da piedade, afim de conciliar o respeito, o amor e a admiração de seu marido. Êste era de um gênio benévolo, mas fácil de arrebatar-se e a encolerizar-se; e a ofendia com muitas infidelidades. Mas ela sempre resignada, não opunha as cóleras e infidelidades do marido nenhuma resistência de ações ou de palavras. Muitas vezes sucedia, que senhoras amigas suas, casadas com homens menos coléricos, traziam os sinais das pancadas recebidas, e se queixavam a ela familiarmente do procedimento de seus maridos.

"Queixai-vos de vossa língua, e de vós mesmas, lhes respondia ela sorrindo, que se fosseis mais sofridas, e não opusesseis orgulhosa resistência, às vontades dêles, não se desmandariam a tal ponto. Quanto a mim, respondo aos ímpetos do meu mari-

---

1) Êste caso vem longamente relatado na Nova Floresta, vol. II, da pág. 69 a 83.

tado junto ao de seu espôso; afim de que o amor e a dedicação que tinham tido um para o outro, servissem de exemplo a todos os séculos vindouros.

IV

Temos ainda um par venturoso no pobre lavrador S. Isídoro, e sua espôsa, Maria Torribia; dois bem acabados modelos de virtudes domésticas. Viviam no século XII. Pobres de bens terrenos, mas ricos dos celestes, ganhavam a vida pelo trabalho, passando em perfeitíssima união e concórdia. Nunca a mínima nuvem veiu turvar aquele céu claro de tão santa família; nunca o espírito de contenda e dissenção alterou o mar bonançoso daquelas duas existências. Suportando-se mutuamente os defeitos, era verdadeiramente aquela vivenda um sossegado paraiso; pois aí viam-se praticadas em tôda a rigidez as virtudes do cristianismo. Ciosos da ventura que fruiam êstes dois esposos, procuraram algumas pessoas malévolas semear entre êles desunião.

Maria tinha por costume ir todos os dias a uma igrejinha dedicada a Nossa Senhora, tanto para satisfazer suas devoções, como para cuidar da lâmpada não se apagasse à míngua de óleo.

Ia ordinariamente sòzinha. Bôcas maldizentes atribuiam isso a crime, e quiseram persuadir ao virtuoso Isídoro, que, debaixo, da capa daquela devoção, andavam encobertas intenções contrárias a sua

honra... Isídoro animado por sentimentos cristãos, e conhecendo cabalmente a mulher, não dava fé a tais boatos. Como, porém, a calúnia não desalentava, e os dizeres iam sendo cada vez mais escandalosos, fôrça foi a S. Isídoro, para poder responder com testemunhas irrecusáveis a tantas acusações, observar êle mesmo os passos da mulher. Fê-lo algum tempo em segrêdo, e depois de convencido do falso de tudo, tomou às claras a defesa de Torribia. Desde então seus afetos e extremos cresceram cada vez mais.

Tiveram um filho que morreu na flor da idade, depois do que, resolveram guardar continência. Morreu Isídoro em 1170, em idade de cêrca de sessenta anos.

Sendo atestada sua santidade por muitos milagres, inscreveu-o Bento XIII no rol dos Santos, e a Igreja honra-lhe a memória em 15 de Maio.

Eleonora de Castela, denominada a fiel, foi para Eduardo I, rei da Inglaterra, uma companheira suave de bondade, e de uma constância e dedicação heróicas. Querendo êle impedí-la de acompanhá-lo na cruzada que empreendera contra os Mussulmanos, disse-lhe ela: "Nada deve separar os que Deus uniu, e tão direito se vai ao céu da Síria, como da Inglaterra e da Espanha."

Não deixou um instante o espôso durante a viagem, e suportou com êle todos os cansaços e riscos da guerra. Foi o Princípe ferido perigosamente por

um assassino Turco, com uma cimitarra envenenada. Não tendo alívio no remédio dos médicos que o condenavam à imobilidade, resolveu voltar para Inglaterra, na esperança de cobrar saúde. Eleonora empregou então um remédio novo, inaudito, mas cheio de amor e de piedade; pois, não podendo a chaga sarar pela fôrça corrosiva do veneno, todos os dias, enquanto o Princípe dormia, a limpava ela com a língua, sugando o humor venenoso, para ela licor dulcíssimo, diz um autor. Assim, pela virtude do amor conjugal, de tal modo extraiu tôda matéria venenosa, que a chaga cicatrizou inteiramente, ficando o Príncipe são e ela livre.

De que extremos, de que excessos, de que finezas, de que heroismos sublimes não é capaz o coração da mulher regenerada pelo Cristianismo!

V

Mas eis aquí mais duas ínclitas espôsas: Isabel de Portugal, Isabel de Húngria! ambas canonizadas pela Igreja como umas das mais puras e amáveis personificações do amor santificado pela fé.

El-Rei D. Diniz, de Portugal, maculara a santidade do laço conjugal com ilícitos amores. Deplorava amargamente sua espôsa, a rainha santa Isabel, êste licencioso procedimento não só pelos crimes, de que se tornava El-Rei culpado perante Deus, como pelo escândalo que daí redundava para a Casa Real

e para o Reino; mas não lho atirava jamais em rosto, e se contentava em orar e mandar orar pela conversão dêle. Fez quanto de si dependia para ganhar-lhe o coração, recorrendo à brandura. Chegou a ponto de ocupar-se da educação dos filhos nascidos fora do seu casamento, pondo-os sob a direção de virtuosas damas.

Em idade mais crescida, fazia-lhes ela mesma a doutrina, no intuito de inspirar-lhes o temor de Deus, e formá-los para o céu; a qual longanimidade tôda cristã, além do castigo que sofreu um dos caluniadores da Rainha, acabou por abrir os olhos a El-Rei; e reunciando êste as suas desordens, viveu de então em diante segundo todo o rigor dos deveres prescritos pela fidelidade devida a sua espôsa. 1)

Santa Isabel de Húngria, foi prometida em casamento desde a idade de quatro anos, ao duque Luiz de Turingia, que então contava dez. Foram educados juntos, amavam-se, chamavam-se *irmão e irmã*, e quando na idade de quinze anos deu a Bem-aventurada Isabel suas mãos ao jovem duque, deu-lhe ao mesmo tempo todo o seu coração.

"Unia ao ardente afeto por êle um grande respeito; obedecia pronta à mínima palavra, ao menor aceno dêle; punha escrupuloso cuidado em que nenhuma de suas ações e palavras as mais insignificantes, pudesse ferí-lo ou siquer impacientá-lo. O cará-

1) Segundo os Bolandistas.

um assassino Turco, com uma cimitarra envenenada. Não tendo alívio no remédio dos médicos que o condenavam à imobilidade, resolveu voltar para Inglaterra, na esperança de cobrar saúde. Eleonora empregou então um remédio novo, inaudito, mas cheio de amor e de piedade; pois, não podendo a chaga sarar pela fôrça corrosiva do veneno, todos os dias, enquanto o Princípe dormia, a limpava ela com a língua, sugando o humor venenoso, para ela licor dulcíssimo, diz um autor. Assim, pela virtude do amor conjugal, de tal modo extraiu tôda matéria venenosa, que a chaga cicatrizou inteiramente, ficando o Príncipe são e ela livre.

De que extremos, de que excessos, de que finezas, de que heroismos sublimes não é capaz o coração da mulher regenerada pelo Cristianismo!

V

Mas eis aquí mais duas ínclitas espôsas: Isabel de Portugal, Isabel de Húngria! ambas canonizadas pela Igreja como umas das mais puras e amáveis personificações do amor santificado pela fé.

El-Rei D. Diniz, de Portugal, maculara a santidade do laço conjugal com ilícitos amores. Deplorava amargamente sua espôsa, a rainha santa Isabel, êste licencioso procedimento não só pelos crimes, de que se tornava El-Rei culpado perante Deus, como pelo escândalo que daí redundava para a Casa Real

e para o Reino; mas não lho atirava jamais em rosto, e se contentava em orar e mandar orar pela conversão dêle. Fez quanto de si dependia para ganhar-lhe o coração, recorrendo à brandura. Chegou a ponto de ocupar-se da educação dos filhos nascidos fora do seu casamento, pondo-os sob a direção de virtuosas damas.

Em idade mais crescida, fazia-lhes ela mesma a doutrina, no intuito de inspirar-lhes o temor de Deus, e formá-los para o céu; a qual longanimidade tôda cristã, além do castigo que sofreu um dos caluniadores da Rainha, acabou por abrir os olhos a El-Rei; e reunciando êste as suas desordens, viveu de então em diante segundo todo o rigor dos deveres prescritos pela fidelidade devida a sua espôsa. 1)

Santa Isabel de Húngria, foi prometida em casamento desde a idade de quatro anos, ao duque Luiz de Turingia, que então contava dez. Foram educados juntos, amavam-se, chamavam-se *irmão e irmã*, e quando na idade de quinze anos deu a Bem-aventurada Isabel suas mãos ao jovem duque, deu-lhe ao mesmo tempo todo o seu coração.

"Unia ao ardente afeto por êle um grande respeito; obedecia pronta à mínima palavra, ao menor aceno dêle; punha escrupuloso cuidado em que nenhuma de suas ações e palavras as mais insignificantes, pudesse ferí-lo ou siquer impacientá-lo. O cará-

---

1) Segundo os Bolandistas.

ter grave e puro de seu afeto revelava-se maiormente no sensibilizador costume, que sempre conservaram, de se apelidarem *irmão* e *irmã*, mesmo depois do casamento; como para perpetuarem a lembrança de sua infância passada juntamente, e para confundir sua vida inteira num só amor. ”

“A ventura de estarem juntos era-lhes tão indispensável; o casto atrativo que os levava um para o outro tão possante; a aliança de suas almas tão íntima, que não podiam sofrer estarem separados, ainda por curtíssimo intervalo; e assim, quando o duque fazia viagens que não eram mui longínquas, tomava sempre consigo sua cara Isabel, e ela com júbilo o acompanhava, se bem tivesse muitas vezes de percorrer estradas ásperas e perigosas, de afrontar violentas borrascas. Mas nem geadas, nem neves, nem excessivos calores podiam detê-la; tanto a peito tinha não se afastar daquele que não a afastava de Deus.

“Se sucedia, no entanto, que fosse o duque obrigado a ausentar-se só, Isabel, como êle partia, se despojava de suas vestimentas de Princeza, e se vestia com o trajo das viuvas, velando a cabeça como elas; e assim ficava durante tôda a ausência dêle, aguardando-lhe a volta, em oração, vígilias e severíssimas mortificações. Mas, quando vinham anunciar-lhe a chegada do espôso, logo se ataviava com todo o esmero e esplendor, segundo exigia sua alta condição... e depois lhe saía ao encontro com alegria ingênua da

criança, e tanto que juntos estavam, fazia tudo por agradar a seus olhos e coração".

"E todavia teve de separar-se dêste espôso tão fielmente querido; o duque tomou a cruz, 1) às escondidas da mulher, por não afligí-la; a qual, dando com aquele sinal da romaria ultra-mar dentro da bolsa do marido, desmaiou de mágoa, e logo que voltou a si, lhe disse: "Caro irmão, se não é mau grado a Deus, fica comigo".

Mas êle lhe respondeu assim: "Cara irmã, é um voto que fiz a Deus."

Ela não resistiu mais; porém, quando êle teve de pôr-se a caminho, acompanhou-o a cavalo tão longe como pode, três dias de jornada além das raias da Turingia, e só parou por ordem expressa dêle, e lhe disse adeus com tantas lágrimas, que se rasgavam os corações aos assistentes, e logo revestiu, com fundo pesar, aqueles vestidos de viuva que não tinha mais de deixar.

"Morreu o duque antes de chegar à Terra Santa; a dôr de Isabel foi tão grande como seu amor. Repetia sempre: Agora está tudo perdido! O' meu benquisto irmão! Ó amigo de meu coração! Ó meu bom e piedoso marido! estás morto! deixaste-me na miséria. Como viverei sem ti, pobre abandonada? desditosa mulher que sou! como viverei sem ti? Jesus meu

---

1) Isto é, fez-se cruzado, alistando-se entre os guerreiros que iam libertar a Terra Santa.

Deus, consolai-me! fortificai-me em minha fraqueza!"

"Ainda não tinha vinte anos no momento em que esta lacerante dôr atravessou sua alma; a perda de um terno espôso, a ruina súbita de uma união tão santa mergulharam num abismo de mágoas aquele coração predestinado, e só o amor de Deus o levantou e lhe deu alento. Em vida do marido, fizera voto a Deus e a êle, de nunca tornar a casar-se, se viesse a perdê-lo, e se bem lhe fosse oferecida uma coroa imperial, ficou fiel a seu primeiro vínculo; permaneceu viuva, viuva austera, penitente, cujo afeto estava todo no céu".

"Durante quatro anos ainda, edificou Isabel a Alemanha com suas boas obras, seu amor pela santa pobreza, e a humildade de tôdas suas ações. Morreu jovem ainda, e cinco anos depois foi posta sôbre os altares.

"Seus filhos, gloriosos de tal mãe, punham nos títulos de seus ducados e senhorios, êste moto: *filho ou filha de Sta. Isabel;* e ficou ela sendo verdadeiramente o modêlo das espôsas cristãs pelo ardor, pureza e constância de sua amorosa dedicação. Ela enobreceu e santificou o amor humano, colocando-o tão alto em um coração todo inundado de amor a Deus". 1)

---

1) Types feminins, pag. 108.

CAPÍTULO VII

DA FIDELIDADE QUE OS CASADOS SE DEVEM GUARDAR

I

primeiro timbre e dever dos casados é guardar um ao outro a mais inviolável fidelidade.

Não pode o marido inclinar o seu coração para outra mulher, nem a mulher ter outro amor senão o do seu marido. Tal é a lei de Deus expressa no Decálogo. 1) Deve-se respeitar em tudo a santidade do Matrimônio e o leito nupcial sem mácula, diz o Apóstolo. 2)

Faltar um ou outro cônjuge ao juramento sagrado que prestou em face dos altares, fôra, sôbre

1) Exod. XX, 14.
2) Heb. XIII, 4.

ofender gravemente ao Criador, comprometer a existência da família,e acabar com a paz, dignidade, ordem e alegria de uma casa.

Deus condena até os desejos impuros, até o pensamento do mal, pois está escrito no Decálogo: *Não desejarás a mulher de teu próximo.* 1) E no Evangelho: *Aquele que olhar para uma mulher com os olhos de concupiscência já cometeu o adultério em seu coração.* 2)

Uma vez santamente unidos, nada se deve entre êles interpor. A integridade do casamento exige que um viva exclusivamente para o outro. Misturar um elemento estranho; desviar as afeições de um ou de ambos para outra parte, é destruir a união; é criar perturbações profundas na família, e mergulhar na deshonra.

"O casamento, diz um egrégio autor, só é o que deve ser pela comunidade exclusiva e sem mistura. Daí a honra e a dignidade dêste estado: a honra, quando os esposos procedem, como convém a criaturas racionais, respeitando-se mutuamente, fazendo-se obséquios e concessões recíprocas, e levando com paciência, resignação e silêncio as tribulações inevitáveis de sua posição. Em tudo se mostra a virtude conjugal, ou o cumprimento fiel da promessa, pela qual se deram um ao outro.

---

1) Deut. XX, 21, e Exod. loc. cit.
2) Mat. V, 28.

Desta promessa derivam seus deveres especiais, suas obrigações de esposos, e o estado moral do Matrimônio. Antes da união são livres as pessoas de contratar; mas, uma vez formado o pacto, já não o podem romper, ao menos sem imoralidade. Nada pode prescrever contra a fôrça dos empenhos contraidos, por mais onerosos que sejam. A justiça é independente da disposição do coração, não varia com os afetos. Débil e inconstante, é o coração do homem, e se fossem gôstos que ditassem obrigações, estas estariam sempre mudando; e adeus família.

"Assim, justiça antes de tudo; fidelidade aos empenhos acima de tudo; e sejam quais forem os inconvenientes, os trabalhos a suportar, quando está salva a conciência, o mal nunca é sem remédio, e não faltará socorro. O que é verdade da afeição, o é também da estima. Triste é sem dúvida estar unido a alguém que pouca estima nos merece, ou que não podemos estimar; mas a medida do dever não é o mérito da pessoa a que êle se aplica. O princípio da obrigação moral está na justiça; e ela deve ser cumprida, quando a esta nos obrigamos, mesmo para com quem a desconhece ou viola. A desordem de um espôso não autoriza a do outro; o crime não escusa o crime. A verdadeira virtude, direi quasi, o heroísmo do casamento, mostra-se quando a parte maltratada, ultrajada em seus direitos, e em sua dignidade, fiel ao que prometeu, e respeitanndo seus empenhos, absorve a injúria na paciência cristã e paga o mal com o bem".

II

Para compreender todo o horror e a gravidade do crime da infidelidade, basta ler as palavras temerosas, com que a Sabedoria Eterna o condena nas Escrituras Sagradas:

Êste pecado é nefário e maldade suprema, diz Jó. *É como o fogo que vai abrasando até chegar à extrema perdição, e vai arrancando tôdas as raizes e fundamentos de uma casa. 1) Todo o homem,* diz o Eclesiástico, *que mancha e viola o leito conjugal, desprezando sua alma, e que diz: quem me vê? As trevas me rodeiam, e ninguém me olha; a quem receio? o Altíssimo não se lembra de meus crimes...* êsse desgraçado a quem a deshonestidade tornou ateu, que *não conhece que os olhos do Senhor são muito mais lúcidos do que o sol, e vêm claro todos os caminhos dos homens, e o profundo do abismo, e os íntimos refôlhos do coração humano,* e que, *se o Senhor Deus, antes de criar, tudo conhecia, assim, depois de completo o universo tudo vê; êste adúltero, esquecido de sua alma e de Deus,* diz o Senhor, *receberá o castigo de seu crime no meio das praças públicas,* (onde será apedrejado segundo a lei de Moisés) *e será descoberta a todos a sua deshonra; porque não levou em conta o temor do Senhor.* Quís ocultar-se nas trevas, entre

---

1) Jó XIII, II.

quatro paredes, e o Senhor revelou ao mundo a vergonha e o opróbrio de seu feio procedimeno.

Assim também a mulher que deixar a seu marido, que dividir a herança da família com os filhos espúrios, sofrerá a mesma pena de morte e a mesma deshonra. *Primeiro, porque foi infiel a Deus; segun, porque afrontou e injuriou a seu marido; terceiro, porque manchou com sua impureza a santidade do casamento; e enfim porque* introduziu no casal filhos adulterinos, com manifesto prejuizo dos legítimos. *Esta será trazida para o meio do povo, afim de ser punida* diante de todos como infame. *Indagar-se-á a respeito dos seus filhos;* para serem lançados da herança, e marcados com o ferrete de sua vergonha; *e êsses filhos não tomarão raizes,* morrerão na flor dos anos, *e seus ramos não darão fruto;* e assim acabar-se-á a descendência afogada no seu crime. *A adúltera terá uma memória maldita e sua infâmia não se apagará nunca!*

Que palavras, grande Deus! Oxalá que todos as meditassem profundamente!

Como se vê, Deus condena com formidável energia não só a mulher como o marido infiel. O preconceito que tende a excusar as desordens dêste, deve ser banido como um êrro funesto. Os juramentos são os mesmos. Aos olhos da Religião e da moral, o crime, tanto de um como de outro é gravíssimo.

Por isso vemos Moisés punir de morte os culpados de ambos os sexos, e todos os povos usarem do

mais espantoso vigor contra os violadores da fé conjugal; prova evidente da idéia que todos formavam da gravidade dêste crime. Com efeito entre os Maometanos a mulher era enterrada até à cintura, e apedrejada. Entre os Egipcios, o marido infiel levava mil açoites, e cortavam o nariz à sua cúmplice. Os saxões queimavam viva a mulher, e ao cúmplice enforcavam sôbre a sepultura dela.

Entre os Ingleses a mulher era açoitada de cidade em cidade, como uma infame, entre apupadas da população. Nas leis de Licurgo o adultério era punido com a pena do parricídio.

Os antigos Romanos e os Árabes puniam também com penas gravíssimas, até com a morte, esta feia maldade; e era costume entre os indígenas do Perú queimarem vivos os esposos infiéis, e depois matarem o pai, a mãe, os irmãos e tôda a próxima parentela dos criminosos.

As leis modernas, verdade seja, afrouxaram muito dêste rigor. Como, porém, se explica êle? Donde vem êste consentimento de todos os povos em odiarem, condenarem, e tão atrozmente punirem a infidelidade conjugal? Muitas legislações escusaram o homicídio, quando desabafo de vingança. A deshonestidade entre solteiros foi inocentada pela numerosa escola de Epicuro; e até o furto foi aplaudido na antiguidade como prova de engenho e astúcia. Mas o adultério foi malícia tão nefanda, uma tão flagrante e monstruosa injustiça, que dá em cheio nos olhos a

todos; não havendo homem com um vislumbre siquer de razão, que não compreenda logo quanto êle é detestável e sem desculpa.

I I I

Oh! quantas desgraças! quantas desgraças! quantas vinganças! quantas injustiças quantas dissimulações e mentiras! quantos escândalos e desordens, saídas desta fonte envenenada do adultério!

Cometeu Daví êste crime; e com ser um Rei até então, segundo o coração de Deus, ornado das mais egrégias virtudes, e com fazer depois até o fim da vida aspérrima penitência na cinza e no cilício, o que sucedeu a Daví? A espada, diz-lhe o Senhor, *não sairá mais de tua casa. Arderá todo o teu reino em crua guerra. Cometeste o crime no escondido; pois eu tomarei dêle vingança perante todo Israel, e na presença do Sol.*

E viu Daví revoltado contra si seu filho Absalão; viu sua descendência manchada pelo incesto e morticínio; viu miseráveis servos cobriram-no de baldões e afrontas; viu, fugitivo, acuado pelos montes, seu trono, suas possessões e todos os seus tesouros, cairem em poder dos inimigos. Esgotou até as fezes o calix da tribulação!

Ora, se assim sucedeu a um Rei tão santo, do agrado de Deus, por descair uma só vez neste pecado, quais serão os tesouros de ira que estão acumulan-

do sôbre suas cabeças, os que habitualmente, com público escândalo, estão todos os dias violando as leis sagradas do Matrimônio, e brincando com tão infames abominações!?

"Bem enfêrma está uma sociedade, observa um sábio escritor, quando o adultério aí se torna comum, trivial, objeto de gracejo, ou mesmo título de glória e de distinção. É o sinal da corrupção dos costumes, que trará a dissolução da nação.

Êste relaxamento do vínculo matrimonial, esta maneira leviana de interpretar-lhe os direitos, e aceitar a violação, vem sempre de uma filosofia imoral. O sensualismo em qualquer século e sob qualquer forma que apareça, antigo ou moderno, grosseiro ou refinado, é a morte da moral pública e privada; porque destroi todos os princípios da ordem, da justiça e da virtude. A conciência não tem mais base, nem a honestidade motivo, nem o dever significância; e o homem natural, nada reconhecendo acima de si, não respeitando autoridade alguma, e só temendo à fôrça, afrouxa as rédeas a seus grosseiros apetites, as suas más paixões, e põe sua ventura e glória, ou em satisfazê-los com excessos e por todos os meios, se é ignorante e dominado pela carne; ou em contetá-los de maneira mais sedutora, e com todos os requintes da arte e da civilização, se pertence a uma sociedade polida.

Tais foram os últimos tempos do Império Romano tão energicamente estigmatizado por Juvenal;

tais em França os costumes de 18.º século, a quem chamaram o século da filosofia e das luzes, e que se assinalou por mui perniciosas doutrinas, e profundíssimas imoralidades.

Também foi mister um batismo de sangue para purificar a França de tais abominações".

IV

Amenizemos o assunto com um caso notável, que vem relatado em Surio e Ribadaneira.

Um soldado Godo, estando de guarnição na cidade de Edessa, fez tão encarecidas promessas e tão terríveis juramentos a uma boa viuva chamada Sofia, e a uma jovem de nome Eufêmia, que induziu a jovem a esposá-lo, e a viuva a consentir. Por alguns meses viveram juntos com muita consolação. Bom arranjo doméstico, boa mesa, boa companhia, e o soldado alegre, amorável, dadivoso.

Nisto, como sucede, veiu ordem para mudar de guarnição, e o Godo se dispunha a partir com sua espôsa. Começaram então as ânsias da mãe.

— Sabe Deus, dizia consigo, para onde me vai levar a filha. Quem me assegura, que esta boa vida durará sempre? É moço, não o creio; é estrangeiro não me fio.

E o soldado a jurar e a rejurar, que trataria a filha melhor que nunca; que era homem de bem, de

boa casa, de boa lei, e chamou todos os santos do céu por testemunhas.

— "Ora pois!" disse a mãe, "vamos à igreja, e sôbre os sepulcros dos santos mártires Samona, Gúrio e Abido, jura-me cumprir tua promessa".

— Pois vamos, disse o soldado; e chegado que foi, sem nenhuma dificuldade estendeu a mão sôbre o sagrado altar, e tocando na urna dos corpos santos, repetiu todos os juramentos feitos, e constituiu os santos testemunhas e abonos de seu bom coração.

Ide agora ver que bom coração era aquele.

Afastada já a filha alguns dias de viagem da casa da mãe, dos parentes e amigos:

— Ouve, Eufêmia, disse, ouve; aonde pensas tu ir?

— Penso, respondeu ela, ir para vossa casa e minha.

— Oh! que te enganas. Eu sou casado com outra mulher, doutro quilate que não és tu. Entrarás em minha casa em qualidade de escrava tomada na guerra. Obedecerás em tudo a minha mulher e tua senhora, e ai de ti, se deixas escapar uma sílaba sôbre o passado!

— Ah! traidor da inocência! gritou logo Eufêmia, mas o Godo chegando-lhe a ponta do punhal na garganta, sufocou-lhe a palavra e a voz.

Entrou, pois, como serva em casa, mas foi tratada muito pior que serva; porque a senhora, ardendo em ciumes dela, que era jovem de formosa pre-

sença, principalmente quando a viu grávida, não se pode contar sem lágrimas quantos maus tratos lhe deu.

Todos os dias eram contínuas pancadas; mataram-lhe o filho ao nascer, e por conclusão de tantos males foi a pobre Eufêmia agarrada pelos cabelos, arrastada pelo chão e fechada viva numa sepultura.

Aquí invocou a infeliz os seus santos Mártires Samona, Gúrio e Abido, recordando-lhes como sob sua fé jurada se deixara conduzir àquele país estrangeiro. Enquanto ora e chora foi tomada de um brando sono, que durou pouco espaço de tempo, e de que despertando, achou-se não na sepultura, mas em Edessa, sua cara pátria, na Igreja dos Santos Mártires seus advogados, na vizinhança da sua querida mãe; que recordando-a e sabendo o milagre feito, teve-a em conta de ressuscitada da morte, e com a mãe viveu ela o resto de seus anos em estado de viuvez, sem nunca ter tido marido, em um estado não sei dizer qual, pois não era nem virgem, nem viuva, nem espôsa.

E o traidor (o infame adúltero); o que foi feito dêle? Ouví: — Êste, depois de alguns anos, foi obrigado pela guerra a voltar a Edessa; confiando na distância do país, e no segrêdo de sua traição, apresentou-se francamente na casa da sogra, inventando ótimas novas do estado, saúde e contentamento da filha. Dá mostras a mãe de acreditar em tudo; entretem em casa o falso genro e dá aviso à justiça

da grande traição e do insigne milagre dos santos Mártires, e da volta inesperada do traidor para pagar a pena do seu crime.

Concertada, pois a prisão do réu, à noite torna a mãe a entabolar prática sôbre a filha, e êle, com mentiras e mais mentiras, continua a dizer, que a deixou em casa, mãe de um filho, e senhora absoluta de tudo, sã, contente, jovial, benquista de tôda a parentela e bem vista de tôda a vizinhança.

— Ah! traidor, levantou-se então na ponta dos pés a mãe, e chamando para alí a filha, prosseguiu com indignação:

— Ah! mentiroso! ah! indigno! ah! perjuro! sem fé, sem alma, sem humanidade! Conheces esta pobre mártir de tua crueldade? Conheces? É esta que deixaste em casa, sã, e senhora, e contente, e mãe de um filho? Teu filho foi envenenado; enganaste, traiste tua verdadeira mulher; fizeste desta mesquinha uma escrava, e a sepultaste viva. Enganaste indignamente uma espôsa, uma viuva e uma filha.

Traidor da fé jurada a Deus e aos Santos! fala, miserável, responde!

Não teve o mínimo fôlego para responder. Prêso pela justiça, convicto e confesso de seu crime enorme, acabou desgraçadamente na fôrca, como merecia.

A Providência não pode deixar de punir severamente os violadores da fé conjugal.

CAPÍTULO VIII

DE UMA DESORDEM QUE PERTURBA A UNIÃO CONJUGAL

I

OMO na polpa de lindo e saboroso fruto se gera às vezes o verme que rói e corrompe, assim do mesmo amor conjugal nasce o ciume que lhe transtorna a índole e o faz degenerar em discórdia e aflição.

Não nasce, em verdade, êste verme roedor em corações verdadeiramente cristãos, dominados de sentimentos sobrenaturais, de afetos puros e daquela simplicidade que descansa na confiança da retidão e integridade do outro cônjuge; mas nasce em corações atormentados por um amor imperfeito, sensual, apaixonado.

Desta fonte túrbida brotam, pois, os excessivos

zêlos acompanhados de uma chusma de negras desconfianças, sombrias suspeitas, juizos temerários detrações, ódios, desavenças, rixas, desordens e escândalos de tôda laia, que tornam a família como um vestíbulo do inferno. "Suponhamos, diz S. João Crisóstomo, que o marido é, de seu natural ciumento, ou se torna tal, sem mesmo haver motivo. Dá-se ente mais desgraçado? O teto conjugal será dora em diante um verdadeiro campo de batalha e um mar furioso; tudo aí está cheio de tristeza e suspeitas, de rixas e perturbações. Esta insana paixão produz todos os efeitos de uma demência furiosa; quem dela é possuido fica inquieto, agitado, arremessado, violento e irado contra todos os que o rodeiam, culpados ou inocentes, escravos ou crianças. Para êle foram-se os prazeres; só encontra a cada passo luto, tristeza, amargura.

No limiar do lar doméstico, na praça pública e em viagem, negra mágoa o acompanha; atormenta-lhe o coração o aguilhão do ciume, a dôr pungente perturba-lhe o repouso. Que muito que êste humor sombrio e melancólico dispare às vezes em verdadeiro frenesí? Uma só destas tão várias torturas bastará para tornar um homem desgraçado: quanto mais se elas se reunem para atacá-lo e angustiá-lo sem tréguas? Há morte mais cruel? Certo, a mais extrema indigência, a enfermidade mais dolorosa, o suplício da espada ou da fogueira são nada, em comparação

de tais sofrimentos: é mistér ter passado por êles para os compreender.

"Ah! êle suspeita a espôsa a quem ama, e pela qual daria seu sangue; quem poderá sarar a ferida de seu coração? As iguarias de sua mesa parecem ocultar pérfido veneno, e o sono não visita mais um leito, no qual êle se rola na dor e angústia, como em brasas ardentes. Em vão dêle se acerca a amizade, chamam por êle os negócios, urge o temor de iminentes perigos, e o prazer o convida; nada pode dissipar seu constante desassossêgo, e o tormento que o agita torna-o indiferente a todos os males da vida, não menos que a tôdas as festas dela. Pelo que, Salomão tinha razão de asseverar, que o *ciume é inflexível como o inferno. 1) O espôso ultrajado, diz êle mais, é implacável em seu furor; não perdoará no dia da vingança; não o dobrarão as súplicas, nem o desarmarão muitos presentes. 2)*

E tal é o caráter particular desta paixão que a vingança não é capaz de cicatrizar as feridas do coração. Muitos desfecharam o golpe no odioso rival, e não baniram a dor, nem a lembrança da recebida afronta. Muitos degolaram a espôsa suspeitada, e não fizeram mais que alimentar a chama que os devorava.

"Mas se meras suspeitas sem fundamento bas-

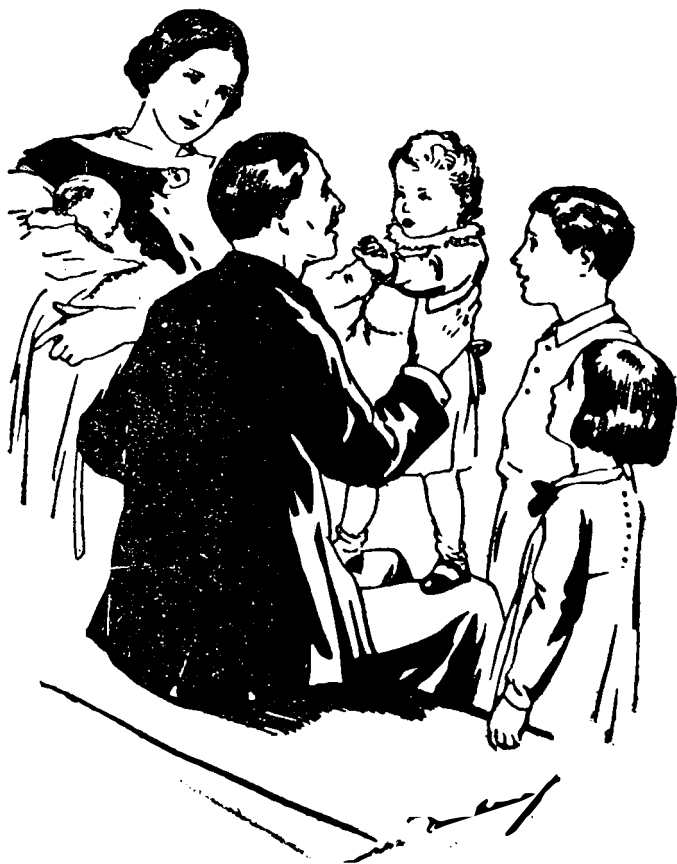
---

1) Cant. VIII, 6.
2) Prov. VI, 34, 35.

tam para levar a tão triste estado um espôso prevenido, como pintar a situação da desventurada espôsa? É mil vezes mais aflitiva ainda: Desditosa! para onde ir? que asilo se abrirá à sua aflição? e em que refúgio irá abrigar seu infortúnio? Ai dela! todo pôrto de salvamento lhe está fechado, e já se atira sôbre os numerosos parceis do desespêro.

"Seus próprios servos a humilham ainda mais que o espôso, porque são naturalmente ingratos e suspeitosos, e aproveitam-se das desinteligências dos amos para sacudir o jugo da obediência, e satisfazer seus maus instintos. Podem mentir impunemente, e esmeram-se em entreter com calúnias as suspeitas de um marido ciumento, e êste logo pronto a prestar fácil ouvido a todos os mexericos. Não sabe mais distinguir a verdade da mentira; ou antes admite como real tudo o que entretem sua cegueira, e rejeita como falso quanto podia dissipá-la.

"Assim aquela infeliz espôsa receia e teme seus servos não menos que seu marido; é até constrangida a ceder à influência dêles e tornar-se sua escrava. Mas quando cessará para ela a amargura das lágrimas? Que noite, que dia e que festa passa para ela sem prantos, gemidos e dor? Que dizer das ameaças, insultos, repreensões com que a acabrunham, um espôso que se julga afrontado, e uma tropa de lacaios insolentes?

Está com o guardador à vista, e dominada do temor e terror. Todos os seus movimentos são espia-

...terão aquelas alegrias e consolações que acompanham as conciências puras. 50

dos, seu olhar e suas palavras observados, e seus mesmos suspiros interrogados com escrupulosa curiosidade. É pois, mister, que, fria como um mármore, devore ela silenciosa estas afrontas, e viva presa e acorrentada em sua casa.

Não pode dar um passo, nem dizer uma palavra, nem dar um suspiro; sem prestar contas aos corrompidos juizes que a cercam e vigiam.

"E agora ponde em paralelo, com estas tribulações, fortuna, luxos de festins e grande número de escravos, lustre do nascimento, esplendor de dignidades, glória pessoal, ilustração da família, ajuntai ainda quanto pode dulcificar e implorar a existência, e dizei-me se em face de tantas e tamanhas mágoas, não se desvanece logo todo o prazer; ah! que uma gota de água fica menos perdida no abismo do oceano.

"Tais são os males que produz o ciume no coração de um espôso. Se ataca o da mulher (e quantos exemplos não vemos!) o marido será menos infeliz, confesso; mas a espôsa verá suas aflições crescerem como em progressão indefinida. Ela não pode sustentar a luta com armas iguais; que marido suportaria lhe proibissem tôda saida de casa? e que servo se atreveria a vigiar um Senhor que o pode rigorosamente castigar? Assim, para ela nenhum consôlo, nem mesmo o da espionagem e das recriminações. E com efeito, uma ou duas vezes ainda sofrerá o marido suas exprobações; mas se repisa, ensi-

nar-lhe-á que o melhor para ela é remorder o seu freio em silêncio."

"Até aquí," continua S. João Crisóstomo, "supus serem infundadas as suspeitas dos dois esposos: admitamos, pelo contrário, que são justas a respeito da mulher. Quem poderá arrancá-la à implacável vingança de um marido ofendido? Nossas leis o favorecem, e êle entregará ao rigor delas esta mulher, a quem ama com paixão. Mas se é êle o culpado, escapa facilmente à justiça humana, e só fica sob a alçada do tribunal do Supremo Juiz. Esta certeza bem fraca consolação é para aquela infeliz, que cada dia vai definhando pela ação deletéria do filtro que mão pérfida lhe propina. Muitas vezes é inútil até empregar êstes encantamentos; a mágoa a mata e previne um crime" 1).

II

Quem pode ler sem horror os lastimosos casos, que narra a história, de maridos e mulheres devorados de zêlos?

Lembrarei aquele funestíssimo, sucedido em Basiléia, em 1528.

Certo cidadão rico, Cristóforo Bongatenero, teve suspeitas da fidelidade de sua espôsa. Pô-la em

---

1) Trat. da virgind. Vol. II das obras compl. pág. 155 e seg.

confissão, prometendo-lhe não a castigaria se se declarasse culpada, e ameaçando matá-la incontinente, se negasse o crime. Ela confessa o que realmente não fizera; mas logo foge para casa de uma irmã numa aldeia vizinha.

Por intervenção de amigos voltou reconciliada para o marido. Finge êste naquela noite admití-la à sua intimidade; mas no dia seguinte, despedida a criada com os filhos da primeira mulher, primeiro traspassa com um punhal a mulher grávida e depois uma filha apenas de quatro anos; escreve uma carta ao Senado, e em seguida, invocado três vezes o nome de Jesus, precipitou-se do andar superior da casa, rebentando o pescoço. A carta explicava o que fez e o porque.

Puniram-se no morto tão execráveis crimes, porque o seu cadáver teve os ossos esmigalhados por uma enorme roda que sôbre êle passou. Só êste exemplo bastaria para abafar no coração dos casados a maldita semente do ciume.

Foram memoráveis na côrte de Espanha os excessos em que rompeu a Rainha Joana, Mãe do Imperador Carlos V, picada de zêlos contra seu marido El-Rei Felipe.

Mostrara-se êste inclinado para uma jovem fidalga, e começou logo todo o paço a retinir com queixas e exprobações da Rainha, e com cenas as mais violentas. Alguém, para meter fogo, como sucede, referiu à Rainha ser o que mais enfeitiçava El-Rei, a

formosíssima e loura cabeleira que trazia a fidalga.

— "Ah! esta foi, disse, a rêde com que ela emaranhou o coração de meu marido? Pois me pagarão êstes cabelos".

E arremetendo furiosa contra a rival, agarrou-lhe das madeixas, que em parte cortou, e em parte arrancou de viva fôrça; deixando-lhe altamente impressos na cabeça e no rosto os sinais de seu furioso ciume.

Daquí nasceram implacáveis desgôstos entre o Rei e a Rainha, e tais cóleras que tiraram em breve a vida a ambos. Antes de expirar, desabafando com um médico seu familiar, disse o Monarca:

— Vêde a que misérias se vê reduzido um personagem de minha qualidade, a ponto de morrer de angústia e mágoa!

É que as mulheres, como diz um poeta grego, são por natureza mansas, piedosas e tímidas, mas se ardem em zêlos, tornam-se leoas assanhadas, tigres, raios que põe tudo em ruina.

III

Eis os remédios que um sábio diretor de almas indicava a uma senhora de muito respeito para debelar tão funesto mal.

Primeiramente não dêm as senhoras aos maridos aso algum a suspeitas, como seria: freqüentar

companhias de mulheres levianas e de fama duvidosa. *Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manchas que tens,* é verdadeiro rifão da nossa língua. Mulheres libertinas procuram sempre engrossar o número das do seu partido, e dão lições destas a uma espôsa nóvel: "Não vos deixeis dominar; apresentai franco as vossas razões; falai logo claro, e mostrai que não sois idiotas. Não vos rebaixeis a certas cousas; enfade-se quem quiser; haveis por fôrça de divertir-vos como as outras. No olhar, gracejar e rir que mal vai?" O marido, vendo-vos entrar em tais conluios, desconfia, e com razão. Mulher honrada que quer desfazer a mínima sombra de ciúme, trate sempre e sempre com senhoras de ilibadíssima reputação.

Segundo. Goste do retiro, e esquive-se, o mais possível, de portas, janelas, concursos, festas religiosas de muito estrépito e pouca devoção.

Terceiro. Bilhetes, recados, embaixadores e embaixatrizes são palha para levantar grande chama neste fogo devorador.

Quarto. Uma mulher habitualmente mentirosa nas cousas ordinárias de casa, dará fàcilmente suspeitas; muito mais se fosse ao mesmo tempo mentirosa e atrevida, com semblante muito limpo e franco a sustentar a mentira. Porque senhora infiel no pouco temerá o marido que o seja no muito.

Finalmente uma mulher pouco temente a Deus, alheia às devoções sólidas, qual é entre outras a freqüência dos Sacramentos, nunca terá o bom conceito

de um marido suspeitoso; quanto mais as que se mostrarem levianas, dadas a galanteios, etc. 1).

"Mas se as mulheres são obrigadas em conciência a tirar todo pretêsto razoável de zêlos aos maridos, obrigados são também êstes a tirar tôda a plausível suspeita às mulheres. "Ulpiano, aquele grande oráculo que todos conhecem, diz redondo e claro: "Se uma mulher é acusada de fé violada ao marido, informe-se bem o juizo do como vive o marido; porque é iníquo que *um marido impúdico e libertino pretenda ter mulher púdica e recatada.* Comece êle primeiro por manter a fé jurada; pois neste ponto marido e mulher são iguais.

"É pois obrigado o marido sob grave pecado a deixar aqueles sinais que denotam afeto desregrado a outra mulher, como por exemplo, mimos freqüentes e consideráveis, familiaridades, assiduidades, etc. se não, condenará sua alma e introduzirá em casa a confusão de Babilônia... "Tenham, pois, marido e mulher êste importantíssimo respeito um a outro, para não dar-se mútuo ciúme.

E façam os maridos grave escrúpulo de gracejar com alguma liberdade com servas, donzelas, vizinhas, e mulheres doutrem. Porque, dado ainda que sejam gracejos inocentes e sem má tenção, podem inspirar zêlos, e pôr o inferno na família". 2)

1, Lezioni sacre, pág. 82.
2) 7 Ibd.

IV

Digamos agora uma palavra para declarar o sentido de uma ponderosíssima sentença da Escritura. Diz assim: — *Não tenhais zêlo da mulher com quem estais unido, para que não empregue ela contra vós a malícia que lhe ensinastes com vossas suspeitas infundadas.* 1)

Fala aquí o sábio propriamente dos ciúmes infundados, de que se deixam tomar maridos sombrios e suspeitosos; os que todo gesto, todo olhar, tôda palavra da mulher tomam em má parte. A êstes diz o sábio: Não entres a ciúmar fora de propósito, para que tua mulher, aliás honesta, não seja induzida a fazer aquilo que tu injustamente lhe atribues.

Quando, "diz Sêneca", tratas com um que mostra muito mêdo de ser enganado, sentes logo vontade de enganá-lo. Assim quem mostra tanto mêdo que a mulher não seja muito honesta, dá-lhe vontade de o ser pouco. Com tantas precauções, guardas e proibições, irrita-se o vício, em vez de comprimí-lo. 2)

Êstes documentos da sabedoria divina e humana merecem de ser profundamente meditados, por todos os casados. Reine, pois, entre êles uma doce confiança; não consintam penetrar em seus corações

---

1) Ecle. IX, 1.
2) Obr. cit.

a peçonha corrosiva do ciúme, nem se deixem possuir de ofensivas suspeitas.

Concluo com uma ótima advertência que dá o sábio, é que se fuja de certa gente, que como o animal da fábula, gosta de tecer enredos, e semear a cizânia entre casados.

O homem pecador lançará desavenças entre amigos, e introduzirá inimizades entre os que vivem no meio da paz. O delator oculto e o homem de duas línguas é maldito, porque lançará a perturbação entre muitos que vivem em concórdia. A língua maldizente de um terceiro, dividiu as pessoas mais unidas, fez banir as mulheres fortes, e as privou do fruto de seus trabalhos, separando-as, sem razão, de seus maridos e de seus filhos, e afastando-as de suas casas que elas enriqueceram com sua sabedoria. *Quem escuta tais línguas malígnas não terá paz, nem amigo em que possa descansar. 1)*

Criados que andam levando e trazendo o que se diz, sejam imediatamente despedidos, e não cruze os batentes de vossa porta nenhuma dessas serpentes venenosas que soem perturbar a concórdia das famílias. *Quando não houver mais lenha,* diz o sábio, *apagar-se-á o fogo; assim mesmo quando não houver mais intrigantes aplacar-se-ão as contendas. 2)*

---

1) Ecle. XXVIII, 11, 15, 19, 20.
2) Prov. XXVII, 20.

CAPÍTULO IX

DO PRIMEIRO BEM DO MATRIMÔNIO, QUE É A PROLE; E DOS PRIMEIROS CUIDADOS DA MÃE

I

A prole é dom de Deus. O Senhor da vida é só quem a comunica. Êle é que chama, como e quando quer, à existência os entes que estão eternamente presentes como possíveis em sua Inteligência infinita. Por isso dizia com razão aos filhos a heróica mãe dos Macabeus: *Eu não sei como fostes formados em minhas entranhas, pois nem fui eu quem vos deu a alma, o espírito e a vida, nem quem uniu os vossos membros para dêles fazer um corpo; mas o Criador do mundo é que formou o*

homem em seu nascimento, e deu origem a tôdas as cousas; e também Êle é que vos restituirá o espírito e a vida por sua misericórdia. 1)

Como Sara, Raquel e Ana, mãe de Samuel, podeis pois, pedir a Deus vos dê filhos, mas não deveis afligir-vos nimiamente, se Êle vo-los recusar; pois muitas vezes permite Êle a esterilidade nos bons por várias ocultas razões muito para reconhecer e adorar.

Um só filho que teme a Deus, diz a Escritura, vale mais que mil filhos maus; e mais vantajoso é morrer sem filhos do que deixar filhos ímpios. 2) Deus muitas vezes os recusa por prever que serão maus e infelizes. De Judas não diz o Evangelho que bom era para êle não ter nascido? 3)

Outras vezes atende assim o Senhor ao verdadeiro bem dos pais. Quantos se condenam pelo excessivo amor dos filhos, ou pelo desregrado apêgo às riquezas que acumulam com tôda a casta de injustiças, para lhes deixar pingues heranças! Quantas outras estéreis no corpo se tornam mais fecundas no espírito, multiplicando as boas obras, e derramando com mão mais larga esmolas no seio da pobreza! Os caminhos do Senhor são cheios de sabedoria, e tudo Êle dispõe para nosso bem.

---

1) II Mac. VII, 22.
2) Ecle. XVI, 4.
3) Mat. XXVI, 24.

Mas se Deus em sua misericórdia vos concede filhos, oh! então, pais e mães, trabalhai por cumprir religiosamente os importantes deveres de vosso cargo.

II

A mãe recebeu especialmente de Deus a missão de criar e desenvolver a um tempo o corpo e a alma de seus filhos. Não é mãe só porque os deu à luz, e os alimenta a seus peitos mas é mãe principalmente, porque lhes forma o espírito e o coração para serem um dia cristãos verdadeiros e cidadãos virtuosos. Como a planta deve tudo aos desvêlos e suores do jardineiro que a cultiva e rega, deve o homem tudo aos estremecidos cuidados de sua mãe, e será o que ela o fizer. "O futuro de um menino é sempre a obra de sua mãe", dizia Napoleão em Santa Helena. Felizes os povos em que as mães compreendem a santidade do augusto sacerdócio, do apostolado fecundo e admirável que elas exercem na família!

Fôra preciso sondar as profundezas misteriosas do amor materno, para ver até que ponto é poderoso o influxo que êle exerce em tôda a vida do homem. Durante nove meses vive o menino da mesma vida da mãe; ela o nutre e vivifica por ondas de sangue e de amor que de seu coração bro-

tam perenemente para o dêle; seus pensamentos, seus afetos, suas dores, suas alegrias repercutem no fruto de suas entranhas, e levam-lhe os primeiros estremecimentos da vida moral.

O que o menino experimenta neste sacrário íntimo, as impressões que recebe, durante o longo sono que dorme junto ao coração da mãe, envolto no calor dêle, movendo-se ao impulso de suas palpitações, é o segrêdo de Deus, autor dêsse mistério impenetrável que se chama vida. O nó vivo que liga aquelas duas existências romper-se-á sem dúvida; o fruto chegado a sazão, destacar-se-á da árvore; mas o amor que foi a sua primeira seiva ainda o cobrirá com sua sombra, e o envolverá em sua benéfica influência. Por muitos anos continuará a transfusão da alma da mãe na do filho, para completar a obra da sua formação espiritual. Vêdes esta jovem mãe debruçada sôbre o berço de recém-nascido? Com que enlêvo o contempla! Como o acaricia com o olhar! Como o cobre de beijos! Como lhe diz tantas cousas meigas que êle não pode entender! Ela sabe que aquele entezinho é um pedaço de seu coração, um perfume exalado de sua alma, uma emanação de sua vida. Sente que êle precisa dela, precisa ainda de seu sangue para alimentar-se; que êle não pode viver sem seu amor; que ela é sua mãe, e que um laço inefável, íntimo, que nada neste mundo pode romper, os li-

ga perpetuamente um ao outro na unidade da mesma vida.

Ela o sabe; e por isso viverá só para o filho. Saia o pai; ocupe-se dos negócios; entregue-se aos cuidados do govêrno da política; ela ficará constantemente em casa, prisioneira de amor junto ao berço de seu filhinho. É ela que lhe sustentará os passos titubeantes; que se prestará indulgente a todos os seus inocentes caprichos e folguedos; que lhe responderá às numerosas interrogações; que velará estremecida para que êle não faça imprudências, e que lhe levará acalentando os prantos com maviosa cantiga inventada de propósito para êle.

É mistér que ela presida ao harmonioso acordar de suas faculdades, ao romper dessa aurora cheia de tantos encantos e de tanta vida.

O menino conhecerá o que é repouso pelo colo da mãe, o que é luz e inteligência pelos seus olhos, o que é harmonia pelas suas falas, o que é felicidade pelos seus sorrisos, o que é amor, o que é bondade, o que são extremos, pelos agrados, desvêlos, e serviços delicadíssimos de que se vê rodeado todos os dias.

Doce economia da Providência que nos pôs em estado de formar uma idéia da bondade, do amor, da perfeição infinita de Deus, colocando junto a nós, ao primeiro despertar de nossa razão, um ente todo bondade, um Anjo de inexaustas ternuras, um misto de fôrça e de graça, de sabedoria e de paciência, o que há mais puro, mais santo mais elevado,

mais terno, mais heróico, mais suave no mundo: — a mãe!

Do que fica dito assás se depreende porque deva o homem tudo à sua mãe, e porque tem ela o segrêdo de nossa vida e de nossos destinos. De fato, os grandes benfeitores da humanidade, como os celerados mais insignes, foram feituras de suas mães. Agripina lasciva e cruel produz êsse monstro que a história conhece com o nome de Nero. A mãe dos dois Camilos e a dos Grachos, Romana de têmpera rija, dão filhos que enobrecem Roma. Agostinho, recobrado de seus desvarios, traz na exquisita sensibilidade de seu sublime engenho, no mimo melancólico de sua grande alma um rasto das lágrimas e das orações de S. Mônica, sua mãe. A heróica mãe dos Macabeus dá sete mártires que desafiam e vencem a morte, o furor sombrio de Antíoco. A historia está cheia dêsses exemplos, e a experiência nos comprova todos os dias qual é o poder da mãe.

Quando, levados pelo turbilhão da vida, temos provado as amarguras que Deus semeia de propósito sôbre os prazeres mundanos, para dêles nos desgostar; quando sentimos nosso coração angustiado desmaiar num imenso e tenebroso vazio; nesses momentos de cruel desespêro, de doloroso desânimo, de despedaçamentos íntimos, uma imagem saudosa areolada de luz, nos aparece através um véu de lágrimas: É nossa mãe, o anjo do amor, o ente querido que compendiava para nós tôda a ternura do

Criador, que nos vem dizer na hora dos tristes desenganos, ao declinar da vida, quando mais se espessam as sombras do nosso futuro:

"Espera! nada está perdido ainda; procura no mais recôndito do teu coração, e acharás o precioso germe da honra e da virtude que eu aí depositei".

E então nos lembramos das orações e dos conselhos de nossa querida mãe, da felicidade que gozavamos quando, inocentes, recebiamos suas carícias; das doces comoções que sentiamos invocando com ela o Pai que está nos Céus, recebendo ao lado um do outro o pão dos Anjos no silêncio harmonioso do Santuário. Então nos sentimos reanimados e dizemos resolutos como o pródigo: Levantar-me-ei e voltarei à casa de meu Pai!"

Ó poder de mãe, que ainda depois de tantos anos, comove e regenera os corações dos filhos! Mães, usai dêsse irresistível poder, exercei vosso ministério augusto, e cumprí os graves deveres que êle vos impõe.

I I I

Com que extremo cuidado deveis zelar o fruto de vossas entranhas para que chegue a vir a lume, e receba as águas salvadoras do Batismo! Durante o período melindroso da gestação, deveis tomar, para não incorrer em falta grave, as precauções seguintes:

1º Evitar qualquer susto ou sobressalto violento de ânimo. Tem-se visto a repentina notícia de sucessos inopinados, pelo abalo de temor que incute na mãe, causar a morte do filho, como sucedeu a Losia, nobre Romana, ao anunciarem-lhe de súbito que Paulo Emilio e Jublio seu marido tinham caido mortos numa batalha contra Anibal.

2º Evitar do mesmo modo todos os movimentos de cólera e impaciência, não entregar-se à tristeza, à melancolia, à aflição, e mais paixões desregradas, que mui funesto resultado podem ter.

3º Evitar ainda com todo o cuidado dansas agitadas, e outros exercícios violentos que expõem a risco de abalos e quedas, e assim trabalhos em excesso fatigantes, carrêgo de objetos pesados, etc.

4º São também rigorosamente proibidos espartilhos, cintos e vestidos demasiado apertados; uso de bebidas fortes, de certos remédios nocivos, e de comidas de difícil digestão.

Seguí conveniente regime, fazei passeios e exercícios moderados, e sobretudo trazei o vosso espírito sempre em sossêgo, ocupando-vos de bons pensamentos e de práticas piedosas. Encomendei muitas vezes a Deus aquele entezinho criado à sua imagem, e fazei ao menos uma comunhão neste sentido.

Logo que tiverdes dado à luz o vosso filhinho, rendei graças a Deus, e como Ana, mãe do Profeta, oferecei-o ao Pai que está nos Céus, prometendo

educá-lo no seu santo temor, que é o princípio da verdadeira sabedoria. Vossos filhos serão mais vossos se os entregardes a Deus.

Citemos um exemplo das graças extraordinárias que esta piedosa prática atrai sôbre as crianças.

A condessa Lauduna, mãe de S. Elisiário, apenas deu à luz êste seu primeiro filho, logo com fervorosa devoção e ação de graças o ofereceu a Deus, dizendo: *"Senhor Deus, para obedecer a cujo império existem tôdas as criaturas, graças vos dou por êste filho que por vossa benignidade me foi concedido, e humildemente vos rogo, que o recebais como servo vosso, e com vossa bênção lhe deis vossa graça. Que se conheceis, Deus meu, que êle se tornará rebelde à vossa divina vontade, levai-mo, logo que for purificado nas águas do Batismo; pois melhor é que viva convosco inocente, e morra sem ter adquirido copiosos méritos de virtudes, do que nesta mortal vida ofender vossa infinita Majestade!*

Deus, para mostrar que aceitara êste sacrifício em odor de suavidade, de tanta piedade infundiu, desde o bêrço no ânimo daquele pequeno, que, não tendo ainda êste completos os três anos de sua idade, mostrava admirável compaixão dos pobres de Cristo. Pois como fosse levado nos braços das amas, em chegando à porta do arraial, ficava olhando com muito afeto para os pobres que alí estavam, e não queria de modo algum ir adiante, antes desatava em contínuo e acerbo chôro, até que lhes dessem esmola.

E por isso as amas ou voltavam para buscar pão, ou já o traziam consigo para contentar a criança. E como os pobres recebessem a esmola, logo passava adiante mui vivo e alegre.

Que consolações não logrou a ditosa mãe com tal filho!

I V

Procurai que o vosso recem-nascido receba logo a grande graça do Batismo. "Nada mais comovente, diz um elegante escritor, do que esta cerimônia que começa a vida do homem. Quando se assiste a esta aliança da criatura com o Criador, a esta primeira jornada de armas do Cristão, cuja existência tem de ser um combate contra as paixões; quando se ouvem aquelas interrogações e aquelas promessas igualmente sagradas, sente-se tudo quanto há de grande, severo e belo nos destinos dos filhos de Deus. E que encanto e solenidade na presença dos parentes, amigos, testemunhas que vem servir de caução à inocência, orar para que fique sempre pura, espreitar-lhe os gritozinhos, sorrir às suas primeiras lágrimas, estancá-las, acalentá-la e dulcificar-lhe o momento em que ela enceta a carreira dos deveres". 1)

Não cedais ao intolerável abuso de deixar crianças pagãs por muito tempo. A praxe geral se-

---

1) Brifant.

guida na Igreja Católica, e o direito nela estabelecido, é que se administre o Batismo dentro de prazo curto, geralmente, dentro de oito dias depois do nascimento. Delongar a recepção do Sacramento muito além dêsse têrmo, é falta grave, segundo os teólogos.

Com efeito sendo a vida das crianças tão frágil e sujeita a mil acidentes e perigos, fôra, com tais demoras, expô-las a morrer privadas da grande graça da regeneração espiritual. Ah! procurai, pois, logo e logo para êsses queridos entezinhos, que nascem com o labéu da culpa original, a incomparável honra de serem membros da Santa Igreja, filhos de Deus, irmãos adotivos de Jesus Cristo e co-herdeiros de sua glória! 1)

Ornai-os com os nomes dos grandes benfeitores da humanidade, dos grandes amigos de Deus que foram os santos. Não imiteis êsses pais que menosprezando a brilhantíssima constelação de nomes gloriosos que rutilam no firmamento da Igreja Católica, vão escavar no enxurdeiro dos romances, ou na muladár do paganismo, nomes exóticos, às vezes

---

1) Em caso de necessidade qualquer homem ou mulher pode batizar. Para isso deve-se derramar um pouco de água natural na cabeça do menino, dizendo-se ao mesmo tempo estas palavras: **Eu te batizo em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo.** Se for um monstro ou um aborto, ou se duvida que esteja vivo, deve-se sempre batizar debaixo dé condição, dizendo: **Se és homem ou se estás vivo, eu te batizo etc.**

infames, sempre sumamente ridículos para os pôr em seus filhos, como se não fôra mais decoroso enobrecê-los com os nomes dos heróis do Cristianismo, que lhes podem servir ao mesmo tempo de patronos poderosos e de modêlos das mais perfeitas virtudes.

Em muitos paises da Catolicidade é pio uso apresentar-se reverentemente a mulher no templo sagrado com o seu filhinho, logo que ela se acha restabelecida da debilidade resultante de seu bom-sucesso, para render graças ao Todo-Poderoso por a ter livrado, e a sua prole, de tantos trabalhos e perigos, e consagrar solenemente ao Senhor aquele doce e estremecido fruto de sua conjugal ternura. No Ritual Romano, que é seguido entre nós, vêm as palavras tocantes que se referem a êste ato religioso.

Em alguns lugares usam também os Sacerdotes recitar sôbre a criança o Evangelho de S. João, no qual se declara em termos sublimes como o Verbo que estava em Deus e era Deus, se fez carne, e habitou conosco, e nos mostrou enfim a sua glória, glória como Unigênito do Padre.

Seria bem para desejar que esta cerimônia se praticasse entre nós.

V

Mães, tomai a vosso cargo amamentar os vossos filhos, e não vos dispenseis dêste dever, senão em caso de necessidade. É lei da Providência que as

mães, aleitem seus filhos. "A mãe que aleita o filho, diz um autor, cada vez mais se faz mãe, pois continúa a comunicar-lhe seu sangue a seu sangue, sua carne a sua carne. Nunca a mãe é tão bela, como quando dá o seio a seu filho, e lhe vai infundindo a vida num leite nutritivo, como lha infundia, em seu sangue gerador. Debilita-se com isto, é certo, mas se é generosa e forte, antes quererá sujeitar-se a êste acréscimo de fadigas, do que confiar seu tesouro a uma mercenária."

Sabe-se além disso, que o leite tem imensa influência sôbre o físico e o moral das crianças. Com o leite passam para elas doenças e vícios. Os corpos não se tornam vívidos e bem constituidos, quando são obrigados a nutrir-se logo com um leite não conforme a sua natureza. O leite materno, segundo profissionais, é o mais conveniente e útil à natureza da prole. "Assim como pela fôrça da geração, diz um autor, se transmite uma semelhança de alma e de corpo (e não podem esperar filhos sãos e virtuosos pais doentios e entregues à crápula e à deshonestidade), assim também, pela fôrça do leite, passa para o menino alguma cousa do gênio e das indisposições físicas de quem o amamenta. Ama irada, cruel, dada à embriaguez, sem probidade, incontinente e sem pudor, fácilmente transmite com o leite êstes vícios e a enfermidade do corpo, se de alguma sofre".

Vêde, pois, que de precauções deveis tomar,

quando fordes obrigadas a escolher amas para vossos filhos! Com que diligência deveis escolher sempre mulheres sadias, cuidadosas, mansas, e de costumes puros! repito, e de costumes puros.

Oh! quanto isto é importante! Há muitas amas que perdem os meninos, não só pelo influxo do seu mau leite, senão também ensinando-lhes desde pequeninos os mais horrendos vícios.

Mães de família, aleitando vós mesmas vossos filhos evitais todos êstes perigos. Ama-los-eis assim com mais ternura, e êles a vós; pois está demonstrando pela experiência, que o amor dos filhos é muito mais vivo no coração da mãe, e reciprocamente o da mãe no coração dos filhos, quando êstes são criados aos peitos daquela que lhes deu o ser.

Por isso se nota mais ternura e amor nas famílias pobres, que nas ricas, por causa do costume destas de confiarem os filhos a amas mercenárias.

Enfim, tem sucedido até troca dos filhos, quando são confiados a amas que moram a distância fora das cidades, como sucedeu em Paris no ano de 1826. Um dos principais Conselheiros da côrte confiara a filha à mulher de um seu camponês, que morava em umas terras e vinhas que tinha nos subúrbios daquela capital. Descansados plenamente nos desvêlos e fidelidade da mulher, entregaram-lhe de tal modo o cuidado da recém-nascida filha, que pareceram os pais exonerar-se e isentar-se por al-

gum tempo de todo o cuidado da menina. Sucedeu no entanto, que, por negligência da ama, a menina, aproximando-se demais do fogo, queimou-se no rosto, ficando com uma grave e disforme mancha. Que fazer, ela que não ousaria jamais dar tal notícia ao pai? Toma conselho com o marido, e combinam em substituir a menina pela sua própria filha, quasi da mesma idade, e bastante parecida; e como por muitos meses a outra não foi vista, cuidaram os pais sem escrúpulo que era a sua. Pelo que, crescendo em idade, é educada na cidade, à moda dos fidalgos, a que era filha de um campônio; enquanto a filha do Conselheiro trabalha ignobilmente no campo, e é criada à rústica. Enfim, aquela camponeza, em conformidade com a nobre prosápia de que supunham descender, casa-se rica e nobremente com o filho de outro Conselheiro, levando um dote correspondente. A outra continua na rústica companhia do vinhateiro. O que faz a mãe que não era mãe? Começou sentir-se vexada de escrúpulos de conciência, por causa da fraude e dano daí resultado à legítima prole. Depois de muitos anos, por ocasião de um jubileu, tocada de arrependimento, confessou-se e por conselho do confessor, declarou a fraude àqueles a quem interessava. Reconhece-se a legítima filha por certo sinal secreto, que ao nascer trouxera em uma parte do corpo. Faz-se instância para que lhe seja restituido o dote dado a estranha; a demanda vai aos tribunais; o Matrimônio con-

traido é posto em dúvida em razão do êrro de pessoa. Não sabemos qual foi a decisão dos juizes. Só relatamos êste caso, mui conhecido em Paris e na França, para mostrar, que o negligenciar a amamentação e cuidado dos filhos, pode dar lugar a não poucas desgraças. 1)

Nunca durmais, nem deixeis que ninguém durma, na mesma cama com o vosso filhinho, pois muitas vezes tem sucedido abafarem as mães ou amas, durante o sono, as pobres crianças, e serem assim causa de sua morte. Uma dessas senhoras, que levava frívola e dissipada vida, folgando mais de aparecer nas tumultuosas reuniões do mundo, que de entregar-se às santas e modestas ocupações do seu lar doméstico, preparou-se um dia, com todos os requintes da moda, com as mais esplêndidas galas do luxo e da vaidade, e foi assistir a um baile, deixando sua querida filhinha aos cuidados de uma mulher mercenária.

Depois de passar largas horas, naquela embriagante atmosfera, no meio do revoltear das valsas, tôda sorrisos, tôda encantos, voltou para casa, e seu primeiro cuidado foi ir ver logo a filhinha adormecida para imprimir-lhe à fronte um dêsses ósculos em que se revela tôda a carícia do coração materno. Mas, ao entrar no quarto tôda cintilante dos ornatos e pompas do baile, viu no leito a ama profundamente

---

1) Vid. Hortus Pastorum, pag. 548.

adormecida, com o braço estendido sôbre o pescoço da criança, e esta, afogada por aquele pêso, fria, hirta, já cadáver! Imaginai as lágrimas, os gritos, o desespêro daquela desgraçada mãe! Ah! como se arrependeu ela então de sua dissipação e negligência! Chorarieis por certo tôda a vossa vida, se vos sucedera tal desgraça.

CAPÍTULO X

DO QUANTO IMPORTA TRATAR DA EDUCAÇÃO DOS MENINOS LOGO DESDE OS TENROS ANOS

I

í os vejo ir crescendo os vossos meninos, êste amável ranchinho que povoa e alegra o vosso lar. Tudo é movimento, tudo é vida. A inocência e a candura reluzem em suas frontes. Cantos gentis, palestras ingênuas, repentes de encantar; um que corre a abraçar-vos, apresentar-vos a face com carinho, e logo se amúa; outro, que tem ainda uma grossa lágrima a rolar-lhe na palpebra e já enflora os lábios com um sorriso; outra que faz de professora com a boneca e lhe repete muito séria

as lições que vos ouviu, todo aquele mundozinho que se queixa, e se alegra, que chora e canta, que se assenta e corre tudo a um tempo, e tudo com uma naturalidade que enfeitiça; beija-flores que não pousam, que saltitam pelos ramos, como disse alguém, que riem ao sol, à natureza, a vós, a mim; que dão o que tem de vida, de alegria, de sentimentos, de afeições! Tais são as crianças; a cousa mais graciosa que Deus fez neste mundo!

Oh! é cuidar delas; é ser logo a Providência atenta e solícita dêste mundozinho tão interessante que se move em tôrno de vós. É ir fazendo já descer sôbre estas plantinhas ainda tenras os orvalhos da doutrina celeste! Uma criança de seis anos não raciocina ainda; mas é já o homem que começa. — Não vêdes de que mil artifícios usa para obter um objeto que lhe agrada? Não vêdes como teima no chôro até lograr o intento, e que risos triunfantes quando lhe satisfizeram o capricho? É já um princípio de vida moral. É a alma a mostrar já seus pendores. O menino não reflete ainda, não discorre, mas já sente muito, vê muito, observa muito. É uma cêra em que tôdas as formas se imprimem com uma facilidade espantosa. Ai dêle se as primeiras impressões forem errôneas e viciosas.

O que sucede todavia? As mães pensam geralmente que não têm que se ocupar da educação moral dos filhos, senão mais tarde, quando se trata

de dar-lhes a educação intelectual. Nessa primeira idade os tratam como dixes, como brincos; vestem-nos, despem-nos, cobrem-nos de afagos, como faziam com suas bonecas na infância; em uma palavra, contentam-se de divertir-se com êles; quando muito, se êles as importunam demais, os aterram com algum animal feroz que nunca chega, e que os meninos vêm logo a saber que é uma mentira ignóbil, saída daqueles lábios de que só deviam esperar a verdade.

"E por êste têor quantas idéias estúpidas, quantas crenças grosseiras e absurdas, estampamos em sua mente, que mais tarde, descoberta a verdade, nos fará perder nosso prestígio!" pondera uma inteligente senhora. Não podendo capacitar-nos que o menino tenha alma, nem nos recatamos dêle para executar ações repreensíveis, nem nos abstemos de pronunciar em sua presença palavras dissonantes; que como as sementes arrojadas em fértil campo, floresceram a seu tempo, e nos darão seu fruto.

"Pela mesma razão, nada de corrigir seus nascentes vícios: se o menino faz em pedaços os brinquedos, é natural; se atormenta ou acena a seus irmãos e amigos, é natural; se mofa de seus superiores é natural e naturais são seus caprichos, suas pirraças e raivinhas: Tudo é natural e irrepreensível até os seis anos (e mais); e ainda bem quando seus pais não se divertem a ensinar-lhes palavras obce-

nas, a fazer que burlem de pessoas respeitáveis que concorrem a sua casa, ou a incitá-los a serem desobedientes. Pois que tôdas essas monstruosidades em um menino, contrastando com sua inocência, são graças que os pais oferecem em espetáculo a seus parentes e amigos; os quais, por contemplação, se vêm obrigados a aplaudí-las e celebrá-las."

"Aí está o segrêdo da desmoralização do homem nessa lacuna fatal de seis anos!

"Passa, porém, êste têrmo, e tudo muda repentinamente de aspecto. Ao pobre menino já ninguém o chama bonito; ninguém se ri de suas travessuras, e o que eram graças se converteu em delitos. O pai, que se deixava esbofetear e cuspir, mostra-lhe rosto carrancudo; a mãe lhe dirige alguns sermões em linguagem até alí desconhecida, e sôbre cousas cuja existência jamais tinha previsto.

"Impõe-se-lhe a virtude com castigos; antepõe-se o gelado dever a todos os prazeres; apresenta-se-lhe o bem entre lágrimas e privações; e o menino, surpreendido, irritado, confuso, aborrece o que devêra bem dizer, encontra amargo o que lhe houvera parecido doce, se o tivesse bebido com o leite de sua mãe; e sua conciência e sua razão se afundam igualmente num caos profundo e tenebroso.

"Ditoso aquele a quem suas qualidades instintivas lhe prestam asas para sair do abismo! desditoso, mil e mil vezes desditoso, o que, no meio do seu atordoamento, não acerta em separar a luz da

sombra, luta e reluta nas trevas, e por fim sucumbe! Que farão logo os preceptores e os sábios para galvanizar êsse cadáver? Poderão acaso conseguir isso com seus discursos doutrinários, com os conselhos da fria razão?

"E de quem a culpa de tamanho estrago?

É da mãe, é da mãe por não ter bastante reverenciado a imagem de Deus no próprio filho!" 1)

Ó mães cristãs! Madrugai com a vossa obra. Logo que vossos meninos começarem a falar, ensinai-lhes os doces nomes de Jesus e de Maria! Têm mais influência do que se pensa, nessa tenra idade, as palavras, os conselhos, as exortações piedosas que êles colhem dos lábios inspirados de sua mãe. As grandes almas, como já dissemos, formam-se nestas sublimes irradiações do amor e da fé.

Falai muito a vossos filhos, desde pequeninos, do Pai que está nos Céus, de Jesus seu Filho, dos mistérios inefáveis de sua vida e de sua morte. Repetí-lhes sempre, que devemos procurar em tudo agradar ao nosso Criador, a Maria Santíssima, à Mãe do Céu, e ao nosso Anjo da guarda; que nossas obras boas serão premiadas, nossas ações más, punidas.

Dizei-lhes como a Rainha Branca de Castela a seu filho, S. Luiz rei da França, ainda pequeno: "Meu filho, tu sabes quanto te amo; mas antes eu

---

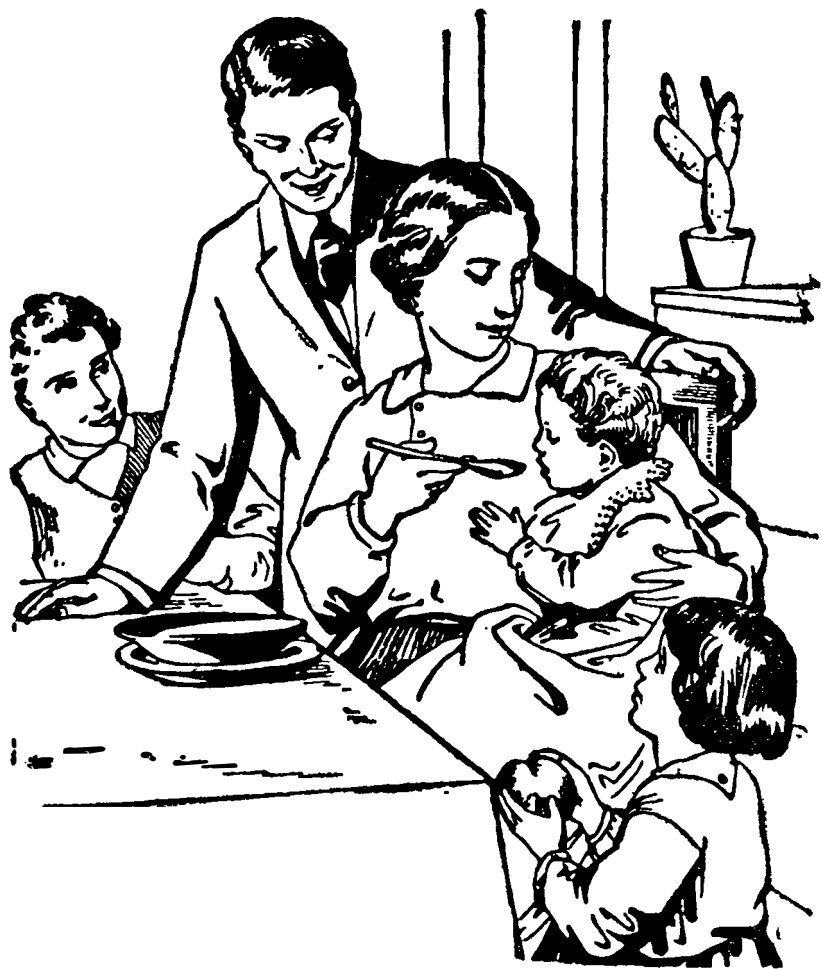
1) El primier ano de Matrimônio, por Angela Grassi.

quisera ver-te morto a meus pés, do que cometeres um pecado mortal!"

Êstes primeiros germes lançados naquelas alminhas ainda tenras, não serão infecundos. Se já nessa idade aprendem os meninos tantas cousas fúteis e vãs, também podem ir repetindo com suas vozezinhas ainda balbuciantes certas máximas úteis e santas. Em vez de achar-se engraçado, como sucede, que naquele primeiro alvorecer de suas faculdades, êles exprimam pensamentos mundanos e falsos, faça-se com que os meninos sejam imbuidos nos primeiros rudimentos da verdade e do bem, e deleitem a todos com palavras sisudas e piedosas.

II

Não se pode começar cedo demais o cultivo da alma. As hervas más são prontasa a nascer, e é mister ir logo arrancando-as com todo o desvêlo, se não queremos achar-nos depois embaraçados com um matagal cerrado de urzes e espinhos, onde mal poderá respirar planta prestadia. O bem tem também tênues e imperceptíveis comêços; é preciso ir logo desenvolvendo-o até a formação completa da alma.

É esta a segunda geração, a geração espiritual, na qual os pais são mais ainda pais do que na primeira. Na primeira, geram o corpo, na segunda o espírito; na primeira transmitem uma vida terrestre

São recebidos êstes anjinhos como presentes do céu.
pág. 51

que só deve durar até a morte; na segunda, uma vida celeste que deve durar tanto como a eternidade. Não cuidem, pois, ter cumprido sua missão só com dar a vida material aos filhos, só com ministrar-lhes o que comer e o que vestir; só com grangear-lhes certas vantagens exteriores que lhes dêm créditos na sociedade, não, isso não é tudo; é meia paternidade; falta a parte principal que é a educação. Falta formar o espírito e o coração destas crianças; falta imbuí-los desde a mais tenra idade nos ditames da moral e da Religião; falta ir-lhes corrigindo com brandura e firmeza as inclinações viciosas; falta dar-lhes o amor do trabalho, da honestidade e do dever; falta, enfim, formar homens, homens como devem ser, superiores às próprias paixões e caprichos; livres como são livres os filhos de Deus — livres do mal; cheios de pudor e dignidade; dedicados, respeitosos, de nobres sentimentos, fiéis à palavra, polidos no trato, mansos, resignados, humildes, caridosos, capazes de elevar-se aos cumes mais sublimes do sacrifício e da abnegação.

Nisto é que está, ó pais, o vosso principal ministério. Sem isso, propriamente não sois pais.

"Quando Deus vos deu filhos," diz S. João Crisóstomo, "sabei que êles foram colocados em vossas mãos como precioso e insigne depósito; deveis, pois, conservá-los com grandíssimo cuidado, como cousas sagradas, como marcados com a imagem de Deus, para que um dia lhos restituais.

No momento mesmo em que foram vossos filhos, foram também filhos do Pai celeste, que os fiou ao vosso cuidado: deveis, portanto, criá-los em nome dÊle, e prepará-los à imortal herança, que Deus por vossas mãos deseja conferir-lhes". São os meninos desenhos incorretos; vós sois os hábeis pintores que deveis fazer dêsses tôscos debuxos um painel bem acabado.

São estátuas apenas desbastadas; vós sois os pacientes escultores que com o cinzel na mão, deveis ir todos os dias alisando os contornos, destacando as formas, avivando as feições, apanhando a roupagem, até tornardes aquele tronco bruto um primor de arte.

Êste é o trabalho essencial, importantíssimo, a que não podeis faltar, sem trair a vossa missão sagrada, sem comprometer gravemente a vossa conciência.

"Que obrigação", diz um sábio escritor, "deveriam os filhos aos pais por lhes ter dado a vida, cheia para êles de maldades e infortúnios, se êstes não se aplicassem com tôdas as fôrças a reparar os males a que ao nascer ficam sujeitos os filhos, procurando-lhes, por meio de ótima educação, uma honesta e feliz vida? Só assim é o pai verdadeiro pai; antes, para isso é que é pai; porque os filhos mais devem aos pais pela boa criação recebida, do que pela vida que lhes comunicaram; pois mais útil é ser o homem bom do que ser homem. Quem pela má

educação se condena eternamente, não era mais feliz para êle nunca haver nascido? Grandemente culpados se julgariam os pais se se descuidassem de mandar administrar a seus filhos o Sacramento pelo qual se fazem cristãos; pois, acaso se devem ter por menos máus os que negligenciam a educação, pela qual êles aprendem a viver de um modo cristão? Que vale ser cristãos, senão para ser mais inescusáveis?" 1)

Por isso, diz S. Paulo, que *os que desprezam cuidar da educação dos filhos, já renegaram a fé, e são piores que os infiéis.* 2) Por isso diz o Eclesiástico: *Tens filhos? ensina-os, e vai logo curvando-os ao jugo do dever desde a puerícia. 3) O filho indisciplinado será a vergonha e a confusão de seu pai.* 4) Em outra parte: Não consintais que vosso filho *seja senhor de sua vontade, em quanto é menino, e atendei ao que faz e ao que pensa. 5) Castigai-o; em quanto é pequeno, para que não se endureça. 6) O menino que vive segundo sua vontade, torna-se insolente 7) Fazei que o menino,* diz o sábio, *ame a virtude desde o princípio da vida, que êle a amará também quando velho. 8)*

---

1) P. Nepreu — Considerations chrétiennes.
2) I Tim. V.
3) Ecle. VII.
4) Ibid. XXII
5) Ibid. XXX, II
6) Ibid. 12
7) Ibid. 8
8) Prov. XXII, 6

Do santo homem Tobias diz a Escritura, que assim educara a seu filho, *ensinando-lhe desde a infância a temer a Deus e a abster-se de todo o pecado.* 1) E S. Paulo louva a seu discípulo Timóteo pela felicidade que teve de ser *alimentado desde a puerícia com as sagradas letras que o podiam instruir no negócio da salvação. 2)*

I I I

Esta é a palavras de Deus, esta é a verdade eterna, que deveis gravar com profunda convicção no íntimo de vossas almas, ó pais e mães de família! Cuidai muito da educação de vossos filhos, desde pequeninos; não vos riais com suas insolências; não condescendais com seus caprichos e vaidades; não permitais que se vinguem, que furtem, que profiram palavras deshonestas, nem digais para dissimular suas faltas: são crianças, não têm juizo. É verdade: mas se as deixais completamente senhoras de si, e sem repreensão alguma, elas se acostumarão pouco a pouco a estas faltas, adquirirão máus hábitos, essas paixões nascentes tomarão império sôbre sua alma, e muito dificilmente corrigireis depois aqueles mesmos que são agora como branda cêra em vossas mãos.

Tertuliano assevera com acêrto, que êsses pri-

---

1) Tob. I, 10.
2) II Tim. III, 15.

meiros vícios dos meninos, de que se faz de ordinário tão pouco caso, são germes de pecado, prognósticos de um criminoso futuro.

"Não picam os espinhos quando começam a brotar; as serpentes quando nascem não têm veneno; porém, com o tempo, as pontas dos espinhos tornam-se rijas e afiadas como espadas; e as serpentes tornam-se venenosas à medida que envelhecem.

"Por isso é que os pais, que usam de nímia indulgência com seus filhos na infância, são seus maiores inimigos, e dêles recebem muitas vezes o castigo de sua culpada condescendência. Diz Salomão, que semelhantes crianças tornam-se leões ferozes contra aqueles mesmos de quem recebem a vida e os bens. Sofrei generosamente ver vossos filhos chorar em seus primeiros anos, para que, reprimidos em suas viciosas inclinações, não vos obriguem a chorar tôda a vossa vida." 1)

Tudo depende na vida do homem, das primeiras impressões. "Donde nascem", pergunta Croiset, "essas gravíssimas desordens da adolescência? essa pouca piedade? essa licença de costumes? êsse excesso de impiedade? Tamanha torrente de iniquidades e de crimes não a imputemos ao desenfreado furor da idade, nem ao fervor do sangue; a mais vulgar e genuina causa é a falta de educação; nem a outras causas atribuimos as rebeliões domésticas, o impe-

1) Quadrupani.

rioso desprêzo da autoridade paterna, as imprudentes desobediências e medonhas ingratidões dos filhos. Que conta se há-de dar a Deus de descurar-se a educação! Tal parece honesto e virtuoso, que talvez seja reprovado eternamente por ter filhos mal instruidos e educados". 1)

IV

Refere um autor como certo filho único, de família fidalga, era criado na maior liberdade, descuidando-se completamente os pais de dar-lhe conveniente direção. Por um nada estavam tremendo que não adoecesse, de modo que para êle eram muito mais os dias de sueto, que os de escola; gracejos, brincos, estonteamentos, ora com os pagens, ora com as donzelas, era negócio de todo o dia. Para não fazê-lo chorar e alterar-se, quanto lhe dava na fantasia, tudo se fazia; todo desabrimento, mesmo o que chegava a pancadas, passava por vivacidade; tôda palavra ainda imodesta passava por graça. O pai, homem sisudo, mas aplicado ao seu emprêgo público, não podia cuidar da educação, e em poder da mãe perdia-se o filho. Deliberou, pois, o pai afastá-lo da mãe; e bem que ela chorasse, e se irasse em excesso, o menino em idade ainda bastante tenra, foi colocado num mosteiro de Religiosos, que naquele tempo se entregavam à educação da mocidade. Mas

1) Exerc. Espir. para cada dia do ano.

até com êles soube aquela criança ladina desenvolver suas mais que infantis astúcias. Com o bom garbo que mostrava, modo lhano e certos repentes chistosos; com as lágrimas também, que as tinha muito às suas ordens nos olhos, quando as chamava; meteu na manga o lente, o imediato do lente, e os censores, tornando-se todos ainda mais indulgentes que a mãe.

O Prior, porém, do Mosteiro: "Quero eu também ocupar-me com êle; a ver se, enquanto está tenra a plantinha, poderei dar-lhe o geito e feição que melhor lhe fica. Daquí em diante serei o mestre dêste menino, servir-lhe-ei de aio e diretor".

Assim fez. Tôda a manhã ia a criança recitar ao Prior as lições, e como as aprendia, assim lhe mediam o almôço; farto, se bem; escasso, ou nenhum, conforme a memória titubeava ou falhava de tudo. Nem lhe faltava o achêgo de alguns bôlos, quando prorrompia nalguma insolência maior. Reduzido a êstes apuros, chorava o rapazito, e irava-se até contra o pão, não querendo comer de despeito; e o Prior como varão de boa têmpera, o deixava chorar. Com esta disciplina sustentada por não mais de dois meses, o menino aliás de boa índole, não tendo nem proteção nem recursos, mudou de tom, tornou-se obedientíssimo ao mínimo aceno, estudioso, sisudo, morigerado.

Saiu do mosteiro, e figurou por muitos anos como cavalheiro cordato e de muitos préstimos; e de-

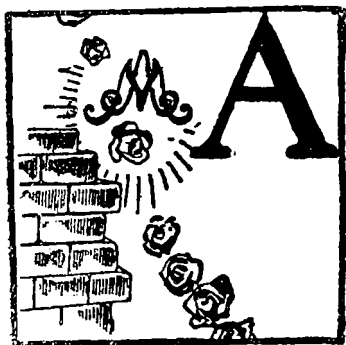
pois de ter dado como árvore boa que era, muitos frutos sazonados de boas obras, expirou como verdadeiro cristão, deixando uma memória saudosa e de todos abençoada.

Se diligências se fizessem iguais, se os mesmos cuidados se empregassem, e bons métodos de educação, não com um menino, mas com cem, não com cem, mas com mil, com uma geração inteira, não é certo que em poucos anos estaria consumada a tão desejada reforma social? Êstes meninos assim educados cresceriam em idade e sabedoria; tornar-se-iam depois pais e mães de família modêlos; comunicariam à sua prole a mesma boa lição que receberam de seus pais; e assim se formaria como uma cadeia de honradas e virtuosas tradições em cada família, e como a reunião destas forma o povo, teríamos por conseguinte dentro em pouco um povo moralizado, instruido, que se assentaria tranqüilo e feliz à sombra de suas figueiras, na bela linguagem da Escritura, um povo verdadeiramente civilizado, capaz de nobres cometimentos, gozando os saudáveis efeitos da verdadeira liberdade e os doces benefícios da paz. É ou não isto uma pura verdade? Pois, pais e mães de famílias, desde já mãos à obra! Comece deveras cada um em sua casa. Eu disse: *Agora, comecei*, diz o Rei profeta 1). Faça cada um o seu dever, e tudo está feito.

---

1) Salm. LXXVI, II.

CAPÍTULO XI

DA INSTRUÇÃO RELIGIOSA QUE OS PAIS DEVEM DAR A SEUS FILHOS

PRIMEIRA e a mais importante instrução que devem os pais dar a seus filhos é a que versa sôbre as verdades da fé e os preceitos do Cristianismo.

Tôda outra instrução, sem esta, é vã e não pode formar um homem completo. De que servem letras sem Religião e moral?

Os mais insignes malvados, os homens que maior dano têm feito ao mundo pela sua impiedade, tirania e corrupção, tinham instrução e talento. O que lhes faltou? Faltou-lhes a educação verdadeira, que lhes formasse a um tempo o espírito e o coração,

e os tornasse pios, comedidos, mansos, honestos, justos e benfazejos.

A instrução religiosa, maiormente a educação cristã são de ordinário mal compreendidas. Uns se contentam de fazer aprender de cor aos meninos algumas rezas que êstes repetem, como papagaios, sem lhes entender a significação. Ora, êste ensino todo superficial, que não desce nem ao espírito, nem ao coração da criança, que influência séria poderá ter na sua vida?

Outros fazem consistir a Religião em meras práticas exteriores que multiplicam a ponto de desgostar e desesperar o menino. Ai dêsses pais e mestres que, como diz um sábio autor, sujeitam os jovens a longas orações, a exercícios de Religião freqüentes e insuportáveis ao leviano da idade, ou sem desvendar de antemão às juvenis inteligências as secretas doçuras de nossos mistérios; em uma palavra, sem ter cuidado que o espírito acompanhe o corpo nos exercícios religiosos!

Confundirá assim o mancebo a Religião com as práticas exteriores, e como as fazia sem amor, até com impaciência e enfado, maldizendo por ventura a indiscrição dos superiores, tomará em aversão a piedade, as práticas do culto e seus ministros, e apenas será senhor de si, delas procurará apagar até a lembrança.

"A inteligência e a afeição são por assim dizer, os dois olhos pelos quais o raio da fé e do amor pene-

tra na alma, e esta alma que é feita para Deus, que está irrequieta e agitada até descansar nÊle, não fica muito tempo insensível âs benignas influências desta luz. Mas, querer inspirar a Religião só por meio de práticas exteriores, de regulamentos severos, de castigos, de prêmios, loucura é que pode dar em formar hipócritas e ignorantes, não em ornar o coração de celestes virtudes, e fazer dêle a morada predileta da sabedoria." 1)

É mister, pois, que a Religião seja inspirada de modo suave como persuasivo; que ela côe e penetre naturalmente, sem esfôrço, sem constrangimento, até o fundo da alma do menino, e se torne aí uma convicção profunda, a regra viva, a alma de todo o seu procedimento.

As práticas religiosas brotarão espontâneas então, como os ternos beijos com que êle acaricia a sua extremosa mãe. Para chegar a êste resultado, deve o ensino da Religião ser dado, não de modo indireto, importuno e fora de propósito, mas em tempo acomodado, e com todo o tento e prudência; não de modo superficial e incompleto, mas tão aprofundado quanto o permitirem as faculdades do menino; não finalmente de modo frio e sêco, mas com terno afeto, com vivo interesse, com palavras animadas de ardente zêlo, luz e calor celestes que passam da alma dos pais para a alma dos filhos.

---

1) Fénelon.

II

A mãe, principalmente, como já dissemos e não cessaremos de repetir, tem o segrêdo dessa transmissão suave e poderosa da verdade e do bem. A alma da criança desabrocha, como uma flor delicada, do sôpro vivificador do ensino materno. Ela estremece, ela se colora, ela se perfuma naquelas luzes e orvalhos de piedade e de amor.

Se a mãe quer fazer compreender a seu filho a grandeza de Deus, o seu poder, a dependência em que dÊle estamos, aquele olhar que tudo esquadrinha, e a justiça com que nos há de julgar, — olha, dirá ela, olha, meu filho, para êste céu estrelado! Vês quantos mundos lá estão brilhantes? Que ordem! que beleza! Quem criou o bonito sol que nasce todos os dias? Quem criou a lua e tôdas estas lindas estrêlas? Foi Deus, foi o Pai que está nos Céus. Oh! como Êle é grande! Oh! como é poderoso! Disse uma palavra, e tudo foi feito. Poderia dizer outra palavra e tudo cairia no nada. Oh! como Êle é bom! foi Êle que te criou, filho meu foi Êle que te deu esta alma imortal para o conhecer, êste coraçãozinho inocente para o amar. Muito bom deves ser, meu querido, para agradares ao Pai que está nos Céus. Seu olhar está sempre aberto para ti. Por mais que te escondas no escuro, Êle te vê. Tudo o que fazes, tudo o que pensas, Êle sabe logo. Hás de lhe dar conta um dia de tôdas as tuas ações.

Se fores mauzinho, caprichoso, mentiroso, desobediente, Êle te castigará; se fores bom, manso, sério, obediente Êle te dará como prêmio a glória eterna. Oh! caro filho, antes tu morras, do que ofendas ao Pai do Céu".

Quantas verdades importantíssimas nesta curta lição? Se a mãe a variar por mil modos, aproveitando-se de tôdas as ocasiões, que fruto não fará na alma do menino!

Uma flor, uma borboleta, uma árvore, uma vista de mar, um belo pôr de sol, tudo servirá de tema para discorrer afetuosamente sôbre Deus, sôbre sua amorosa Providência que se estende até aos filhos dos passarinhos, sôbre a gratidão; respeito e amor que lhe devem os filhos dos homens. Conforme o desenvolvimento que fôr tendo a inteligência do menino se lhe tornará razoada a crença da existência de Deus. "Há de se mostrar uma casa aos meninos, diz Fénelon, e ir acostumando-os a entender que ela não se fez por si."

As pedras, lhes direis, não se levantaram sem que ninguém as trouxesse.

É bom até mostrar-lhes pedreiros a edificarem; e depois fazê-los olhar para o Céu, a terra e as principais cousas que Deus aí fez para uso do homem; dizei-lhe: Vêdes quanto é mais formoso o o mundo e mais bem feito que uma casa. Fez-se êle por si? Não, sem dúvida; Deus foi quem o criou só com sua palavra.

"A princípio é seguir o método de Escritura, continua o sábio Arcebispo de Cambray, impressionai-lhes forte a imaginação, nada lhes propondo que não seja revestido de imagens sensíveis. Representai a Deus sentado num trono, com olhos mais fulgurantes que os raios do sol, e mais penetrantes que os relâmpagos; fazei-o falar, dai-lhes ouvidos que tudo escutam, mãos que sopesam o universo, braços sempre erguidos para castigar os maus, coração meigo e paternal para aditar os que o amam. Tempo virá de tornar-lhes mais acuradas estas nações. Estai a espreitar de qualquer aberta que o espírito do menino vos dê; tateai-o por diversos lugares a ver por onde as grandes verdades lhes podem ir entrando na cabeça, e nada de novo lhe digais sem predispô-lo com alguma preparação familiar.

III

Eis aquí, por exemplo, o método que Fénelon propõe para os fazer distinguir bem a alma do corpo, e quanto aquela é mais preciosa que êste.

"Dizei a um menino em que já atua razão: Tua alma é que come? Se êle responde mal, não ralheis, mas dizei-lhe brando que a alma não come. O corpo, direis, é que come; é o corpo que é semelhante aos animais. Têm os animais espíritos? São sábios? Não, responderá o menino. Mas êles comem,

continuareis, bem que não tenham espírito. Já vês que não é o espírito que come; o corpo é que toma os alimentos para se nutrir, êle é que caminha, êle é que dorme.

E a alma o que faz? Raciocina; conhece todo o mundo; gosta de certas cousas, e há outras que olha com aversão.

Direis ainda como brincando: Vês esta mesa? — Vejo. — Então tu a conheces? — Conheço. — Estás vendo que ela não é feita como esta cadeira; sabes que ela é de pau, e que não é como a parede, que é de pedra. — Sim, — responderá o menino. Não prossigais, sem primeiro ver, no tom da voz e nos olhos, que estas verdades tão simples o impressionaram. Depois dir-lhes-eis: — Mas esta mesa conhece-te? Vereis que o menino se porá a rir para zombar desta pergunta. Não importa; acrescentai: Quem te quer mais bem, esta mesa ou esta cadeira? Êle rirá ainda. Continue: E aquela janela é bem sisuda, é bem procedida? Depois tentai ir mais longe. E esta boneca responde-te quanto tu lhe falas? — Não .Porque? É porque ela não tem alma? — Não, ela não tem alma. — Então ela não é como tu? Tu conheces, e ela não conhece. Mas depois da tua morte, quando estiveres debaixo da terra, não serás como esta boneca? — Sim. — Não sentirás mais nada? — Não. — Não conhecerás mais ninguém? —Não. E a tua alma estará no Céu? — Estará. Não verá ela a Deus? — Verá. — E a alma da bo-

neca onde está agora? Vereis que o menino sorrindo vos responderá, ou ao menos vos dará a entender que a boneca não tem alma".

Assim pouco a pouco, e sem fazê-lo entrar em subtilezas filosóficas, o que seria um grande mal, irá êle claramente discernindo a diferença entre a alma e o corpo que a princípio só confusamente percebia.

Para lograr melhor êste resultado, há um meio prático, aconselhado por Fénelon, e consiste em acostumar os meninos a desprezar o corpo, e a estimar a alma em tôdas as particularidades do procedimento.

"Louvai a instrução que nutre a alma e a faz crescer; tende em grande estimação as altas verdades que a animam a tornar-se sábia e virtuosa; desprezai mesas regaladas, enfeites e tudo quanto amolece o corpo; fazei sentir quanto a honra, a boa conciência e a Religião estão acima dos prazeres grosseiros... Os Romanos... e antes dêles os Gregos nos bons tempos de suas repúblicas nutriam seus filhos no desprêzo do fasto e da moleza: ensinavam-lhes a só prezar a glória; a querer, não possuir crer que só se pode ser venturoso pela virtude. Tão fortemente se havia estabelecido êste espírito naquelas repúblicas, que elas fizerem cousas incríveis, segundo estas máximas tão contrárias às de todos os outros povos. O exemplo de tantos márti-

res e de outros primeiros cristãos de tôda a condição e idade, faz ver que a graça do Batismo, sendo ajudada do socorro da educação, pode fazer impressões ainda mais maravilhosas nos fiéis, para lhes fazer desprezar o que pertence ao corpo. "Procurai todos os rodeios mais agradáveis, e as mais frisantes comparações, para representar aos meninos que nosso corpo *é semelhante aos animais, nossa alma semelhante aos Anjos*.

Representai um cavaleiro montado a cavalo, e governando-o; dizei que a alma é para o corpo o que o cavaleiro é para o cavalo. Acabai por concluir que bem desgraçada é uma alma que se deixa levar pelo corpo, como por um cavalo fogoso que dispara num precipício. Fazei ainda notar, que a beleza do corpo é flor que pela manhã desabrocha, e que à tarde já está murcha e calcada aos pés; mas que a alma é a imagem da formosura imortal de Deus".

Como se falará muitas vezes destas cousas esrituais e invisíveis, será bom explicar aos meninos de maior penetração, que o que há mais real, melhor isento de mudanças e corrupção é justamente o que não se percebe pelos olhos nem pelos ouvidos. Para isso lhes perguntaremos, como aconselha Fénelon, se não é verdade que tal pessoa é sábia e que tal outra tem muito atilado espírito? Quando nos responderem: — Sim, — ajuntai: Mas a sabedoria de F. tu a viste? De que côr é ela? Ouviste-a? Faz

muito barulho? Apalpaste-a? É fria ou quente? O menino rirá. O mesmo fará com as mesmas perguntas que lhe fizerdes sôbre o espírito; parecerá todo admirado que lhe pergunteis de que côr é um espírito; se é redondo ou quadrado? Então lhe podeis notar, que êle conhece, pois, cousas mui verdadeiras, que não se pode nem ver, nem tocar, nem ouvir, e que essas cousas são espirituais.

Falemo-lhes também do Céu, pátria de nossas almas. Façamos brilhar em suas imaginações infantís aquela Jerusalém celeste, em que não há mais nem dôr, nem morte, nem clamores, nem lágrimas; mas uma torrente de eternas alegrias, um rio de paz, um mar de delícias a banhar os bem-aventurados; mil pedrarias, mil riquezas, mil esplendores, músicas arrebatadoras, e Deus como um sol imenso e formosíssimo a alumiar aquele Paraiso, num dia que não tem acaso! Pintemos-lhe também com cores vivas a ressurreição dos mortos. O Criador reunirá um dia as partes do corpo separadas pela morte.

Não esqueçamos as comparações da semente e da borboleta. A semente cai na terra, apodrece, mas para ressuscitar numa plantinha cheia de vida e coberta de flores e frutos. Um verme entra dentro de um casulo; alí fica imóvel, como num sepulcro, para depois sair transformado em borboleta formosíssima. Assim sucederá com os nossos corpos.

Deus e a alma! Uma vida imortal depois desta vida de um dia! Descanso eterno na pátria depois de curto e afanoso peregrinar neste mundo! Prêmio ou castigo para sempre depois da provação! Eis os fundamentos da Religião, que cumpre bem explicar e fazer compreender aos meninos.

Sem estas verdades bem incutidas no ânimo dêles não há educação possível.

IV

Mas não basta. É mister principalmente fixar-lhes a vista em Jesus Cristo, Mediador entre Deus e a alma, autor e consumador da nossa fé, centro de tôda Religião; sem o qual não podemos ser salvos. Que salutares reflexões não fará uma mãe piedosa à vista de um crucifixo!

Vês, meu filho, o bom Jesus? É o filho de Deus! É o Rei da glória. E morreu assim traspassado com uns pregos por nossos pecados! Tôdas as vezes que se peca, é como se rasgassemos as feridas do bom Jesus, é como se o crucificassemos de novo.

Não peques, filho meu, para não ofenderes a êste teu bom Senhor. De quem é êste coraçãozinho? Não é de Jesus? Pois então não te zangues mais, nem mintas, nem faças pecado algum, porque Jesus morreu na Cruz para te livrar do pecado. Pois se Êle morreu para te livrar, como irás tu mesmo

entregar-te nas mãos do demônio? Isto não pode ser. Depois do Batismo estás livres; és servo, és amigo de Jesus; não podes mais ser vil escravo do demônio. Jesus deu precisamente seu sangue para te livrar do cativeiro infame das paixões e dos vícios. Êle te ajuda, Êle te dá sua santa graça, meu filho, para que possas adquirir tôdas as virtudes, de que nos deu perfeito exemplo. Assim, é preciso que sejas obediente e humilde, como Jesus, benigno e caridoso, como Jesus, puro e modesto, como Jesus, pio e dedicado a Deus, como Jesus.

Quem pode dizer o efeito destas e outras palavras ungidas de fé, a brotarem inspiradas dos lábios de mãe carinhosa, de mãe segundo o coração de Deus? Uma delas tinha costume de vir de tempos em tempos sòzinha à câmara do filho, quando êste já estava deitado, para entretê-lo de pensamentos piedosos antes de adormecer. Êste filho que veio a ser depois um Pontífice da Igreja de Deus, comovia-se até às lágrimas recordando-se daqueles momentos preciosos em que um Anjo de ternura lhe aparecia falando de Deus, em voz submissa, no suave recolhimento da noite.

Ah! se tôdas as mães se empenhassem assim em ensinar a Religião a seus filhos, mas a ensiná-la com êste ardente afeto, com esta amorosa insistência, com esta fé viva e sincera, que reforma, não se viria logo realizada nos costumes privados e públicos.

V

Cumpre insistir também muitíssimo sôbre as máximas evangélicas, sôbre essas regras da moral propriamente cristã, que são tão verdades de fé como os dogmas da Santíssima Trindade e Incarnação do Verbo.

Assim devem as mães, devem os pais estar sempre ensinando aos filhos, como cousas certas, infalíveis, impossíveis de pôr em dúvida — que bem-aventurados são os pobres, bem-aventurados os que choram, bem-aventurados os que sofrem perseguição, etc., 1) que devemos amar os inimigos, fazer bem aos que nos fazem mal; 2) que é necessário padecer nesta vida para ser glorificado na outra; 3) que se deve ter em pouco as riquezas e a glória do mundo; 4) que é necessário fazer violência a si próprio; 5) que são desgraçados os ricos que só procuram gozar e divertir-se; 6) que é melhor perder tudo do que perder a sua alma; 7) que um cabelo da nossa cabeça não cai sem licença do Pai que está no céu; 8) que Deus tudo o que permite é para nosso bem; 9) que tudo o que sucede é dirigido por

1) Mat. V, 3 e seguintes.
2) Ibid. 44.
3) Rom. VIII, 17.
4) Filip. III, 8.
5) Mat. XVI, 19.
6) Luc. XVI, 19.
7) Mat. XVI, 26.
8) Luc. XI, 18.
9) Rom. VIII, 28.

uma amorosa Providência; 1) que quem se humilha será exaltado, e quem se exalta será humilhado; 2) que quem não recebe o Santíssimo Sacramento do Corpo e Sangue de Jesus se perderá eternamente 3), e outras verdades semelhantes, reveladas por Deus.

Cumpre fazer bem compreender aos meninos a imensa diferença que há entre o espírito do Evangelho e o espírito do mundo; entre as ações do verdadeiro cristão, e do que o não é senão de nome.

Apreciar as riquezas, *dar por felizes quem as possue,* isso é próprio do mundo e é falso; tê-las em pouco e desprezá-las, considerá-las como um perigo e um impecilho para o Céu, isso é próprio do cristão, e é verdade.

Satisfazer aos apetites do corpo, viver em regalos e prazeres, isso é próprio do mundo e é engano; *mortificar o corpo, trazê-lo sujeito ao espírito,* negar muita cousa que aquele pede, impor-lhe muita cousa que recusa, isso é próprio do cristão, e é real. Procurar seus interesses, cuidar só de si, ambicionar cargos, *mendigar apláusos,* fugir de tudo quanto é humilhação e sofrimento, isso é próprio do mundo, e é loucura; *esquecer-se de si para dedicar-se aos outros,* gostar mais das *posições obscuras,* desprezar as glórias do mundo, e achar que valem infinitamente mais

---

1) Mat. VI, 26.
2) Ibid. XXIII, 12.
3) João VI, 54.

que elas os *opróbrios da Cruz, isto é próprio do cristão, e é profunda sabedoria.*

"Quero bem a um homem que *me ama* e me faz bem, esta ação tomando-a em si, não é, ação de vida espiritual, porque os cães e os gatos fazem outro tanto. Mas amo um homem que *me odeia*, que *fala mal de mim*, que *me persegue, eis uma ação da vida espiritual*... Estou triste, e por isso deixando-me levar da melancolia, não quero falar, ou se falo, são palavras de impaciência, ásperas, azêdas, ensopadas de amargura: as pêgas e os papagaios calam-se da mesma maneira, quando não estão alegres, e o tempo sombrio e chuvoso põe os monos de máu humor. Mas se nesta indisposição e neste aborrecimento faço esforços sôbre mim; se falo, se procuro dar às palavras e ao semblante o tom da mansidão, da brandura, da caridade, é proceder e falar como homem espiritual.

Sou desprezado e zango-me; assim fazem os Turcos e os Pagãos. Mas suporto êste ataque à honra com paciência e humildade; recebo êste desprêzo, lançando os olhos para a primeira causa donde êle me vem, que é Deus; considero que Êle mo envia para minha glória e salvação, e que me será fonte fecunda de bens eternos, se dele uso como devo; isso é viver como homem espiritual" (Como verdadeiro cristão). 1)

---

1) L'homme spirituel, par le P. Saint-Jure, Som. I pag. 133 e 134.

Eis o que cumpre fazer bem entender aos meninos; eis mais ainda o que cumpre que êles ponham em prática.

Isto sim, que é o cristianismo. Quer-se ou não se quer ensinar às gerações novas a Religião cristã? Se se quer, é esta que se deve ensinar, é a real, é a que está no Evangelho, promulgada pelo Filho de Deus, como a lei pela qual devemos todos regular-nos, e pela qual seremos todos julgados.

Eis o que, à fôrça de exercícios, à fôrça de aplicações práticas, cumpre fazer entrar, como uma realidade viva, no procedimento dos meninos. Êste é o ponto essencial que se descura. O menino *pode saber doutrina,* e ser *máu católico.* Pode ter *instrução religiosa,* e não ter *educação cristã.* São cousas muito diferentes.

Uma cousa é a teoria, outra cousa é a prática. É preciso habituar os meninos a serem de fato humildes e obedientes; não basta que êles conheçam estas virtudes. É preciso acostumá-los à modéstia no trajo e nos cabelos; obrigá-los a congraçar-se com quem os ofendeu; reprimir logo neles qualquer movimento de soberba; acostumá-los à vida um pouco dura, e dar-lhes o horror de tudo quanto é *mole, efeminado e sensual.*

Qualquer falta que cometem deve ser por êles logo reparada. Habituai-os a dar esmolas, com a ternura e veneração que se deve aos pobres de Jesus Cristo. Em uma palavra, *exercei-os na piedade.* Fa-

zei que êles contraiam o hábito da oração e das boas obras. Não bastam belas palavras, é preciso a prática.

Quem se contentasse só de ensinar a um menino a teoria da música nunca formaria um artista; é preciso exercitá-lo todos os dias, até que êle adquira o hábito de tocar ou cantar com primor. O mesmo é a vida moral e cristã. Não se aprende ela só com palavras, mas com exercícios das diferentes virtudes.

Quando se vai adquirindo o hábito dêsses atos virtuosos, então se vai o homem verdadeiramente *educando* até atingir o pleno desenvolvimento de suas mais nobres faculdades.

Ah! que grande responsabilidade não é a daqueles, que não só não ensinam aos meninos tudo o que devem ensinar-lhes, mas os deixam ouvir de contínuo outras máximas inteiramente contrárias! "Como jamais, pergunta um piedoso autor, puderam êles ter idéias justas, se a maior parte das vezes proferem-se máximas falsas diante dêles? Sôbre que versam as conversações nas salas? Pergunto-vos: porventura não se ouve continuamente pregar, ostentar e exaltar o que o Evangelho condena?

"Não vemos nós todos os dias, pessoas viciosas, conhecidas mesmo por tais, gozar de grande consideração, porque são ricas e poderosas; enquanto se despreza uma pessoa pobre, mas cheia de merecimentos? Não trata o mundo de loucura o perdão

das injúrias, que o Evangelho tem em conta de grande virtude? Não vemos nós que uma pessoa desprezível é recebida na sociedade com tôda a distinção, por ter talentos e ser cortezã; e muitas vezes outra pessoa de grande merecimento e consumada virtude, por ter faltado com alguma formalidadezinha de etiqueta, ser objeto de riso e zombaria? Durante seis semanas talvez se fará memória daquela falta, servindo ela sempre de motejo. Que outro efeito pode ter isto no ânimo dos meninos, senão fazê-los ligar grande importância a todos os usos da polidez, e nenhuma ao mais essencial, à moral e à Religião?

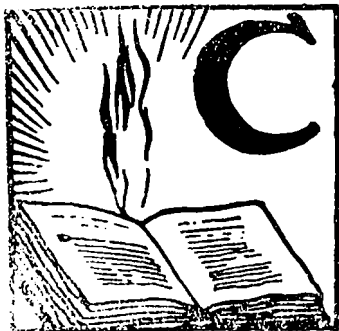
"Nada escapa às crianças; ouvem tudo, e nem por isso alguém se constrange no falar, em atenção a elas. Se ao menos a mãe, não podendo evitar que seu filho ouça tôdas essas cousas, tivesse a boa idéia de remediar a isso em particular, mostrando-lhe todo o perigo de idéias tão errôneas!

Porém não, o mais das vezes, nem nisto se pensa... Geralmente não se fala bastante às crianças, e perdem-se muitas ocasiões de dar-lhes salutíferas lições, que não as enfastiariam.

Estas observações são tão justas, como práticas. Oxalá aproveitem a todos.

CAPÍTULO XII

EM QUE SE DECLARA A NECESSIDADE DE INSTRUIR MENINOS SÔBRE A IGREJA, DECÁLOGO, OS SACRAMENTOS, E A ORAÇÃO

I

OMO as doutrinas e os exemplos de Jesus Cristo, que são a norma pela qual se devem regular todos os cristãos, nos são propostos pela autoridade da Igreja, é mister que se faça conhecer aos meninos, tanto quanto o permitir o desenvolvimento de suas faculdades, esta mesma Santa Igreja, espôsa do Filho de Deus: Mãe de todos os fiéis, Igreja de Deus vivo, coluna e firmamento da verdade. "É ela, direis, que cumpre escutar, porque o Espírito Santo a esclarece para nos explicar as Escrituras; só por ela se pode ir a Jesus Cristo. Não

deixeis de reler muitas vezes com os meninos os lugares em que Jesus Cristo promete sustentar e animar a Igreja, afim de que ela conduza seus filhos ao caminho da verdade... Preveni-os de salutar horror por tôda singularidade (e novidade) em matéria de Religião... Cuidai, pois, de pôr-lhes diante dos olhos o Evangelho e os grandes exemplos da antiguidade (cristã); mas fazei-o depois de lhes experimentar bem a docilidade e simplicidade de sua fé. Voltai sempre sôbre a Igreja; mostrai-lhes com as promessas que lhe são feitas e com a autoridade que lhe é dada no Evangelho, a série de todos os séculos em que esta Igreja tem conservado, entre tantos ataques e revoluções, a sucessão inviolável dos Pastores e da doutrina, que fazem o cumprimento exato das promessas divinas." 1) De feito só a Igreja Católica tem atravessado mais de dezoito séculos, presidida sempre por um Sumo Pontífice, sucessor de São Pedro, como Jesus Cristo a estabeleceu. Só esta Igreja é a que Jesus Cristo chamava a sua, é a Igreja cristã verdadeira, da qual dizemos no Símbolo: *Creio na Santa Igreja Católica.* Tôdas as mais, que dela se separaram, são falsas e heréticas.

Saibam bem os meninos que em união com esta Santa Igreja Católica devemos viver até o último suspiro de nossa vida, procurando praticar a dou-

---

1) De l'education des filles, Chap. VII

trina de Jesus Cristo, afim de sermos colocados entre os santos no dia do juizo final.

É preciso pintar-lhes êste juizo; o sol obscurecido, a máquina do mundo desconjuntando-se, os elementos abrasados correndo como rios de fogo, e consumindo tudo. "Mostrai-lhes depois, diz Fénelon, os túmulos abertos, os mortos a congregarem os restos de seus corpos; Jesus Cristo descendo sôbre as nuvens com alta majestade; *aquele livro aberto* em que *estarão escritos até os mais secretos pensamentos dos corações;* aquela sentença pronunciada em face de tôdas as gerações e de todos os séculos; aquela glória que se abrirá para coroar para sempre os justos e para os fazer reinar com Jesus Cristo sôbre o mesmo trono; enfim aquele tanque de fogo e enxofre, aquela noite e aquele horror eterno, aquele ranger de dentes, e aquela raiva comum com os demônios, que será a partilha das almas pecadoras".

II

Não deixeis de explicar a fundo o Decálogo, resumo da lei de Deus, que o Evangelho confirma e completa, e mostrai, que os conselhos evangélicos foram dados para facilitar a prática dos preceitos, para pôr-nos a abrigo da própria fragilidade, e que algumas vezes êles se tornam de rigorosa obrigação, quando sem êles não se cumpririam os preceitos.

"Repeti muitas vezes... que a simples observância do culto externo é inútil e nociva, se não é inteiramente animada pelo espírito de amor e religião. Tornai êste falar bem perceptível e claro; fazei ver que Deus quer ser honrado pelo coração, e não só pelos lábios; que as cerimônias servem a manifestar nossa religião e a excitá-la; que esta é interior, pois Deus procura adoradores em espírito e verdade... que não se deve só executar o que a lei ordena, mas executá-lo para tirar o fruto que a lei teve em vista ordenando; que assim nada é ouvir Missa, se não a ouvimos para nos unir a Jesus Cristo sacrificado por nós, e tirar proveito de tudo o que nos representa sua imolação. Acabai dizendo, que nem todos os que dizem: Senhor, Senhor, entrarão no reino do céu; que se não se entra nos verdadeiros sentimentos do amor de Deus, de desapêgo aos bens temporais, de desprêzo de si, de horror pelo mundo, faz-se do Cristianismo um fantasma enganador para si e para os outros."

III

"Passai aos Sacramentos: suponho que já tereis explicado tôdas as cerimônias dêles, à medida que elas se fizeram em presença do menino... que assim melhor se lhe fará entender o espírito e o fim dos mesmos Sacramentos... Lembrai muitas vezes os exorcismos e as promessas do Batismo, pa-

ra mostrar que as máximas do mundo bem longe de terem sôbre nós alguma autoridade, devem tornar suspeito quanto de tão odiosa e envenenada fonte nos provém...

"Ajuntai quanto devemos calcar aos pés os mal fundados desprêzos, os ímpios ditérios e até as violências do mundo; pois que a Confirmação nos torna soldados de Jesus Cristo, para combater êste inimigo."

O Bispo, direis, deu-te uma pancada no rosto para endurecer-te contra os golpes mais violentos da perseguição; fez sôbre ti uma unção sagrada, lembrando os antigos que se ungiam com o óleo, para tornar seus membros mais flexíveis e vigorosos, quando iam ao combate; enfim fez sôbre ti o sinal da Cruz, para te mostrar que deves ser crucificado com Jesus Cristo.

Não estamos mais, continuareis, no tempo das perseguições, em que se mandava matar quem não renunciava ao Evangelho: mas o mundo que não pode deixar de ser mundo, isto é, corrompido, faz sempre perseguição indireta à piedade; arma-lhe laços para a fazer cair, desacredita-a, zomba dela; e a torna tão difícil de praticar, que no meio mesmo das nações cristãs, e onde a autoridade soberana apoia o Cristianismo, está a gente em perigo de envergonhar-se do nome de Jesus Cristo e da imitação de sua vida.

"Representai fortemente a dita que temos de

ser incorporados a Jesus Cristo pela Eucaristia. No Batismo somos seus irmãos, na Eucaristia seus membros."

Como êle se deu, na Incarnação, à natureza humana em geral, dá-se na Eucaristia, que é a continuação da Incarnação, a cada fiel em particular. Tudo é real na série de seus mistérios; Jesus Cristo dá sua carne tão realmente como a assumiu...

"Mas que infelicidade, direis ainda, termos precisão do Sacramento de Penitência, que supõe havermos pecado depois que fomos feitos de Deus!

Bem que êste poder todo celeste exercido na terra, posto por Deus nas mãos dos Sacerdotes, para ligar e desligar os pecados, segundo fôr mister, seja tão grande manancial de misericórdias, cumpre tremer no temor de abusar dos dons de Deus e de sua paciência. Só devemos confessar-nos para converter-nos e corrigir-nos; se não, as palavras da absolvição, por poderosas que sejam pela instituição de Jesus Cristo, não passam de palavras, mas palavras funestas que serão nossa condenação perante Deus.

Confissão sem emenda interior, tão fora está de descarregar a conciência do fardo dos pecados, que antes acrescenta aos outros o de um monstruoso sacrilégio.

"Fazei ler aos meninos que educais as orações dos agonizantes que são admiráveis; mostrai-lhes o que faz, o que diz a Igreja, dando a Extrema-Unção

aos moribundos. Que consôlo para êles receberem um renovamento da unção Sagrada para o último combate! Para merecer, porém, as graças da morte, cumpre ser fiel às da vida.

"Admirai as riquezas da graça de Jesus Cristo, que não duvidou aplicar o remédio à fonte do mal, *santificando a fonte do nosso nascimento, que é o Matrimônio!*

Como era congruente fazer um Sacramento desta união do homem e da mulher, que representa a Deus com a criatura, a de Cristo com a Igreja! Que bênção era necessária para moderar *as paixões brutais dos homens*, para derramar a paz e a consolação tôdas as famílias, para transmitir a Religião como uma herança de geração em geração! Donde se há de concluir, ser o Matrimônio Santíssimo, puríssimo, bem que menos perfeito que a virgindade...

"Louvai a sabedoria infinita do Filho de Deus que estabeleceu Pastores para o representar entre nós, para nos instruir em Seu nome, para nos dar Seu corpo, para nos reconciliar com Deus em nossas quedas, para formar todos os dias novos fiéis, e mesmo novos Pastores, afim de que a Igreja se conserve em todos os séculos sem interrupção. Mostrai que devemos regosijar-nos por ter Deus dado tal poder aos homens.

Ajuntai com que sentimento de Religião se deve respeitar os ungidos do Senhor: São homens de Deus, dispensadores de seus mistérios. Cumpre,

pois, abaixar os olhos e gemer, desde que se vê neles a menor mácula a deslustrar o esplendor de seu ministério, desejando lavá-lo com o próprio sangue.

A doutrina que ensinam não é dêles; quem os escuta, escuta ao próprio Jesus Cristo...

IV

"Resta mostrar a necessidade da oração fundada na necessidade da graça...

Êste ponto da necessidade da graça quer Fénelon que seja explicado ao menino dêste modo:

Por exemplo, perguntai-lhe se antes êle quisera morrer que renegar a Jesus Cristo. Êle responderá: *Sim*. Ajuntai: como! darias tua cabeça a cortar para ganhar o céu? *Sim*.

Até aquí está o menino capacitado que teria bastante ânimo para isso. Mas vós que lhe quereis fazer sentir que êle nada pode sem a graça, nada adiantareis dizendo simplesmente que é preciso a graça para ser fiel, que essas palavras êle não as entenderia...

Que fareis? Contai-lhe a história de São Pedro; representai-o dizendo em tom presunçoso: "Se cumpre morrer contigo, eu te seguirei; ainda que todos te abandonem, eu não te abandonarei". Depois pintai sua queda; renega três vezes a Jesus Cristo; uma criada lhe faz mêdo.

Dizei porque permitiu Deus que êle fosse fraco; depois servi-vos da comparação de uma criança ou dum enfermo, que não pode caminhar sózinho, e fazei-lhe entender que nós precisamos que Deus nos leve ao colo como uma ama leva a criança: por ai tornareis sensível o mistério da "graça".

"Deus quer que lhe peçamos a sua graça" dir-se-á ainda a um menino; "não que Êle ignore nossa necessidade, mas porque, nos quer sujeitar a um pedido que nos excite a reconhecer esta necessidade: assim o que Êle de nós exige é humildade de coração, sentimento de nossa miséria e fraqueza; enfim, confiança em sua bondade.

Esta súplica que quer êle façamos, consiste em intenção e desejo, que de palavras não precisa Êle.

Muitas vezes se repetem muitas palavras sem orar; e muitas vezes se ora interiormente sem pronunciar palavra alguma. Mui úteis podem, todavia, ser as palavras, porque excitam em nós os pensamentos e sentimentos que elas exprimem, se a elas estamos atentos; por êste motivo nos deu Jesus Cristo uma forma de oração (*o Padre nosso.*)

Que consolação sabermos por Jesus Cristo mesmo como quer seu Pai que lhe oremos! Que fôrça não devem ter petições que Êle mesmo nos põe na bôca! Como não nos concederá o que teve cuidado de nos ensinar a pedir? Depois mostrai-lhes quanto é simples e sublime esta oração, curta e cheia de tudo quanto do alto podemos esperar.

V

"O tempo da primeira confissão dos meninos cousa é que não se pode decidir aquí; depende do estado de seu espírito, e ainda mais do de sua conciência. É mister ensinar-lhes o que é a confissão, assim que forem capazes de o entender. Depois esperai a primeira falta um tanto considerável que fizer o menino, dai-lhe muita confusão e remorso.

Vereis que sendo já instruido na confissão, êle procurará naturalmente consolar-se, acusando-se ao confessor. Cumpre fazer de modo que êle tenha vivo arrependimento, e que ache na confissão sensível alívio à sua pena, afim de que a primeira confissão faça impressão extraordinária em seu espírito, e seja uma fonte de graças para tôdas as outras.
"A primeira Comunhão pelo contrário me parece dever ser feita no tempo em que o menino, chegado à idade de razão parecer mais dócil e mais isento de todo defeito considerável. *) Entre estas primícias da fé e do amor de Deus é que Jesus Cristo se fará melhor sentir e saborear pelas graças da comunhão.

(*) Hoje em dia, é mistér sejam essas normas entendidas de acôrdo com as novas diretrizes dadas pelo Santo Padre Pio X, que, baixando a sagrada mesa às criancinhas, tão fortemente acentuou ser suficiente, para tomar alguém parte no banquete eucarístico, estar em estado de graça é possuir a reta intenção, isto é, o desejo de ser agradável a Deus e de se tornar cada vez melhor. — Nota de V. de M.

Deve ela ser muito tempo esperada, isto é, deve-se fazê-la desejar muito do menino desde sua primeira infância, como o maior bem que se possa ter na terra, enquanto não vêm as alegrias do Céu.

Creio que cumpre torná-la o mais solene possível: que pareça ao menino terem todos os olhos fitos nele naqueles dias, que todos o estimam feliz, que se toma parte em sua alegria, e que se espera dele um proceder acima de sua idade por uma ação tão grande. Mas com ser preciso preparar muito o menino à Comunhão, creio que quando êle está preparado, é logo e logo í-lo prevenindo com tão preciosa graça, antes que sua inocência seja exposta às ocasiões perigosas, onde começa a embaciar-se". 1)

Praza a Deus aproveitem os pais dêstes ditames sapientíssimos, e então veremos florescer, nas famílias uma verdadeira educação e instrução religiosa séria, completa, insinuada com suavidade e prudência, alumiando a inteligência, elevando o coração, fortificando a vontade, abrandando o caráter, retificando a conciência, enobrecendo a sensibilidade, enfim elevando a alma inteira do menino ao mais alto ponto de perfeição moral.

---

1) Não resistimos ao gôsto de trasladar, abreviando-o, êste capítulo importantíssimo, que é o 8.º do áureo livro da Educação das meninas, obra do egrégio Fénelon, mestre consumado em cousas de educação.

CAPÍTULO XIII

DA INSTRUÇÃO LITERÁRIA QUE SE DEVE DAR AOS MENINOS, DA ESCOLHA DOS MESTRES, E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

I

OM a instrução religiosa há de andar paripasso uma boa instrução literária.

Não pode esta ser para todos a mesma, nem no mesmo grau.

Não pode e nem deve ser.

As diferenças de sexo, de posição social, de atitudes estão requerendo necessàriamente diferenças na qualidade e no grau da instrução.

Uma menina, por exemplo, dotada de excecional talento, poderá cultivar letras e ciências, e sobressair até aos irmãos; mas a exceção nunca será

regra. Em geral o espírito delas não se ageita ao rigor dos métodos de ensino: aprendem mais por modo de conversações familiares; não suportam, nem necessitam estudos desenvolvidos; e as poucas que se avantajam nas letras, mais é para fazer delas um ornato do espírito, do que uma profissão. A modéstia, que é véu que doura os talentos, é-lhes, em todo caso, mais que aos homens necessária, para não caírem pedantismo e no ridículo incomparável das *sabichonas*, tão justamente fustigadas pelo gênio satírico de Moliére.

O estudo da economia e arranjo doméstico; as regras para a boa direção e govêrno de uma família, e os conhecimentos variadíssimos que a êste sublime e difícil mistér se atam, eis o que elas devem saber e aprofundar principalmente.

A mesma diferença corre quanto às condições sociais. Parece inconvenientíssimo, que, pais vivendo de seu trabalho em condição humilde, sem atenderem às atitudes dos filhos, queiram absolutamente impelí-los para carreiras literárias e científicas, só pela louca ambição de elevá-los às mais altas posições sociais.

Não pensam êsses pais, como judiciosamente diz um sábio, que a Providência, distribuindo com sabedoria infinita os dons da natureza, quís desviar a maior parte dos homens das posições excelentes. E de fato, se estas posições excelentes se tornassem patrimônio de maior número, tornar-se-iam por extre-

mo miseráveis. Posição é como vestido. A melhor é a que assenta mais a cada um, e se ajusta melhor à medida da pessoa. A conseqüência é, que os pais, que querem levar por fôrça os filhos além dos limites fixados pela Providência, terão a dor de os ver cair a meio-caminho, inúteis a si próprios, a cargo da sociedade e da família".

Em regra, mais avisados andam aqueles, que procuram inspirar a seus filhos o amor da profissão em que labutam. Daí mais rápidos progressos nas artes, mais conchêgo e união nas famílias, e vantagens consideráveis para a sociedade; entre outras a de ver-se desafogada de um dilúvio de mediocridades à cata de emprêgos públicos, ou sonhando revoluções.

Também os temperamentos dos espíritos são diferentes. Há meninos que têm negação para o estudo ou para certos estudos. Porque se há de forçar a natureza aplicando-os a cousas para que são inhábeis? As faculdades sempre se deleitam nos seus objetos, e os procuram. A incapacidade e repugnância deve ser, pois, para o pai ou para o mestre, um como indicador que mostra a falta, no menino, da faculdade ou aptitude própria àquele estudo. É regular-se por aí, e deixá-lo inclinar-se para onde o leva o natural pendor. O contrário é atormentá-lo em vão, fazê-lo perder tempo.

II

Procurem os pais, ainda os de condição mais modesta, que os filhos e filhas sejam instruidos nos primeiros elementos das letras, isto é, que saibam ler correntemente com boa e natural entoação e pronúncia; escrever claro, em linhas bem pautadas e com a competente ortografia; fazer com facilidade as quatro operações aritméticas; reunindo a isto algumas noções de geografia e de história, particularmente pátria, além do catecismo e dos principais fatos da História bíblica, que êles sabendo-se ensinar, aprenderão sempre com facilidade e gôsto.

Vergonha, e grande, fôra deixar um pai crescer seus filhos em completa ignorância das letras. O que seria, de ordinário, dêstes infelizes? Facilmente adquiririam vícios; serviriam de instrumento aos mais espertos; não lhes medraria o trabalho, — que braços, sem inteligência, são instrumentos materiais pouco produtivos, — e assim se tornariam, coitados! primeiro vítimas da miséria e depois, talvez, da degradação mais profunda.

Podem os pais querer tal sorte para seus filhos? Ah! que grande falta cometem, pois, aqueles que, levados de tôrpe lucro, não querem desapegar-se dos filhos, e os empregam da manhã á noite em trabalhos pesados, e os tratam como uns animais de carga, extenuando seus corpozinhos na fadiga, e deixando-

lhes as almas sepultadas no embrutecimento e na ignorância mais profunda! Êstes pais crueis e egoistas que olham só para os filhos como instrumentos e máquinas de trabalho, e meio de ganhar dinheiro; e por esta ambição, ou por cômodo próprio, os não fazem instruir, não podem ter por certo, as bençãos de Deus.

Portanto, façam todo o esfôrço para mandar seus meninos a boas escolas, afim de serem instruidos nas letras; e depois, conforme suas posses e condição os empreguem na lavoura ou em ofício, arte ou profissão, onde possam achar meio honesto de subsistência. Nem todos, como já dissemos, podem ser doutores; mas todos devem aprender as cousas necessárias para se dirigir e viver bem no mundo.

III

Fôra muito para desejar que todo ensino, até o literário e científico, fosse dado pelos próprios pais no tranqüilo remanso da família. Era o mais seguro, o mais natural, o mais suave. Mas, como até nas classes ilustradas, se torna isso, muitas vezes, impossível, fôrça é pensarem os pais de família em escolher mestres para seus filhos.

Esta escôlha é negócio melindroso, e de altíssima importância. Os mesmos antigos filósofos do paganismo assim entendiam.

Eis como Plutão se exprimia com aquela singeleza sublime, que era peculiar a êste preclaro engenho:

"Que vosso sapateiro seja máu operário, e vos faça maus calçados, ou que êle se dê por sapateiro sem o ser, não vai nisso grande mal; mas que os mestres de vossos filhos não o sejam senão de nome, não vêdes que êles arrastarão vossa família à ruina, e que dêles só depende vossa conservação e felicidade?"

Para instituidores dos vossos filhos queria Quintiliano que escolhessem os pais homens de consumada virtude: *Proeceptorem eligere sanctissimum.* Plinio, aconselhando a uma senhora Romana, lhe dizia: "Com o favor do Céu, confiai êste menino a um homem que lhe ensine antes de tudo os bons costumes, e depois a eloqüência; a qual, sem bons costumes, não passa de má ciência."

"Que desprêzo não merecem aqueles pais, exclama Plutarco, que por negligência culpada ou ao menos por funestíssima ignorância, confiam os filhos a mestres que só de mestres têm o nome, sem primeiro os conhecer e experimentar! Ainda menos repreensíveis são êles, quando o fazem por ignorância; o que é, porém, o suprasumum da loucura, é que, muitas vezes, bem que avisados por pessoas esclarecidas, da incapacidade e mau proceder dos mestres que se lhes propõem, nem por isso deixam de os tomar, aliciados por pérfidas carícias de lisonjeiros, ou por

solicitações de imprudentes amigos. Deus meu! Merece siquer o nome de pais, quem antes quer ceder a vãs complacências, do que procurar a seus filhos boa e sólida educação?"

"Há homens, diz êle ainda, que pelo mais grosseiros vícios se tornam incapazes de exercer qualquer emprêgo; eis os que se apresentam muitas vezes para educar a juventude, e em mãos dêstes tais entregam muitos pais a seus filhos, tão pouco se lhes dá disso!

"Desprezar a virtude, é sacrificar o que há mais essencial em tôda educação. Cumpre que o instituidor una a um grande fundo de sabedoria e experiência, costumes puros e um proceder ilibado; de outro modo está tudo perdido. A boa educação é a fonte de tôdas as virtudes; mas depende *isto inteiramente desta condição que o instituidor seja virtuoso;* e então, da mesma forma que os jardineiros esteiam as plantas e os arbustos — para lhes sustentar a haste, — assim o bom instituidor rodeará, por assim dizer, seu jovem aluno com o duplo apôio dos conselhos e exemplos, para impedir que os costumes dêles se pervertam."

Até aquí Plutarco.

VI

Não é verdadeiramente admirável que tais sentenças proferissem homens mergulhados nas trevas do paganismo? Mas o que não só é admirável, senão

também profundamente humilhante, é que pais de família cristãos tenham de abaixar os olhos, de confusos, ao receber esta lição! Oh! valha-nos Deus! até quando deixaremos correr à revelia os interêsses mais caros da família, da Religião, da pátria e da sociedade?

Hoje principalmente, qual não devia ser o escrúpulo dos pais na escolha dos mestres? Sabe-se que estrago têm feito e vão fazendo pelas escolas, liceus e academias as doutrinas do racionalismo e da impiedade. Por tôda a parte, nutre-se o espírito dos jovens com idéias de onímoda independência e liberdade; considera-se como absurdo o racional obséquio da fé; dá-se a Igreja como promotora-mor do *obscurantismo;* ao mesmo tempo fascina-se a juvenil imaginação com perspectivas de um porvir que desponta já todo radioso de *luz,* em que a humanidade respirará enfim livre de tôdas as peias de *crenças anárquicas,* se elevarará pela *ciência,* só pela *ciência,* ao auge do *progresso* e da *civilização!*...

Por tôda parte fala-se com horror dos *velhos princípios,* e se preconizam *os novos.* Até as jovens que se destinam ao professorado são entusiasmadas com sonhos de *emancipação completa* de seu sexo, de *perfeita igualdade* com os homens, de comparticipação aos direitos políticos, saindo elas da escravidão e do aviltamento do lar doméstico: conquistas gloriosas, iniciadas no grande movimento revolucioná-

rio de 1789; frutos serôdios da igualdade, liberdade e fraternidade dos Marats, Dantons e Robespierres!

Em suma, muitas fontes em que a mocidade bebe estão envenenadas. De nada serve dissimular a verdade. Cumpre dizer as cousas como elas são, e denunciar claro os males profundos que ameaçam a existência mesmo da sociedade.

Escolas sem Deus, escolas sem Religião, como no-las querem impingir os modernos revolucionários, são o maior flagélo que pode cair sôbre um povo.

Professores que procuram arrancar a fé do coração de seus discípulos, não lhes ensinando o Catecismo, não lhes dizendo palavra sôbre Deus, e dando-lhes o exemplo da mais cabal indiferença para com a Religião, professores que vivem em pública deshonestidade, e pregam a impiedade e o materialismo; são mais do que os adúlteros, os assassinos, os ladrões, os sediciosos e amotinadores do sossêgo público, diz sensatamente um autor, e dá a razão.

Com efeito, pondera êle, êstes últimos são o braço que executa; o professor mau é a inteligência que dirige e ordena. Desprezando a Religião, ensinando o materialismo e a impiedade, ensinam seus alunos a cometerem todos os crimes. Deviam ser por isso os primeiros culpados; mas não é assim. Pune o côdigo os que executam os crimes; mas deixa impunes os que, do alto das cadeiras e da imprensa, incitam a cometê-los. O pobre soldado que põe fogo

à mina é fuzilado; o general que mandou pôr fogo, não tem responsabilidade alguma!

Acautelem-se, pois, os pais, e usem de sumo escrúpulo quando tiverem de escolher mestres para seus filhos; pois um mau professor, com uma palavra, poderá destruir completamente todo o fruto de uma ótima educação haurida na família.

V

Quantos exemplos há de excelentes jovens, de um e outro sexo, laboriosamente formados no ensino da fé católica e na prática das mais puras virtudes, em pouco tempo pervertidos pelo contacto freqüente com gente infectada dos tais *princípios novos!*

Eis um fato, há pouco sucedido, capaz de fazer tremer os pais de família:

Herminia era uma menina romana de ótima condição e educada pela mãe em tudo e por tudo segundo os *velhos princípios*.

Nenhum primor de graça exterior, de virtude, e de engenho, e de cultura de espírito, parecia faltar-lhe. Poetizava com singular facilidade, e tão adiantada estava na música, que difícil era achar quem com ela corresse parelhas na perícia do toque e na galhardia do canto. Mas acima de tudo agradava nela o acôrdo dêstes raros dotes com uma delicadeza, modéstia, e simplicidade inda mais raras. Nada de caprichos, nada de avidez de modas, nada de ma-

nia de apresentar-se formosa e atrair a si, nas reuniões, as admirações dos outros, com o feitiço de sua voz e com o mimo de seus versos.

A idéia do *dever* e o aparelho a uma vida de *abnegação* e *sacrifício* prevaleciam em seu ânimo às fumaças da adulação e aos pensamentos de leviandades e de cousas vãs. Estampara-lhe a mãe ao vivo na mente que *a mulher nasce para sofrer; e quanto mais busca subtrair-se a esta lei, mais sofre e se torna infeliz;* a qual sentença lhe vinha a mesma mãe provando com exemplos passados e presentes, e com fazer-lhe tocar com o dedo que, em nenhuma condição, a mulher resoluta a ser fiel ao seu *dever* é imune de angústias, trabalhos e dores que a acompanham até o sepulcro. Por isso lhe havia ensinado, que o grande segrêdo da paz e da felicidade era a santificação dos sofrimentos por meio da piedade cristã; na qual tanto a consolidava, que nela a Religião parecia natureza.

Em suma, era Herminia uma jovem que lograva estimação de séria, e não poucas mães de filhas mui outras e diferentes dela amorosamente a invejavam a sua mãe. Era um formoso fruto dos *velhos princípios,* conforme aos quais fôra educada.

Na flor de sua juventude, aos dezoito anos, tendo perdido a mãe, fôrça lhe foi, por uma reunião de casos e interesses domésticos que não cabe aquí especificar, deixar a seu pezar, Roma, e ir viver em outra cidade da Itália, em companhia de uma tia, que

se propôs sevir-lhe de mãe, até dar-lhe honroso estado.

Esta bendita tia, mulher de um homem aparvalhado, era mui rica e tinha duas filhas já em tope de casar. Bem que no fundo da alma aninhasse um tesouro de boas intenções, sem embargo deixava-se guiar muito de respeitos humanos; da ansiedade de encontrar noivos ricos para as filhas; e do mêdo de fazer papel de riso, e atrair odiosidade, em tempos tão perturbados, como os que corriam então, apenas forjado o novo reino da Itália.

Entre outras, tinha a fraqueza de não querer parecer de nenhuma *côr política*, como ela dizia; e por isso de admitir em casa a jantar, a palestrar, gente de tôdas as opiniões. Com o qual expediente tinha para si que lograva conciliar a benevolência de cada um, não se apercebendo que descaia no conceito das pessoas de bem e das malignas.

Reconheceu para logo Herminia que a casa da tia não era ninho que lhe quadrasse ao seu gênio e às delicadas reservas da educação recebida. Mas a necessidade não tem lei. As duas primas muitíssimo dela divergiam no modo de sentir, falar e portar-se. Nelas os *velhos princípios* iam sempre cedendo aos *novos*. Veio além disso um terrível ciúme que pouco a pouco ambas foram tendo dela; porque as vencia e se extremava em tudo. Louvavam-na como mais agradável, mais instruida, mais talentosa, e de mais lindo donaire que as primas. Era Herminia a mais aca-

riciada, a mais rodeada, a mais festejada donzela da cidade. As palmas que colhia nos círculos, quando punha mãos ao piano e cantava, ou quando recitava suas poesias, tornavam pálidas de desespêro as duas serpezinhas, que se vingavam contrariando-a quanto podiam, e contra ela agastando-se a cada passo.

Portanto, de uma parte repelia ela adulações sem fim; da outra suportava perseguição sem trégua. Entretanto o ar viciado dos novos princípios, que de contínuo respirava, lentamente lhe foi infeccionado a ingênua pureza do coração. Já pelas dificuldades a superar, já pela preguiça proveniente da dissipação, tinha-se notavelmente entibiado nas práticas pias e religiosas. As adulaçõezinhas e o desejo de comprazer a quem lhe era cortês, induziam-na a escolher por tema de canções, de madrigais e de odes, certos assuntos, que teriam feito estremecer a pobre da mãe. Tinha perdido não pouco daquele recato no tratar, que tantos elogios lhe atraia. Começava a achar um sabor doce na liberdade; aquele aparelhar-se a uma vida de sacrifício, que fôra objeto de tantas considerações e orações suas, começava a parece-lhe cousa destoante com sua flórida idade; o mundo, depois disto, oh! o mundo começava a seduzí-la com violência irresistível! As festas, bailes, teatros, noites em claro, divertimentos, vestidos e penteados elegantes começavam a transtornar-lhe o juizo.

Em uma palavra, nela os *novos princípios* iam

cada dia prevalecendo mais sôbre os velhos; e tanto insensivelmente prevaleceram, que Herminia, ao cabo de dois anos, não era mais a mesma. O conversar assíduo, primeiro com gente de tôdas as opiniões, e depois só com gente de *péssimas opiniões*, e a falta de vigilância, de regra, de conselho, entenebreceram-lhe a mente e lhe corromperam o coração.

Apaixonou-se loucamente por um oficialzito do exército, triste bonifrate, que só tinha de belo e de bom o esperar uma herança e os bigodes ruívos. Esposou-o, e foi-se com êle para uma das províncias do antigo reino de Napoles. O cólera, não muito depois, levou-lhe o marido. Deposto o luto acabou a desgraçada de transviar-se. Pôs-se a cantar nos teatros; passou-se ao Oriente com a companhia em que se tinha inscrito; traiu, e foi traida muitas vezes; e por último, desesperada, roida de remorsos, e desamparada de todo humano confôrto, tentou suicidar-se; mas não veio a cabo, só lhe causando o veneno uma enfermidade longa, atroz e de efeitos insanáveis, que, em cidade estrangeira, a pregou numa cama, dentro das paredes de um público hospital.

Quis a Providência que alí encontrasse um Sacerdote, seu conhecido em Roma, o qual, viajando, parára naquela cidade e por mero acaso, veio ver o hospital. Reconhecendo-o, em quanto êle lhe ia passando por diante, chamou-o, e, com grandíssima confusão, manifestou-se quem era.

O sacerdote ficou cortado de assombro. — Ah! Padre, lhe disse Herminia, depois que lhe narrou a longa série de suas desventuras e de seus êrros; nunca me esquecí de uma palavra que me dissestes em tal ocasião (e a especializou), quando eu era ainda boa e tinha a devoção de comungar freqüêntemente: *Filha,* me dissestes, *o Senhor vos ama muito, e vos faz grandes graças; sede-lhe fiel, porque creio que tem desígnos de grande misericórdia sôbre vós.* Esta palavra não se apagou mais de minha memória, e não sei exprimir quanto me tem depois amargurado a alma.

— Amargurado! e porque amargurado?

— Porque me dava remorsos intoleráveis.

Ah! se eu tivesse ficado fiel a Deus! se eu tivesse vivido segundo os princípios com que me educou a pobre de minha mãe! E o pranto e os soluços lhe sufocavam a voz. Não passou um mês, e Herminia reconciliada com Deus, era transportada do hospital para um santo asílo de paz e entregue a angélicas criaturas, que a acolheram, e a curaram e tratavam como irmã caríssima, e entre elas vive ainda penando (1871), pois incurável é a enfermidade, mas vive contentíssima de pensar, sabendo que as penas só, e as penas suportadas por amor puro da bondade e justiça de Deus, asseguraram o cumprimento dos desígnios da eterna misericórdia sôbre ela.

Possa o exemplo desta vítima dos *novos princí-*

pios com que se pretende educar o coração da mulher valer-vos de lição, ó pais e mães de família! Pelos frutos se conhece a árvore. 1)

VI

Feita a vossa escolha e tendo achado bons mestres ou mestras, deveis empenhar todos os esfôrços para que vossos filhos e filhas sejam sempre para com êles cheios de atenção, docilidade, respeito e obediência.

Se anulais as sentenças dos professores, se falais mal dêles diante dos vossos filhos, se acostumais êstes ao ofício pouco moral de espiões, acreditando logo em tudo o que êles vos dizem com o fim de verem livres da sujeição e do trabalho do estudo, então impossível será aos mestres e mestras cumprir sua missão, uma vez que lhes tirais o prestígio e a fôrça moral de que precisam.

Apesar, porém, da confiança que devem os pais depositar nos mestres, não podem prescindir de exercer uma vigilância ativa sôbre os ditos mestres e o ensino e direção que dão aos filhos. Sei de certa mãe de família muito discreta, que assistia sempre às lições de suas filhas, e nunca as deixava sós com o professor. Quando o ensino não se dá em casa, mas no colégio, podem os pais saber mui-

1) Vid. Civilità Catolica, serie oitava, vol. I

tas cousas nos dias de sueto, deixando conversar naturalmente os meninos. Êles na sua simplicidade dizem tudo o que passa, e os pais podem colher assim informações exatas, tendo todavia cautela de não fazer demasiadas perguntas aos meninos, para não tirar a consideração que êles devem aos mestres, nem pô-los no triste costume de mexerico.

VII

Quanto ao ensino da música, do desenho e de outras artes liberais, todos os educadores o permitem, tomadas certas precauções. É certo que uma música efeminada, langorosa, amolece o espírito, enerva o caráter e embriaga a alma em pensamentos lascivos.

Os mesmos antigos pagãos a proscreviam como perniciosa às repúblicas bem policiadas. Mas "a poesia e a música, como diz Félenon, tirando o que as desvia de seu fim, podem ser mui utilmente empregadas à excitar na alma vivos e sublimes estímulos à virtude. Quantas obras poéticas temos na Escritura que os Hebreus cantavam, segundo parece? Os cânticos foram os primeiros monumentos que conservaram mais distintamente, antes da Escritura, a tradição das cousas divinas entre os homens... A Igreja julgou não poder consolar melhor seus filhos do que pelo canto dos louvores de Deus. Não se pode pois, abandonar estas artes que o Espíri-

to de Deus tem consagrado. Uma música e uma poesia cristãs seriam o maior de todos os socorros para desgostar dos prazeres profanos; mas nos falsos preconceitos em que está nossa nação, o gôsto destas artes não é sem algum perigo". 1)

O desenho e a pintura são também prendas estimáveis; mas tudo isto deve ser considerado como agradáveis e úteis acessórios; o principal é uma instrução sólida, uma educação profundamente moral e cristã, que desenvolva as boas inclinações, comprima as paixões viciosas, e inspire o gôsto de uma vida pura, séria, aplicada e virtuosa.

Fazer consistir tôda a educação em tocar piano, dansar, estropiar uma língua estrangeira, (e até nacional) em fazer graciosas mesuras nos salões, é nada compreender absolutamente de tão importante assunto.

Quanto a viagens a paises longínquos, consideradas por muitos como complemento de uma boa educação, feitas numa idade demasiado nova, diz um discreto, que só servem para satisfazer certa curiosidade, fazer criar amor ao luxo, conhecer cortezãs e incrédulos; em uma palavra, para acrescentar aos vícios da pátria os dos outros paises; como acontece ordinariamente aos nossos jovens viajantes, que voltam, pelo menos, com a mesma ignorância e com dose maior de presunções e pedantismo.

---

1) De l'education des filles, Cap. XII.

VIII

Terminaremos com algumas palavras sôbre a educação física, que deve acompanhar a moral e intelectual.

Não se deve negligenciar o corpo, que é o instrumento das operações da alma.

Já falei de alguns cuidados delicados com a primeira infância. Muitos outros vêm aconselhados nos livros que tratam de higiene doméstica, e não cabem no quadro da presente escritura.

Contentar-me-ei de apontar os principais meios de dar ao corpo do menino uma boa e sã compleição.

O primeiro é a temperança e sobriedade, usando-se de comidas simples e reguladas quanto à quantidade e às horas. "O que é útil nos anos da infância, é manter o menino em boa saúde; procurando amaciar-lhe o sangue pelo bem escolhido dos alimentos, e por um regime de vida simples e regular, de forma que suas comidas sejam, pouco mais ou menos, a horas certas; que coma tantas vezes quantas é mister; que não coma fora das refeições, pois é sobrecarregar o estômago não estando ainda acabada a digestão; que não coma acepipes delicados que o excitem a demasias, e o desgostem de alimentos mais convenientes à saúde; que enfim, não lhe sirvam muitas cousas diferentes, pois a variedade de comidas sus-

tenta o apetite depois de satisfeita a verdadeira necessidade". 1)

O segundo meio é fazê-los dormir suficientemente. Até seis anos, dormem os meninos dez, e até doze horas; mas quando crescem não precisam dormir tanto. O sono moderado repara as fôrças; prolongado de mais enfraquece-as.

"Não tenho fé em mãe que faz velar os filhos, para fazê-los tomar parte em suas festas de noite.

"As crianças não precisam de nossos divertimentos, diz com muito siso uma senhora. Ela quer que se inculque sempre ao menino, que "cama é só para dormir: e que não se deve ficar deitado nem um instante depois de acordado. Montaigne diz: "Bom e afatigar um tanto os meninos para o fim do dia, e fazê-los descansar um quarto de horas antes de se deitarem; a fadiga trará o sono, o descanso fará o sono tranqüilo. Precisam ser vigiados de dia e de noite". 2)

Nada de meter susto às crianças, ou amedrontá-las ameaçando-as com bestas ferozes, ou contando-lhes histórias terríveis. Tudo isso pode causar-lhes impressões funestas, e influir desastrosamente sôbre a sua constituição. Habituai-as à escuridão, ao ruido da trovoada, etc. e bani do seu espírito todo o mêdo. 3)

---

1) Fénelon, de l'educ. des filles, chap. II.
2) De leduc. por Mme. Caman. Liv. I, cahp. V.
3) Descuret. med. des passioss, 2.ª part. chap. IV.

O asseio é também condição essencial de saúde. Muitas famílias pobres (e até ricas) o descuram; e vemos aí muita criança enfezada, raquítica e escrofulosa, porque suas mães as deixam chafurdar no desasseio. Quem procurasse inspirar às classes pobres o amor da limpeza, salvaria a vida a número imenso de entezinhos, que antes de tempo se finam por falta dos necessários cuidados. Os doutores só permitem os banhos quentes nos primeiros dias da vida, quando a pele é ainda de excessiva sensibilidade; mas de ano e meio em diante, cumpre, dizem êles passar da água quente à morna, e desta insensivelmente à fria, mais própria a vigorar a pele e ativar a circulação do sangue. Deus dá água em abundância, não receeis abusar dela.

Êste habituar os meninos a freqüentes abluções de água fria no rosto, nas mãos, no pescoço, no peito, nos pés, lhes poupará diz um médico higienista, defluxos, pleurizes, reumatismos, doenças intestinais, e tôdas as desordens causadas de ordinário pelas constipações; te-los-eis encouraçado de contra as vicissitudes atmosféricas, pela atividade particular da superfície cutânea, pela facilidade de uma reação necessária. 1)

Cumpre também fortalecer o corpo mediante

---

1) Jules Massé, Hygienne populaire, 8.ª leç. citado pelo P. Cleeves, de l'educ. des iflles, pag. 12.

convenientes exercícios. Os meninos gostam de movimento: não podem estar sossegados. Querem ar livre; saltar, correr, é para êles uma delícia e uma necessidade. Cumpre moderar-lhes o excessivo ardor, mas não comprimí-los a ponto de querê-los sempre assentados e imóveis. É uma pretensão absurda, e que contraría a natureza. Se êles ficam corados, com a fronte banhada de copioso suor, não se assuste a mãe, é a saúde, é a vida que lhes está ressumbrando no rosto, nem convém por isso interromper-lhes os exercícios. Passeios freqüentes, maiormente em lugares onde se respire o ar oxigenado das plantas; jogos ginásticos, carreiras ao ar livre, e exercícios de natação, todos os brinquedos que exigem movimento, muito servirão para lhes desenvolver as fôrças tornar vigorosos e flexíveis os seus membros, e dar-lhes um temperamento robusto e cheio de saúde, que os tornará mais aptos para os trabalhos do espírito.

As pessoas pobres, que são obrigadas a viver em casas acanhadas e pouco arejadas, devem mais que as outras tomar como obrigação de conciência fazerem aos domingos um passeio com seus filhos, ao ar puro dos campos.

Lá assentados o pai e a mãe à sombra de uma copada árvore, divertir-se-ão a verem seus meninos brincarem sôbre a relva; e ao depois, ao cair da noite, estarão todos ao voltar à casa, com o corpo e a al-

ma bem dispostos, cheios de alegria, prontos a recomeçar no dia seguinte os duros trabalhos da vida.

Tôdas estas regras se aplicam às meninas. Se êste ou aquele exercício lhe não convém, é certo que exercícios lhes são necessários, e seria enervá-las dar-lhes uma educação mole e efeminada. Dizem que não é decoroso que elas corram e saltem, como os irmãos. E o que sucede? Fazem de senhoras, diz um sábio médico, e vão a cada instante mirar-se ao espelho... Pobre florzinha de que abusam! Estão-na acostumando a ostentar vaidades, e vão-na afazendo ao ridículo papel de um ramilhete. O ramilhete há de estar bem apertado nas fitas que o retem, para não perder sua vida e perfume; há de ficar sempre à sombra, em cima de um móvel, ou à janela! Crêde-me, Senhora, a menina precisa, como o rapaz, de exercício e bom ar. Cumpre que uns e outros aspirem cêdo e a pleno peito o ar atmosférico, que dá a fôrça; cumpre que uns e outros saltem e brinquem sem constrangimento, aos benéficos raios do sol de Deus.

"Se tôdas as mães estivessem bem persuadidas de tôdas estas verdades, teriamos o natural, a vida real; teriamos germes preciosos de uma excelente saúde. 1)

Deixai-as pois exercerem convenientemente seus corpos para que reunam a fôrça à graça, uma robus-

1) Dr. Jules Massé — Santé des femmes, pag. 62.

ta compleição aos dotes preciosos do coração e do espírito.

Alma sã, num corpo são, dizia a sabedoria antiga, e êste é o ideal que uma boa educação deve procurar realizar.

CAPÍTULO XIV

EM QUE SE MOSTRA NA HISTÓRIA DE DOIS IRMÃOS QUAIS OS FRUTOS DE UMA SÓLIDA INSTRUÇÃO LITERÁRIA E DE UMA BOA EDUCAÇÃO

I

A campanha que moveu Napoleão contra a Alemanha, em 1813, assinalou-se por muitas gentilezas de valor um jovem Coronel chamado Delorme, dotado de tanto denodo e tino, que salvou um corpo de exército; façanha que lhe grangeou ser promovido ao pôsto de General, quando apenas contava trinta e tantos anos de idade; mas levando-lhe, no dia seguinte, uma bala o braço esquerdo, fôrça lhe foi recolher-se ao remanso da vida privada, e empregar tôda sua atividade e inte-

ligência na administração dos opulentos cabedais e fazendas que possuia; e depois na educação de um filho, cujo nascimento custou a vida à sua querida espôsa; e era único ente que êle amava neste mundo e o consolava em sua triste viuvez.

Era o General profundamente versado na literatura e nas ciências, e, como dispunha de suficientes lazeres, resolveu ser êle mesmo o mestre de seu filho.

Começou logo desde os cinco anos a associá-lo aos seus passeios pelo campo. Filipe era dotado de extrema vivacidade, e suas delícias eram saltar, correr, nadar, montar a cavalo; e graças a êstes diversos exercícios, dirigidos com prudência pelo pai, tornou-se um rapaz são e robusto. Em compensação mostrava a maior repugnância aos estudos; e um livro aberto diante de seus olhos era para êle uma fonte de tédio e aborrecimento. Entrava logo a bocejar, cheio de enojo e preguiça, e não raro adormecia sôbre as páginas da gramática, pelo que suas lições eram sempre mal sabidas, e às vezes de todo descuradas.

O pai desgostoso já cuidava em empregar meios severos, mas quís primeiro esgotar os de brandura.

Um dia passeando pelas frescas alamedas de seu páteo, todo sombreado de copadas árvores, encontrou o seu velho jardineiro Roberto, em cujas feições contraidas leu uma preocupação penosa.

Lembrem-se os maridos que não receberam suas esposas das mãos de Deus para abandoná-las depois... pág. 57

— Que tens, bom Roberto, para andares assim tão triste? perguntou-lhe o amo.

— Grandes trabalhos sofre quem tem filhos, Snr. General, ponderou o velho servo. Inda agora andei às voltas com meu Robertozinho, que me está dando um mandrião. Figure V. Ex. que o marmanjo não quer saber de leiras, nem de enxertos, nem de pôdas, nem de mondar a terra e achegá-la às plantas. A enxada e o aguador queimam-lhe as mãos. Enfim, não quer saber do ofício, e muitas vezes o tenho surpreendido, em algum lugar retirado, com um livro aberto, a ler, a ler horas esquecidas, sem se importar de suas obrigações.

O General ao ouvir esta queixa do velho jardineiro, teve uma idéia luminosa que lhe perpassou pelo espírito, e para dar tempo a essa idéia de amadurecer, convidou o velho Roberto a fazer com êle uma excursão pelos bosques.

O velho recomendou ao filho, com grandes ameaças, regasse certos canteiros de tulipas, que estavam sofrendo do sol. Quanto a Felipe o pai o deixára na câmara com uma lição a estudar, intimando-lhe que de volta a queria na ponta da língua.

Apenas partiram o amo e o criado, Felipe enfastiado da solidão em que se achava, desceu ao jardim, com o seu livro na mão, com tenção de estudar ao ar livre e ao modo dos peripatéticos; mas vendo o Robertozinho muito atarefado, a encher a

rega ordenada pelo pai, não lhe sofre o coração, e diz-lhe: "Dá-me o regador e toma o livro".

Ao pequeno Roberto nada podia ser mais agradável que esta troca. Abre ávido o lindo volume, e estendido à sombra de uma árvore, embebe-se todo na leitura, enquanto o jovem Felipe, anda aquí alí muito azafamado, a encher e a vasar o aguador, como se fôra já habituado há muito àquele trabalho, e parecendo-lhe que as plantas lhe sorriam agradecidas por êste favor que êle lhes fazia.

Quando estavam mais embebidos cada qual na sua ocupação predileta, Filipe a regar, e Roberto a ler, sem se recordarem, êste das ameças do pai, aquele da lição que devia saber de cor, eis que chegam de volta o General e o velho Roberto, e apanham os dois pequenos a madraciarem, mas cada um a seu modo, um pelo excessivo amor da leitura, o outro pelo aborrecimento que esta lhe inspirava.

— Está vendo, meu General? Está vendo aquele peralvilho? que desafôro! É como se eu consentisse, salvo o seu respeito, que V. Ex. se pusesse com uma enxada a cavar a terra em meu lugar!... Espera, espera, meu atrevido!" E dizendo isto, aremetia já para o lado do menino, mas o General o detém.

O menino nada ouviu, mas Felipe, dando com os olhos no pai, todo enfiado, corrido de vergonha, larga o regador, avisa o Roberto, e ambos assustados deitam às carreiras e dobram por uma alameda.

— Roberto, disse então o General com gravidade, é ocasião de comunicar-te uma idéia, que me veiu há pouco, e me parece excelente. Nossos filhos têm inclinações diferentes; o teu mostra um amor ao estudo que eu desejava ver no meu; o meu tem um gôsto para os trabalhos corporais, que falta ao pequeno Roberto. Se êstes meninos fossem educados juntos, um daria ao outro o que lhe falta, e ambos ficariam completos. Como beberam o mesmo leite, pois são colaços, beberão a mesma instrução. Dá-me teu filho; eu me encarrego do seu futuro.

— General, salvo o seu respeito, dê-me licença, pois quero dizer o que sinto sôbre o que acaba v. Ex. de me propor. Olhe, meu General, na sua casa o posto de General do Exército vai de pais e filhos; cá na minha, de pais a filhos os Robertos são jardineiros. Que V. Ex. transmita a seu filho a dignidade, os cabedais que possue, nada mais justo; mas não vejo razão porque o meu não há acomodar à sua sorte, e viver como eu vivo. Em suma a felicidade e a honra bem podem albergar-se numa humilde choupana, e por isso, meu Senhor, muito agradecido a V. Ex., que antes quero ver meu filho pobre e honrado, do que desgraçar-se como tantos outros, por sair de sua condição.

O velho Roberto tinha um grande fundo de bom senso. Foi, pois, fácil ao General mostrar-lhe o que havia de absoluto de mais na sua opinião.

— Sem dúvida (disse) em regra é bom que os

filhos sigam profissões de seus pais, e a sociedade sofre com tanta gente *desclassificada*, pela mania de querer, sem competentes disposições, galgar as profissões mais elevadas.

Mas quando a Providência dá a um menino talento e atitudes singulares, um pai obraria mal em contrariar a vocação dêle, sob pretêsto de o reter na modesta esfera em que nasceu. O homem só é ditoso ocupando o posto a que Providência o chama. Fazendo-te, Roberto, esta proposta, eu estou certo de assegurar a felicidade de teu filho".

Estas e outras ponderações do General convenceram o velho Roberto; com que em breve se achou o filho do jardineiro ao lado de Felipe, no mesmo gabinete do palácio, para percorrerem juntos como dois irmãos, a carreira das letras.

II

A extraordinária aplicação do jovem Roberto, a retentiva de sua memória, e agudeza de seu engenho; o progresso rápido que começou a fazer nos estudos, tiveram sôbre o espírito de Felipe o influxo favorável que esperava o General. O menino vendo os brilhantes resultados do seu companheiro, começou também a trabalhar, e, ou levado da fôrça do exemplo, ou picado de louvável emulação, não tardou muito que não ombreasse com êle.

O General, satisfeito, revia-se em ambos, e admirava-lhes a boa índole, que lhes fazia evitar tôda altercação e desavença; mostrando-se Filipe, apesar da superioridade de sua posição, cheio de atenções e delicadeza com seu companheiro, a quem amava com aquele singelo e cordial afeto que é próprio de um irmão.

Um autor dá os seguintes interessantes pormenores sôbre o método empregado pelo General no ensino dêstes meninos: 1)

"Um princípio vigoroso, mas de poderosa eficácia, presidiu a tôda esta obra de educação: exigiu o mestre, e à viva fôrça de o exigir, veiu a cabo de alcançar, que seus alunos fizessem tudo bem e com perfeição. O que não estava bem sabido aprendiam-no de novo; o que saiu mal, ou insuficiente, era recomeçado. Tudo o que êle ensinava havia de ser bem escutado, bem entendido, bem decorado. Nada passava sem explicação; nem uma palavra que ficasse obscura ou vaga na mente dos meninos. Voltava-se sôbre as cousas difíceis, que não tinham sido cabalmente percebidas, e recordavam-se de tempos em tempos as que, por serem mesmo mui fáceis, mais arriscam ser esquecidas. Não se buscava que aprendessem e soubessem muito; senão que soubessem bem o pouco que aprendiam.

"Para habituar os alunos a ter idéias claras,

Voyage d'un enfant à Paris, pag. 85-89.

memória tenaz, loquela fácil, obrigava-os o General a dar conta de viva voz, e ás vezes também por escrito, de todo assunto de estudo ou de leitura. Lera-se algum passo de um autor francês, tinha cada um, fechando o livro, de repetir de cór e recolhendo o seu espírito, tudo o que havia aproveitado de sua leitura. Traduzira-se uma página de um autor latino, grego, ou outro; o tradutor devia imediatamente repetir em latim, em grego, em uma palavra na língua do autor, o que reteve do trecho traduzido. Êste exercício mui penoso em começo veio a ser depois familiar, e tinha a singular vantagem de tornar o estudo das línguas menos lento, mais interessante e completo. O que não obstava a que se aplicassem os meninos a traduções escritas e poder-se ia ainda hoje achar na bibliotéca do General, livros manuscritos muito bem encadernados, com êstes diversos títulos: — *Fragmentos dos Anais e das Histórias de Tácito, tradução de Roberto. — Jugurta, traduzido de Salustio, por P. Delorme. — Comentários de Cesar sôbre as guerras das Gálias, traduzidos em colaboração por Delorme e Roberto.*

Não se contam menos de trinta volumes, em cujo dorso se lêm, entre outros nomes, os de *Xenofonte, Tucídides, Polibio, Plutarco,* depois escritos modernos como *Schiller* (*Guerra dos trinta anos*) *Lingard* (*Extratos da história da Inglaterra*), todos traduzidos pelo mesmo Roberto e Delorme, as mais das vezes em colaboração. O mestre lhes consentia êste

trabalho em comum, porque êles se empenhavam, cada qual mais em fazê-lo com perfeição.

"Quanto às ciências matemáticas, e a tôdas as que a êles se ligam, o General as possuia e as explicava tão bem, que lhes inoculou, por assim dizer, o gênio e o gôsto. Por exemplo, aqueles meninos divertiam-se em resolver problemas complicadíssimos, dificílimos, com tanta curiosidade e perseverança, quanta põe outros em adivinhar bagatelas, que chamam charadas ou enigmas.

"Era a história um dos mais importantes objetos por modo de recreio,isto é, conversando. Liam juntos um capítulo, como um habitante da provincia lê o seu diário. Êste homem, ajudando-se das notícias que lhe são trazidas, vai procurando formar juizo justo sôbre a política do seu país, sôbre as personagens que o governam, e seus atos; êles, pela leitura de um capítulo, comunicavam-se suas apreciações sôbre os homens e as cousas do passado. O general aliás alí estava, estigmatizando os crimes, assinalando as faltas e os êrros, julgando os caracteres, exaltando os talentos, as virtudes e os méritos.

"Mas as operações militares maiormente as da França do século passado para cá, eram com especialidade cuidadosamente estudadas. Para figurarem os exércitos e suas diversas posições, lembraram-se de pedir ao jardineiro feijões de várias côres, e êstes pobres legumezinhos, alinhados e postos em presença numa grande mesa, representavam aqui o exército

Francês, alí os inimigos. Os vários matizes designaram dum e doutro lado, a infantaria, a cavalaria, a artilharia. Foi, porém, êste expediente logo regeitado como demasiado imperfeito, e substituido por avultada porção daqueles cavalinhos de chumbo, de tôdas as armas, que servem de brinco às crianças; e tôdas as noites com imperturbável sério, ocupavam-se nossas três crianças (inclusive o General) em colocar e fazer manobrar, sôbre a mesa, aquela miniatura dos grandes exércitos de Napoleão I, tendo estas representações de batalhas, com grande satisfação do mestre, ajudado muitíssimo a determinar nos discípulos a vocação e a escolha da carreira militar."

III

Preparados por tão sólidos estudos, não lhes foi difícil alcançar a laurea do bacharelado em letras e ciências, pelo que, aos dezesete anos estavam prontos a entrar em concurso para se matricularem na célebre escola de Saint- Cyr, cujos alunos são sujeitos, como simples soldados à mais rigorosa disciplina. Afeitos a obedecer, tornam-se por isso depois mais aptos para comandar; e foi esta razão que deu o General para seus dois alunos preferirem esta escola à Politécnica.

No concurso houve uma particularidade que pôs em evidência o magnânimo coração daqueles dois jovens.

Felipe propôs a Roberto, que, pois as suas letras se pareciam muitíssimo, êle Roberto assinasse a sua composição com o nome Filipe e Filipe a sua com o nome Roberto. E dava a razão seguinte para esta troca: — Eu conto certo com o brilhante resultado do teu exame, disse Filipe: mas desconfio muitíssimo de minha desantenção e desmazelo. Se trabalho para ti, me esforçarei mais e com mais gôsto do que se trabalhar por minha conta própria. Se eu me sair pouco bem, e tiveres um lugar inferior, consolar-te-ás lembrando-te que, sem essa troca, eu teria um lugar ainda pior. Se eu me sair bem, teremos os primeiros lugares, e daremos gôsto ao nosso querido mestre.

Esta inocente fraúde, teve tôda aprovação de Roberto. Cada um assinou sua composição com o nome do outro; e quando se leu a lista dos examinandos classificados por ordem de merecimento, à frente dela estava o nome de Roberto, e em segundo lugar o de Filipe.

Êste abraçou o irmão com a maior alegria, todo soberbo e contente de lhe ter dado tão excelente lugar, mas ficou vexado quando Roberto revelou ao pai e ao General a quem devia tamanha distinção. Felizmente nada transpirou dessa fraudulenta convenção, que podia ter por conseqüência serem ambos expulsos da Escola.

O procedimento dos dois jovens foi aí sempre exemplaríssimo.

O General lhes tinha dito: "Guardai o tesouro de vossa fé, e os princípios de honra e de virtude que com a educação recebestes. Muitos zombarão de vossa fidelidade às práticas religiosas, mas mantende, sem respeitos humanos, a vossa dignidade de homens e de cristãos. Defendei a vossa fé, quando fôr necessário e prudente fazê-lo. Sêde homens leais e firmes, mantendo vosso procedimento na altura de vossos princípios. Tratai a todos com benevolência, e evitai quanto macular possa vossa conciência, e degradar-vos aos vossos próprios olhos e aos de Deus".

Estas belas palavras nunca se lhes varreram da memória. Seus modos sempre reservados e modestos, sua seriedade, o cuidado que punham em evitar a companhia dos libertinos, a obediência às ordens, a pontualidade no serviço, lhes atrairam no princípio alguns gracejos, mofas e ditérios dos colegas; mas a superioridade intelectual, que os colocava em brilhante posição na Escola; seu porte cavalheiroso e digno; sua franqueza, coragem e desplante militar, puseram logo côbro a tais ousadias, e todos, afinal os tratavam de *bons rapazes*, e os respeitavam e estimavam como jovens distintos que eram.

Percorreram todo o curso de engenharia militar, avantajando-se sempre sôbre os demais alunos, graças a seus talentos e a boa base de estudos preparatórios que tinham trazido.

O General não era como êsses pais que só desejam que os filhos saibam o suficiente para sair com tal ou qual aprovação em exames superficiais e de proteção, como sucede entre nós; e por isso andam as nossas carreiras públicas entupidas de muita gente que entrou nas academias, mas não entrou, nem pôde entrar nas ciências, cujos pórticos apenas saudaram de longe, por falta da devida preparação; o que é para o país um verdadeiro atraso e calamidade. *)

Depois de quatro anos de sérios trabalhos, saíram dois oficiais abalizados sendo despachados logo para Argélia, onde refervia então a guerra que promovia contra a França o celebre Emir Abd-el-Kader.

Ao despedir-se disse Filipe ao pai:

— Sabeis, meu pai, do afeto que me liga a Roberto; destes-me nele não um amigo, mas um irmão, e como irmão estremecido o tenho tratado. Agora vamos juntos correr os azares dos combates. Desejava eu que, pois nossas vidas e destinos correm tão unidos, comuns também nos fossem os bens da fortuna. Se eu, portanto, falecer no campo da honra,

(*) Que diria o virtuoso e sábio D. An tônio, se chegara a conhecer em nossa época essa maravilha dos certificados oficiais de aprovação, dolosamente concedidos, de mão beijada, pelo poder público, mediante simples requerimento, das partes em caso de epidemia, ou comoção política no país — nota de V. de M.

peço-vos caro pai, que contempleis a Roberto na parte da minha herança, e o trateis como vosso filho único".

O General abraçando o generoso mancebo, declarou-lhe, que dado tão triste caso, da vontade suprema que acabava de exprimir seria fielmente executada. E disse-lhe mais, que desde já, podia o mesmo Filipe dividir com seu querido amigo e irmão adotivo a legítima que tinha de sua mãe, e que estava tôda a seu dispor; o que se fez com geral satisfação.

IV

Chegados à Africa, ansiosos de medirem-se com os Cabilas, nas ensangüentadas pugnas que ofereciam às aguerridas tropas francesas, não lograram todavia tal intento, porque Marechal Claurel, antes quís empregá-los em levantar a planta das províncias conquistadas aos Árabes, gênero de trabalho em que eram peritíssimos, e de que sairam com a maior honra. Não era, porém, tal comissão sem graves riscos, em paises recentemente ocupados, onde demoravam tribus irrequietas, ferozes, prontas ao combate; mas sobretudo afeitas à guerra de escaramuças; bastas turmas de cavaleiros que despontavam no deserto, entre um torvelinho de pó, estrugiam, e passavam como o raio, deixando largo rastro de destroços e de sangue.

Um dia, quando com uma escolta composta de algumas centenas de homens, se haviam entranhado até o coração da província de Constantina, já prestes a terminar os estudos, que até alí corrido haviam sem o menor estôrvo e perturbação, de repente sublevaram-se tôdas as tribus ao grito mágico de independência. Abd-el-Kader, quebrando a paz de Tafna, soprara a revolta de uma a outra extrema do solo de Argélia, e avançara vitorioso até às portas da capital.

Os dois capitães (pois já tinham êste pôsto) perceberam pelo movimento das aldeias fanatizadas o grave perigo em que se achavam e podendo de um momento a outro ser surpreendidos e envolvidos por numerosas tropas de Cabilas e exterminados até o último.

O que passaram de fomes, de sêdes, de fadigas na perigosa retirada para a capital, caminhando setenta léguas sòmente a noite, fugindo estradas praticadas e povoações, entranhando-se pelas devesas das serranias, descansando durante o dia em desfiladeiros obscuros (escolhendo os de duas saidas para escaparem em caso de ataque) é mais fácil de imaginar, que de exprimir.

Êles eram tão poucos e tão empenhados no meio das tribus mais hostís, que em Argel todos os davam por perdidos. Mas chegaram felizmente, no fim de dezesete dias de afatigada marcha, sem perda de um só homem; façanha memorável que lhes mereceu a ambos a cruz da legião de honra.

Vendo o Marechal nestes dois esforçados mancebos tanta bizarria, espíritos generosos, anuiu à proposta que êles fizeram para uma emprêsa mais arriscada ainda. Tratava-se de surpreender no seu antro um fero marabuto, de grandíssima influência entre as tribus das bandas do Levante e lugar-tenente de Abd-el-Kader.

Era o tal marabuto naquelas partes a alma da insurreição, e se pudesse ser colhido às mãos, terminar-se-ia logo a guerra, atacando-se com tôdas as fôrças e desbaratando-se logo, como sucedeu, o famigerado Emir, que fazia frente aos Franceses ao poente do lado de Marrocos.

Supuseram os nossos dois atilados oficiais que provàvelmente aquele terrível e misterioso marabuto, se refugiava nas quebradas do monte Jurjurá, num vasto recinto que êles alí tinham observado, rodeado de altos rochedos e de florestas, tendo abertura por uma garganta com duas saidas uma para o flanco oriental da montanha outra para o lado oposto.

O Marechal depois de bem examinados e discutidos os motivos alegados por Filipe e Roberto, e bem estudada a planta do lugar em questão, acabou por cair na conta que não seria infrutífero um reconhecimento ao dito lugar. Mandou, pois, aprestar oitocentos homens da flor das tropas, e os pôs debaixo do comando de Roberto, por ser o mais idoso, indo Filipe no posto de lugar-tenente dêstes; mas ordens pas-

sadas a Roberto de nada fazer, sem conferir primeiro com seu companheiro.

O grosso do exército recebeu ordem de adiantar-se um pouco para aquele lado, afim de socorrer o corpo expedicionário, em caso de repentino ataque.

V

Ao chegarem ao alpestre esconderijo que suspeitavam ser o centro donde se irradiava ao longe a insurreição, começaram por postar um piquete nas duas saidas do desfiladeiro, afim de não deixar ninguém entrar nem sair. O resto da tropa galgou, alta madrugada, os penhascos , e agachada nas moitas e atrás das pedras, começou, aos primeiros clarões da alvorada, a lobrigar o que se passava naquele sombrio retiro. No meio via-se uma tenda grande e ao lado outras menores. Uma quantidade de cavaleiros Árabes dormiam sôbre a palha dos seus animais, cujos relinchos eram o único rumor que acordavam os écos adormecidos daquelas solitárias devesas.

Não havia duvidar. Era o acampamento do marabuto. Cavaleiros que vinham a galopes disparado, sem dúvida para avisar ao chefe dos crentes, do movimento do exército inimigo, foram detidos a pontas de baionetas num instante.

Ao primeiro raio do sol, viu-se um homem alto, vestido de túnica branca, sair da tenda maior, e pôr-se num pequeno cômoro vizinho a fazer mil zumbaias

e prostrações. Era o marabuto que fazia sua oração a Alá.

Um dos soldados desmontados lhe é enviado para intimar-lhe que se renda, se não quer a perda sua e dos seus. Recolhe-se o Muçulmano para a tenda, lançando um olhar desconfiado pelos rochedos vizinhos.

Põe-se o campo todo em movimento. Um troço de cavalaria parte a tôda brida para tentar saida, mas volta malogrado. Um paredão de terra já tapava a garganta da montanha. Roberto, que falava o Árabe, intima de novo em altas vozes ao Marabuto que se renda. Êste, depois de tentar vários enganos, apresenta-se, entrega à distância tôdas as suas armas, e fazendo sinal que não tinha mais nenhuma, aproximou-se de Roberto e de Filipe. Depois do gesto que fez, nenhum soldado pensou em correr-lhe o corpo para verificar se estava completamente desarmado. Como iam pondo-lhe a mão para prendê-lo, prometendo-lhe Roberto que seria tratado com tôda a deferência, de repente o chefe muçulmano arranca da cintura uma pistola e aponta-a para Roberto. O tiro dispara, mas Filipe, que com a rapidez do raio cobrira com o seu o corpo do irmão, foi quem apanhou em cheio no peito a bala mortífera. Cinco ou seis tiros dispararam em resposta ao do traiçoeiro marabunto; êste cai lavado em seu sangue, e tôda a tropa crendo ser êste o sinal, começou uma carga de fuzilaria contra os soldados Árabes que estavam

encurralados no recinto, e fez neles grande mortandade; a ponto que, quando se conseguiu suspender o fogo, de trezentos que eram, apenas ficaram uns cincoenta que foram feitos prisioneiros.

Roberto abraçado com Filipe, derramando lágrimas, afogado em soluços lhe dizia: "Infeliz, que fizeste? Mataste-te por minha causa".

— Não é nada, respondeu êle, é uma arranhadura! Que felicidade! Terias morrido, e eu estou apenas ferido.

Ai! Mas a ferida era mortal. Conduzido ao exército em uma padiola, antes de extrair-se a bala, operação que o cirurgião declarou perigosíssima, mandou chamar, o Padre capelão, e confessou-se.

— Agora, disse, estou satisfeito: *está pronta a trouxa,* posso partir.

— Não, não hás de morrer, irmão da minha alma! exclamava Roberto. Não, isso é impossível! ai que antes eu quisera perder a vida, do que conservá-la a preço de tal sacrifício!

— Mas, em igual caso, não darias também a tua vida para salvar a minha?

— Oh! isso é muito diferente; eu te devo tudo.

— Enganas-te, Roberto, eu é que te devo eterna obrigação. Se não fosses tu, se não fossem teus bons exemplos com o amor de meu pai, sabe Deus em que desordens eu teria caido, e em que estado de indignidade e de degradação compareceria eu hoje diante do meu Criador!

— Teu pai, ah! que me dirá êle?

— Dir-te-á que eu fiz o meu dever. Que podia eu desejar melhor e mais glorioso do que dar a vida por ti? Mas tu, Roberto, dize-lhe que seu filho seguiu religiosamente seus exemplos, guardou sempre inviolável a fé do cristão, a dignidade do homem, e a honra do soldado".

Chegou o cirurgião; a mão lhe tremia. Filipe fez piedosamente o sinal da cruz, e sofreu sem dar um gemido a dolorosa operação. Seu olhar fixo em Roberto, que ajoelhado junto à sua cabeceira lhe pegava das mãos, só exprimia ternura, e só quando a dor era veemente demais, lhe apertava mais forte a mão. De repente rolou a bala no pavimento. "Está salvo!" exclamou Roberto. O cirurgião ficou calado, com os olhos fitos no rosto de Filipe. Uma palidez mortal aí apareceu.

— "Adeus, irmão", disse com voz sumida, "adeus... me vou...

— Adeus, Filipe, até à vista...

— Sim, até à vista... no céu! E dizendo estas palavras entregou sua bela alma ao Criador.

Morreu, como se receava, de um derramamento de sangue no interior do peito.

No dia seguinte, foi erigido um altar no meio do campo; o mesmo Sacerdote que lhe deu a absolvição sacramental, sufragou-lhe a alma com o augusto Sacrifício, assistindo consternado, e em luto todo o exército. Cálidas lágrimas se deslisaram

por muitos daqueles semblantes adustos, sinal da terna afeição que o jovem comandante sabia inspirar a seus subordinados. Roberto estava ao lado do Marechal, mergulhado numa dor calma e profunda. No momento da comunhão, ajoelhou-se diante do altar, e recebeu em seu coração magoado o Cordeira de Deus, consôlo supremo das almas aflitas.

A êste espetáculo uma emoção profunda apoderou-se de tôda a assistência, e ainda os menos religiosos sentiram instintiva necessidade de abismar-se na oração e adorar.

Oh! Religião Santa, como és grande e quão irresistível é o teu poder! Como apareces bela no dia da tribulação, derramando teus celestes bálsamos sôbre os corações feridos!

VI

Roberto julgou de seu dever trazer para a França ao General Delorme os restos mortais de seu filho. O golpe que recebeu com esta perda o extremoso pai foi profundo e dolorosíssimo; mas eram Roberto e o General cristãos cheios de fé, pelo que aceitavam com resignação o pêso daquele luto, e, guardando a saudosa recordação do finado, alimentaram-se na doce esperança de tornar a vê-lo um dia.

Promovido aos pôsto de Coronel pelo brilhante feito da prisão do marabuto, e gratificado com a licença de um ano, passou Roberto todo êste

tempo junto do General, que o instituiu seu único herdeiro, como prometeu a Filipe.

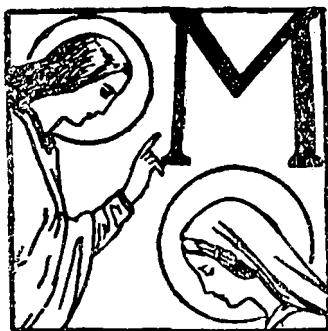
Um dia o velho jardineiro, pai de Roberto, falando a sós com o General, disse-lhe:

"Ora pois, meu General, estou com um filho Coronel e milionário. Ando mais confundido que alegre com isso. O nome Roberto parece-me não quadrar bem com tamanha grandeza e cabedal. V. Ex. tudo deu a meu filho, ciência, dignidade, fortuna. Falta só dar-lhe seu nome, se dessa honra o acha digno. Entrando por adoção em sua nobre casa, na família dos Robertos só ficarão jardineiros; e na dos Delormes, basta que o rapaz suba mais um furo, haverá ainda Generais".

A proposta agradou por extremo ao General, que só por delicadeza para com essa pobre família, a quem o jovem oficial dava tanto lustre, não ousava apresentar esta idéia ao velho Roberto; pelo que, adotou por filho o distinto coronel e desde então começou êste chamar-se Delorme. Casado pouco tempo depois com uma sobrinha do General, da qual teve muitos filhos, divertia-se êste em sua vigorosa e tranqüila velhice, a instruí-los, como instruira os seus dois primeiros alunos, e todos colheram os mesmos sazonados frutos da ótima e cristã educação que aquele digno ancião sabia dar.

CONTINUAÇÃO DO CAPÍTULO XIV

EM QUE SE MOSTRA AINDA NA VIDA DE UMA JOVEM O TRIUNFO DE UMA EDUCAÇÃO VERDADEIRAMENTE CRISTÃ

I

ORREU Ângela de vinte e oito anos, espôsa e mãe, e na história de sua vida, primorosamente escrita por uma Religiosa de Congregação des Oiseaux, há para admirar ainda o que pode a educação cristã para corrigir e enobrecer uma alma, que sem ela se abateria talvez até os ínfimos degraus da abjeção moral.

Quando Ângela foi colocada no convento, não sabiam já seus pais como contê-la; era a insubordi-

---

1) Notice sur la vie de trois éleves du couvent des Oiseaux.

nação, a leviandade, o orgulho personificados, junto ao espírito mais vivo e extravagante. Tomou, logo ao entrar, tamanha superioridade sôbre as outras alunas de sua idade, que estas docilmente lhe faziam tôdas as vontades. Não houve mais paz no colégio, senão quando ela bem o quís. Durante muitos anos, a paciência das Religiosas, por todos os modos exercida, esteve cem vezes a ponto de sucumbir. Orava-se para saber se convinha expulsar aquela revolucionáriazinha, e decidia-se conservá-la ainda, por mêdo de entregá-la ao mundo com tantos meios de aí brilhar e perder-se. Tinha juizo fino e encantador, inteligência pronta; falava de modo que ninguém lhe resistia, e era mui linda.

A primeira comunhão de Ângela, preparada com cuidado e não sem custo, foi o princípio de uma completa renovação; pois entrou a trabalhar por domar-se, (só ela o podia) e o conseguiu, sempre admirada, sempre querida, sempre alma modêlo do colégio, inflamando agora para o bem aquelas cabeças leves que tantas vezes sublevara contra a disciplina.

No entanto vinham-lhe às vezes ímpetos de voltar atrás: "Ah! dizia ela naqueles momentos, se eu pudesse não ter fé!" A fé era o dique em que se quebravam tôdas as suas paixões...

Aos dezoito anos, mulher pela madureza da razão e simplicidade do coração, deixou Ângela o Convento, havendo terminado a sua educação. Esta par-

tida, que ia restituí-la aos braços da mãe, não deixou de ser para ela, como para suas mestras e companheiras, grande objeto de lágrimas. Em geral, digam o que disserem os folhetins, poucas moças educadas no convento o deixam sem chorar — afora aquelas que conhecem demasiado a finura de seu talhe e o puro esmalte de seus dentes.

Apenas chegada à quinta da família, fez Ângela para si um regulamento de vida, a que se conformava fielmente: "Levanto-me às seis e meia; 1) minha reza, minha meditação, a Missa, o estudo da história e da literatura leva-me até às dez. Depois do almôço, a música, o trabalho de agulha no salão, vão até as duas horas. Recolho-me alguns momentos ao meu quarto, para fazer minha leitura de piedade. Depois do jantar, aplico-me ao inglês e ao desenho; em seguida, rezando o terço, dou a crianças pobres uma lição de catecismo e de leitura. O serão passa-se em família. Eu estava resolvida a confessar-me e a comungar todos os quinze dias; mas como as fôrças do espírito ir-me-iam esgotando antes dêste prazo pelo muito que preciso de Deus, voltei aos oito. Eis como se passam meus dias, sem que a nenhum ponto eu tenha faltado, voluntàriamente desde que não estou mais convosco."

Com efeito, durante dois anos que se passaram

---

1) A hora de acordar depende dos paises e dos climas. Entre nós Angela seria mais matinal.

antes do seu casamento, mostram-na suas cartas fiel a êstes empenhos por ela tomados. Não foi sem mérito. Tinha duas cousas que afrontar: o respeito humano, e suas próprias inclinações. Não é ela que se gabára de ter *um caráter invencivelmente propenso ao bem.* "Acham-me, escreve ela, pouco expansiva; justamente o contrário do que outrora me conhecestes. A razão é bem simples: o bem que faço é a poder de guerra e combate comigo mesma; posso declarar isto a todos? E quando me perguntam quais são os meus gôstos, hei de confessar, por exemplo, que êles me levam a amar o mundo, a viver no meio dos prazeres, das honras, dos louvores? Quem compreenderia como eu tomo o contra-pé de tôdas as minhas inclinações? Mas também, quem poderia compreender a ampla compensação que Deus derrama ao fundo do meu coração?"

Em suma, o gôsto secreto que ela sentia pelo mundo não lhe ocultava de modo algum os ridículos dele. Os folhetinistas, incumbidos de relatar espetáculos, bailes e concêrtos, nunca deixam de celebrar a *ofuscante grinalda de senhoras* que trocam a sala em jardim de *flores vivas,* Ângela faz a descrição mais picante e verdadeira: "Se eu não me tivesse realmente afligido de ver as leis do pudor tão estranhamente violadas, cuido que teria rido de boamente. Dizer-vos o que ví, ou antes entreví, de peles trigueiras, amarelentas, enrugadas, de espáduas magras ou gordas expostas aos olharse, fôra painel

digno dos pintores flamengos, a quem nada repugna. Não posso acabar comigo de atinar que espécie de amor próprio pode inspirar semelhante costume! É mister que estas damas tenham as ouças mais duras que as minhas, pois os gracejos que ouço tocantes ao trajar delas, as curariam para todo sempre de seguirem demasiado a moda".

II

As confidentes de Ângela, isto é, as santas senhoras que a educaram, e algumas companheiras do convento dignas de seu coração, conservavam preciosamente as cartas que ela gostava de lhes escrever. Graças aos pios cuidados delas, conhecemos todos os segrêdos, tôdas as lutas daquela alma celeste. Ela triunfa sempre. "Quão sombria e desanimada fica às vezes minha alma, madre minha! Podeis crê-lo? Eu, vossa filha de Maria, cheia de suas graças, vou às vezes até o desespêro, e sinto pesar de ter recebido a existência, êsse dom do amor de Deus! Tenho chegado, sim, até êste ponto, madre minha, mas então (devo tudo dizer-vos) é que invoco a grandes brados aquela fé que hauri junto a vós: lembro-me então que há um remédio seguro, a oração. Lanço-me de joelhos, contradigo tais pensamentos... Orai por mim, indicai-me os remédios próprios a tão estranha enfermidade..."

O estudo, como vimos, tinha largo lugar no re-

gulamento de Ângela, e, depois da oração, era seu mais poderoso preservativo. "Eu procuro, dizia ela, um fardo de ocupações que não deixe a esta cabeça tempo de parafusar, e a êste coração o de sentir pesares.

Quanto vos bendigo, minhas boas mestras, por me haverdes inspirado êste gôsto de aprender! Se me sobrecarrego, não vos ocultarei meu fito: é para evitar a ociosidade que leva ao pecado, e expiar por uma vida regulada e séria as faltas que cometí em minha infância, e que todos os dias estou ainda cometendo, sem embargo de minhas resoluções".

A história antiga, a moderna, e três línguas eram suas principais ocupações. Não se contentava de prelibar uma cousa; queria sabê-la a fundo. "Tudo isto, de pouco me servirá para o mundo, que se contenta com uma dose superficialíssima de instrução numa mulher; mas Deus é a quem desejo e procuro; penso que a aplicação e o estudo são para mim verdadeiros meios de ir a Êle. Além disso, muito folgarei, se tiver filhas, de poder eu mesma educá-las, e, se forem rapazes, começar-lhe a educação, antes de poder entregá-los em mãos seguras; pois é a só condição que eu porei no meu casamento; seja qual for o sacrifício que se precise fazer, meus filhos serão educados cristãmente".

Adivinha-se o ardor com que ela havia de aplicar-se ao estudo, — ela que a tudo se aplicava com ardor. Quando se sentia demasiado influida, uma

olhada para Deus a reduzia logo à moderação sublime, em que desejava sempre conter-se; mas esta ânsia de saber não a levava a afrontar uma leitura perigosa. Nunca lhe sucedeu abrir um livro, sem licença expressa das pessoas a quem tomou por guia. "Bem vontade tenho, escrevia ela, de ler Shakespeare e Milton. Posso dizer-vos, com tôda a sinceridade, que ao ler um livro, ando com todo o tento, e vou logo saltando algumas páginas, mal presinto o mínimo perigo. Mas antes de tudo, cuidar da *alma*". Êstes escrúpulos farão rir certas senhoras da moda e até os consideraram como indício de pequenez de ânimo. É certo que elas não fazem tantas cerimônias, e por isso, como diz uma delas, se iniciam em uma só leitura, *em tôdas as torpezas do vício;* o que é, como elas mesmas confessam, um inconveniente.

III

O casamento de Ângela teve lugar em 1837.

Esposou o conde de P... que a merecia. Sendo o matrimônio para ela, antes de tudo, um grande e augusto Sacramento, preparou-se cristãmente a recebê-lo, fugindo de tôdas as distrações, orando, e fazendo para si, no meio do mundo, uma espécie de retiro. Escreveu uma palavra que pinta de um modo púdico e encantador o estado de sua alma: "Eu me indigno contra mim, mesma, quando, prostrada de

corpo perante meu Deus, me acho preocupada em espírito de afeições humanas".

No dia da cerimônia levantou-se mais cêdo que de ordinário, afim de não omitir nenhuma de suas costumadas devoções. Tanto orei, escreve ela às suas caras Religiosas, que espero abençoará Deus a nossa união. Sinto-me aliás tão sossegada, que não posso duvidar de sua proteção; e êste sossêgo, não é só a satisfação de pertencer a alguém que eu amo, é a certeza que Deus me sustentará em tôdas as borrascas da vida".

Ela declara que tudo fará para merecer a confiança com que seu marido a honra, e pede que orem "afim de que sejam ambos bons e fervorosos cristãos; pois, em suma, é a só cousa necessária". Enfim regozija-se com pensar que uma multidão de bons e sólidos autores lhe serão dora em diante permitidos, não, bem entendido, dêsses que formam certas *bibliotécas escolhidas*. Seu marido sabe que ela nunca leu romances, e não deseja que agora comece.

Aquela que fôra uma jovem tão pia, tão pura, tão forte contra si própria, não podia deixar de ser digna espôsa e boa mãe. Só pedia a seu marido o poder servir a Deus, e quando por acaso tinha de ir algum tanto contra os usos do mundo, sabia, por outro lado, reconhecer a graça por ela alcançada. "É razão e motivo, dizia, para tornar-me mais branda, mais atenciosa, e quebrar sempre por mim".

As riquezas daquele nobre coração pareceram

ter aumentos, e dardejar novo brilho sob o influxo do sentimento maternal. É de notar, que nos romances modernos, em aprticular nos escritos por mulheres *livres pensadoras*, não se trata nem de filhos, nem de maternidade. É uma situação que estas autoras suprimem; ignoram tais sentimentos. Suas heroinas são tudo o que se pode ser em todos os gêneros, exceto mães. As emoções que Ângela nos vai pintar terão, pois para os que lêm tais obras, dobrado atrativo de verdade e novidade.

"Deus concede-me uma ventura que longe estou de merecer: a de pensar, que em alguns meses serei mãe de uma criança, cuja alma Êle me confia para lhe conservar. Parece-me que devo ser mais piedosa, mais pura, mais virtuosa; que não devo mais ter nenhum mau pensamento, nenhum desejo, nenhum ressentimento; que só devo pensar em Deus, só obrar por Êle, afim de que meu filho receba de mim, com a vida, o temor e amor de Deus; pois eu estou que se estas disposições forem gravadas em meu coração, eu lhas comunicarei; e não pensais que Maria me ouvirá, se, consagrando-lhe de antemão êste menino, eu lhe pedir que êle seja um dos corações mais dedicados a seu culto?.."

Antes do nascimento do segundo filho, escrevia ela ainda: "Êste será, como o outro, consagrado a Maria. Orai para que êle antes perca a vida, do que a inocência que receber no santo Batismo. Oh! Deus me dê bastante fôrça, bastante fé, para fazer-lhe a

mesma oração todos os dias da vida dêle! Eu bem a fiz chorando, quando o meu pequeno M... esteve doente. Que ditosa fora eu se só tivesses filhos santos!"

Aqueles queridos meninos tornaram-se sua mais importante, sua única ocupação. Quasi não tinha outro cuidado neste mundo, e os estudava de contínuo; adivinhava-lhes as propensões, os defeitos nascentes; sabia ja dar-lhes as primeiras noções de estudo, e as primeiras impressões da virtude. Teve um dia uma grande alegria: o seu filho mais velho, apenas de quatro anos de idade, acabava de dar aos pobres tôda a sua fortuna: uma moeda de dez soldos!

IV

Ah! a saúde de Ângela, gravemente alterada, tornava-lhe já penoso, e até arriscado, o exercício dêstes doces e sagrados deveres. Foi obrigada a pôr sua filha no convento, pela dificuldade de educá-la com três meninos, cujo porvir a inquietava mais, e por isso levava a peito formá-los ela mesma. Fazem-nos o retrato da pequena Maria, cujo suave esplendor reflete como uma auréola na fronte da mãe. "Aos três anos e meio, exata a fazer ela mesma sua oração da manhã e da noite, ajuntava o exame de conciência a que Ângela era fiel; perguntava se tinha sido boazinha durante o dia, e quando a respos-

ta era negativa, não deixava de reparar e dar satisfação; depois deitava-se com as mãozinhas cruzadas sôbre o peito, porque, dizia ela, minha mãezinha me disse, que o pequenino Jesus não dormia de outro modo. Quando lhe perguntavam como se chamava, respondia: "Chamo-me Maria de Nossa Senhora; sou a filhinha de Nossa Senhora".

Separa-se Ângela da filha com o presentimento que nunca a veria. Com efeito, o nascimento do quinto filho determinou uma doença de peito que foi logo julgada mortal. Conheceu primeiro Ângela o perigo, e a idéia de deixar os filhos perturbou aquela alma forte; sentiu tão formidável pavor da morte, que ninguém ousava falar-lhe de comungar em viático. Mas curta foi a provação e Ângela ficou triunfante. Enquanto esteve em seus sentidos, ocupou-se com Deus. No último transe, abraçada com sua mãe debulhada em lágrimas, murmurou o nome da Superiora do convento e o de sua filha: ajuntou os de Jesus, Maria e José: foram suas derradeiras palavras.

Muitas vezes com o crucifixo na mão, aceitara a morte; seu brando rosto, que a vida ia deixar, parecia todo iluminado com o sentimento inefável que aí lançára a última absolvição. A mãe, a tia, o marido, alí estavam. Êste infeliz esperava ainda. Quando percebeu que Ângela ia morrer, cai como ferido do raio. A moribunda sorria para a mãe que lhe mostrava o céu. Viu êsse homem que caia mais ina-

nimado que ela; uma espécie de convulsão agitou suas feições; mas no limiar da eternidade soube ela ainda abafar aquela derradeira saudade da vida.

Quando tudo foi consumado, o Snr. de P... que foi preciso levar da câmara mortuária, quis aí voltar. Deixaram-no aproximar do leito em que Ângela parecia dormir. O rosto da defunta estava coberto; só se viam suas duas mãos juntas para sempre para a eterna oração. O espôso prostrou-se gemendo, e foi porventura o mais tremendo momento daquelas cenas de mágoas.

Nos papeis de Ângela achou-se uma carta dirigida à Superiora de seu convento: — "Quando lerdes esta carta, ó minha mãe, as mãos que a lançaram estarão imóveis, e o que mais ainda me admira, o coração que tanto vos amou, estará gelado, até para vós. Oh mãe! onde estarei? Far-me-á Deus misericórdia? Tão ingrata fui para com Êle, e contribui tão pouco para fazê-lo amar! Orai, fazei orar! Se me salvar, a vós o deverei. Obrigada, pois, mãe, obrigada, madres minhas e adeus! Deixo em vós o que tanto amava no mundo; mas quero deixar-vos outros eu mesma.

Perante Deus que me ouve, perante Maria, vossa e minha mãe, lego-vos meus filhos, e vos dou cargo de suas almas. Roguei a meu marido que educasse meus filhos cristãmente; suplico-vos, cara mãe, lhe lembreis, onde e quando fôr preciso, que

...procurem os casados em tudo se comprazerem.
pág. 82.

preciso, que desta segurança careci para morrer tranqüila.

Quanto à minha filha, ou minhas filhas, pois talvez seja uma menina que me custará a vida, de joelhos vos rogo e a tôda a comunidade que as adoteis; tomai-as convosco, desde que estiverem em idade de poderdes delas encarregar-vos.

Adeus, mãe, adeus boas mestras; minha derradeira hora será dulcificada pelo pensamento de vos confiar meus filhos. Se eu vivo no seio de Deus, podeis pensar quais serão minhas orações pelas mães dos pobres orfãos".

Com seus filhos, legou também Ângela o seu coração. "O coração de nossa capela, onde ela veio tantas vezes confiar suas mágoas à Santíssima Virgem e solicitar seus auxílios. Suas mães, suas companheiras, gostam de vir orar, de alguma sorte, com ela, unidas aos sentimentos daquele coração que parece ainda exortá-las ao amor de Maria."

V

Eis o que é uma cristã nas circunstâncias ordinárias da vida: ei-la moça solteira, espôsa, mãe, eis como ela vive, como ela combate, como ela morre, como ela é chorada, e como a honram. Eu não faço aquí um conto imaginado a belprazer; nada é inventado, tudo é real.

Comparai agora esta história "com a das heroinas de certos asquerosos romances..." e dizei onde está a fôrça, onde o combate, onde a beleza moral, onde a poesia?

Oh educação! oh educação religiosa! que poder tens para transformar e enobrecer os corações e elevá-los às sumidades da perfeição moral!

CAPÍTULO XV

DA CORREÇÃO E BOM EXEMPLO

I

FÁBULA também diz verdade. Comecemos êste capítulo por uma fábula.

Faetonte é o tipo do mancebo altanado, voluntarioso, libertino. Foi um dia ter com seu pai, o Sol, que lhe deu audiência no vasto salão do dia, onde se assentava majestoso em trono fulgurante de luz. Ao lado do Rei dos planetas estava o dia, o mês, o ano; do outro lado vinte e quatro donzelas tôdas muito parecidas e eram as horas. Mais além à esquerda via-se o estio, coroado de louras espigas; o outono homem já feito, pés e mãos retintos de môsto; à direita a florida primavera, e um velhusco enregelado

chamado inverno. Atônito e fora de si o jovem, com aparato tão novo e imponente, é mandado apromar-se do sólio, e perguntado com afeto paterno o que pedia, e feita promessa jurada de se lhe fazer o que pedisse, pediu (vede que extravagância!) que o pai lhe cedesse o lugar o deixasse conduzir o carro luminoso. Quero percorrer, disse, os páramos do Céu naqueles vossos ginetes que respiram fogo.

— Oh! para que fui tão fácil em prometer? disse o Sol. Vê, filho que me pedes tua ruína, eu te faço mal cedendo complacente à tua vontade. A estrada é para ti nova e difícil; sobe a pique e desce em rápido declive: os cavalos são fogosos e desbocados; estranhar-te-ão a mão pouco dextra em manear as rédeas; encontrarás pelos abismos do espaço feros monstros que te gelarão de pavor. Não esteve pelos autos e o filho, obtem a carroça, e róla do céu em espantosa queda.

Eis aquí o emblema dos pais que tudo cedem aos filhos, e sob pretêsto de lhes mostrar bondade, benevolência e amor, condescendem com todos os caprichos dêles, e deixam-lhes impunes e sem correção as faltas e os vícios. Bondade cruel! *saeva bonitas,* como diz um exímio moralista, desapiedada benevolência! amor que mata, amor que não é em suma senão um brando e afável ódio, *odium, afabile et blandum!* Oh! quantos filhos e filhas devem a sua ruína a êste amoroso ódio de seus pais! pois pais verdadeiramente amantes não são êsses *bons,* que

são tudo meiguices para os filhos, que não querem vê-los nunca contrariados, e os deixam fazer mal sob pretêsto de lhes querer bem; mas aqueles que mantém com firmeza e prudência o poder sagrado, a autoridade venerável de que estão revestidos por Deus, chamando à ordem, ao cumprimento do dever o filho transviado, não só com brandos conselhos e persuasivas exortações, senão também, quando é necessário com tôda a severidade do poder paterno.

Êste poder, como diz um ilustre escritor, aliás insuspeito, como iscado que é de muito liberalismo, deve ameaçar para ser respeitado. Deve manter pelo constragimento e reprimir pela dôr as inclinações da vontade rebelde, tanta é a dificuldade que tem o homem hoje, corrompido pelo pecado, de se acomodar a ordem e sujeitar-se ao império da lei! Cumpre que êle fale com autoridade, e seja capaz de usar de rigor quando a justiça o exigir. Ai das famílias em que a autoridade paterna se degrada! Abaixando-se (essa autoridade sagrada) ao nível dos filhos, sob pretêsto de levá-los pela brandura, e como convém a entes racionais, degenera em relações de igual a igual, em familiaridades incongruentes e em disputas indecorosas. Esta pretensa brandura dos pais é frouxidão. Aconselham por não terem mais coragem de mandar; fazem-se amigos por não terem mais fôrça de serem superiores. O enfraquecimento do poder é uma das causas mais ativas da dissolução social.

Quando a desordem está na família, passa logo para o Estado, e enfraquece-se o govêrno civil à medida que o poder paterno se relaxa... Toma a revolta o lugar da obediência; exalta-se desde os verdes anos o desejo de independência; a mocidade, mesmo a infância, torna-se impaciente do freio da disciplina e da lei; é difícil a isso habituar-se na sociedade, e a lei parecerá sempre tirânica àquele que respeitar não soube a palavra paterna. A má educação dos filhos prepara os maus cidadãos e as desordens das famílias são os prelúdios das perturbações do Estado.

Deve o legislador (conclue mui avisadamente o autor) procurar por todos os meios fortalecer a autoridade dos pais que as últimas revoluções (com seus clamores de liberdade, igualdade e fraternidade) têm abalado; mas à Religião compete principalmente reconstruir as bases da família, inspirando aos pais e aos filhos o temor de Deus, que dá o sentimento do dever, e induz tão energicamente a cumprí-lo.

Nada mais justo.

II

Mas como esta doutrina que estabelece a obrigação de castigar os filhos é hoje tão desconhecida, e por muitos até contestada, firmemo-la na palavra mesma de Deus.

Eis como fala o Sábio na Sagrada Escritura:

"Aquele que ama seu filho o castiga freqüentemente, para que receba alegria quando êle fôr grande, e não vá mendigar às portas dos outros. Aquele que instrue seu filho, nele achará a sua alegria, e gloriar-se-á entre seus domésticos..."

"Morreu o pai daquele filho bem educado; e parece que não é morto, porque deixou depois de si outro êle mesmo. Viu seu filho durante a sua vida, e pôs nele a sua alegria; não se afligiu na morte; porque deixou à sua casa um filho que a defenderá contra os que o aborrecem, e será reconhecido para seus amigos.

"O pai atará as suas próprias feridas, e evitará muitas aflições pelo cuidado que tiver da alma de seus filhos; e pelo contrário se os abandonar a si próprios, se agitarão suas entranhas a cada palavra que ouvir dizer, e cada grito que se der; temendo sempre que o mau procedimento de seus filhos lhes haja atraido alguma desgraça. Porque assim como um cavalo indômito se faz intratável, da mesma sorte o filho entregue à sua vontade se faz insolente e se expõe a desatinos. Lisonjeia a teu filho, e te causará grandes sustos; graceja com êle, e te entristecerá. Não te ponhas a rir com êle, para que não te dôas, e no fim ranjas os dentes com pesar e desesperação.

"Não o faças senhor de si mesmo em sua mocidade, e não desprezes o que faz e o que pensa.

Vigia, porém, exatamente sôbre seus sentimentos, sôbre suas palavras e sôbre suas ações. Curva-lhe o pescoço, enquanto é mancebo, e castiga-o com varas enquanto é menino, para que não se endureça de modo, que já te não queira obedecer, e não seja a tua alma penetrada de dôr. Instrue a teu filho; trabalha em o formar, para que não te desacredite com a sua vida ignominiosa". 1)

Que instrução importante para os pais! Deus que criou o homem, parece que há de saber melhor do que certos filósofos como se deve educá-lo.

Mas qual o significado daquelas palavras: castigar freqüentemente, não rir-se com o filho? Parece duro. Ouví a explicação de Fénelon. "Se o sábio sempre recomendou aos pais que tivessem a vara assiduamente levantada sôbre os filhos; se disse que um pai que brinca com seu filho chorará depois; não é que êle tenha censurado uma educação branda e paciente; condena sòmente aqueles pais inconsiderados que lisonjeiam as paixões de seus filhos, e só procuram divertir-se durante a infância dêles, a ponto de lhes aturar tôda sorte de excessos. O que se há de concluir é, que os pais devem sempre conservar autoridade para a correção, pois há índoles que cumpre domar pelo temor; mas torno a dizer só se há de empregar êste meio, quando

1) Ecl. XXX I e seg.

não se pode fazer de outro modo." 1) Até aquí Fénelon, autoridade suma nesta matéria.

A verdade está, pois aquí, como em tudo entre dois extremos. Nem rigor nímio que torne os pais uns carrascos, de semblante sempre austero e carregado, sempre a repreender, sempre a castigar; que ponha os filhos em contínuo constrangimento, e lhes tire tôda espontaneidade tôda liberdade em mostrar-se como realmente são, que lhes mate tôda confiança, tôda sinceridade, todos os impulsos generosos; lhes embote as faculdades, e os faça descair no triste aviltamento do escravo; nem também essa liberdade excessiva, que os leva a tratar por *tu* aos pais, a conviver com êles como iguais, sem nenhum respeito; liberdade proveniente do sistema funesto que destroe completamente a autoridade dos pais, querendo que êstes nunca repreendam com aspereza, nunca administrem um castigo corporal, mas só empreguem na criação dos filhos mimos, agrados, carícias, conselhos e exortações cheias de brandura.

São Paulo marca o meio termo justo entre estas duas viciosas extremidades: *Pais*, diz êle, *não queirais provocar à indignação vossos filhos, tratando-os com dureza e demasiada severidade; mas tende cuidado de os educar bem, corrigindo-os e instruindo-os segundo o Senhor. 2)*

---

1) D: l'éducation des filles cap. V
2) Efes. VII, 4.

Não os provoqueis à indignação, nem irriteis sua paciência, comenta o douto Alápide, para que não desmaiem e percam o ânimo vendo a seus pais contra si tão duros, tão ásperos, tão litigiosos, por onde desenganados de poderem contentá-los, venham a afrouxar no cumprimento de seus deveres, e finalmente a desesperar, fugir e sacudir o jugo tanto de Deus, como dos pais: mas educai-os bem, instruindo-os e castigando-os oportunamente, sem cólera, cheios de amor e caridade, como manda o Senhor.

Sem dúvida, deve-se levar o menino principalmente pela brandura, pelo agrado, condescendendo amorosamente com êle, quando é justo condescender, mostrando-se bom sem fraqueza, alegre sem dissipação, familiar sem baixeza; sem dúvida deve ser facílimo o perdão para faltas de mera leviandade; fácil para as de malícia, que êle reconhece, deplora e expia pelo arrependimento; mas quando o menino, muitas vezes admoestado, se mostra rebelde, e se obstina numa ação má, então um castigo físico, moderado, administrado a tempo, e de ânimo repousado, lhe será imensamente útil.

III

Sei que se procura propagar entre nós um novo sistema de educação, de que os castigos corporais são completamente banidos. Estabelece-se como princípio absoluto que êles não devem jamais

ser empregados; que os pais e os mestres os devem abominar como *velhas usanças bárbaras e degradantes*.

Mas sei também que Deus não manda cousas bárbaras e degradantes, e leio na Escritura (palavra de Deus,) que *quem poupa a vara* (o castigo físico) *aborrece seu filho, mas que o que lhe quer bem, aplica-se a corrigí-lo.* 1) *Que a estultícia está atada e encaixada no coração do menino, mas que a vara da disciplina a lançará fora.* 2) *Não deixeis de corrigir ao menino, diz ainda o Sábio, porque se o bateis com a vara, não morrerá. Dando-se-lhe êste castigo livrareis sua alma do inferno.* 3)

Sei disto.

Sei mais, que os ilustrados, e sem dúvida bem intencionados, propagadores de um novo sistema de educação destinado a cristãos, não têm direito de ignorar êstes ditames da Eterna Sabedoria, inda menos de desprezá-lo uma vez conhecidos.

Sei, que não consideramos como bárbaros, como cruéis nossos pais, nossos mestres que nos aplicaram tais castigos, antes de ordinário rodeiamos de maior veneração e abençoamos com lágrimas mais sentidas de saudades e de reconhecimento a memória daqueles entes queridos, que mais severos se mostraram na repressão de nossos vícios e paixões nascentes. *Deus*

---

1) Prov. XIII. 24.
2) Ibid. XXII. 15.
3) Ibid. XXXIII, 13 14.

lhe dê o céu, dizemos, *a meu pai, à minha mãe que não me pouparam; à sua amorosa severidade devo o que sei e o que sou!*

Sei que nunca se considerou como bárbaro e degradante dar uma forte pancada num menino para impedir que êle caia no fogo ou se precipite num poço; e que muito menos se deve considerar degradante e bárbaro o castigo saudável que o livra da voragem dos vícios e do abismo da eterna perdição.

Sei que a sabedoria de todos os séculos não admitiu nunca êste sistema de levar o menino só com raciocínios, propondo-lhe simplesmente os motivos opostos, e deixando-o livre na escolha; mas julgou necessário empregar a autoridade, o temor, o castigo; e por êste velho método foram formados todos os insignes varões que tem honrado a humanidade por suas letras e virtudes.

Sei, que entre gente cristã será sempre uma *obra de misericórdia castigar os que erram.*

Sei que a mania de inovações e reformas de que está possuido êste nosso século, o faz desprezar, em ponto de educação, como em tudo mais, os oráculos da Escritura, a experiência de tôdas as gerações humanas, os sufrágios dos varões mais abalizados na sabedoria, os princípios imutáveis em que se baseia o verdadeiro progresso e civilização dos povos, para dar-nos bonitas palavras, promessas sonoras, flores sem fruto, esperanças de melhoramentos sem nenhum

resultado sério, ou antes para dar-nos só resultados péssimos de suas aventurosas experiências.

Sei enfim, que os mesmos que proclamam teoricamente a abolição dos castigos físicos, na prática os conservam e rigorosos; tanto é certo que a natureza expulsada pela porta, torna a entrar pela janela:

Chassez le naturel, il revient au galop. 1)

IV

Vamos ao fundo das cousas. O horror que se mostra pelos castigos físicos é o mesmo horror que se mostra pelas penitências. O sensualismo e o racionalismo modernos não compreendem que se empregue a dor como um meio de expiação e de aperfeiçoamento moral. Aquilo de S. Paulo: — *Eu castigo* (na fôrça do texto — *eu açoito) o meu corpo para o reduzir à escravidão* — é letra morta para êles. A prática de todos os santos, de todos os bons cristãos que se mortificaram e se mortificam é aos nossos olhos modernos uma aberração fanática. Não admitem que o reino dos Céus sofra violência, e que seja necessário, às vezes, usar de certo rigor com o corpo para manter-nos na virtude.

---

1) Houve um colégio de onde a palmatória fora solenemente banida. Mas os pequenos criminosos eram encerrados num cárcere escuro e estreito, por um, dois e mais dias.

Esta, porém, não é a doutrina do Cristianismo. Qual é esta doutrina? Ei-la explicada por um varão egrégio e de grande autoridade, o Cardial Silvio Antoniano:

"Se o Batismo, diz êle, deixa a alma purificada e cheia de graças celestes, o corpo todavia fica ainda sujeito à fraqueza, às enfermidades, à amargura da dor; como também fica em nós o movimento desregrado da concupiscência. A concupiscência não é propriamente pecado, procede do pecado e a êle inclina. É certo movimento, certo desejo ardente, que, por sua natureza, repugna à razão. Mas êste movimento rebelde à razão, se não é acompanhado de nenhum consentimento da vontade, de nenhuma negligência, tão fora está de ser um pecado, que antes nos foi deixado para, de alguma sorte servir de teatro e matéria à virtude: assim o ensinam o Catecismo do Concílio de Trento, e o mesmo sacrossanto Concílio. Se longe de ceder à concupiscência, uma pessoa lhe resiste, valente com o auxílio da graça de Cristo, não só ela não danifica, nem pode danificar, senão que se torna uma ocasião de vitória, merece coroa, prêmios mais copiosos e maior glória no céu. Pois, diz o Apóstolo, aquele será coroado que houver combatido. Ora, como a coroa supõe o bom combate, e o combate supõe um adversário, longe de queixarnos de Deus por ter deixado subsistir em nós êste inimigo doméstico, motivos temos de render-lhe graças. Com ajuda de sua santíssima graça, se não nos

atiramos covardemente ao chão, ficaremos certamente vencedores, e grangearemos imortal coroa de glória. Para tão nobre fim, não é justo afadigar-nos um pouco? e não se vê avultado número de homens correndo atrás de um prêmio terrestre e perecível à custa de seus suores, de seu sangue e da própria vida?"

Até aquí eloqüentemente, o douto Cardeal. Desta doutrina que é certa e fundamental, e não se poderá negar sem renunciar completamente a fé, sai, como consentário, a necessidade de se fazer violência a si, e, como diz S. Paulo, de castigar seu corpo para o sujeitar ao cativeiro da razão. Daquí aquela sentença do Salvador: *O reino dos céus sofre violência, e só os arrebatados o levam de assalto.* Aplicando agora ao nosso intento. O espírito do Cristianismo não repúgna a que se castigue corporalmente um menino, e porque?

Porque êste menino tem inclinações perversas, tem um ardor para o mal, que a dor amortece, como um calmante salutar; porque êste menino tendo feito um mal moral, tendo transgredido a lei com deliberação e pertinácia, deve expiá-lo por um sofrimento físico, que na linguagem cristã se chama penitência; porque o castigo escarmenta-o; sabendo que sofre, quando comete o mal, evitá-o a princípio pelo mêdo do castigo, e assim contrai hábitos bons, vindo depois a praticar a virtude por motivos mais nobres e mais dignos; porque o castigo de um é exemplo para os outros, e os retrai do mal, ao qual seriam

arrastados, sem êste meio enérgico. Tal é a razão geral da pena. É um remédio, um remédio saudável, mas amargoso, difícil de levar; às vezes cautério doloroso, ferro em brasa sôbre a chaga, escapelo a dilacerar as fibras; mal da arte para curar o mal da natureza.

V

Mas não nos alarguemos mais. O que fica dito basta para pôr de sobreaviso aos pais. Desenganem-se êles que nada estraga mais o bom natural do meninos do que o demasiado mimo com que são tratados. Donde dis S. Ambrósio:

"Amar aos filhos, doce cousa é; e muito amá-los mais doce ainda; muitas vezes, porém, o mesmo amor dos pais, se não tem moderação, faz mal aos meninos." É documento de um grande sábio e de um grande santo.

Do Rei Daví sabe-se pela história sagrada, que não tinha ânimo de repreender e castigar as desobediências e liberdades do jovem Absalão, quando êste andava na côrte com manejos indecorosos, procurando apossar-se-lhe do trono. Também foi demasiado indulgente com Amnon, seu filho mais velho, réu de uma grave infâmia e afronta para com Tamar, irmã de Absalão. Dêste desacato e vergonha teve notícia Daví, e com isto muito se afligiu. Mas, diz a Escritura, que não quis afligir a Amnon, pelo

muito que lhe queria, sendo seu primogênito; 1) donde resultou pesar a mão de Deus, a um tempo sôbre os maus filhos, que acabaram ambos desgraçados; sôbre o pai condescendente, que tantas amarguras por isso padeceu; e sôbre todo o povo, que afinal, coitado! é quem paga as faltas e os desvarios dos príncipes.

Também recebeu tremendo castigo de Deus o velho Helí, homem aliás timorato e de grandes virtudes. E porque? Porque, diz o *texto, tendo notícias das desordens de seus filhos, os não castigou.* 2) Tenhas embora, Helí acumulado, durante tão dilatados anos, um rico tesouro de merecimentos, e cabedal avultado de boas obras. Brilhe sôbre êstes teus cabelos brancos a majestade de uma santa velhice. Não castigaste os filhos? Pois espera pelo castigo, e castigo de espantar. Vinham de tôdas as partes queixas a Helí do péssimo e escandaloso procedimento dos filhos, e das sacrílegas subtrações que êles faziam aos sacrifícios, com afronta grave da Religião; e o que fazia o bonachão de Helí? Chamava os mancebos e lhes dizia assim manso, manso: — *Ora, filhos meus, para que fazeis estas cousas que ouço e são cousas péssimas divulgadas pelo povo; não façais mais isto, filhos meus!* E não passava disto. Nem que êle quisesse mesmo confirmar os filhos

---

1) II Reg. XIII, 22.
2) I Reg. III, 13.

nos seus descaminhos! E o que sucedeu? Sucedeu que trucidados os dois mancebos em sangrento combate, o pai ao receber a fatal notícia, desmaia, cai de costas da poltrona, e morre de repente com o pescoço torcido, e a cabeça rebentada na calçada do terreiro do templo.

Por tanto faz parte dos deveres dos pais o corrigir e castigar os filhos.

VI

A correção, porém, para ser proveitosa, há de ter vários requisitos:

1º Deve ser *caridosa*, visando-se, tão sómente ao bem do menino, não se lhe mostrando ódio ou malquerença alguma; mas antes amorosa compaixão, e desejo ardente que se emende e melhore.

2º *Calma*, isto é, dada com ânimo pacato, sem transportes de cólera, sem vozeríos, sem descomposturas, que tudo isto é inconvenientíssimo, e destroi absolutamente o efeito moral da correção.

3º *Proporcionada à falta.* Só a prudência cristã pode indicar quando se deve usar de maior ou menor severidade, ou mesmo conceber plenária indulgência.

Há certas faltas de leviandade, próprias da idade infantil, e para essas deve ser sempre fácil o perdão; mas há outras que revelam malícia, e são estas que devem ser reprimidas com rigor.

Sucede o contrário em muitas famílias. Se o menino, por exemlpo, quebra um copo, ou faz qualquer travessura, os pais perdem a paciência, e o castigam severamente; mas êsse mesmo menino será apanhado numa mentira, num furto, ou dirá uma palavra deshonesta, os pais acharão nisso graça, e sorrirão da esperteza.

4º *Oportuna,* isto é, quando tanto o ânimo de quem dá a correção, como o de quem a recebe, está mais bem disposto, menos perturbado pela paixão; pelo que, em regra geral, não convém dar logo a correção, sôbre a falta, mas deixar correr entre ambas um bom intervalo de tempo.

5º *Imparcial,* pois não se há de ser severo só para uns; mas distribuir a justiça igualmente por todos. Porque razão a êste filho petulante e já vicioso, lhe mostra sempre a mãe rosto risonho, achando-lhe graça em tudo; e reserva o sobrolho carregado e as severas reprimendas para a pobre irmã, que muito mais indulgente merece? Esta desigualdade é funesta, e tira todo o valor às correções.

6º *Não continuada.* A correção não pode ser uma febre sem intermitência, uma lima sempre a ranger nos ouvidos, uma sineta rachada a retinir importunamente de noite e de dia. Enganam-se os pais, as mães, e os senhores de casa que estão sempre a ralhar, a corrigir, a castigar.

Os filhos e domésticos em vez de se corrigirem, ficam ainda piores, exasperam-se, ou descaram-se

completamente, de modo a não fazer mais caso de correção alguma.

É preciso poupar muito êste recurso, e só empregá-lo, como dose de medicina, raro e em tempo próprio, para fazer efeito, como já dissemos.

7º *Enfim, acompanhada do bom exemplo. Longo é o caminho pelos preceitos, curto pelos exemplos. As palavras movem, os exemplos arrastam,* dizia a sábia antiguidade. De que servem instrução, conselhos, exortações, repreensões, castigos, se os pais são os primeiros a apresentar o triste espetáculo dos vícios e desordens que êles buscam reprimir nos filhos? Como poderão ser êstes sóbrios, se os pais se demasiam? Como brandos se os pais são coléricos? Como castos, se os pais vivem na dissolução? Como pacientes, se a casa retine em contínuas queixas, clamores e exprobações de marido e mulher? Como caridosos, se vêm os que os dirigem dados à maledicência, à vingança, à calúnia? Como pios, se os observam indiferentes a tôdas as práticas religiosas?

Um jovem diz palavras grosseiras e imorais; como se corrigirá, se o pai, no mesmo ato de repreendê-lo, usa de iguais palavras ou inda piores? Como quer esta sogra espinhada, de índole azêda, corrigir o agastamentos e cóleras da nora? Como esta mãe dissipada, frívola, apaixonada de modas, poderá inspirar gostos de simplicidade, de modéstia e recato a esta filha que começa a entregar-se à vaidade?

Nem que exorte, nem que aconselhe, nem que repreenda e castigue do melhor modo; tudo é baldado, nenhum resultado logrará de suas diligências.

Os meninos fazem, por via de regra, o que vêm fazer os pais.

Miram-se neles como em espêlhos, e reproduzem fielmente suas palavras e ações. Por isso os mesmos antigos pagãos recomendavam grande respeito e reverência à puerícia, evitando-se diante dela tudo o que é desordenado, torpe, indecoroso. 1)

Vêde bem, não desprezeis um dêstes pequenos; dizia o divino Mestre; isto é, nada façais diante dêstes meninos que lhes sirva de tropêço e escândalo; porque quem diante dêles faz alguma cousa tôrpe, os despreza, pois não repara naquela inocência da idade, e os *escandaliza* e os faz cair para o futuro; *e melhor fôra para êsse tal ser atado pelo pescoço a uma mó de moinho e lançado no fundo do mar. Ai! do mundo por causa de seus escândalos. 2)*

Palavras temerosas que caem, como o raio, sôbre a cabeça dos pais, das mães, dos mestres e senhores, que não se pejam de dar em suas casas os mais tristes exemplos!

---

1) Nihil dictu foedum, risuque hoec limina tangat,
Intra qua puer est.
Maxima debetur puero reverentia.
Juvenal.

2) Mat. XVIII. — 10.

CAPÍTULO XVI

EM QUE SE DECLARA QUANTO TEM DE FAZER UMA SENHORA DE CASA PARA BEM GOVERNÁ-LA

I

RAZER bem governada e policiada uma família que é uma pequena república, é cousa tão difícil, exige tanto discernimento para bem conhecer a índole e disposições dos filhos e domésticos, e dar a cada qual a direção e aplicação conveniente; tanta constância para velar na boa ordem e fiel cumprimento do que a cada um foi incumbido; tanta instrução e zêlo para a todos inculcar os bons princípios, reprimir paixões e emendar erros; tanta prudência para conciliar a autoridade com a bondade, o agrado com o respeito, e fazer-se sempre

obedecer sem ninguém lhe perder o amor e a confiança; que a mãe de família, por mais que converta para êste ponto todos os seus cuidados, por mais que esperte todos os seus ânimos e estudos, se achará sempre insuficiente nesta, que se pode chamar, *arte das artes*. Para desempenhar tão árdua missão, é mister, como diz um sábio, que ela seja *plenamente instruida na Religião, e tenha um espírito maduro, firme, aplicado e experimentado para o govêrno*.

Da importância que uma senhora de casa ligar a seus múltiplos deveres, e do capricho e diligência que puser em cumprí-los, nascerá em grande parte, a prosperidade da família.

Que êstes deveres a ela particularmente incumbem, não há dúvida. Em vida do marido, ou viúva, o interior da casa é o seu domínio; ela está mais especialmente encarregada da educação dos filhos até certa idade, das filhas até se casarem; a ela o cuidado dos fâmulos, a distribuição dos trabalhos, e os mil cuidados que exigem a boa ordem e economia domésticas. Bem que penosos, êstes trabalhos ser-lhe-ão fonte perene de puras alegrias. Ela não saberá o que é aborrecimento, pois não sabe o que é o ócio que o produz. Seus dias se escoarão cheios e rápidos, e ela provará a cada hora o delicado gôzo que sentimos quando fazemos o que é bom e útil. Além disso ela saberá dar, de vez em

quando, expansão a seus talentos agradáveis, e deleitar os filhos com recreios honestos.

Uma mulher nestas condições, como nota um escritor, "achará, até na vida do campo, poderosos atrativos: primeiro o da novidade, o de uma vida ativa e útil a todos." O insignificante papel, que os costumes muitas vezes têm assinado às mulheres, impede-as de adquirir na sociedade a importância que elas aí poderiam gozar... Graças ao papel que lhe dão os seus maridos acharão nelas verdadeiras sócias, e por aí adquirirão elas um título mais à estimação e ao afeto dêles; e como um chefe de família não pode ter melhor conselheiro que sua mulher, cujos interêsses são todos tão vinculados aos seus, a comunidade ganhará a todos os respeitos".

II

Discreta bastante para não permitir que todo o encargo da sustentação da casa pese sôbre os hombros do marido, ela se dedicará a vários trabalhos úteis.

A costura, a horta, o pomar, o jardim, o páteo da criação lhe fazem grangear emolumentos e ganhos, que cada dia parecem pouco consideráveis, mas que no fim do ano avultam bonitamente na receita da família. Em uma palavra, à semelhança da mulher forte da Escritura, que entre seus dedos fazia girar

o fuso, a senhora cristã é diligente, industriosa e trabalhadeira.

Por isto está em pé desde o romper da aurora. Êste hábito de acordar cêdo, precioso hábito, indispensável à mãe de família, procura-lhe a vantagem de ter muito tempo de folga antes do almoço para seus exercícios de piedade, para percorrer a casa, a ver se está tudo em ordem, se foram bem executadas suas ordens da véspera; para assear e vestir os filhos, repartir os trabalhos, e tomar tôdas as providências necessárias.

Ela sabe o importante segrêdo de bem distribuir e empregar o tempo, e por isso todos se espantam do que ela pode fazer num dia.

Partidária de uma discreta economia, nada deixa perder, nada estraga; conserta, remenda, aproveita, zela, arrecada, guarda em boa ordem tudo, de modo que quando é preciso, tem à mão o que quer, sem perder tempo e paciência em procuras inúteis. Ela sabe que tudo tem sua serventía, *e que não se deve desperdiçar a menor parcela do dom de Deus*, como diz a Escritura. 1) Ela sabe que pequenas despesas inúteis trazem afinal, a ruína, e que vinténs poupados cada dia dão no cabo de algum tempo centenas de mil réis. Assim, por seu trabalho e economia aumenta ela, como abelha solícita, os recursos da família, e até vale ao marido nos dias de maior apu-

1) Ec. XIV, 14.

ro, não falando dos pobres, de quem é a providência visível. Todos a louvam por trazer tudo em sua casa muito poupado, em grande ordem, asseio e lustre, evitando luxos e vaidades, contentando-se de modesta simplicidade, de forma a ser o menos onerosa possível a seu marido.

Infelizmente não imitam tôdas êste seu exemplo. O gôsto do luxo, das despesas supérfluas com as modas e enfeites abre o abismo da ruína para muitas casas. Os maridos não têm coragem de resistir a importunas solicitações, e se individam. Individados, que sossêgo, que alegria, que gôsto mais podem ter? De que te serve êste luxo e esta vaidade, ó mulher frívola? "Se ostentas em ouro aos olhos de teu marido, diz S. João Crisólogo, em quanto o coração dêle está magoado, que fruto, que vantagens tiras tu daí? Vós o sabeis, certamente o sabeis: encontre-se a mulher mais primorosamente vestida e a mais ornada, ninguém nisso achará prazer, se tem o coração na aflição e na tristeza. Para nos regozijarmos com uma cousa, é mister estar alegre, é mister ter o coração contente. Ora, se todo o dinheiro é dispendido em enfeitar o corpo da mulher, haverá vexame e penúria em casa, e o marido não poderá saborear nem alegria, nem satisfação. Se queres agradar ao teu, esmera-te em dar-lhe gôsto, e lho darás cortando pela superfluidade dos ornatos, e rejeitando todos os vãos enfeites. Estas cousas parecem dar algum gôsto nos primeiros dias das bôdas, mas,

pouco tempo depois, tornam-se sensaborosas e sem valía. E com efeito se o céu que é tão belo, se o sol que é tão brilhante, que não ousareis comparar com êle corpo algum, não os admiramos tanto quanto deveramos, pelo costume em que estamos de os ver, quanto mais agora admirarmos por muito tempo um corpo ornado de lindos vestidos? Eu digo isto, conclue o santo Doutor, porque desejo que vos enfeiteis com os adereços que São Paulo recomenda: *Não com adereços de ouro, diz êle, nem com pérolas, nem com vestidos suntuosos; mas com boas obras, como convém a senhoras que fazem profissão de piedade." 1)*

A boa mãe de família, sem negligenciar aquele ornato sóbrio e decente, que convém a seu sexo e posição, e fazendo certas concessões à moda, afim de evitar singularidades e não incorrer no ridículo, corta todavia firme por tôdas as despesas supérfluas, e faz assim nadar a sua casa na abundância, pois não há nada que multiplique os recursos como uma sábia economia.

Como ela tem horror a dívidas, porque sabe que trazem consigo vexames cruéis e até a deshonra, cada dia, de manhã e de tarde toma alguns minutos para pôr em ordem as contas diárias, lançando com exatidão a despesa com o sustento da casa, com o salário dos operários colocados sob sua direção,

---

1) Tim. II, 9, 10.

e a receita proveniente do que dá o marido e de suas próprias agências.

Ela liga a mais séria importância à contabilidade que evita muitas complicações e desarranjos, e informa exatamente o dono da casa sôbre o estado financeiro da família, para trazer sempre equilibrada a receita com a despesa, ver os lucros e economias realizáveis, evitar gastos inúteis, e satisfazer assim as condições de uma boa e inteligente administração.

Ninguém poderá imaginar quão eficaz é êste exemplo dela, para que o marido ande também de prumo na mão nas suas despesas!

Fénelon propõe com muita sabedoria que as mães vão acostumando cêdo as filhas a êste bom govêrno doméstico. Observa, que a prova de confiança com que as honra, encarregando-as de alguma cousa com a condição de prestar contas, dá-lhes grandes estímulos e gostos, e cita o exemplo da Rainha Margarida, que diz em suas Memórias nunca tivera tanta alegria em sua vida, como quando, sendo ainda muito nova, a Rainha sua mãe começou a tratá-la como pessoa já madura e de siso, fazendo-a sua confidente, e comunicando-lhe segrêdos de Estado, quando até alí ela só conhecera brincos de criança. Se fazem alguma falta, é mostrar-lhes brandamente o que deviam ter feito para evitá-la; narre a mãe suas experiências passadas, não tendo acanhamento de dizer que cometeu faltas semelhantes, o que inspira às filhas confiança.

III

Deve especialmente a mãe de família, exercer uma contínua vigilância em sua casa. O que aí passa, eis o objeto de todo o seu cuidado e solicitude. Que fazem os filhos e domésticos? Aonde entram? Donde saem? A quem freqüentam? Quem são seus amigos? Quais são suas conversações e entretimentos? Eis o que deve despertar o cuidado das donas e dos donos de casa, e nenhuma bênção esperem de Deus se afrouxarem nesta inspeção e vigilância tão necessárias. Com efeito, se negligenciar os interêsses dos outros, para cuidar, exclusivamente dos próprios já nos atrai castigos; *que ninguém cuide de sua própria satisfação*, diz o Apóstolo, *mas do bem dos outros*, 1) que castigo muito mais tremendo não merecemos, se não temos cuidado dos filhos! A quem estão êles entregues? A quem os confiou Deus? A quem pedirá contas? Não é aos pais? Como! Deus pune de morte o filho que amaldiçôa a seu pai e a sua mãe, segundo está escrito na lei do Senhor: *Aquele que tiver maldito do pai e da mãe, será castigado de morte;* 2) dá portanto Deus tôda fôrça, todo poder aos pais para educarem os filhos, e inspira a êstes o maior respeito e temor, e os pais deixaram inteira liberdade aos filhos, e não se

---

1) I Cor. X, 24.
2) Exod. XXI, 17

importaram absolutamente com o que êles fazem? Se os filhos nos ultrajam, Deus castiga de morte aos filhos; e nós vendo-os ultrajar a Deus, ficaremos impassíveis e indiferentes? É raciocinio de S. João Crisóstomo. Portanto, concluamos com êste santo doutor, que os que descuram dos filhos, os que deixam de velar sôbre êles com vigilância contínua e amorosa, ainda que sejam pessoas de bem, sisudas e temperantes, sofrerão por esta negligência terribilissimos castigos. São Paulo fala bem claro: *Se alguém não tem cuidado dos seus, principalmente dos de casa, já renegou a fé, e é pior que o infiel.* 1) Ai! quanta flor de inocência, murcha ao bafo empestado das más companhias, e quantas vergonhas e desgraças a entrarem pelas casas a dentro por descuido e facilidades dos pais! Seja a vigilância cristã o cordão sanitário que preserve o santuário doméstico do flagelo da imoralidade, de tôdas as pestes a mais temerosa.

Não se admitam aí livros ímpios, heréticos, maus romances, jornais corruptores, poesias e cartas amorosas, estátuas e estampas deshonestas, conversações inúteis e indecentes. O lar é um santuário; tudo nele deve respirar inocência e virtude.

Todo divertimento nocivo aos bons costumes deve ser banido das famílias cristãs: dansas lascivas, comezainas e demasias nas bebidas, recitativos lan-

---

1) I Timot. V, 8.

guorosos, modinhas chulas ou eróticas, certas devoções noturnas, chamadas *ladainhas,* acompanhadas de dansas e outras desordens; jogos de azar, certos jogos de prendas em que entram pessoas estranhas e costumes duvidosos. Em geral, só se deve admitir nas famílias: recreios honestos por sua natureza; bem ordenados no seu fim; moderados em sua duração.

Procure o pai e a mãe de família conservar em sua casa uma grande pureza de costumes, e inspirar a todos o maior horror da deshonestidade. *Bemaventurados os que têm limpo o coração, porque êles verão a Deus. 1)*

Ensinem a todos a pedir a Deus esta graça, por intercessão da Imaculada Virgem, e a velar sôbre os próprios olhos, para não fitá-los em cousas imodestas; sôbre os ouvidos, para fechá-los a tôda conversação indecente; sôbre os lábios para não proferirem obcenidades, e sôbre o coração para não admitir nele nenhum desejo impuro. Os meninos desde a idade de sete a oito anos devem ser acostumados a dormir cada um em sua cama, nem os hão de deixar estar sozinhos por lugares separados, ou pela vizinhança, onde se podem perder completamente.

---

1) Mat. V, 3

Não deixeis de instruir os meninos desde os tenros anos. pág. 155.

IV

Quanto aos servos não podem êles nas famílias cristãs, ser tratados como animais, como máquinas brutas, usadas por mil interêsses; mas como entes racionais, como nossos irmãos, em Jesus Cristo, remidos com o seu precioso sangue, filhos de Deus, diante de quem não há nem grandes, nem pequenos, nem servos, nem livres, nem ricos, nem pobres, mas uma só família de irmãos, procurando compensar pela abundância da caridade as desigualdades das condições e da fortuna. *Vós, ó senhores, prestai a vossas servos o que exige a equidade e a justiça; sabemos que tendes como êles um Senhor no Céu,* a quem dareis conta de vossas ações, e que vos tratará como os tiverdes tratado, diz Deus pela boca de S. Paulo. 1)

Não basta tratá-los com justiça.

Deve-se-lhes, pois, proteção e salário, caridosa direção e bons conselhos.

O Espírito Santo diz na Sagrada Escritura: *Seja-vos o servo sensato, caro como vossa alma, não lhe negueis a liberdade que merece, nem o deixeis na pobreza.* 2) Portanto, é preciso mais que a justiça: é preciso a caridade, essa caridade que só o Evangelho inspira, e que nos faz amar o mais humilde de nossos próximos como a nós mesmos por amor de Deus.

1) Colos. IV, 1.
2) Ecli. XVII, 23.

O afeto alcança o que não alcança a violência. Serve-se bem a quem se ama. E sai dobrado quando com bons modos sabemos solicitá-lo. Portanto, não é só do dever, é da utilidade dos senhores tratar bem aos que o servem. Um procedimento contrário fará dos servos outros tantos inimigos, sempre indispostos e desconfiados com os amos, cheios de rancor, inveja, avidez e cobiça; com o que muito sofrerá a família, tanto no ponto da moral, como da economia.

"Há a ciência de se fazer servir, que não é pequena, diz Fénelon.. Cumpre escolher domésticos que tenham honra e religião, cumpre conhecer as funções a que se quer aplicá-los, o tempo e o trabalho que a cada cousa se há de dar, a maneira de bem fazê-la e a despesa necessária. Por exemplo, ralhareis fora de propósito o homem encarregado da cozinha, se quereis que êle aparelhe um acepipe mais pronto do que é possível, ou se não sabeis pouco mais ou menos o preço e quantidade do açúcar e outros ingredientes que devem entrar no que lhe mandaste fazer; assim estais em risco de ser ou vítima, ou flagelo de vossos domésticos, se não tendes algum conhecimento de seus misteres.

"Cumpre ainda conhecer seus gênios, dirigir-lhes com geito os ânimos, policiar cristãmente essa republicazinha, de ordinário mui tumultuosa.

"É mister sem dúvida autoridade; que, quanto menos razoável é a gente, mais carece de ser contida pelo rigor; mas, como são vossos irmãos em Jesus

Cristo, e deveis respeitá-los como seus membros, é obrigação vossa usar só de autoridade quando falha a persuasão.

"Procurai, pois, fazer-vos amar dos vossos fâmulos sem baixa familiaridade: não entreis em conversas com êles, mas também não receeis falar-lhes bastantes vezes com afeto e sem altivez sôbre suas necessidades. Estejam todos certos de achar em vós conselho e compaixão; não lhes repreendais com azedume os defeitos; não vos mostreis nem surpreendidos, nem desgostosos, enquanto não virdes que são incorrigíveis; fazei-lhes sentir com brandura a razão, e sêde sofridos na ocasião da falta, afim de convencê-los de sangue frio,, que lhes falais sem rancor e impaciência para o bem dêles, que para serviço vosso."

Seria um excelente meio de captar-lhes a afeição, dar-lhes de vez em quando algum pequeno mimo, e procurar-lhes alguns inocentes prazeres. Como êles vivem de ordinário vida dura e sóbria, uns pratos mais regalados em certos dias solenes lhes causam grandíssimo gôsto. A pobre gente fica mui penhorada com estas atenções. Procurando que êles façam assim suas festas em casa, evita uma boa mãe de família que êles vão procurar outras fora, onde estão em risco de entregar-se à embriaguez e aos mais vícios.

Deve exigir que se apresentem sempre com asseio e decência, e que conservem suas cousas em

ordem e bom estado. Aconselhá-los a não consumir suas economias em roupa de luxo e outros gastos inúteis; mas a confiá-las antes à Caixa Econômica, afim de acumular um pecúlio para o seu casamento, ou velhice, seria prestar-lhes verdadeiro serviço.

Uma dona de casa deve exigir que os seus domésticos a tratem e aos filhos com tôda a deferência e respeito; não lhes permitindo certas liberdades, como entrar em casa de chapéu na cabeça; e por sua parte os tratará com benevolência e polidez, sem todavia lhes dar demasiada confiança, nem conhecimento dos negócios íntimos da família, nem permitir que tenham familiaridades com qualquer de seus filhos ou filhas. Êste ponto é de suma importância, maiormente no estado em que se acham os nossos costumes.

Eu estremeço quando penso na mistura funestíssima de nossas famílias com o elemento servil! Quantas vezes uma jovem tem confidências íntimas com pessoas que a moralidade e o decôro social aconselhariam que se conservassem a respeitosa distância! Quantas vezes o pai e a mãe, para mais livremente poderem freqüentar as sociedades do mundo, abandonam seus filhos a escravos, ou a outras pessoas da mesma laia, ordinariamente ignorantes, falando mal a língua, de modos pouco polidos, e até — o que é mais, — de estragados costumes!

Quando se pensa que de amas tais recebem os nossos meninos, com a primeira linguagem, os pri-

meiros sentimentos, as primeiras impressões, os princípios fundamentais, que decidem tão poderosamente de tôda a existência do homem, então é que se compreende a ominosa influência que êste fato deve ter na nossa civilização, e que de males saem a jorros desta fonte envenenada. É uma chaga tão funda, que só devagar se poderá ir cicatrizando. Ah! cuidem quanto antes principalmente as mães de família de moralizar seus escravos e domésticos! Empreguem a Religião como eficaz meio de regenerar essa pobre gente, em geral deixada a si própria no maior desamparo moral; não os deixem vagar pelas ruas à noite, sem destino; promovam entre êles casamentos, para que vivam honestamente; instruam-nos, dêm-lhes bons conselhos e inspirem-lhes sentimentos de brio e de honra! Pensai, grande Deus! que daí depende a salvação dessas almas, a de vossos filhos, a vossa, o bom nome e o futuro de vossas famílias.

V

Que de responsabilidades! que de cuidados! e a quantas cousas tem de acudir a inteligente solicitude de uma senhora de casa!

Até um pouco de direito e de medicina deve ela saber; de medicina, para tratar de conservar a saúde de tôdas as pessoas de sua família, dar-lhes os primeiros cuidados nos casos simples; discernir

quando se agrava o mal a ponto de ser preciso chamar o médico, e então administrar exatamente os remédios prescritos e velar na observância da dieta; de direito para saber os diversos regimes dos bens no casamento, a diferença que há entre um testamento e uma doação, o que é um contrato, uma partilha, que é necessário para serem válidos êstes atos; para saber ainda como a jurisprudência varia; quanto tudo o que depende dos juizes, por mais claro que pareça, torna-se incerto; quanto as delongas dos melhores negócios são ruinosas e insuportáveis. É preciso que ela conheça a agitação do fôro, o furor da chicana, as tricas dos processos, as custas enormes que acarretam e a desgraça dos que têm demandas. Tudo isto parece a Fénelon importante que as senhoras saibam, para não se entregarem cegamente a certos conselhos inimigos da paz, evitarem pleitos, e administrarem bem seus bens, se assim fôr necessário.

Enfim é mister que a mãe de família faça também de pastor de almas, que por isso chama São Paulo as casas cristãs *igrejas domésticas*. A ela, como mais dotada dos meios de uma doce persuasão, cumpre promover por tôda a família o cumprimento dos deveres religiosos, particularmente a recepção dos Sacramentos da Eucaristia e Penitência.

A Igreja faz um preceito grave aos adultos de se confessarem ao menos uma vez no ano, e comun-

garem ao menos, pela Páscoa da Ressurreição. Mas sua vontade é que todos se aproximem dêstes Sacramentos pelas principais festas, e o mais das vezes que poderem. Mostra a experiência que onde há confissões e comunhões freqüentes, os costumes se reformam, cessam os escândalos, vão desaparecendo os vícios, extinguem-se os ódios e as discórdias, e reinam nas famílias o trabalho, a paz e a alegria, com todos os encantos da virtude.

Pelo contrário, como posto o sol não há mais luz, assim, desprezados os divinos Sacramentos, ficam as almas sepultadas na escuridão profunda do pecado, donde se despenham na morte eterna. Precisam elas para viver das graças dos Sacramentos, como as flores do orvalho do céu.

Domingos e dias santos é a mãe de família a primeira a espertar o zêlo de todos para irem com ela assistir reverentes ao Augusto Sacrifício da Missa, receberem à tarde a bênção do Santíssimo Sacramento e ouvirem a instrução.

Ela mostra pelo seu exemplo, que o bom católico faz algum sacrifício, sujeita-se a algum incômodo, rompe por certas dificuldades, para não faltar à Missa nos domingos, e não se prevalecer de qualquer pretêsto para ficar em casa. Se é necessário que alguma pessoa aí fique, ela a manda ir no domingo seguinte, para que não suceda que alguns fiquem sempre privados do alimento espiritual, que é necessário a todos.

Por isso também ela não se empregará a si, nem aos seus, em trabalhos servís, que impediriam o cumprimento dos deveres religiosos e a santificação do domingo. Bem sabe ela que êsse dia é de Deus. Trabalhar no domingo e dia santo, é escandalizar o próximo, é matar as almas de seus próprios filhos e domésticos, é ofender gravemente ao Criador, e chamar castigos e maldições sôbre sua casa, sôbre seus negócios e trabalhos.

Ela vai até indagar de seus filhos e domésticos qual o assunto da instrução que êles ouviram, e os faz assim dar conta do proveito que tiraram. É êste um meio excelente aconselhado por São João Crisóstomo para os obrigar a dar tôda atenção àqueles que em nome de Deus explicam ao povo os dogmas e a moral do cristianismo. À tarde se lerá em família um livro de piedade, uma história moral e edificante, algum trecho do Evangelho ou da história sagrada do antigo e novo Testamento, e se explica o catecismo aos meninos.

A oração em comum, ao menos uma vez no dia, é também uma dessas saudáveis práticas que a boa mãe de família procura conservar ou estabelecer em sua casa. Quem não se recorda com saudades do *têrço* que na infância ouvia rezar com tamanha devoção diante do oratório aceso, e no sábado o ofício de Maria Santíssima, e outros cânticos singelos e piedosos, que nos deixaram na alma não sei que suavíssimo perfume?

Êstes exercícios de Religião, feitos, em comum, alimentam o espírito cristão no seio da família, diz um pio autor, conservam a paz e a serenidade nos ânimos, unem a todos de casa nos laços do mútuo amor e caridade, desenvolvem o gôsto do trabalho, da paciência, da sobriedade, da obediência, e das mais virtudes que são a base da ordem e da felicidade doméstica.

Feliz a mãe, feliz o pai de família que assim *procuram primeiro em sua casa o reino de Deus e* sua justiça, porque tudo o mais, isto é, tudo quanto é bênção, tudo quanto é mercê e proveito mesmo dêste mundo, *lhes será dado como por acréscimo. 1)*

1) Luc. XII, 31.

CAPÍTULO XVII

EM QUE SE MOSTRA O BELO EXEMPLO DE UMA MÃE DE FAMÍLIA

ALVEZ folgueis, caros leitores, de ver, digamos assim, em relêvo num exemplo vivo os ditames e regras supraindicados. Por êste teor ressairá mais claro quão úteis e importantes são êstes para o bom govêrno e felicidade de uma casa, e mais se inflamará, em cada mãe de família que me ler, o desejo de os pôr por obra.

Vou, pois, com sumo gôsto, apresentar-vos uma egrégia dona de casa, uma senhora modêlo de virtudes domésticas, certo que em seus sisudos conselhos

e em sua longa prática aprendereis muito mais do que em qualquer livro.

É uma respeitável matrona, de cerca de quarenta anos, pessoa de modos tão distintos e modestos, de trato tão delicado e digno, que logo se vê ter recebido uma aprimorada educação.

Casada na flor de suas dezoito primaveras com um excelente mancebo de família distinta, e que fazia brilhante carreira no comércio, depois de poucos anos de venturoso consórcio, perdeu o marido ficando com cinco crianças, relíquias de doces esperanças enganadas pela morte. Viúva tão nova ainda, prendada de peregrinos dotes, em possessão de opulentos haveres, não lhe faltaram pretendentes; mas ela repugnou a um novo enlace por muitos e mui ponderosos motivos. Parecia-lhe mais nobre, mais digno ficar fiel à memória daquele a quem para sempre se dedicará; mais prudente prevenir penosas comparações, e não arriscar-se de novo a esta sorte de viagem, sujeita a ventos travessões, e que quasi nunca se repete com a mesma fortuna; mais caridoso não expor os filhos à quasi sempre desvantajada e aflitiva condição de enteados; mais profícuo enfim, lograr a santa liberdade que dão a abnegação e o sacrifício, para empregar-se melhor em obras de religião e de caridade.

É a viüvez um estado honroso, e que se pode tornar santo; por isso diz S. Paulo: *Honra as viúvas que verdadeiramente são viúvas.* E acrescenta: — *A*

viúva que vive das delícias, já está morta. 1) Sem dúvida, podem dar-se situações em que seja conveniente contrair segunda união. O que dizemos não é um preceito, mas um simples conselho. Todavia, é certo, que o Cristianismo não admite às ordens sacras o viúvo de mais de uma mulher, nem tributou suas honras senão às *verdadeiras viúvas,* que conheceram um só casamento, e que tendo tido filhos, os formaram na virtude por seus cuidados e exemplos.

A mesma antiguidade pagã reservava todos os seus apláusos e coroas às viúvas de um só marido *(univiroe)*; com que, depois da virgindade, não houve estado que captasse tamanha e tão universal veneração como a viüvez santificada por bons costumes.

Isto sabia a nossa virtuosa viúva, e sabia também que vivo esplendor lançaram na história tantas heroínas ínclitas, almas ornadas, corações viris, que, elevando-se acima das fraquezas de seu sexo, recusaram passar a segundas núpcias, e consolaram a humanidade com o espetáculo das mais acrisoladas virtudes.

Lembrou-se de Aretusa, mãe de S. João Crisóstomo, viúva aos vinte anos, recusando novo casamento, para consagrar-se tôda à educação dêsse filho que veiu a ser por sua eloqüência e virtudes, uma das maiores glórias do gênero humano; mulher admirável, alma temperada de branda piedade e de

---

1) I Timot. V, 3.

vigor sobrehumano, de quem sabendo o sofista pagão Libânio que ela viveu vinte anos na continência, sem querer receber novo espôso, exclamou diante de um auditório de idólatras: "Ó deuses! que mulheres há entre os cristãos!"

Lembrou-se da heroina Marcela, herdeira de um grande nome de Roma, viúva também na flor da idade, no esplendor de uma formosura sem igual, recusando a mão de um cunhado do Imperador Constantino, um dos barões mais ricos do império, para consagrar-se ao serviço dos pobres e à prática das boas obras.

Lembrou-se da nobre viúva Públia, que, depois de uma união quebrada prematuramente pela morte, desenganada das vaidades da terra, só cuidou de entesourar merecimentos para o Céu, vivendo em comunidade com outras virtuosas viúvas e donzelas, e desafiando o furor de Juliano o Apóstata.

Lembrou-se, enfim, das Paulas, das Mônicas, das Isabeis de Hungria, das Chantales, de tantas outras mulheres insignes que são a honra do Cristianismo e fortaleceu-se cada vez mais em sua generosa resolução.

II

Ainda sangrava a ferida profunda de seu coração, quando novo golpe veio sôbre ela desfechar-se. Seu honrado pai, negociante dos mais altos créditos,

viu comprometida sua fortuna por uma série de desastres comerciais. Na luta para salvar a sua honra não lhe podia faltar o apoio da filha. Mas a má fé de um sócio tornava a voragem mais profunda do que se imaginava e com amargura de sua alma viu ela o patrimônio de seus filhinhos desaparecer e sumir-se no abismo, súbito entre-aberto, desta bancarota. Pensou, porém, consigo que em tudo o que nos sucede há uma disposição adorável da Providência; e como Jó, exclamou: *O Senhor o deu, o Senhor o tirou, seja seu nome bendito! 1)*

Cheia dessa confiança sobrenatural, dessa resignação sublime que só a Religião inspira, vendo-se reduzida à miséria não desmaiou. Confortada pelos conselhos de um Sacerdote sábio e virtuoso, antigo amigo da família, começou um trabalho ímprobo para sustentar-se com honra. E tais foram as suas diligências, os seus esforços, as suas economias, os seus sacrifícios, a paciência heróica e a inteligente energia que desenvolveu nesta quadra de cruéis angústias, de súplicas e de lágrimas vertidas em segrêdo, que pôde assegurar honesta subsistência para seu velho pai, para seus filhos, e para si, não falando dos pobres, a quem ela liberalmente socorria.

A graciosa vivenda em que habitavam, sita em um dos amenos subúrbios da cidade de .... era criação tôda sua, fruto de seu trabalho e indús-

---

1) Jó, I, 21.

tria. Há alguns anos debruçava-se neste sítio o mato bravio sôbre um casebre, quando ela com tôda a família aí veiu abrigar-se do vendaval da desgraça, que se desfechava temeroso. Agora vê-se uma casa não muito grande, mas engraçada, com bonitas varandas e jardins, um quintal cheio de belas leiras de hortaliça; mais longe um pomar de laranjeiras, mangueiras e mais árvores de nossa rica flora, sem falar de outras plantações, e de um vasto páteo de criação bem lançado; para o que se aproveitou com inteligência um terreno devoluto. Com alguns trabalhadores, dirigidos com muito tino, transformou ela êste sítio agreste em deleitosa moradia, e assim pôde achar naquela nesga de terreno bem cultivado ao mesmo tempo uma deleitosa ocupação e recursos preciosos.

Nem se cuide que nesta casa ficasse alguém ocioso. O pai, ancião venerando, coberto de cans, que suportava galhardamente o pêso de seus setenta janeiros; uma filha, graciosa jovem de quinze anos, que derramava, como um Anjo, no seio da família os doces eflúvios de suas virtudes; dois filhos nos intervalos dos estudos; duas servas, escravas alforriadas, que por dedicação continuavam no serviço da casa, e dois rapazes que serviam de domésticos, órfãos desamparados que a caridade da senhora recolhera para dar-lhes conveniente educação; todos, segundo suas fôrças, suas aptidões, trabalhavam, li-

davam no tráfego, e tinham sua tarefa naquela rumorosa colmeia.

Versada na leitura de vários livros que tratam de economia rural e doméstica, pôde esta excelente senhora adotar os melhores métodos não só para o cultivo das plantas, como para a educação das aves e mais animais caseiros.

Daquelas páginas ornadas de gravuras tirou modêlos para as construções que mandou executar, e dispôs tudo com tal arte, e tudo foi conservando em tal ordem e asseio, que nenhuma perda havia, e a criação e tudo mais medrava admirávelmente.

— Eu sou o ministro do fomento, dizia ela sorrindo às suas visitas. Daquí tiro importantes recursos para o orçamento do meu império. Ninguém imagina como esta indústria da criação bem dirigida paga bem o trabalho à uma dona de casa, não falando dos legumes, flores e frutas. É uma cornucópia a derramar suas riquezas. Mas é preciso empregar assíduos desvêlos, processos razoáveis e muita economia.

Ao entrar no salãozinho ficava a gente admirada da simétrica disposição dos modestos móveis e da limpeza que por tôda a parte luzia. Alí não se via roupa atirada por cima das cadeiras, e essa desordem e essa poeira vergonhosa que se notam em certas casas. Os quartos e todo o interior respiravam a mesma nobre singeleza, asseio e perfeita compostura.

— Aquí, dizia ela, estou sempre repetindo e fazendo executar duas regras importantíssimas:

1ª Cada cousa tem seu lugar e deve para êle voltar.

2ª Não deixes para amanhã o que tens de fazer hoje.

A primeira regra é obvia e de sua observância resultam preciosas vantagens. Cada cousa, discorria ela, estando arrumada em seu devido lugar, êste arranjo e boa disposição agradam a vista; o interior da casa torna-se assim verdadeiramente aprazível a todos; o marido, os filhos aí permanecem mais, e com mais gôsto, o que interessa imensamente à mãe de família. Depois a boa arrumação conserva tudo em perfeito estado, e quando se procura qualquer cousa, sabe-se onde achá-la e evitam-se assim muitos estragos, perdas de tempo e de paciência.

— Mas é muito difícil, objetavam-lhe.

— Um dia de trabalho para pôr a casa em ordem dá anos de descanso e de satisfação, respondia ela. Vale a pena. Depois de bem arrumado e ordenado tudo com simetria e gôsto, é só todos os dias um ligeiro cuidado e esfôrço para conservar esta bela ordem, e o asseio necessário.

"A segunda regra, continuava ela, é também de evidente utilidade. Deixar por fazer o trabalho de hoje, é dobrar o trabalho de amanhã; aumenta-se, portanto, a fadiga, sem proveito nenhum; pois de

mais a mais, o trabalho acumulado nunca sai tão perfeito.

A virtuosa senhora não cansava de inculcar estas e outras saudáveis máximas, e todos admiravam sua constância em executá-las.

— Ficai bem desenganados, dizia ela muitas vezes, que a grande inimiga da ordem é a preguiça. Ora a preguiça é um costume que se vence com o costume contrário, e que se agrava e se torna cada vez mais imperioso, à medida que lhe vamos cedendo.

Mas tenho ouvido senhoras dizerem-me: São minúcias, e os espíritos elevados não se ocupam de minúcias. Isto é disfarçar com máscara de grandeza de alma o desmazêlo e a preguiça. São por ventura minúcias cousas que produzem resultados imensos? São minúcias os grãosinhos de sementes que produzem novidades esperançosas e opulentas searas? São minúcias os rastilhos de pólvora que fazem saltar uma mina e com ela uma fortaleza ou uma cidade?

Na família não há minúcias. O desleixo traz a desordem, o estrago e o desasseio; êstes o desgôsto; o desgôsto as queixas, e depois vem o desamor, as dissenções, as separações e os escândalos mais horrorosos.

Além de que, o desasseio e desalinho são, de ordinário, sinais exteriores da desordem e impureza das conciências.

Um dia, jantando com ela e com tôda a família,

uma amiga sua, na fresca varanda que servia de sala de jantar, ficou esta amiga encantada da simplicidade, limpeza e boa ordem do serviço.

— Nada de acepipes exquisitos, comida sã e abundante é o regime desta casa, dizia ela a esta amiga.

Durante todo o repasto reinou doce cordialidade, modéstia e polidez, esmerando-se cada um em servir e ser agradável aos outros. No fim o venerando ancião proferiu as palavras da ação de graças. Tôda a família se uniu reverente a êste ato religioso.

— Talvez vos surpreenda que se conserve aquí êste uso de nossos pais, disse a dona da casa a sua hóspede.

— É verdade, já é bem raro encontrar-se disso, mas digam o que disseram, é belo, é sublime!

— E é justo também. Não é o Criador que faz crescer as plantas e os animais para nosso sustento? Não é sua Providência adorável que mantém as leis da natureza, e não é de sua mão dadivosa que se derramaram copiosas bênçãos sôbre todos os viventes? Portanto é justo que lhe rendamos ações de graças pelas suas mercês e benefícios.

— O que também admirei foi fazerem tudo os vossos criados, sem que lhe dissesseis a menor palavra.

— Êste é estilo que tenho estabelecido, disse ela, porque acho soberanamente ridículo que uma senhora ralhe na mesa com os criados, ou se levante,

vá e volte impaciente ou preocupada. Isto causa péssima impressão, pois mostra o incômodo que nos dão os convidados e o desgovêrno da casa. Dou minhas ordens aos criados; depois disto êles nada mais têm de ver comigo; quebre-se alguma cousa ou derrame-se, *fica por conta dêles, eu não recebo recados ao ouvido, nem tenho que tomar providência alguma naquela ocasião.*

Êste ocultar a dona da casa a sua ação é do melhor efeito. A navegação se há de fazer sem que se veja o piloto marcando as latitudes sôbre o mapa. As figuras perdem todo o seu prestígio desde que se vêm os barbantes que as fazem mover. O mistério pelo contrário reveste tudo de graça dando franco espaço a imaginação. O nosso sexo tem tudo a ganhar com o véu de recato e do mistério, justamente porque é o sexo das graços.

"Quanto à economia, o meu grande princípio é não economizar com o necessário. Cercear pelos alimentos indispensáveis, é comprometer a saúde das pessoas de casa, e portanto preparar gastos de médicos e botica. Além disso, que bom serviço podem dar criados que deixam de ser suficientemente alimentados? Economia, pois, muito mal entendida! Corte-se pelos caprichos, pelas despesas inúteis, grandes e pequenas, isto sim.

— Mas então proibes todos os caprichos?

— Uma dona de casa nunca os deve ter. Êstes esperdiçar de cada dia ainda que diminutas somas,

representa no fim do ano um deficit considerável no orçamento da família. Eu entendo que uma dona de casa deve ter sua escrituração em regra, e então é que ela abrirá os olhos sôbre o que são pequenos gastos e pequenas economias. 1)

— Sua escrituração! estou atônita com o que me dizeis. Pois é preciso que uma dona de casa seja como um guarda-livros de casa comercial?

— Minha cara amiga, a contabilidade da família, não é tão complicada como a do comércio, e nada tem que assustar possa a vossa delicadeza. Vamos ao meu gabinete de trabalho, e explicar-vos-ei como é simples e fácil.

III

"Primeiramente tenho esta *carteira*, que trago sempre no bolso, para em qualquer parte que me ache, tomar apontamentos precisos de uma despesa ou receita ocorrente, ou mesmo de qualquer outro assunto, para ver depois trasladado tudo no competente livro; o que feito, risco ou apago o assento da carteira. É o *memento* da dona de casa.

"Depois tenho mais êste *livro do diário*, onde lanço tôdas as despesas com a sustentação da casa, dia por dia.

---

1) Na obra já citada: El primeiro ano de Matrimônio, vêm êstes e muitos outros bons conselhos.

CONTA DOS TRABALHADORES

NOMES	JORNAL	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	
João	1$500	"	"	—	—	—	—	7$500
Felicio ...	1$000	—	—	—	—	—	—	4$500
Gregorio ..	1$500	"	—	"	—	"	—	4$500

"Tem, como vedes, três colunas: na primeira ponho os preços das provisões compradas; na segunda o preço das provisões de nossa lavra, às quais dou pouco mais ou menos o valor do mercado; na terceira somo todos os algarismos inscritos na primeira e na segunda; faço as somas totais em baixo de cada lauda e assim sei perfetamente o que se gasta cada dia em dinheiro e gêneros.

"Tenho mais êste *livro de despesas e receitas gerais, ou livro caixa.* Aí assento tôda qualidade de receita e despesas. É dividida a escrituração em duas partes, que se correspondem em duas páginas fronteiras uma a outra; à esquerda as receitas, à direita as despesas. Há nas livrarias livros com divisões e títulos de páginas impressos, que cada qual pode apropriar facilmente a seu uso.

Podem-se pôr mais títulos de colunas além dos aqui mencionados, por exemplo: *direitos, beneficiência, concêrtos, mobílias, doenças.*

"Na luta das despesas tomo assento de tôdas ou no momento em que as saldo, ou quando as traslado da carteira. Aí inscrevo também o mês o total da despesa do diário em dois artigos, um compreendendo todos os objetos pagos a dinheiro, outro os objetos produzidos pela propriedade e estimados a seu preço venal. Reunem-se assim as despesas da mesma natureza em cada coluna da lauda consagrada às despesas, e, por conseguinte, pode-se ver em um lance de olhos o total de cada sorte de despesas.

"Faço receita, na láuda em frente dos objetos a que se dá um valor, como: *recebido da horta, em legumes;... cruzeiros recebido do pátio, em galinhas..........* cruzeiros; etc. Ajunto a estas receitas tôdas as que são produto de algumas rendas, juros de apólices, etc.

"Cada mês para fazer o balanço entre a receita e a despesa, conto primeiro o dinheiro que fica efetivamente em caixa: esta soma ajuntada às despesas, deve formar um total igual ao total das receitas. Feito o balanço o que resta em caixa constitue o primeiro artigo da receita do seguinte mês.

"Se o balanço não dá exato, é que houve êrro ou na adição, ou no assento das receitas ou das despesas. Provém o êrro ou de não ter-se assentado

RECEITAS E DESPESAS GERAIS

Datas	Receitas — Maio de 1878	Receitas em dinheiro	Receitas em generos	Receitas estimados	Receitas totais
1	Jures das Apólices	120$000			120$000
	Recebido do pátio em plinhas		6$000		6$000
7	Venda de flores e legumes			4$200	4$200
	Recebido da horta legumes .		520		520
		120$000		10$70	

Datas	Despesas Maio de 1878	Alimentos Em dinheiro	Alimentos Em generos	Lenha — Gás	Roupa, lavagem	Domésticos	O Senhor	A Senhora	Meninos	Despezas diversas	Despezas totais
3	20 metros de ca lsa							8$00(			8$000
"	6 toalhas				2$400						2$400
7	Marcinaría									12$000	12$000
	Selos de cartas									$ 500	500
8	Alimentos	4$500									4$500
	Lenha 2 carradas			6$000							6$000
10	Querosene 2 galões			2$000							2$000
				$000	2$400			8$000		12$500	35$400

uma despesa ou receita, ou ter-se assentado duas vezes, ou de ter-se aumentado ou diminuido o algarismo delas. Verifico primeiro os algarismos e as adições; se tudo está exato, procuro avivar minha memória; enfim, se não dou com o êrro, como não pode êle ser de vulto, e não é mister nos livros de família aquela exação rigorosa dos livros de comércio, escrevo no título da receita esquecida a soma excedente, ou no da despesa esquecida a soma que está em *deficit,* afim de poder fazer exatamente o balanço, e ponho novo cuidado em assentar tôdas as despesas e tôdas as receitas.

Tenho enfim êste outro livro de *Conta dos trabalhadores,* em que assento cada noite os dias de serviço dos trabalhadores por mim empregados. Tôdas as semanas faço a conta de cada um, pago-lhes e passo um traço sôbre a semana; se não pago, fecho a conta afim de saber o que devo, e não passo traço algum.

"Eis quanto à contabilidade, já vêdes que não é cousa tão complicada. 1)

Tudo isto explicava a Senhora com muita clareza e simplicidade, sem arrogar ares de superioridade sôbre ninguém, de modo que tôdas as suas amigas a ouviam com muito gôsto e proveito, admirando o tino e sabedoria como governava sua casa.

---

1) Vid. Economie domestique, já citada, cap. VII, p. 21.

LIVRO DO DIARIO

Datas	Janeiro de 1878	Despezas Em especie	Em generos	Totais
	Pão	640		640
	Leite	320		320
	Carne 4 quilos	2$000		2$000
	Legumes		200	200
	Total	2$960	200	3$160

IV

Mas o que ela com mais gôsto mostrava era o seu oratório e a sua bibliotecazinha.

Aquele contendo poucas imagens, mas devotíssimas, entre as quais um Crucifixo, que ela dizia ser indispensável em tôda casa cristã. Esta composta de poucos livros, mas excelentes. Alguns pequenos tratados de economia rural e doméstica; uma história *pátria;* uma boa *história universal; a do Antigo e Novo Testamento* do Padre Sarmento; um compêndio da história da Igreja: o *Catecismo* de Guillois; o da diocese; o *resumo da história bíblica;* algumas interessantes histórias de viagens; *Fabíola*

pelo Cardial Wiseman; a história de Santa Isabel da Hungria, pelo Conde de Montalembert; uma boa *vida dos santos; o Gênio do Cristianismo,* por Chateaubriand; a descrição dos *Lugares Santos, de* Mislin; um dicionário de Medicina popular, outro da língua nacional, outro biográfico; e alguns outros volumes de amena e instrutiva leitura; alguns livros de piedade, os mais perfeitos que existem, como a *Imitação de Cristo* de Kempis; *a Introdução à vida devota* de São Francisco de Sales; *o Guia dos pecados,* de Granada; enfim o livro dos livros, a *Escritura Sagrada,* com as notas explicativas, da qual lia aos filhos com espírito dócil e humilde, os livros e passos mais aptos a impressioná-los e a guiá-los no caminho da sabedoria.

— E romances? lhe perguntavam as visitas; não vemos aqui Dumas, Sand, Victor Hugo e outros.

— Essa gente não tem entrada no meu lar, respondia ela com todo o desembaraço. Estou convencida que a leitura dos romances perverte o gôsto, falseia o juizo, corrompe o coração. Esta atmosfera pura, esta concórdia de idéias e sentimentos, esta simples e casta intimidade que é o encanto da família, desaparecem desde que nela entra o romance. A espôsa, a jovem, o mancebo, que se dão a estas leituras, são transportados a não sei que mundo ideal; desgostam-se da sujeição e das ocupações sérias; vivem numa espécie de excitação febril; a imaginação

escaldante toma-lhes o lugar de bom senso; fecham-se para o marido ou para os pais, e tornam-se cismadoras; as paixões, perfidamente excitadas, perturbam-lhes a razão, pervertem-lhes as idéias; tomam gôsto pelo extraordinário, pelas aventuras.

Se o casamento lhes é apresentado como um cativeiro prosaico e só para parvos?! Se os vícios, ainda que afinal castigados, aparecem com formas tão vivas e sedutoras! A sereia canta para atrair aos abismos. A serpente se dissimula entre flores para melhor cuspir o seu veneno. Em suma, nesta minha enseada tranqüila não quero sereias, nem serpentes neste meu paraiso.

— Pareces bem severa. Em quasi tôdas as casas hoje não se faz escrupúlo de receber maus jornais e péssimos romances.

— Por isso, minha amiga, não achareis muito por aí o que aqui, mercê de Deus, tenho. Filhas amoráveis, obedientes, simples, sem segrêdos para mim, filhos estudiosos, sérios dóceis, que me rodeiam de provas da mais viva dedicação; um velho de cabelos brancos, acatado, venerado, benquisto, acariciado por todos... Sabeis o que mais? Estou satisfeita com o meu sistema. A cada um a sua responsabilidade.

— Deveis então em grande parte esta felicidade aos bons livros?

— Sem dúvida alguma. Tenho tirado proveito imenso da leitura feita em família. Antes da ora-

ção da noite, todos se reunem. Meu velho pai, que é o patriarca da tribu, preside à sessão. Êle ou eu interrompe às vezes a leitura para fazer uma observação justa, e avivar por êste meio a atenção do auditoriozinho. É um encanto ver como todos escutam tantas histórias interessantes, tantas narrativas de viagem, tantos bons conselhos da sabedoria; o espírito se diverte e se instrue ao mesmo tempo. Acabada a leitura fica em todos uma satisfação pura, um desejo de aperfeiçoar-se e melhorar.

V

Tinha de cor esta excelente senhora certas máximas dos grandes doutores do Cristianismo, as quais ela repetia em suas conversações com as filhas.

"Quereis parecer belas? (dizia ela). Revestívos de caridade, de bondade, de modéstia, de pudor, e despojai o fausto."

"O luxo dispendioso convém aos histriões, dansarinos, cómicos, bailarinos e bestiários; mas uma verdadeira cristã tem outro ornato que de Deus recebeu; êste ornato é Jesus Cristo, Filho único do próprio Deus. Vós todos *que fostes batizados em Jesus Cristo, vos revestistes de Cristo.* 1) Dizei-me, se vos dessem uma vestimenta real e a trocasseis pela libré abjeta de um mercenário, não acharieis já vosso cas-

1) Gal. III, 27.

tigo em tal baixesa? Como! Eis-vos revestida do Senhor soberano dos Anjos e do Céu, e ainda ficais apegada à terra?...

"O cuidado exagerado dos enfeites produz em abundância os piores frutos; gera suspeitas, despesas inúteis, maledicências, cobiças." 1)

"É cousa vergonhosa (dizia ela ainda) que uma virgem cristã, uma mulher casada, imite cômicas e dansarinas estrangeiras, no desenfreado luxo, no desagarro das maneiras, e na nudês indecente das modas. Não haverá então mais diferença entre uma mulher perdida e uma mulher honesta?

Profligava ela com energia as dansas lascivas e outros divertimentos fúteis e perigosos, que quando menos, amolecem a alma e a predispõe a receber as mais funestas impressões. Nos teatros, nas reuniões mundanas, dizia ela, respira-se não sei que atmosfera morna de sensualismo, que afrouxa o nobre elástico da alma. Ir lá uma ou outra rara vez por obrigação, para condescender com um marido, vá feito; mas freqüentar teatros e bailes é impróprio de uma boa mãe de família e de uma virgem cristã.

Não se importava que muitos a chamassem *retrograda, ultramontana, Jesuita* e outros epítetos semelhantes.

Dizia a verdade, praticava o bem com isenção

---

1) S. João Cris. obras — Tom. II pág. 173.

Quando a desordem está na família, passa logo para o Estado... pág. 262.

e liberdade nobres, e não sabia o que era curvar-se ao jugo ignominioso do respeito humano.

— O mundo é um vasto hospital de doidos, dizia ela. Tenhamos dó dos doidos, mas não os imitemos.

VI

Além disso nada inculcava e promovia ela com mais insistência do que a união entre os irmãos. Para isto assentou de tratar os filhos com justa imparcialidade, distribuindo igualmente com todos seus cuidados e benefícios, evitando preferências injustas, ou acepção de pessoas, que são fonte de muitos desgôstos e desavença nas famílias. Com efeito, graças a êsse Anjo tutelar, aquela *casta domus* permanecia perfeitamente unida. As filhas mais velhas ajudavam-na no cuidado das menores. Os irmãos, ao voltares a casa, traziam sempre uma lembrança afetuosa para as irmãs e estas esmeravam-se em dar-lhes todos os testemunhos de fraternal carinho. De sorte que se podia aplicar a esta venturosa família aquela poética palavra dos Salmos:

"Oh! como é bom e agradável viverem os irmãos em perfeita concórdia! É como o perfume que escorres da barba de Arão, e vai embeber até a orla de suas vestimentas! 1)

---

1) Sal. CXXXII, 1, 2.

Enfim, nossa admirável mãe de família parecia reproduzir em si as principais feições da mulher forte, tal como nô-la pintam as sagradas Escrituras.

Leiamos por conclusão, esta página admirável, em que se sente respirar o sôpro da inspiração divina:

"Quem será bastante ditoso para achar uma mulher forte? Deve-se procurá-la, como um bem de valor inestimável, até em longínquas terras. Nela descansa confiado o coração de seu espôso; e sem precisar dos despojos do inimigo, verá sempre a abundância em sua casa. Pagar-lhe-á ela o bem e não o mal, todos os dias em sua vida. De qualquer modo que êle a trate, não despreza nenhum de seus deveres para com êle neste encargo, suprí-lo-á animosa, cobrirá respeitosamente a falta de seu marido, e separará o mal e o bem.

"Em lugar de divertir-se, como as outras mulheres, em cousas frívolas, tomará linha e lã; e com resolução cheia de sabedoria se aplicará a trabalhar com suas próprias mãos. Como um navio mercante, atrairá ela de todos os lados bens para sua casa. Longe de dormir na moleza, levantar-se-á ante do dia, afim de prover ao alimento de seus domésticos e de suas servas. Examinou bem o preço de uma terra? Comprá-la-á, vê-la-ão plantar uma vinha, para colher um dia ela mesma o fruto do trabalho de suas mãos.

Não a representeis como uma mulher vã e deli-

cada; ei-la já que cinge os rins, para obrar com mais liberdade e fôrça, e endurece os braços no labor. Saborea e compreende quão boa é esta vida ativa. Por isso vela em tudo, e não deixa apagar a sua lâmpada durante a noite, afim de ver tudo o que passa.

Se seus dedos não desprezam o fuso, não lhe está menos pronta a mão para os trabalhos que parecem mais pesados. Não cuideis, todavia, que tanto se desvela por avareza. Seus braços que são infatigáveis no trabalho, se estendem muitas vezes cada dia em favor dos pobres que alivia- na miséria.

"Não teme para sua família os rigores do inverno, pois há provido o necessário em tôdas as estações, e todos os seus domésticos têm dois pares de vestidos.

"Seu espôso é homem de representação, nas portas da cidade, isto é nas assembléias públicas e nos conselhos. Senta-se com dignidade no meio dos anciãos veneráveis que são os juizes do povo.

"Trabalha ela em diversos recamos para cintos, e os vende aos estrangeiros. A fôrça de seu corpo exercitada no trabalho, e sua formosura cheia de naturalidade, são seus ornatos, sem que haja mister fingí-los com vão artifício.

"Encarará também a morte sem pavor, e sempre aparelhada a recebê-la, aceitá-la-á com coração submisso à Providência e semblante risonho.

"Acostumada a calar-se e cortar por discursos inúteis, só abrirá sua boca à sabedoria, só para ins-

truir e edificar; uma lei de clemência, de discreção e de caridade para o próximo lhe conduz a língua, e lhe regula as falas.

"Observa tudo o que se faz em sua casa; vela no procedimento de seus domésticos; estuda suas inclinações e seus costumes; e para bem conhecê-los segue-lhes até o rasto dos pés.

Inimiga da moleza e da ociosidade, ganha a vida pelo trabalho, em sua própria casa, e em seus próprios bens.

"Os filhos que ela educa, encantados de sua sabedoria, admiram-lhe a felicidade, fruto dessa mesma sabedoria. Levantam-se, exclamam publicamente, que ela é ditosa, que é digna de o ser; e seu espôso, unindo seus louvores ao dêles, diz-lhe: Muitas mulheres enriqueceram suas famílias, mas vós as excedestes tôdas por vossas virtudes e vosso procedimento.

Enganadoras são as graças; a beleza não passa de vão e frágil brilho; mas a sabedoria da mulher temente a Deus merece louvor imortal.

"Seja, pois, ela cheia dos bens que são os frutos de seuss trabalhos, e a louvem na porta, a saber, em todo o público." 1)

Isto baste sôbre os deveres dos pais e das mães de família. Comecemos agora a tratar de uma nova série de deveres não menos sagrados.

---

1) Prov. XXXI, 19 e seguintes.
Tradução parafraseada de Fénelon.

CAPÍTULO XVIII

EM QUE SE DECLARAM OS DEVERES DOS FILHOS PARA COM SEUS PAIS

HONRA a teu pai e a tua mãe para teres vida longa sôbre a terra, diz Deus no quarto mandamento do Decálago. 1) *Filho meu, não te esqueças da minha lei, e guarda em teu coração os meus ditames, porque êstes te darão dilatada vida, anos ditosos e paz. 2) Ouví, filhos, os conselhos de vosso pai, e seguí-os de tal sorte que sejais salvos. O que honra a sua mãe é como um homem que acumula um tesouro. O que honra a seus pais achará sua alegria em seus filhos, que também o honrarão*

1) Exod. XX, 2.
2) Prov. III, 1, 2.

da mesma sorte, e será ouvido no dia de sua oração. 1) Que magnificas promessas! A nenhum dos outros mandamentos uniu Deus sanção de prêmio. A êste porém, ajuntou o de uma dilatada e feliz vida, como incentivo de sua observância. Ditosos, mil vezes ditosos os filhos que honram a seus pais, que os honram tributando-lhes obediência, respeito, amor e serviços!

II

OBEDIÊNCIA. Os bons filhos têm como seu primeiro dever a obediência. O pai está a seus olhos revestido de uma autoridade sagrada, que é uma delegação da própria autoridade de Deus, de quem são a imagem e a representação viva. Sabem que *de Deus deriva tôda a paternidade nos céus e sôbre a Terra.* 2) Vêm em seus progenitores o reflexo dessa divina e augustíssima paternidade, e por isso sua obediência é tão fácil quanto meritória.

Para mostrar quanto esta obediência é necessária aos filhos, basta o exemplo de Cristo Senhor Nosso. Tôda a sua vida oculta, durante trinta anos, se resume nestas quatro palavras: *Et erat subditus illis* 3) dizem os Evangelistas, nada mais se sabe, dÊle durante período tão longo. S. Paulo diz mais.

---

1) Ecle. III, 5, 6.
2) Efes. III, 1, 2.
3) Luc. II, 8.

Diz que Jesus *se fez obediente até a morte de Cruz,* 1) o que envolve tôda a sua vida, privada e pública, e faz de tôda ela um só e longo ato de obediência, um só e longo sacrifício de agradável odor, que não se interrompeu até consumar-se na morte. E o mesmo divino Salvador nos diz que *o seu sustento era fazer a vontade daquele que o mandou,* 2) que é o mesmo que dizer, que Êle vivia da obediência. E em outra parte: *Eu honro a meu pai* 3). *Não procuro a minha vontade, mas a dÊle.* 4) *Continuamente e em tudo faço o que lhe agrada.* 5) Oh! acabado e diviníssimo exemplo de obediência! Oxalá que todos os filhos tenham sempre presente! Não se precisa citar Isaac que é a sombra, quando se tem Jesus que é realidade.

Esta obediência *refresca de alegria o coração da mãe,* 6) diz a Escritura, porque derrama a paz e a felicidade em tôda a família.

Oh! que venturosa é a família onde reina a obediência cristã! Obediência pronta, alegre, exata, afetuosa, sem murmúrios, sem constrangimentos, sem desdens, sem enfados, sem carrancas, sem maus modos. Obediência cheia de atenções e finezas, que não espera ordens, mas adivinha vontades, e previ-

---

1) Filip. II, 8.
2) Joan. IV, 34.
3) Ibid. VIII, 49.
4) Ibiid. V, 30.
5) Ibid. VIII, 29.
6) Ecli. III, 7.

ne até desejos; obediência simples, desprendida de si, que não consulta seu gôsto, que renuncia a seu modo de ver, para acomodar-se, rendida, submissa, ao modo de ver e ao gôsto do legítimo superior. Sublime virtude! ah! quem a vira praticada em tôdas as famílias! Hoje principalmente que tantos a desconhecem e vituperam, tendo-a em conta de vileza de ânimo, de baixeza indigna de gente senhoril e de ânimo generosos, hoje é que eu desejava vê-la, na plenitude de seus encantos, dominado em todo lar onde se faz ainda uma prece, onde se adora ainda uma Cruz! A boa ordem, a concórdia, a felicidade que aí firmaria esta celeste virtude, fôra o melhor argumento contra os seus blasfemadores.

Mancebos, tomai por desengano, que a verdadeira liberdade, a verdadeira dignidade, a verdadeira felicidade para vós, e a segurança do vosso futuro, está na obediência. Dela vêm a conservação da fazenda, o aumento das casas. Nunca se viu filho revel e desobediente, medrar, prosperar e fazer casa; cavar ruínas e desgraçar-se, é o que estamos vendo todos os dias.

Com a obediência acumulareis um tesouro. Será ela como coroa de graças sôbre vossa cabeça, 1) ajunta o texto sagrado; isto é, com ela vos ornareis de muitas perfeições e virtudes de que anda acompanhada, como a humildade, a modéstia, a brandura, a

---

1) Prov. I, 9.

paciência, e tantas mais; pois, como nobre que é, tem seu séquito, e de muito lustre e grandeza" Não é ela, como diz São Bernardo, "a núncia de boas esperanças e de boa índole, a destruidora dos males, a defensora da ingênita pureza, a glória especial da conciência, a guarda da fama, a honra da vida, o assento e as primícias das virtudes, o louvor da natureza e o sinal de tôdas as boas qualidades?" "O enfeite que adorna a idade juvenil, o timbre e brasão dos adolescentes, diz Santo Ambrósio, são temer a Deus, obedecer aos pais, honrar aos mais velhos, guardar a castidade, amar a brandura e o pudor; esta a "*coroa das graças*" que lhes circunda a fronte, realçada pelo dobrado encanto da mocidade e dos bons costumes. E assim como em velhos assenta bem a sobriedade, gravidade e perfeição da vida, diz um sábio, assim nos moços ficam otimamente a sujeição, a obediência e os modos obsequiosos.

Obedecei, e ainda que vil pareça o que vos mandam fazer vossos pais, não vos repugne a obediência, que "nunca um filho se mostra mais honrado, diz um discreto, do que quando, por amor de servir seu pai, parece estar aviltado". Aviltou-se por ventura Gedeão ajudando humildemente o pai a padejar e alimpar o trigo na eira? Aviltou-se Saul, indo procurar ao campo, por ordem do pai, umas jumentinhas? "Tão nobre ação é servir aos pais, que a qualquer ofício faz honrado e glorioso."

Também, se vosso pai vos repreende ou casti-

ga, não tomeis isso por ofensa, antes mostrai-vos sofrido, abaixai humildemente a cabeça e reconhecei que assim vos da prova de seu amor e coração paterno, que assim obra por vosso bem, e não quereria vosso bem se assim não obrasse. Relêde os textos que tratam da obrigação que têm os pais de castigar os filhos, 1) e vereis que o castigo que vos dá o vosso, não só vos não afronta, não só vos não deslumbra, senão que vos honra, e vos honra muito perante Deus e perante os homens. Honra-vos perante Deus, porque melhorais, e entrais em seus caminhos; honra-vos perante os homens, porque dais mostras de vossa boa índole e do respeito, obediência e amor que tendes a vosso pai. Se a injustiça estiver de vossa parte, depois de defender-vos com palavras mansas e amorosas, sujeitai-vos com tôda a submissão de vossa alma ao que vosso pai determinar, que melhor é padecerdes inocente, do que revoltar-vos contra a autoridade paterna, a qual deve ser sempre para vós uma cousa augusta e sagrada. Separados de vossos pais, privados dos desvelos de sua ternura, sem guia nem rumo no meio dos perigos da vida, ficareis expostos às maiores misérias do espírito e do corpo. Lembrai-vos do pródigo que nunca foi mais desgraçado, que quando foi livre.

Portanto, vosso primeiro dever é a submissão, vossa primeira virtude a obediência.

---

1) Vid. supra cap. XII.

Eis aqui o que diz Deus dos filhos levantados, que mofam das advertências dos pais e lhes respondem mal: Se alguém tiver um filho contumaz e *atrevido, que não escuta as ordens do pai ou da mãe e que não quer obedecer quando êles o castigam, tomem-no,* diz o Senhor, *e conduzam-no perante os anciãos da cidade, na porta onde se reune o tribunal, e lhes dirão*s

"Êste nosso filho é desobediente e atrevido, mofa de nossas advertências, e não pensa senão em prodigalidades e dissoluções". Então o povo da cidade o apedrejará, afim de que o mal desapereça do meio de vós, e todo Israel ouvindo isso tenha tremor. 1)

Todo aquele que disser más palavras a seu pai ou a sua mãe há de ver a luz apagar-se-lhe nas trevas. 2)

Com efeito, "se o filho, como pondera um moralista, repete a palavra do pai, se a julga, se a critica, torna-a inútil para si, priva-se do bem que esta palavra lhe pode fazer, e querendo tornar-se independente, expõe-se a todos os males a que pode levá-lo sua ignorância, fraqueza e temeridade."

Portanto, outra vez: *Ouve, filho meu,* atento e de coração humilde, *os preceitos de teu pai, e não deixes a lei de tua mãe, 3)* diz o Senhor; isto é, não deixes de cumprir o que ela te recomenda e ordena.

---

1) Deut. XII, 18.
2) Prov. XX, 20.
3) Prov. I, 3.

Por ser mais fraca não lhe deves resistir. Que na extrema velhice se tornem teus pais meticulosos e até enfadonhos, ou que contradigam com seu proceder os bons ditames que te ensinam, não importa; atende-lhes sempre benévolo e respeitoso, e com paciente e pronta vontade lhes obedece.

Com pronta vontade, digo, se bem convenha às vezes dilatar o cumprimento de uma ordem de que saibas resultará algum dano à família ou menos serviço de Deus, principalmente se foi dada em ímpeto de cólera; pois há pais e superiores de gênio arrebatado e iracundo que dão ordens impensadas, de que logo depois, a uma branda e submissa advertência que se lhes faça, se arrependem; neste caso convém dextramente usar de dilação, que é grande remédio da ira, e esperar o momento de fazer-lhe ouvir a razão.

Se me perguntas, até onde se estende a filial obediência respondo: a tudo o que não fôr contrário à lei do Senhor, a tudo o que não violar os direitos da conciência cristã. Portanto, se os pais alguma cousa mandassem em clara oposição à lei de Deus e aos bons costumes, seria o caso de oporlhes aquela palavra de São Pedro: *É mister obedecer mais a Deus do que aos homens.* *1)* E aquilo de nosso Senhor: *Quem não odeia o pai e a mãe,* isto é, quem não está disposto a desagradar e a deixar

---

1) Act. V, 9.

antes o pai e a mãe, do que a desagradar e deixar *Deus, não pode ser meu discípulo.* 1) E São Paulo: *Filhos, obedecei a vossos pais, no Senhor.* 2) Como se dissera, naquilo que é do agrado e beneplácito do Senhor, que no que vos mandam em oposição a Êle nenhuma obediência lhes deveis.

Podem os pais mandar tudo quanto é de necessária observância para o govêrno da família; podem mandar o que é preciso, para preservar a inocência dos filhos de naufragar nos escôlhos do mundo; como o não sairem sós à noite, o não entrarem em casas de jogo, e outros lugares suspeitos e mais que suspeitos. Desobedecer-lhes nestas cousas, em que êles levam de ordinário grande empenho, principalmente havendo desprêzo e obstinação, seria facilmente um pecado grave contra o quarto preceito do Decálogo.

É verdade que esta inteira obediência e sujeição à autoridade paterna cessa com a maioridade. Quando o homem chega ao pleno desenvolvimento de suas faculdades físicas, morais e intelectuais; quando como dizemos, está *homem feito,* com uma conciência formada e responsabilidade própria, não há mister viver na dependêncvia de outrem; pode dirigir-se por si na sociedade, e dora em diante, livre do jugo paterno, irá êle mesmo tomar outro

---

1) Luc. XIV, 26.
2) Efes. V, 6.

jugo e mais pesado, contituindo uma nova família.

Isto não tira, porém, que um bom filho continue sempre a dar prova das maiores atenções e deferências aos autores de seus dias, consultando-os nos negócios graves, maiormente quando tratam de tomar estado; pois se é certo, de uma parte, que os pais, neste ponto, não podem dar ordens aos filhos, nem violentar-lhes a escolha, mas dirigí-los somente com sábios conselhos; de outra parte, é também certo, que um filho obediente nada empreende sem ouvir primeiro a seus pais, evita contrair enlaces que desdourem a família, e quando sente vocação para um estado mais sublime, como o sacerdotal ou religioso procura, quanto é possível, pôr-se de acôrdo com seus pais, obter o consentimento deles, ainda que saiba que, afinal, o juiz definitivo e supremo neste melindroso assuto é a sua própria conciência. As filhas, principalmente, devem a tal respeito proceder com inteira franqueza e simplicidade; comunicando tudo a suas mães, e não tendo jamais segrêdos com elas. Em vez de se deixarem levar de fantasias românticas, de caprichos, de paixões vertiginosas que cegam e arrojam muitas vezes ao abismo, deixem-se, na escolha de um espôso, antes guiar por seus queridos pais, que, maduros, experimentados, interessadíssimos pela felicidade delas, estão mais no caso de resolverem com prudência negócio de tamanha ponderação. Os verdes anos não refletem, e se deslumbram com aparências. Vêm flores,

não vêm a serpente que se aninha por baixo. As flores murcham, não se trata mais delas. Ficam o veneno e a morte. Ai! quantas, por não terem tido esta regra e cautela, estão aí remordendo o freio sem poder quebrá-lo.

III

RESPEITO. Depois da obediência vem o respeito, tanto interno, como externo; o primeiro consistindo na reverência do ânimo, o segundo nos sinais exteriores pelos quais ela se manifesta, como sejam: descobrir a cabeça perante os pais, ter-se em boa compostura, ouví-los com atenção e suportar-lhes os defeitos. Preclaro exemplo desta reverência achamos em Salomão, que vindo a mãe Betsabé vê-lo à sala das audiências para fazer-lhe um pedido, levanta-se logo o grande Rei de seu trono, vai-lhe ao encontro com os sinais do mais profundo acatamento; e, posto um trono ao lado direito do seu, nele a fez assentar com todo o decôro, perante a sua côrte. 1) Temos também o belo exemplo de José, que elevado no Egito ao pináculo das honras e do poder, de modo que o rei só no nome e no trono o precedia, sem embargo, no meio de tantas grandezas, recebeu com todo o agrado e honorificência ao seu velho pai Jacó, que o viera ver no Egíto; e com estar o mesmo Jacó

---

1) III Reg. II, 19.

alquebrado pelos anos e reduzido à mais extrema pobreza, o não desprezou, aquele bom filho, antes lhe deu tôda a proteção e agasalhado, e o remediou em tudo. 1)

Quanto destôa dêste nobre proceder o daqueles filhos ingratos, hoje em dia desgraçadamente não raros, que por têlos a fortuna subido a alguma posição brilhante na sociedade, logo desconhecem, desprezam, repelem de si, e maltratam a seus pais, e se envergonham de lhes dar êste nome, em vez de prezarem-se dêles, ainda que pobres e humildes!

Ai dêsses! que lhes está a pino sôbre as cabeças aquela maldição das Escrituras: *Ao que escarnece do próprio pai, e despreza as dores da mãe, arranquem-lhe o olho os corvos das torrentes, e os devorem os filhos das águias.* 2)

O padre Bento Fernandes, escriturário doutíssimo, fazendo as doutrinas em S. Roque de Lisboa, contou em uma, que certo homem, morador na rua das Arcas daquela cidade, tivera um filho que fôra para a Índia, aonde veio a montar muito. Estava rico e em posto honrado; ouviu o pai dizer da felicidade do filho, viu-se em necessidade, embarca-se para aquelas longínquas partes, chega à casa em tempo em que o filho estava jogando com amigos. Diz: — *Quisera falar ao Governador.* — *E quem*

---

1) Gênes. XLVI e XLVII.
3) Prov. XXX, 17.

direi que V. M. é? — Sou seu pai. Levou o recado; zomba o filho, trata-o mal, dá com êle pela escada abaixo; o pai olhou assim para êle: — *Ah! filho! filho!* E retirou-se com o coração amargurado. Aquela noite morreu o filho, e o pai, como tinha testemunha de que era seu pai, herdou cento e tantos mil cruzados que lhe ficaram.

Outro caso que em parte prova o mesmo, sucedeu em Celorico de Beira. Havia alí uma viúva, a qual casou um filho que tinha único, e deu-lhe tudo, e meteu-se com êle em casa. A nora se foi apoderando de tudo por tal maneira, que não era a mãe senhora de cousa alguma e morria de fome. Queixava-se ao filho, e nenhum- caso fazia êste de suas queixas. A mãe com muita dor por vezes exclamava: *Ah! filho, filho que te há Deus de castigar pelo que sofres que tua mulher me faça!* E assim foi, que desceu um dia um raio sôbre sua casa, e dalí foi aonde o filho estava falando com outros, e só a êle matou de repente. 1)

Nunca devem os filhos tomar diante dos pais posturas inconvenientes, fumar, dar risadas descompostas, chasquear dêles ou tratá-los com demasiada familiaridade. Lembrem-se do que passou com o imperador Teodósio, que indo um dia assistir à lição que o ilustre Arsênio dava a seu filho Arcádio, herdeiro da coroa, estranhou muito achar o mestre

---

1) Alma instruida, Tom. 3, pág. 174-175.

em pé e o jovem principe assentado, e determinou que de então em diante o mestre falasse de cadeira, ouvindo-o o filho reverentemente em pé e de cabeça descoberta.

Assim inculcou aquele egrégio monarca a seu filho a grande lei do respeito, sem a qual tôda educação se torna impossível. E se tanta reverência se deve aos mestres, quanto maior aos pais? Não é só respeito, não é só essa mistura de temor e de amor; é mais que isso, é uma profunda veneração, que lhes devemos, uma espécie de culto; e por isso o respeitoso amor dos filhos se chama também *piedade.* Daí o santo uso de beijar-lhes todos os dias a mão e totomar-lhes a bênção, uso vindo dos antigos Patriarcas, uso mantido religiosamente em todos os séculos cristãos, mas que se vai hoje quasi totalmente abolindo, porque se vai abolindo também o respeito, que é a fonte donde êle redunda.

Filhos, conservai o santo e religioso costume de tomardes todos os dias a bênção a vossos queridos pais, *e esta bênção descerá dêles sôbre vós, e ficrá convosco até o último dia,* como diz a Escritura. 1) Ah! quando não possuirdes neste mundo mais que o precioso tesouro desta bênção, dada e recebida com tanto amor, razão fôra para vos terdes em conta de bastante ricos! *A bênção do pai afirma e sustenta a casa dos filhos, e a maldição da mãe a arranca pelos*

1 Ecli. III, 6

alicerces, 1) diz o mesmo Deus nos Livros santos. Portanto não é cousa indiferente receber com amoroso respeito ou recusar com fátuo desprezo, a bênção do pai e da mãe.

Deus nos livre de tais estilos modernos, tão contrários às leis da natureza, como às da Religião. Deixai passar a insânia do tempo. O que é belo, verdadeiro e honesto, é belo, verdadeiro e honesto em todos os tempos e lugares. Tal é o respeito filial. Quem não admirará aquele rasgo de um magistrado vestido de sua toga, a quem o pai, enfadado por uma palavra inconsiderada que lhe ouviu, dá-lhe uma bofetada, e êle em silêncio, de joelho em terra, lhe beija reverente a mão, julgando, e julgando com êle os presentes, e julgando todos, que mais honrado ficou com aquela bofetada do pai assim recebida, do que com as insignias de sua judicatura.

Quem não admirará aquele outro exemplo de um Prelado Português, Bispo que foi de Miranda e depois de Leiria? Chamava-se D. Antônio Pinheiro, natural de Pôrto de Mós, varão de singulares virtudes e letras, graduado e mestre na Universidade de Paris, e de talentos tão notáveis como pregador que foi um dos mais afamados de seu tempo. Acompanhando com tôda a côrte a El Rei D. João III de quem era grande valido, ao passar a cavalo, pelo largo do Rócio, apeou-se, e lançando-se de joelhos

---

1 Ibid. III, 11.

beijou a mão a um pobre e humilde velho que passava. Tôda a fidalguia ficou suspensa e admirada, perguntando o que significava tão estranho caso.

— *Aquele é meu pai,* respondeu simplesmente o insigne Prelado. O que sabendo El-Rei D. João fez dêle daí por diante ainda maior conta. 1)

IV

AMOR. Será preciso lembrar aos filhos que devem amar ternamente a seus pais? A mesma natureza lhes está inspirando êste dever, e nem as próprias feras deixam de cumprí-lo. Ah! dizia o velho Tobias a seu filho, *recorda-te das muitas dores e trabalhos que por ti padeceu tua mãe! 2)* Quando deves àquele Anjo de amor e de dedicação? Que de noites desveladas junto a teu bêrço, onde dormias pequenito, e ela, no silêncio daquelas horas, a escutar-te solícita a respiração do peito, a contemplar a fronte serena, e a pedir a Deus que te tomasse sob sua proteção e te cobrisse com suas asas! Que cuidados quando gemias enfermo! Quantos sonos interrompidos para acudir-te, e estancar-te as lágrimas a poder de carícias! Que de sustos e sobresaltos custaste ao seu coração estremecido! Que contínua solicitude, que serviço afetuosos! A que trabalhos

1) Vid. a excente obra: alma instruida, já citada.
2) Tob. IV, 3.

e sacrifícios se não tem ela e teu pai sujeitado, para dar-te uma boa educação? Ah! por mais extremos, por mais carinhos, por mais afetos, por mais amor e ternura que mostres a êsses entes queridos, nunca lhes pagarás o que lhes deve!

Por isto diz o Eclesiástico: *Honra a teu pai, e não esqueças os gemidos de tua mãe; lembra-te que se não foram êles não terias nascido, e procura retribuir-lhes o que êles te deram em afetos, finezas e dedicações.* 1) É tão necessária esta correspondência, êste pagar amor com amor, da parte dos filhos, que S. João Crisóstomo não duvida afirmar não ser filho o que assim não procede. São notáveis as palavras dêste Padre: "Tirai, diz êle, o raio ao sol, e não brilha; tirai ao rio a fonte, e esgota-se; o ramo à árvore e seca, o membro ao corpo e apodrece; assim separai o filho do amor do pai, e já não é filho."

Evitai aqueles modos frios, secos, indiferentes ou desanteciosos, com que certos filhos tiram aos pais, maiormente quando êstes descaem na velhice. Tende para êles, de vez em quando, olhos que agasalhem, lábios a sorrir, falas meigas, semblante a respirar afetos e carícias de que deve estar cheio o coração. Conservar-se sempre mudo e taciturno, sem lhes fazer nunca um mimo ou agrado; falar-lhes áspera e imperiosamente, e mostrar-lhes semblante torvo e carregado, ainda que no coração se lhes te-

1) Ecli. VII, 29.

nha amor, ainda que se lhes remedeie as necessidades, pode ser, segundo os moralistas, pecado grave, principalmente se isto sucede freqüentes vezes, e lhes causa grande amargura e tristeza.

Por maioria de razão se êstes maus tratamentos provêm da impaciência de vê-los morrer depressa, para se impossarem da herança; que a tão horrendo excesso chega a maldita sêde do ouro!

Ah! jovem! que teu velho pai, ao despedir-se da terra, não volva para ti um olhar moribundo de onde se leia uma queixa, e não leve perante Deus, como tremenda acusação, as lágrimas que lhe fizeste derramar! Que tua pobre mãe, privada da alegria de tua presença e de tuas carícias, não passe desconsolada os últimos dias de sua existência! Enflora-lhes antes os cabelos brancos a êstes santos velhos com uma coroa de afetos filiais; adoça-lhes as penas da idade com teus cuidados extremosos; e que as sombras e tristezas de seu sol-posto se troquem, graças a ti, se fôr possível, em luzes e cânticos de uma aurora! Ai! que quando os perderdes, então saberás o tesouro que possuias! Ai! que quando os perderes, então saberás que êles precisavam ser muito amados, porque amavam muito!

Enfim, o verdadeiro modo de lhes manifestarem os filhos êste terno e sincero amor, e a prova real dêle, são os:

V

— SERVIÇOS. Os filhos, com efeito, devem aos pais solícitos e dedicados serviços durante a vida, na morte e depois da morte.

Na vida, provendo à sua subsistência, se caem em pobreza; facilitando-lhes o cumprimento dos deveres religiosos, para se manterem e adiantarem na virtude; consolando-os na adversidade, defendendo-lhes os créditos e o bom nome; nunca assoalhando seus defeitos; procurando que façam a tempo seu testamento; não lhes impedindo, por cobiça que dêm esmolas, façam pios legados e solvam suas dívidas; visitando-os dedicadamente, de dia e de noite, quando enfermos.

Na morte, não os deixando chegar à derradeira extremidade para chamar o Sacerdote, mas fazendo que sejam confortados e consolados logo, em quanto logram perfeito juizo, com a graça dos Sacramentos, não imitando êsses filhos desapiedados e cruéis que sob pretêsto de não aterrar os pais enfermos, os deixam morrer sem Sacramentos, contentado-se, como por escárneo, que se lhes administre a Extrema-Unção, quando estão já moribundos e quasi cadáveres; uso bárbaro e desgraçado, que acusa um grande enfraquecimento de fé, pois é de fé que longe de causarem êstes divinos Sacramentos o efeito sinistro que lhes atribuem, foram, pelo contrário, estabelecido por Cristo Senhor nosso, para nos serem remédio

eficaz da alma e confôrto suavíssimo nas dores da enfermidade, e nos transes e agonia da morte; mostrando a experiência de todos os dias, como os enfermos que os recebem em boas disposições, em vez de morrerem, aterrados, como se supõe, se acham depois em grande sossêgo, alegria e paz, e ou recuperam a saúde, para cujo restabelecimento muito influe a tranqüilidade da conciência e a suave resignação que a graça dos Sacramentos produz; ou têm uma morte preciosa aos olhos do Senhor, deixando aos que ficam no luto e na orfandade, como consolação inapreciável, a segurança bem fundada de terem alcançado a eterna salvação.

Oxalá que estas palavras toquem o coração de todos os filhos que me lerem, e os resolvam a prestar a seus pais, na última enfermidade, êste serviço tão relevante; serviço cuja importância se mede pela imensa importância do destino de uma alma. E para tirar êsse pretêsto de terror, faça-se em cada família, entre os membros dela, êste pacto, que tanto que um adoeça gravemente, logo e antes que haja perigo iminente, os outros lhe lembrem a recepção dos Sacramentos e a promovam sem demora. Por êste modo, quando se falar de Sacramentos aos enfermos, êles não o tomarão como um anúncio de morte. Quanto mais que ordinariamente o doente é primeiro a perceber que está em perigo, e as juntas dos médicos, de que não se faz escrúpulo, bem lho dão a entender.

Qual terror dos Sacramentos! Falta de fé muita falta de fé, é que há.

Depois da morte. São Paulo adverte-nos que a respeito dos que adormecem com o sono da morte, não nos devemos contristar, como os outros que não têm esperança. 1) A dor do Cristão é calma, temperada pelo suave bálsamo da resignação, e cheia desta doce confiança que dentro em pouco nos tornaremos a ver em melhor vida. *Pois se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim Deus por Jesus aos que adormecem os levará com êle* para a mesma glória, diz S. Paulo. Não haja, pois, na vossa família, por ocasião da perda de um pai ou mãe, ou de outra pessoa querida, essas cenas de desesperados alaridos, de desmaios em público e outras demonstrações desordenadas e até ridículas, com que parece querer inculcar aos convidados o grande afeto que se tinha à pessoa finada. A verdadeira dor, a dor cristã tem porte digno. Não se manifesta com gritos descompassados, com atos de louco desespêro, carpideiras, assalariadas pelos antigos pagãos para levantarem vozes lastimadas e altos prantos atraz dos cadáveres; mas é uma dor tão profunda, como serena, que se abraça ternamente com a Cruz, e alí se abisma tôda na vontade de Deus e na esperança de suas eternas misericórdias.

Procurem os filhos, evitando demasiadamente

---

1) I Tes. IV, 13.

gastos ou indecente parcimônia, dar aos corpos de seus pais decorosa sepultura, como dizia Tobias a seu filho: *Quando Deus receber minha alma, sepulta meu corpo. Trata bem de tua mãe e honra-a durante sua vida; e quando ela completar seus dias, sepulta-a junto a mim,* no mesmo sepulcro. 1) Não consintam jamais que êstes despojos sagrados sejam levados aos cemitérios e enterrados, sem acompanhamento de Sacerdote, sem orações e sufrágios da Igreja, como alguns têm feito, com grave afronta da Religião e dos costumes de um povo católico como o nosso.

Cumpram religiosamente e com prontidão, as últimas vontades dos pais em relação aos funerais, aos legados pios e mais encargos e obrigações do testamento, não usando de dileções, cavilações e outros meios reprovados pela justiça e pela caridade. 2)

---

1) Tob. IV, 3, 5.

2) Quais são as obrigações dos herdeiros ou dos legatários daquele que em vida se descuidou de pagar suas dívidas ou de reparar as suas injustiças? É um princípio de direito natural, sancionado pela legislação de todos os povos, que os herdeiros estão obrigados a cumprir as obrigações de justiça contraidas pelo defunto. Os seus bens passam a seus herdeiros com todos os seus direitos, mas também com todos os seus encargos. Ora, 1º. todo o herdeiro ou legatário, que recebeu um bem injustamente adquirido, está obrigado a restitui-lo, salvo o seu recurso contra os seus coherdeiros. O que foi despojado do que é seu, não perdeu o seu direito de propriedade, e sempre pode reclamá-lo qualquer que séja o seu possuidor. 2.º Os herdeiros devem contribuir todos,

Sufreguem suas almas mandando celebrar o Santo Sacrifício da Missa, distribuindo esmolas, comungando, fazendo outras obras de piedade. 1)

Não esqueçam êstes entes queridos nos dias aniversários da morte, e na Comemoração solene dos finados, e visitem então com religioso recolhimento suas sepulturas. Enfim, honrem-lhes a memória por um procedimento sempre digno e verdadeiramente cristão.

Tais são em substância, e tão resumido como pode, os deveres dos filhos para com seus pais. Lembrem-se daquele Oráculo sagrado: *Quem honra ao pai terá muitos gostos em seus filhos.* 1) Ó filhos!

---

para o pagamento das dívidas do autor da herança, cada um em proporção do que houver recebido; não há entre êles solidariedade; cada um só está obrigado pela sua parte; e os credores não podem perseguir um por parte dos outros, nem pedir o todo a um só. 3.º no caso em que a herança fosse insuficiente para reparar as injustiças e satisfazer as dívidas o direito natural não obriga os herdeiros a reparar o prejuizo com os seus próprios bens; e a lei civíl reconheceu a justiça desta regra, pois que permitiu aos herdeiros, quando receiam que a totalidade das dívidas exceda o valor da herança, aceitá-la à benefício de inventário. Então o herdeiro não é obrigado a encargos além das fôrças da herança. 4.º Os legatários contraem as mesmas obrigações, que os herdeiros naturais; devem portanto suportar como êles e com êles os encargos da herança, segundo a parte que lhes coube sa divisão da mesma. — P. Martin — **Teologia Moral em quadras.**

1) Os dias mais especialmente destinados aos sufrágios são desde o tempo dos Apóstolos, o terceiro o sétimó e ó trigésimo. O terceiro em memória da Ressurreição do Salvador, que teve lugar no terceiro dia depois da sua morte; o

meditai estas palavras, e ficai bem capacitados, que, o que fordes para com vossos pais, isto mesmo serão vossos filhos para convosco. Se lhes fordes obedientes, respeitosos, cheios de amor, serviçais; se lhes honrardes as cinzas, e cumprirdes, como bons filhos, suas derradeiras vontades, tereis a honra e consolação de ter filhos que vos retribuam do mesmo modo; mas se procederdes pelo oposto, achareis o castigo de vossa horrenda ingratidão naquesles mesmos que de vós descenderem. É o que exprime o nosso provérbio português: *Filho és e pai serás, como fizeres assim o verás.*

VI

Fechemos êste capítulo com algumas belas palavras de Nisard, célebre literato de nossos dias, convertido à fé católica. Descreve a morte dos pais com côres como só se encontram na palheta de primorosos artistas.

Golpes imprevistos, exclama êle, que ferís e dissipais família ainda fraca e dependente; curso ordinário das cousas de súbito interrompido; leis da natureza violentadas, para nosso bem sem dúvi-

---

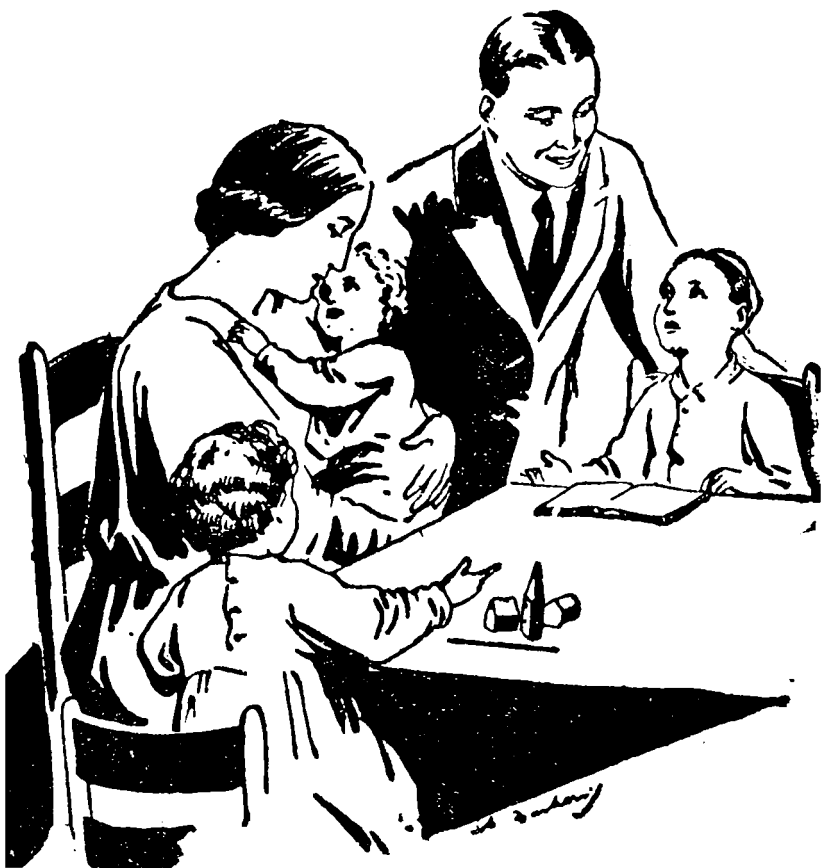
sétimo para significar que, assim como o Críador descansou so sétimo dia, assim permita que a alma do finado entre nesse dia no eterno repouso; enfim o trigésimo para comemorar os trinta dias duraste os quais o povo de Israel chorou a morte de Moisés. **Deut. XXXIV, 8.**

1) Ecli. III, 9.

da, pelo seu Ótimo e Sapientíssimo Autor! Como murmurar sem ser ímpio? como abafar queixas sem deixar de ser homem? Digo-o aos filhos que viram morrer seu pai, e cujo coração se entibiou depois, e se gelou para tantas cousas! Que viva e clara recordação esta! que lição sempre recente! que assombro e que mágoa que não cessam!

"O sucesso é de ontem; não o cremos possível. As crianças não imaginam que o pai possa morrer. É mister que a Religião o ateste. À manhã do dia que nos fez órfãos, o moribundo, semelhante a um homem que passara por leve sono, pediu-lhe aproximassem o leito da janela, afim de melhor ver, nos dizia êle, a bela luz do Sol. Fez-se o que êle desejava. Pareceu alegrar-se muito, e tomar gôsto nas cousas dêste mundo, que, há dias, o não impressionavam mais tanto, em razão de sua extrema debilidade. Falou de negócios empatados por esta importuna enfermidade, e que êle sarado levaria a bom termo. Disse o que pensava fazer de cada um de nós, e a que profissão nos destinava, chasqueando lepidamente (aí! que êstes derradeiros sorrisos são tão meigos como crucis!) sôbre as relações que êle via entre tais profissões e nossos vários gênios. Nunca foram êstes melhor conhecidos e mais pelo íntimo devassados. Estavamos encantados, enternecidos, e lágrimas de esperança brilhavam em nossos olhos fitos naquele pobre rosto tão pálido, tão desfeito e de tão estranha serenidade. Só nossa mãe não chora-

A oração em comum, ao menos uma vez no dia, é uma dessas saudáveis práticas que a boa mãe procura conservar ou estabelecer em sua casa.

(pág. 296)

Feliz a mãe, feliz o pai, que assim procuram primeiro em sua casa o reino de Deus e sua justiça..
(pág. 297)

va, que nunca ela chorou diante dêle. Nos raros momentos em que o deixava para entregar-se aos negócios da casa, desafogava ela o coração a transbordar, e deixava correr a torrente de suas lágrimas. Estava feito o seu sacrifício a Deus, desde o dia em que lhe declaram os médicos o mal e o perigo. Obecia a Deus que nos permite chorar aqueles que lhe apraz levar-nos; obedecia-lhe até à perfeição retendo os prantos diante de nosso pai e de nós.

"Naquele momento era sublime o esfôrço, e nós depois o soubemos. Na véspera, recebera ela as derradeiras confidências de nosso pai. Estavam regulados os negócios dos órfãos, e a tutela da lei substituida ao govêrno do pai de família. Faltava o grande negócio de Deus, e o não cuidávamos tão próximo.

"O próprio enfermo se enganava, ou quisera enganar-nos ainda um pouco sôbre seu estado de extrema fraqueza: últimas e aprimoradas finezas do moribundos! Nós não respirávamos, por assim dizer, de receio de turbar aquele inesperado sossêgo, que é uma negaça da boa natureza, e pelo qual entramos devagarinho na noite da morte. Todavia volvia o enfermo mais vezes que antes seus lânguidos olhares para nós, e mais para as filhas, com estas palavras que dilaceravam o coração de nossa mãe: — "Coitadas de minhas filhas!"

Às quatro horas, começando o sol a retirar-se daquela câmara, que nunca mais tinha de alegrar-se

para nós, nossa mãe, a um aceno que fez o doente, aproximou-se dêle. Disse-lhe que ela bem sabia o que êle queria, e que muito folgava de tornar a ver o Sr. Padre F... Era êste digno eclesiástico um velho amigo da família, que nos batizara e instruira a todos. Vímo-lo chegar sem espanto nem turbação, pois muitas vezes reconfortara êle o nosso enfermo com algumas daquelas boas palavras temperadas com o sal das divinas Escrituras, e que fazem amar a Deus e a saúde, o maior dos bens temporais. *Não se alegra o Senhor na perdição dos viventes,* dizia êle a nosso pai, com ar folgazão, e sempre prestes a lhe citar algum aforismo engraçado da medicina das almas.

"Não, Deus não quer a morte, que êle não fez; mas quer que o homem, que a fez pelo pecado, a sofra; quer, ama seus próprios juizos, e não se arrepende. Nosso pai disse que queria estar só com o Padre. Retiramo-nos todos, nossa mãe por último; e quando estivemos naquele grande corredor, por onde se ia aos aposentos de nossos pais, e que tantas vezes retinira com os nossos gritos e alegrias matinais, ouvimos nossa mísera mãe soluçar, como ela ainda não fizera. Nosso pai ia, pois, morrer... A nova vinha-nos não da terra, mas do céu, não da bôca dos homens, mas de Deus... O coração se nos desfez em nossos peitos e caimos de joelhos como para orar. Ai! não soubemos o que pedir a Deus; já lhe tínhamos tanto pedido que curasse nosso pai! Na-

quele momento de fraqueza e de resolução suprema, parece que a Religião, tendo bastante que fazer para sujeitar o espírito torná-lo obediente, desampara a carne a seu próprio pêso, e a deixa sair-se como pode.

"Não é verdade que se fica como separado do corpo nessas imensas dores? e é um bem. Espera-se morrer com aqueles sem os quais não podemos viver. Quando voltamos para junto do enfermo, achamo-lo abatidíssimo. Sua serenidade e resignação eram perfeitas: esperava a hora de Deus, e desejava a sua visita no mais sensitivo e suave dos Sacramentos.

"Costume é na mór parte de nossas províncias (resto, sem dúvida, dos da primitiva Igreja,) que a morada das pessoas a quem se leva o Viático, seja franqueada aos transeuntes, para que cada qual possa aí orar pelos agonizantes.

"Não se entra em casa de um homem vivo, de alta ou baixa condição; mas na de um cristão que se aparelha a morrer, e que faz de sua casa a de seu Deus. Onde Deus se digna parar, todos podem entrar. A discreção mais delicada é o menos que trazem a êste lugar de santidade e de odor os piedosos visitantes dos moribundos. Êles não faltaram nesse dia a nosso pai e à sua lastimada família. Nossa casa estava cheia de gente ajoelhada a rezar e a chorar. Uns, nossos amigos ou nossos mais próximos visinhos, penetraram até o limiar do quarto do enfermo, para o ver pela derradeira vez, e dizer-lhe adeus de

mais perto. Os outros vieram dar àquele homem de bem êste último e sensibilisador testemunho de sua estima. Todos convinham que éramos bem de lastimar, e que o lugar ia sofrer grande perda com a morte de nosso pai.

"*In memoria aeterna justus*, viverá o justo em memória eterna. Disse verdade o Salmista; a verdadeira probidade pouco lugar ocupa e pouco rumor faz sôbre esta terra. Fala-se dela no casal ou na aldei, não mais longe; mas fala-se sempre e sempre pelo mesmo teor. Doce motivo de orgulho para os órfãos! Imorredouro exemplo da boa vida a ajuntar ao da boa morte!

"Entrou o Sacerdote naquela câmara recolhida em Deus e já cheia do silêncio dos puros espíritos. A divina Eucaristia, ao aparecer no meio daquelas lágrimas devoradas, e daquelas abafadas aflições, tudo aplacava com sua benigna presença Nossos corações não eram mais nossos para escapar-nos; Deus os tinha deveras em suas mãos para os levar a fazer sua vontade. O enfermo não mostrava mais sofrer. A vista de Deus, menos encoberta para os moribundos, suspendera as dores do corpo e o trabalho da dissolução. Nesse momento de maviosa e comovente majestade, quando o sacerdote tem em suas mãos mortais aquele objeto tão pequeno para os sentidos, tão grande para a fé, e o aproxima dos lábios lívidos dos moribundos, oferecendo-o em alimento à alma faminta, nosso pai fez um esfôrço, um esfôrço visí-

batada acima dos sentidos abolidos, é por êles ajudada no trânsito para o Senhor.

Conosco já não estava nosso pai, quando expirou entre nossos abraços e soluços, sob o olhar fito e enternecido, e não sem um raio de esperança de nossa mãe, sua enfermeira até o derradeiro suspiro. Ó misérias das mortais ternuras! O coração do homem, obstinado a amar o que reter não pode, e amar depois que êle fugiu! Todo sôpro e sentimento tinham desamparado o corpo de seu espôso e ela não cessava, a desditosa! de aquecer em suas mãos conjugais aquelas extremidades geladas e aquele mármore do sepulcro.

Dois meses depois, seis meninos, dos quais o último apenas orçava por seus quatro anos, seguiam titubeantes de dor o trilho que conduz ao cemitério de São V.... Um caixão coberto de um pano branco, era levado a braços, terno costume! até a sepultura tão depressa reaberta em que dormia nosso pai o derradeiro sono. Nossa mãe também nos deixára! Tantas vigílias em que se consumira à cabeceira de seu enfermo, causaram o mal de que faleceu. Sua grande fé em Deus sustentava-lhe o ânimo até o fim, mas não pôde mais. Quando assentou de viver para os filhos, não achou mais fôrça na esvaida compleixão.

Debalde suplicava aos médicos que a salvassem pela arte, se assim o permitia Deus, acusando-se perante Êle de haver em demasia cedido à sua própria

mágoa e à extrema aflição de uma viuvez de tanto dano a seus filhos. Sucumbiu; deixou-nos à guarda de Deus, e às mãos bem fracas ainda, mas bem corajosas, de sua filha mais velha. Tornava-se esta nosso pai e nossa mãe.

"Quando nos viram todos seis ajoelhados à beira daquela fossa, onde tão caros ossos iam reunir-se até a ressurreição, e foi preciso arrancar dalí o menorzinho dentre nós, chegou ao seu auge a compaixão dos assistentes. Os que alí estavam e sempre nos afeiçoam, e nos falam de nossa mãe, sem que lhes escape dizer: "Que triste enterro!" como diziam há trinta anos, voltando conosco do cemitério!

Cobre-os a ambos a mesma lage, em que se lê êste versículo de S. João:

Qui dormiunt in monumentis audient vocem Filii Dei.

(Os que dormem nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus.)

"Ambos, no dia do juizo, soerguerão esta pedra tão facilmente como a mortalha para comparecer perante o Supremo Juiz da terra, e para ouvir de sua bôca misericordiosa a irrevogável sentença. Só então, as filhas e os filhos, se viverem bem como seu pai e sua mãe, se crerem no mesmo Redentor, reunir-se-ão a êles para não mais se separarem. Só então não haverá mais orfãos; mas todos, com corpo incorruptível e espírito desanuviado das sombras da ignorância, verão com clara vista, amarão e louvarão sem fim a Deus, seu Pai comum".

CAPÍTULO XIX

EM QUE SE EXPLICAM OS DEVERES DOS SERVOS E DOMÉSTICOS

I

família estão incluidos os que a servem, a gente de casa (*domestici)*, donde nasce uma série de deveres de que nos restam alguns a declarar.

Eis o que diz Deus aos servos pela bôca de S. Paulo: — *Vós, servos, obedecei a vossos senhores com temor e respeito, na simplicidade de vosso coração, como ao próprio Jesus Cristo. Não servindo só quando vosso amo tem o ôlho sôbre vós, como se só pensasseis em agradar aos homens; mas procedendo como servos de Jesus Cristo, e fazendo de bom coração a vontade de Deus,* que vos pôs nes-

te estado e pede de vós esta obediência e sujeição. *Servi-os com afeto, como se êles fossem o Senhor, e não homens; sabendo que cada qual receberá de Deus o prêmio do bem que tiver feito, ou seja escravo, ou seja livre. 1)*

Vossos amos e senhores podem ter grandes defeitos e até culpas graves; não é razão para deixar de serví-los com respeito e fidelidade. *E vós, domésticos*, diz o Apóstolo S. Pedro, *sujeitai-vos a vossos senhores respeitosamente, não só aos que são bons e brandos senão também aos que são duros e maus.* 2) Fazei o que êles vos mandam, não imiteis seus exemplos. E se vos mandarem alguma cousa contra a lei de Deus, resistí ao mal, lembrando-vos que a amizade dos homens dura um dia, a amizade de Deus dura tôda a eternidade. *Que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se vem a perder sua alma e o corpo no fogo do inferno. 4)*

Antes sofrer tudo neste mundo do que ofender ao seu Criador.

Os que moram e servem em casa fazem parte da família, vivem até certo ponto, da vida da família.

Tomam parte mais ou menos no que aí passa,

---

1) Efes. VI, 5, 8.
2) I Petr. II, 18.
3) Mat. XVI, 26.
4) Ibid. X, 28.

e conhecem muitas particularidades ignoradas dos de fora.

Por isso podem ajudar a família, mas também, se não forem muito discretos e reservados, podem fazer-lhe imenso dano. O pior inimigo é o de casa, diz o Evangelho. Por isso obrigação é dos servos e domésticos não abusarem da confiança dos donos da casa, serem leais para com êles, não os difamarem, antes zelarem com cuidado a honra e o bom nome da família, grangeando assim a afeição de seus amos e a estimação de todos. Nas boas casas encontram-se dêsses servos e servas, que depois de longos anos de serviços, depois de terem ajudado a criar os filhos dos seus senhores, chegam a adiantada velhice, muito amados e estimados, exemplos de piedade e bons costumes, identificados com a família, e deixando por sua morte no seio dela uma memória abençoada e cheia de saudades. Sêde servos dêste caráter, e sereis felizes.

II

Sirva-nos de exemplo desta fidelidade José, quando servo de Putifar, magnata do Egípto. De tanta confiança gozava na casa de seu senhor, que êste lhe havia dado tôda a intendência e administração dela, *nem o Senhor*, como diz a Escritura, *sabia de mais nada, senão do pão que comia*, isto é, não

era vexado de cuidados alguns, e só fazia pôr-se à mesa e lograr tranqüilamente seus cômados, porque José dispunha e cuidava de tudo.

O como em ocasião bem apertada correspondeu a esta confiança o santo mancebo, se vê do sagrado texto, pois sendo tentado pela própria mulher de seu senhor a cometer traição, lhe respondeu: *Ora eis aí que meu senhor tudo me entregou, e não pensa mais em nada que tem em casa, e nenhuma cousa há nela que não me esteja sujeita e de que eu não disponha... como é então que eu posso fazer êste mal?* 1)

Do mesmo modo podeis imitar a Jacó, que serviu largos anos a Labão, com suma diligência e fidelidade, apesar de faltar-lhe êste com a prometida paga. Pelo que ao despedir-se, pôde dizer-lhe, com a segurança que dá uma boa conciência, estas notáveis palavras:

Achaste por ventura em meu poder alguma cousa do pertencente à tua casa e fazenda? Durante vinte anos contigo estive; tuas ovelhas e cabras tiveram suas crias; não comí cordeiros do teu rebanho, nem te descontei os que as feras levaram; todo dano pagava-o eu do meu, e o que se sumia por furto, de mim o exigias; de dia e de noite a requeimar-me a calma, a regelar-me o frio, não podendo siquer fechar os olhos para dormir, em tanto e tão contínuo

---

1) Genes. XXXIX, 8 e seg.

lidar. Todos os séculos admiraram esta constância e esta fidelidade de Jacó, e sentiram que Labão não tivesse apreciado bastante o tesouro que possuia.

Quantos outros exemplos sensibilizadores de fidelidade não achamos na história? Camões, o príncipe dos poetas portugueses, o imortal autor dos *Lusiadas*, reduzido à miséria, desamparado de todos, curtindo dores sôbre a enxerga de um hospital, teve por único amigo, por consolador único no seu infortunio, um servo fiel, um índio chamado Antônio, que saia todos os dias pela cidade de Lisboa a esmolar pão para seu desditoso amo, e não o abandonou até o último suspiro.

Uma rica Senhora e proprietária da fazenda das Cascatas, na Guiana francesa, a Sra, Ninet de la Boularderie tinha em 1797, uma negra, que grata aos benefícios recebidos de sua senhora, não cessava de lhe dar provas do mais respeitoso e sincero afeto. Eis que rebenta uma insurreição no distrito. Rosa apressa-se a dar aviso à senhora, e ao favor das trevas da noite, embarca-se com ela numa canôa, e, através de mil perigos, consegue conduzí-la a um remoto sítio, sã e salva.

A Senhora pensou que o melhor meio de testemunhar-lhe seu reconhecimento, era dar-lhe a liberdade.

— "Rosa, lhe disse, tu me salvaste a vida; quero recompensar-te: desde êste momento és livre, podes deixar a fazenda, e ir para onde quiserdes; ao be-

nefício da liberdade, ajuntarei uma quantia para ajudar teu estabelecimento.

— "O' boa senhora! exclamou Rosa, com as mãos juntas e as lágrimas nos olhos, desde que estou convosco, só me tendes feito bem, ando tão contente de minha vida, e hei de abandonar esta casa? Não, boa Senhora, não, nunca o farei! Como viveria eu sem minha Senhora?"

Enternecida até as lágrimas, a Sra. de la Boularderie, satisfeita de achar uma negra tão fiel e dedicada, lhe concedeu com alegria o que ela pedia. Rosa, livre, ficou na fazenda, ocupando-se em ensinar doutrina cristã, às outras pretas, a preparar os filhos delas à primeira Comunhão, e em visitar, consolar e curar os enfermos. Morreu nos mais vivos sentimentos de piedade, nos braços daquela que ela chamava sempre sua cara Senhora, e que lhe fechou os olhos, muito sentida de perder tão boa e fiel serva.

III

Não tireis escondido a vossos amos e contra a vontade dêles nem um ceitil; porque quem furta o pouco, irá gradualmente até furtar o muito. Os maiores ladrões começaram, em pequenos, furtando padas de pão, como os maiores assassinos principiaram dando punhadas nos companheiros de escola. Ninguém se faz de repente péssimo, nem descamba

logo nos mais graves crimes. Cumpre atalhar o mal, quando ainda vem rebentando, porque depois de crescido mais dificilmente se arranca. Seja a vossa proibidade a tôda prova, e nunca façais a indignidade de vos apossar de quaquer cousa alheia; sabendo bem que de tudo havemos de responder perante o tribunal de Deus, cuja justiça exige *para remissão do pecado, restituição do furtado,* como diz S. Agostinho. 1)

Seria grave falta, na ausência dos amos, maldizer dêles, arremedá-los, dar-lhes alcunhas para torná-los ridículos, e muito mais ainda afrontá-los em face e cobrí-los de impropérios, como fez a creada de Sara, mulher de Tobias, que por uma repreensão que lhe dera a senhora, saltou contra ela com tal fúria, chamando-a de assassina de seus maridos, que esta, de sentida, recolheu-se a um cubículo superior, e durante três dias e três noites não comeu nem bebeu, mas persistindo em orações pedia com muitas lágrimas ao Senhor a livrasse daquela afronta.

O amor, o respeito e obediência que deveis a vossos amos repugnam a tais procedimentos.

Não deveis trabalhar, movidos só do mêdo, gente sem brios, nem só do ganho, como vís mercenários, prestando a vossos amos um serviço constrangido e de má vontade, feito com secura e dureza, um serviço esmorecido, lânguido, desageitado, sem coração, sem

---

1) Nos dimittitur peccatum, nisi restituatur ablatum.

afeto, sem interêsse. Dai-vos ao trabalho com todo o ânimo e gôsto de vossa alma. Não servís aos homens, servís a Deus. Oferecei-lhe o vosso trabalho, dizendo convosco: — Quero fazer êste trabalho por amor de Deus. O trabalho assim feito com os olhos no Pai que está nos céus, torna-se em oração, alcança muitas graças, é preservativo eficaz contra pecados, e cada gota de suor que escorre agora de vossa testa se transformará um dia em pérolas e diamantes de vossa coroa de glória.

Trabalhai, que o *homem foi feito para o trabalho, como a ave para voar*, diz Deus na Escritura 1). Trabalhai, que o trabalho como as penas e fadigas que hoje tem é brando castigo, é moderada penitência, que nos impõe o Pai celeste pelos muitos e gravíssimos agravos ofensas que lhe temos feito. Trabalhai, que o trabalho é honra, é riqueza, é dignidade, é saúde, é vida, e não há nada neste mundo mais vil, mais triste, mais miserável, mais de inspirar lastima e desprêzo, do que o homem preguiçoso, de quem diz S. Paulo, *que êle nem o pão merece comer. 2) Onde se trabalha, diz Deus, aí haverá abundância, mas onde só se leva falando, aí haverá indigência 3). Aquele que cultiva seu campo, terá pão para comer, mas quem se dá ao ócio é mais que estulto. 4) Vai à*

---

1) Jó, V, 7.
2) II Tess. III, 10.
3) Prov. XVI, 23.
4) Ibid. XII, 11.

formiga, ó preguiçoso, e olha como ela faz; não tem nem mestre, nem condutor, nem príncipe, todavia prepara no estio o seu sustento, e no tempo da ceifa recolhe suas provisões. Até quando dormirás tu, preguiçoso? Um pouco dormirás, (dizes tu,) um pouco dormitarás, um pouco porás uma sôbre outra as mãos para descansar, e a indigência vir-te-á surpreender como um homem que caminha a passos largos, e a pobreza te assaltará como um homem armado. 1).

Portanto trabalhai com amor e diligência que é ordem de Deus e vosso bem entendido proveito.

Suavizai o vosso serviço entoando alguns cantos morais e religiosos, não cantigas chulas ou pouco decentes. O canto é um bom companheiro, diz S. João Crisóstomo. Evitai também conversas imorais, maledicências, palavras duras e grosseiras, rixas e maus modos, intrigas e mexericos, invejas e malquerenças, monstrando-vos com todos mansos, humildes, atentos, obsequiosos, e sofrendo tudo com paciência, com os olhos em Jesus Crucificado. Está escrito: — *Bem-aventurados os mansos, porque êles possuirão a terra. 2) Aprendei de mim, disse Jesus, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para nossas almas. 3)*

Procurai ter um grande espírito de ordem, de

---

1) Ibid. VI, 6 a 11.
2) Mat. V, 4.
3) Mat. XI, 29.

ação e de economia. Pelo espírito de ordem trazeis vossas ocupações bem reguladas, vosso tempo bem dividido, tôdas as vossas cousas e as de vossos amos em seu lugar, bem dispostas e vistosamente arranjadas. Pelo asseio dareis lustre à vossa pobreza, provereis à vossa saúde e agradareis a todos. Pela economia aumentareis vossos recursos, fareis pecúlio para o futuro, e não esperdiçareis vossos salários em despesas frívolas e de luxo, como fazem alguns de mal assentado juizo.

IV

Enfim, não presteis vosso concurso, auxílio ou consêlho aos filhos da família ou a outras pessoas de casa para cometerem furtos, impurezas e outras desordens; antes oponde-vos a isso, quanto puderdes; se vos calardes, consentirdes, e ajudardes, sabei que sois igualmente culpados perante a justiça infinita.

Fugí da embriaguês, que é um dos vícios que mais degradam ao homem. *Os ébrios não entrarão no reino dos céus,* diz a palavra de Deus. 1) Evitai as más companhias, não freqüenteis tavernas e casas de jôgo; fugí de dansas e outras ocasiões de pecado; guardai os domingos e festas de preceito, recebei os Sacramentos com todo o fervor de vossa alma. Vivei

1) Cor. VI, 19.

enfim de modo que, servindo ao Senhor da terra, sirvais também ao do céu.

Tomai por desengano o que a seu amo disse um servo no ponto de expirar. Era um soldado que por muitos anos serviu fidelissimamente a um marquês, era dêle muito presado. Afinal adoeceu gravemente, do que tendo notícia o marquês, vem visitálo, traz-lhe médicos, faz-lhe grandes promessas e lhe pede diga se lhe pode em alguma coisa ser útil. Como abundasse muito nestes palavreados, disse-lhe aborrecido o soldado:

— Se por tantos trabalhos e fiel serviço, assentou V. Excia. de me fazer alguma cousa grata, faça que eu escape à morte iminente, ou ao menos seja aliviado por espaço de uma hora, destas dores, e se acontecer daquí sair, me dê uma noite siquer de sossegado agasalho e repouso. E respondendo-lhe o marquês que isto só no poder de Deus estava, e que, se êle desejasse alguma cousa temporal, de boa mente lha daria; tornou o doente: — Portanto baldei todo o meu trabalho e serviço! E voltando-se para os circunstantes, todo debulhado em lágrimas disse:

— Eis aí estais vendo agora, vós outros como gastei meu precioso tempo, obedecendo com tantos perigos de minha alma a êste senhor que nem por uma hora me pode livrar dos presentes perigos e próximas penas; isto é o que me punge e angustía; pesa-me de coração, e rogo-vos que considerando o meu perigo, sirvais àquele Senhor, que em tal neces-

sidade vos poderá dar alívio, e livrar-vos das angústias presentes e dos padecimentos futuros! Oxalá me pudesse ser restituida a saúde! Prometo de tôda a minha alma que só servirei a Deus, que é poderoso, e pode a mim e a todos proteger nestas angústias, e coroar com uma vida imortal". 1)

Com êste arrependimento faleceu, deixando a todos em tão graves palavras matéria de profunda reflexão.

Enfim, não vos abatam o ânimo as tristezas e humilhações dêste mundo. Esta vida de trabalhos passará depressa, e um dia, da humilde condição de servos e escravos, passareis a ocupar um trono no Reino dos Céus, onde com todos os justos brilhareis, *como estrêlas em perpétua eternidade.* 2)

F I M

1) Hortus Pastorum. Tract. IV. De charitate, pag. 395.
2) Dan. XII, 3

ÍNDICE